

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM MIGRAÇÕES

Leitura etnogeográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles

Adélia Verônica da Silva

Orientador(es): Prof.^a Doutora Maria Lucinda Fonseca
Prof.^a Doutora Karla Rosário Brumes

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de doutor no ramo de Geografia,
especialidade de Geografia Humana

2019



PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM MIGRAÇÕES

Leitura etnogeográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles

Adélia Verônica da Silva

Orientador(es): Prof.^a Doutora Maria Lucinda Fonseca

Prof.^a Doutora Karla Rosário Brumes

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de doutor no ramo de Geografia, especialidade de Geografia Humana

Júri:

Presidente: Doutor José Manuel Henriques Simões, Professor Catedrático e Presidente do Conselho Científico do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.

Vogais:

- Doutora Gláucia Oliveira Assis, Professora
Universidade Estadual de Santa Catarina, Brasil;
- Doutora Maria João de Oliveira Antunes Barroso Hortas, Professora Adjunta
Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa;
- Doutora Maria Lucinda Cruz dos Santos Fonseca, Professora Catedrática
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa,
orientadora;
- Doutor Jorge, da Silva Macaísta Malheiros, Professor Associado
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa;
- Doutora Alina Isabel Pereira Esteves, Professora Auxiliar
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa;
- Doutora Simone Miziara Frangella, Equiparada a Investigadora Auxiliar
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa;

O presente trabalho foi financiado pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/ Brasil através da bolsa de Doutoramento GDE/CSF 246552/2012-3

Agradecimentos

Como pontua a poetisa Sophia Breyner, o exercício da escrita exige solidões e desertos; e assim foi o processo de construção deste texto. Mesmo sendo um labor solitário, é imperativo, porém, agradecer às pessoas que, direta ou indiretamente, foram fundamentais para esse processo, seja pelo apoio teórico ou afetivo. Seguem, então, os meus agradecimentos e a minha gratidão.

À minha orientadora, Professora Maria Lucinda Fonseca, pela confiança, acolhimento, orientação e afeto com que conduziu todo o processo de aprendizado que me acompanhou ao longo do curso, e, com sua inteligência aguçada, sempre soube ressaltar os aspectos mais importantes de cada ideia. Agradeço pela liberdade de pensamento que me conferiu e, sobretudo, pelo esforço de sair de sua “zona de conforto” teórico e aceitar orientar uma tese de base fenomenológica e auxiliar de forma eficaz e carinhosa toda a construção do trabalho.

À Professora Carla que, mesmo distante fisicamente, se fez perto sempre que necessário;

À minha irmã, amiga e parceira de vida, Lourdes Helena, pois tenho certeza de que eu não teria sequer chegado ao doutorado sem a motivação dela, o exemplo, o apoio e a orientação. Gratidão por todas as vezes que tive vontade de desistir e ela estava ali, do meu lado, com o seu apoio incondicional e as suas palavras de conforto, carinho e motivação. A ela, agradeço por tudo, pois sem ela esta tese não seria possível!

Aos meus pais, Juarez e Luzia, e demais familiares, laço essencial que, apesar da distância geográfica, são suportes basilares aos quais me apoio e me alento de afeto.

A todos os entrevistados e interlocutores diversos desta pesquisa, que a partir do seu testemunho deram vida à tese e sem os quais, obviamente, não teria sido possível concretizar este trabalho.

À amiga e Professora Leticia Calderón Chelus, pela inspiração, motivação e oportunidade de conhecer os debates em torno da questão da migração na Cidade do México.

Ao IGOT e a todos os professores, funcionários e colegas pelo apoio e acolhida no programa de Doutorado em Migrações em Geografia da

Universidade de Lisboa. Em especial aos meus colegas: Franz, Juliana, Jill, Marina, Philip e Sueda pelas descobertas conjuntas; pelas trocas teóricas e nossas conversas inacabáveis sobre a experiência migratória.

Aos professores membro do júri, pelo interesse e pela disponibilidade de dividirem comigo este momento tão importante.

A todos os meus amigos e amigas (o nome de todos não caberia nesta página), que durante esse período se fizeram presentes tanto em Lisboa como em Los Angeles, e tornaram esses lugares, espaços mais afetuosos de serem vividos.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Enfim, os agradecimentos são muitos, assim como a minha gratidão por ter atravessado esse projeto, tanto no plano acadêmico quanto no da experiência enquanto migrante.

Prólogo

A minha trajetória de imigrante teve início há doze anos atrás, quando cheguei a Lisboa, a convite da minha irmã, para aqui “passar um tempo”. O meu primeiro estranhamento, de muitos que ainda viriam quando aqui cheguei, foi a diferença do clima. No momento da minha saída do Brasil, numa terça-feira de carnaval e com muito sol, os termómetros na cidade do Rio de Janeiro marcavam 40°. E quando cheguei a Lisboa, era um dia cinzento, daqueles dias de inverno próprios do mês de fevereiro, no qual o sol se escondia atrás dos nevoeiros e os termómetros marcavam 8°.

Já a minha trajetória como pesquisadora sobre mobilidades humanas teve início um pouco depois, no ano de 2010, quando realizei no meu mestrado no Instituto Universitário - ISCTE uma investigação sobre as motivações dos imigrantes brasileiros permanecerem em Portugal num quadro de crise económica que, naquela altura, o país enfrentava. A partir das leituras e reflexões das investigações e trabalhos académicos realizados em Portugal sobre os brasileiros, identifiquei que nós, os imigrantes brasileiros, aqui éramos estudados como pertencentes a dois grupos distintos, denominados pela literatura de primeira e segunda vaga. A primeira vaga refere-se aos imigrantes qualificados e com formação académica. A segunda refere-se ao grupo de brasileiros que realizavam os trabalhos ditos sem prestígio social e, muitas vezes, sem a devida regulamentação tanto em relação ao trabalho como à sua condição de imigrante. Foi nesse contexto teórico que emergiu um novo estranhamento para mim, agora como pesquisadora, porque não reconhecia nessas classificações a minha trajetória de imigrante. Antes da minha chegada a Lisboa, após ter concluído a minha formação académica numa reconhecida universidade brasileira, eu atuava profissionalmente como gestora de contas imobiliárias numa agência bancária. Se inicialmente a minha vinda para Portugal tinha um carácter mais turístico, ao fim de 4 meses que aqui estive “passando um tempo”, decidi ingressar em uma pós-graduação na Universidade Nova de Lisboa e com isso prolongar minha estadia no país. E para tanto, tornou-se necessário encontrar um emprego para garantir a minha subsistência. Isso, num momento em que as oportunidades de emprego em Portugal eram muito escassas. Não encontrando nenhum trabalho na minha área de formação, com

o auxílio de amigos brasileiros e portugueses, a minha alternativa foi a inserção no mercado informal de trabalho, durante os primeiros seis meses de realização da pós-graduação. Depois desse período tive oportunidade de me inserir no mercado de trabalho dito formal, na condição de atendente de loja em num Centro Comercial, regida por um contrato de trabalho que, na realidade nunca foi legalmente respeitado. Trabalhava 7 horas por dia, durante 6 dias na semana, com o intuito de pagar a minha formação académica no curso de mestrado. Somente dois anos depois dessa experiência é que conseguiria encontrar um emprego compatível com a minha qualificação escolar. Foi neste contexto que, a cada leitura realizada no processo de formação no mestrado, me perguntava então se seria eu uma imigrante da primeira ou da segunda vaga. Ao buscar respostas a esse questionamento, sentia que acabava por restringir a forma de compreender a minha experiência transnacional e, conseqüentemente, a conceituação e o entendimento sobre a minha trajetória frente aos estudos portugueses sobre a imigração brasileira. Em paralelo, outros questionamentos foram surgindo ao longo dessa minha trajetória de pesquisadora-imigrante. Dentre eles, um se relacionava com o sentido da imigração em si.

No convívio com os brasileiros nos locais de trabalho e/ou da vida cotidiana em Lisboa, percebia que eram muito distintos os conteúdos simbólicos que eram associados pelos sujeitos à mobilidade entre fronteiras internacionais. Além disso, ao refletir sobre a identidade de imigrante brasileira em Portugal, me sentia inquieta, especialmente quando ouvia a expressão “você, os brasileiros”. Entendi que aqui, em Portugal, éramos todos os mesmos. Mas, apesar de entender que compartilhamos da mesma etnicidade - a brasileira, considerava que isso não se refletia de forma decisiva nas formas de pensar as múltiplas vivências e experiências de inserção que eu e os demais brasileiros tínhamos na cidade. Entendia, ainda, que as diferentes origens geográficas de cada um no Brasil, além de mostrar os “muito Brasis” pelos quais o país pode ser conhecido, marcava também a nossa diferença entre os conteúdos e as representações sobre a migração internacional e o sentido que concebíamos para este lugar - especificamente, Lisboa.

Assim, a entrada no Doutorado em Migrações emergiu como possibilidade de responder à minha inquietação epistemológica de entender como os contextos espaciais influenciam a forma como as experiências de

mobilidade são vivenciadas nos locais de destino. Logo, realizar a leitura etnogeográfica dos espaços vividos por imigrantes brasileiros em Lisboa e Los Angeles constituiu uma oportunidade ímpar para refletir sobre a forma como os posicionamentos espaciais e sociais marcam as construções das diferenças no processo migratório, na integração urbana e no sentido atribuído aos lugares vividos nas trajetórias dos sujeitos transnacionais.

Resumo

O objeto desta tese centra-se na compreensão e na análise dos espaços vividos de imigrantes brasileiros, em suas trajetórias de mobilidade internacional, a partir da análise, em perspectiva comparada, de dois casos de estudo: Lisboa e Los Angeles. A pesquisa buscou explorar como as práticas e interações cotidianas dos próprios migrantes afetam as suas vidas e os lugares aos quais estão conectados. Foi, portanto, privilegiando como objeto de estudo o vivido pelos sujeitos nas experiências de mobilidade que o objetivo geral da pesquisa foi conhecer e analisar os lugares vividos por um grupo de brasileiros na sua trajetória migrante, de maneira a identificar, através do conhecimento das suas práticas cotidianas e das suas representações, as implicações territoriais e existenciais presentes na (re)construção do seu habitar. Especificamente, a pesquisa buscou identificar e caracterizar grupos de imigrantes brasileiros residentes em Lisboa e Los Angeles; analisar como foi concebido e construído o plano de mobilidade entre espaços transnacionais destes sujeitos; descrever e investigar a reterritorialização desses migrantes, em suas vidas cotidianas, nas cidades de Lisboa e Los Angeles; avaliar as representações mentais e os imaginários construídos por esses brasileiros sobre os seus espaços de vida, de forma a alcançar uma maior compreensão sobre os seus lugares vivido no país hospedeiro e ainda perceber de que forma as características dos lugares de destino (Lisboa e Los Angeles) afetam a forma como se integram na cidade e as suas vivências cotidianas.

Em termos teóricos, procuramos dialogar interdisciplinarmente com autores de diferentes campos do conhecimento, como a Geografia, a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia, com o intuito de um melhor delineamento da investigação no exercício da produção do conhecimento científico. Em termos metodológicos, considerando as questões e objetivos propostos, a investigação foi construída sob orientação dos pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa. Na obtenção dos dados foram utilizados, de maneira conjugada, os procedimentos técnicos da análise de fontes secundárias, observação participativa, entrevista semiestruturada e mapas mentais. A opção pela utilização dos mapas mentais surgiu como estratégia de ampliar e extrapolar a

análise dos dados orais obtidos com as entrevistas. O trabalho de campo foi realizado em Lisboa e em Los Angeles, cidades localizadas em países de destino com grande relevância para a imigração brasileira. O modelo de análise das experiências de reterritorialização dos imigrantes nos lugares de destino foi constituído a partir de quatro dimensões analíticas interrelacionadas: o contexto macroestrutural; o perfil demográfico e socioeconómico dos imigrantes; o contexto da cidade de destino; e as motivações e as singularidades do processo migratório desses sujeitos.

Em termos de conclusão, reiteramos que o modelo de análise empregado permitiu alcançar o entendimento da experiência de reterritorialização imigrante na mobilidade internacional de maneira ampliada, superando os limites das construções teóricas e conceptuais do nacionalismo metodológico que tradicionalmente marcam esse campo de investigações. Neste aspecto, a utilização de uma abordagem que, descentralizando a nação e a migração como recursos analíticos, confere centralidade à fronteira como experiência social e processo empírico, apresenta contribuições relevantes para a apreciação das trajetórias, experiências e representações mentais, na apreensão do nexo territorial e existencial da realidade geográfica vivida dos sujeitos em contextos transnacionais. Os resultados do estudo apontam, ainda, a vantagem de investigar a integração sócio-espacial de imigrantes em contextos empíricos distintos, para ampliar a visualização de como as características sócio-espaciais dos lugares de destino em suas semelhanças e diferenças contribuem para edificar o sentido de integração e pertença dos sujeitos transnacionais. A análise multi-situada dos processos de reterritorialização de imigrantes brasileiros em Los Angeles e Lisboa possibilitou compreender como as subjetividades das experiências de mobilidades, a temporalidade da migração e os atributos específicos da cidade, como a mobilidade urbana e as políticas migratórias moldam as práticas socioespaciais desses sujeitos e corroboram para a construção do sentido de lugar dos migrantes transnacionais.

Palavras Chave: Imigração Brasileira, Lisboa, Los Angeles, Reterritorialização, Integração Urbana, Mapas Mentais.

Abstract

The goal of this dissertation is to understand and analyze the lived spaces of a group of Brazilians and their trajectories of international mobility, based on a comparative analysis of two case studies: Lisbon and Los Angeles. The research has the aim to explore how the everyday practices and interactions of migrants affect their lives and the places with which they are connected. It was, therefore, privileging as object of study the lived by the individuals in the experiences of mobility that the general objective of the research was to know and to analyze the places lived by a group of Brazilians in their migrant trajectory, in order to identify, through the knowledge of their everyday practices and their representations, the territorial and existential implications present in the (re) construction of their inhabit. Specifically, the research searched to identify and characterize groups of Brazilian immigrants living in Lisbon and Los Angeles; analyze how the mobility plan between transnational spaces of these subjects was conceived and constructed; describe and investigate the reterritorialization of these migrants in their daily lives in the cities of Lisbon and Los Angeles; to evaluate the mental and imaginary representations built by these Brazilians about their living spaces, in order to reach a greater understanding about their places lived in the host country and still understand how the characteristics of the places of destination (Lisbon and Los Angeles) affect the way they integrate into the city and their daily experiences

In theoretical terms, we seek to dialogue interdisciplinarily with authors from different fields of knowledge, such as Geography, Anthropology, Philosophy and Sociology, with a view to better delineating research in the exercise of scientific knowledge production. In methodological terms, considering the proposed questions and objectives, the research was built under the guidance of the assumptions of the qualitative research approach. To obtain the data, the technical procedures of secondary source analysis, participatory observation, semi-structured interviews and Mind Maps were used in a combined manner. The option to use Mind Maps emerged as a strategy to broaden and extrapolate the analysis of oral data obtained from the interviews. The fieldwork was carried out in Lisbon and Los Angeles, both cities located in destination countries of great

relevance to the Brazilian immigration framework. The model of analysis of immigrant reterritorialization experiences in places of destination was constituted from four interrelated analytical dimensions: the macrostructural context; the demographic and socioeconomic profile of immigrants; the context of the destination city; and the motivations and singularities of the migratory process of these individuals.

In conclusion, we reiterate that the analysis model employed has allowed us to reach an understanding of the experience of immigrant reterritorialization in international mobility in a broad way, surpassing the limits of the theoretical and conceptual constructions of methodological nationalism that traditionally mark this field of investigation. In this regard, the use of an approach that, by decentralizing the nation and migration as analytical resources, confers centrality to the frontier as a social experience and empirical process, presents relevant contributions to the appreciation of trajectories, experiences and mental representations, in the apprehension of the territorial and existential nexus of the lived geographical reality of the individuals in transnational contexts. The results of the study also point out the advantage of investigating the socio-spatial integration of immigrants in different empirical contexts, to broaden the visualization of how the socio-spatial characteristics of destination places in their similarities and differences contribute to building the sense of integration and belonging of transnational individual. The multi-situated analysis of the reterritorialization processes of Brazilian immigrants in Los Angeles and Lisbon made it possible to understand how the subjectivities of mobility experiences, the temporality of migration and the specific attributes of the city, such as urban mobility and migratory policies it shaping socio-spatial practices of these individuals and corroborate the construction of the sense of place of transnational migrants.

Keywords: Brazilian Immigration, Lisbon, Los Angeles, Reterritorialization, Urban Integration, Mind Maps.

Índice

Agradecimentos	i
Prólogo	iii
Resumo	vii
Abstract	ix
Índice	xi
Lista de Abreviaturas	xiii
Índice de Figuras	xv
Índice de Quadros	xvii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL DA INVESTIGAÇÃO	15
1.1 Do Território à Multiterritorialidade: A Dimensão Vivida na Mobilidade	16
1.2 Os (is) Imperativos da Migração: Identidade, Inserção e Integração	27
1.2.1 Incorporação, Integração e Inserção	32
1.3 As Redes Sociais: Um Olhar Sobre o Espaço	35
CAPÍTULO II - O PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO	41
2.1 A Pesquisa Qualitativa: Contribuição para o Estudo das Migrações	42
2.2 Procedimentos Técnicos de Recolha dos Dados	46
2.3 Os Contornos da Pesquisa de Campo	51
2.4 Procedimentos Técnicos de Análise dos Dados e Modelo Analítico	59
CAPÍTULO III - ESPAÇOS TRANSNACIONAIS: OS LUGARES E SUJEITOS DA PESQUISA	63
3.1 O Brasil e a Imigração Internacional	63
3.1.1 Destino: Estados Unidos	67
3.1.2 Destino Europa- Portugal	80
3.2 Os Sujeitos da Pesquisa: Brasileiros Residentes em Lisboa e Los Angeles	95
CAPÍTULO IV - ATRAVESSANDO AS FRONTEIRAS – DESTERRITORIALIZAÇÃO	103
4.1 O Processo Inicial da Desterritorialização dos Brasileiros	106
4.1.1 Mudar e Melhorar de Vida	107
4.1.2 Estados Unidos e Portugal, Aqui Vou Eu!	112
4.1.3 A Importância das Redes Sociais na Mobilidade dos Brasileiros	115
4.2 O Projeto de Mobilidade Transnacional: Entre Desejos e Possibilidades	121
CAPÍTULO V - CONSTRUINDO NOVAS GEOGRAFIAS EM LISBOA E EM LOS ANGELES	127
5.1 As Múltiplas Reterritorializações nos Lugares de Destino	130

5.1.1 A Cidade	130
5.1.2 O Trabalho.....	135
5.1.3 A Sociabilidade, o Lazer e os Afetos.....	148
5.2 Adaptação e Integração aos Lugares na Vida Cotidiana	154
CAPITULO VI - MAPAS MENTAIS: UMA LEITURA ETNOGEOGRÁFICA DOS ESPAÇOS VIVIDOS.....	163
6.1 Mobilidades e Caminhos das Cidades	173
6.2 Lugares Concretos das Cidades	181
6.3 Paisagem da Cidade	191
6.4 Diversidade Cultural das Cidades	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
Bibliografia.....	221
ANEXOS	245

Lista de Abreviaturas

AML	Área Metropolitana de Lisboa
CCD	Census County Division
CEE	Comunidade Económica Europeia
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INE	Instituto Nacional de Estatística
IOM	International Organization for Migration
MRE	Ministério das Relações Exteriores
ONU	Organizações das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PORDATA	Base de Dados de Portugal Contemporâneo
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
SEFSTAT	Portal da Estatística do SEF
WHA	World Health Association

Índice de Figuras

<i>Figura 1. Modelo de Análise da Investigação.....</i>	<i>60</i>
<i>Figura 2. Principais países e regiões de naturalidade da população residente em 2013, no condado e na cidade de Los Angeles, nascida no estrangeiro (%)</i>	<i>75</i>
<i>Figura 3. População natural do Brasil, residente na Área Metropolitana de Los Angeles – Long Beach, segundo a época de migração para os Estados Unidos da América (%).....</i>	<i>77</i>
<i>Figura 4. Percentagem de população ativa com profissão, natural do Brasil, por grupos profissionais, residente na Área Metropolitana de Los Angeles – Long Beach dos EUA (2009-13)</i>	<i>79</i>
<i>Figura 5. Fotos da Comunidade Brasileira em Los Angeles</i>	<i>80</i>
<i>Figura 6. Evolução da população estrangeira em Portugal com estatuto legal de residente, total e de nacionalidade brasileira, no período de 2000 a 2017.</i>	<i>82</i>
<i>Figura 7. Stock da população estrangeira, documentada, residente nos distritos de Lisboa e Setúbal, segundo as principais nacionalidades, 2017</i>	<i>91</i>
<i>Figura 8. Stock da população estrangeira documentada, residente na cidade de Lisboa, segundo as principais nacionalidades, 2017</i>	<i>92</i>
<i>Figura 9. Fotos da Comunidade Brasileira em Lisboa.....</i>	<i>95</i>
<i>Figura 10. Distribuição dos imigrantes entrevistados por género.....</i>	<i>96</i>
<i>Figura 11. Distribuição dos imigrantes entrevistados por grupo etário.....</i>	<i>99</i>
<i>Figura 12. Representação mental da entrevistada Lisa.</i>	<i>175</i>
<i>Figura 13. Representação mental da entrevistada Adriana.</i>	<i>177</i>
<i>Figura 14. Representação mental da entrevistada Juliana.</i>	<i>178</i>
<i>Figura 15. Representação mental da entrevistada Ângela.....</i>	<i>179</i>
<i>Figura 16. Representação mental da entrevistada Bia.....</i>	<i>181</i>
<i>Figura 17. Representação mental da entrevistada Ligía</i>	<i>183</i>
<i>Figura 18. Representação mental da entrevistada Kátia.....</i>	<i>184</i>
<i>Figura 19. Representação mental do entrevistado Vítor</i>	<i>185</i>
<i>Figura 20. Representação mental da entrevistada Gislaine.</i>	<i>186</i>
<i>Figura 21. Representação mental da entrevistada Eliana.</i>	<i>186</i>
<i>Figura 22. Representação mental do entrevistado Leandro.....</i>	<i>187</i>
<i>Figura 23. Representação mental do entrevistado Rui.</i>	<i>188</i>

<i>Figura 24. Representação mental do entrevistado Walter.</i>	<i>189</i>
<i>Figura 25. Representação mental do entrevistado Tássio.</i>	<i>189</i>
<i>Figura 26. Representação mental da entrevistada Lívia.</i>	<i>191</i>
<i>Figura 27. Representação mental do entrevistado Edson.</i>	<i>193</i>
<i>Figura 28. Representação mental da entrevistada Gabriela.</i>	<i>193</i>
<i>Figura 29. Representação mental do entrevistado Bernardo.</i>	<i>194</i>
<i>Figura 30. Representação mental da entrevistada Maria.</i>	<i>196</i>
<i>Figura 31. Representação mental do entrevistado Márcio.</i>	<i>196</i>
<i>Figura 32. Representação mental do entrevistado Adriano.</i>	<i>196</i>
<i>Figura 33. Representação mental da entrevistada Márcia.</i>	<i>197</i>
<i>Figura 34. Representação mental do entrevistado Daniel.</i>	<i>198</i>
<i>Figura 35. Representação mental da entrevistada Carina.</i>	<i>198</i>
<i>Figura 36. Representação mental da entrevistada Regina.</i>	<i>201</i>
<i>Figura 37. Representação mental do entrevistado Francisco.</i>	<i>201</i>
<i>Figura 38. Representação mental do entrevistado Rogério.</i>	<i>202</i>
<i>Figura 39. Representação mental do entrevistado Antônio.</i>	<i>204</i>
<i>Figura 40. Representação mental da entrevistada Fernanda.</i>	<i>205</i>
<i>Figura 41. Representação mental da entrevistada Carla.</i>	<i>205</i>
<i>Figura 42. Representação mental da entrevistada Ananda.</i>	<i>206</i>
<i>Figura 43. Representação mental da entrevistada Bela.</i>	<i>208</i>

Índice de Quadros

<i>Quadro 1: Estimativa do MRE de número de brasileiros nos Estados Unidos em 2013</i>	<i>70</i>
<i>Quadro 2. População natural do Brasil, por áreas de residência no condado de Los Angeles (Census County Division – CCD, Anexo, Fig.2), 2013.....</i>	<i>76</i>
<i>Quadro 3. Estimativa do MRE do número de brasileiros em Portugal em 2016 por cidade.....</i>	<i>83</i>
<i>Quadro 4. População de nacionalidade brasileira, com estatuto legal de residente, por concelhos na região metropolitana de Lisboa 2017</i>	<i>93</i>
<i>Quadro 5. Distribuição dos estados e das cidades de origem dos imigrantes.</i>	<i>100</i>
<i>Quadro 6. Categorização Profissional dos imigrantes entrevistados em Lisboa e Los Angeles.....</i>	<i>138</i>

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos a migração tem sido um aspeto significativo da experiência humana do espaço e do tempo, de tal forma que o estudo da mobilidade humana, enquanto campo teórico e empírico de investigação, é alvo de inquietação de estudiosos das mais diversas áreas científicas. No entanto, na atualidade, os desafios das investigações sobre a mobilidade humana indicam a necessidade de superação das orientações conceptuais construídas em binários da diferença e do nacionalismo metodológico, que marcaram o campo das pesquisas em migrações e, ainda, a criação de uma abordagem de estudos na qual a mobilidade e a imobilidade possam ser compreendidas como aspetos interconectados da condição humana (Glick Schiller e Salazar, 2013; Togni, 2015; Schrooten, Salazar e Dias 2016).

Essa superação do pensamento binário exige, por sua vez, com que os estudiosos da migração avancem na construção de uma abordagem teórica sobre a mobilidade humana que, não restrita a estados-nação como unidades de análise, possibilite a compreensão e a análise do movimento de pessoas no espaço que, além de incorporarem as dimensões económicas e políticas, reconheçam as dimensões da subjetividade humana. É nesse sentido que destacamos como um dos desafios atuais dos estudos sobre as migrações: a construção de modelos de análise - com ferramentas conceptuais e metodológicas que, uma vez capazes de captar a dimensão do vivido nas experiências de mobilidade humana, possibilitem compreender os imaginários, as relações sociais, os afetos e as representações construídas pelos sujeitos sobre os lugares.

Assim, a superação do nacionalismo metodológico que marcou profundamente os estudos sobre mobilidades tem exigido a construção de uma perspectiva teórica e metodológica que possibilite a incorporação e a análise dos elementos e das percepções dos sujeitos sobre o espaço – seja ele funcional, relacional e ontológico, considerando que a migração envolve imaginários e ideias de outros possíveis lugares para se viver, bem como um movimento físico real a partir de uma localidade para outra (Glick Schiller e Salazar, 2013). É preciso acrescentar, ainda, a importância de estudos da Geografia sobre mobilidades que, utilizando uma abordagem multidisciplinar da imigração,

envolvam variáveis distintas das diferentes disciplinas das Ciências Sociais que investigam a mobilidade humana, tanto no sentido de ampliar as suas perspectivas teórico-metodológicas, como de promover o diálogo com outros campos disciplinares que tenham a mobilidade como objeto de investigação. Acreditamos que, sob essa perspectiva, é possível avançar numa melhor compreensão sobre as relações que os sujeitos migrantes constroem com o meio, tanto em termos dos aspetos físicos, políticos e económicos, quanto dos elementos intersubjetivos que orientam as suas relações sociais nos grupos humanos que vivenciam os espaços (Calisto, 2006).

No conjunto dessa nossa compreensão, importa salientar a contribuição de Sayad (1998; p.13), particularmente quando considera a imigração como um “fato social completo” e, ainda, afirma que todo o itinerário do imigrante constitui um itinerário “epistemológico” que ocorre no cruzamento das Ciências Sociais. Para o autor, esse é um ponto de encontro de inúmeras disciplinas. Durham (1984), nesse ínterim, também colabora para nosso entendimento ao pontuar que nenhuma migração pode ser compreendida como um deslocamento meramente geográfico, e sim como uma movimentação mais complexa no universo social. Neste aspeto, entendemos que a mobilidade humana apresenta um carácter eminentemente social, que tem como indicativo essencial uma mudança de *status* – emigrante/imigrante, e que se realiza, antes de tudo pelo deslocamento espacial/territorial do sujeito. Ou seja, a migração é fundamentalmente um deslocamento de pessoas no espaço e, antes de tudo, no espaço físico. Todavia, seus sentidos são muito mais amplos: “(...) o espaço de deslocamento não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente” (Sayad, 1998, p.15) e, acrescentamos, afetivamente. Trata-se, portanto, de um processo que se inicia através do movimento físico, de mudança de residência e de outras circunstâncias, mas que acarreta também mudanças paradigmáticas, que podem contribuir para o sujeito reequacionar os seus modos de vida. Assim, analisar a migração enquanto processo social exige reconhecermos os seus múltiplos aspetos, seja em grande ou em pequena escala, conforme ressalta Jackson:

Apesar de a migração poder ser simplesmente expressa através dos movimentos de indivíduos de A para B, nesse movimento são comparadas e contrastadas, em bloco, duas sociedades que continuam a existir sob forma encapsulada no indivíduo migrante, em cuja vivência elas estão combinadas e, até certo ponto, conciliadas (Jackson, 1991, p. 3).

Portanto, compreendendo a migração enquanto um fenômeno geográfico complexo, que possui implicações territoriais e existenciais para o migrante, no presente trabalho privilegiamos como objeto de estudo o vivido pelos sujeitos nas experiências de migração, a partir da articulação de três dimensões analíticas: a materialidade, a produção social e a corporeidade. Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo conhecer e analisar os lugares vividos por um grupo de brasileiros na sua trajetória migrante, de maneira a identificar, através do conhecimento das suas práticas cotidianas e das suas representações, as implicações territoriais e existenciais presentes na (re)construção do seu habitar. Logo, as questões centrais que orientaram os propósitos deste estudo podem ser assim sintetizadas desta forma: quem são esses imigrantes brasileiros que vivem em Lisboa e Los Angeles? Como é que esses sujeitos engendraram os seus projetos de mobilidade entre esses espaços transnacionais? Como é a dimensão vivida da reterritorialização desses brasileiros - trabalho, sociabilidade, afetos e adaptação, nos seus lugares de vida? Quais as representações mentais que eles constroem sobre os lugares de vida? Que lugares são esses vividos e imaginados por estes sujeitos imigrantes?

Logo, de maneira a compreender os significados, as interpretações e as representações construídas pelos imigrantes brasileiros sobre suas vivências em seus espaços de vida, constituíram-se objetivos específicos da presente investigação:

- Identificar e caracterizar grupos de imigrantes brasileiros residentes em Lisboa e Los Angeles;
- Analisar como foi concebido e construído o plano de mobilidade entre espaços transnacionais destes sujeitos;
- Descrever e investigar a reterritorialização desses migrantes, em suas vidas cotidianas, nas cidades de Lisboa e Los Angeles;

- Avaliar as representações mentais e os imaginários construídos por esses brasileiros sobre os seus espaços de vida, de forma a alcançar uma maior compreensão sobre os seus lugares de vida no país hospedeiro.

Torna-se importante ressaltar, na sustentação desta investigação, a formação teórica em Geografia, realizada ao longo do Doutorado em Migrações no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, que possibilitou consolidar as nossas reflexões e análises sobre a migração na atualidade social, a partir de uma perspectiva multidisciplinar e da utilização de métodos mistos, na qual são consideradas tanto a localização e conexão transnacional dos sujeitos, quanto suas experiências, seus afetos e seus imaginários sobre lugares vividos. Em outras palavras, a formação realizada contribuiu significativamente para uma compreensão da Geografia como sendo um campo potencial de interseção e de diálogos com outras disciplinas das ciências sociais - história, direito, sociologia, psicologia, antropologia, linguística e ciência política, na busca de um entendimento mais amplo sobre os movimentos socioespaciais. Uma interdisciplinaridade que, apresentando contribuições mútuas, tem possibilitado que a Geografia, no estudo da mobilidade humana, se aproprie e incorpore outros referenciais teóricos e, conseqüentemente, metodológicos de investigação, a exemplo dos métodos e procedimentos técnicos da pesquisa qualitativa, que têm contribuído para o acesso e a análise da dimensão subjetiva que orienta os movimentos migratórios (Fonseca, 2005).

É nesta perspectiva que, na presente investigação, buscamos compreender o espaço vivido não no sentido restrito de suas formas, mas fundamentalmente como um objeto social carregado de dinamismo social. E sob essa lógica, entendemos o imigrante enquanto ser social, deslocado, movido no espaço - um espaço que é “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 1996, p. 63).

Dessa forma, é preciso reconhecer que no espaço geográfico as ações e os objetos são indissociáveis, pois se considerados separadamente, perdem o seu sentido. Assim, essa compreensão leva-nos a uma concepção de que espaço social e espaço geográfico são imbricados. Dessa maneira, a análise da

configuração espacial ou territorial torna-se muito útil, na medida em que ela diz respeito ao espaço-materialidade, aos sistemas de objetos, “onde a ação dos sujeitos, ação racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço” (Santos, 1996, p. 294).

Importa salientar, entretanto, que o conceito de produção do espaço aqui utilizado não deve ser confundido com o conceito de produção no sentido económico. Ao contrário, ele é adotado num sentido amplo, filosófico. Conforme nos lembra Brunet (2017), a humanidade que produz eventos, obras, pensamento e sentido, - da mesma forma que mercadorias e bens, produz também espaço. Para o autor, a proposta de um espaço geográfico, tem como ideia original, apresentar a realidade dos lugares distintos, adotados no conjunto de suas interações e relações, com um funcionamento de leis próprias à distância, à extensão, à gravitação e ao espaçamento. Ainda segundo Brunet (2017), o espaço tem a característica de ser localizável por meio dos distintos lugares que, por sua vez, são únicos.

Nessa perspectiva, compreender os lugares de vida imigrante significa considerar não somente a materialidade desses lugares, mas também as experiências subjetivas dos sujeitos e, conseqüentemente, suas emoções, recordações, sentimentos, motivações, medos, representações e desejos que integram o espaço localizável. A análise dos processos de apropriação, percepção e valorização dos lugares a partir do espaço vivido, oriundos das experiências e vivências cotidianas dos sujeitos tornam-se importantes para ampliar uma compreensão sobre a subjetividade e a complexidade dos processos migratórios (Guitart e Mendoza, 2008; Phillips e Robinson, 2015).

É nesta direção que, na nossa investigação, privilegiamos analisar o processo de mobilidade de um grupo de brasileiros com o intuito de compreender as vivências e as representações por eles construídas em diferentes espaços e situações de mobilidades. Eleger o imigrante como "objeto" de estudo é, segundo nos alerta Sayad (1998), escolher um "objeto social e politicamente dominado", que pode acarretar a produção de uma ciência "pobre", "pequena". Visando evitar esta falácia, que pode ocorrer sempre que se estudam outros grupos dominados, o autor considera importante o uso das histórias de vida e das biografias enquanto fontes para suplantam a ausência de arquivos, documentos e dados sociais que permitam comparações. Todavia, não sendo

suficiente simplesmente explicar o significado de uma ou outra palavra, torna-se necessário que o analista situe a história de vida e a biografia no conjunto das condições históricas e sociais das quais elas emergem. O reconhecimento do potencial e da riqueza da abordagem qualitativa para a presente pesquisa nos levou, entretanto, a optar pela utilização da noção de trajetória, em detrimento do método biográfico ou de histórias de vida, que são noções frequentemente utilizadas como sequências lógicas e cronológicas de acontecimentos e ocorrências na vida de um sujeito. Trajetória, na concepção de Bourdieu (1996), é uma série de posições sucessivas ocupadas por um grupo ou um sujeito em um determinado espaço, que está exposta a transformações incessantes (Togni, 2015). Orientando essa opção, nossa compreensão de que a narrativa, apesar de ser temporalmente marcada, constitui um lugar no qual o sujeito se coloca em um acontecimento, temos então um cenário para criar um espaço interpretativo, que é relacional e com significados que têm referentes sociais diretos (Togni, 2015).

Da mesma maneira se deu a nossa opção pelo emprego do conceito de mobilidade como um conceito alargado. Ao contrário da utilização de conceitos como sociedade de origem e de destino, concordamos com Cachado (2009), que destaca a necessidade de uma abordagem que possibilita considerar as trajetórias dos sujeitos nos países de origem e de destino, de maneira a abordar a dimensão subjetiva associada à migração. Essa dimensão subjetiva é a condição essencial para compreender a mobilidade numa perspectiva que ultrapassa a distinção clássica entre lugares e pessoas nas análises sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais.

Reconhecendo que as pessoas habitam e se movimentam em contextos urbanos com ofertas específicas, mais que os países de acolhimento e de origem, são as cidades que interferem mais significativamente nos seus percursos de vida (Cachado, 2009). Assim, a escolha das cidades de Lisboa e Los Angeles surgiu da nossa inquietação em compreender a diversidade das experiências de mobilidade de “brasileiros” em duas cidades distintas em relação aos seus sistemas políticos, económicos e sociais, e foi paulatinamente se configurando como uma estratégia de análise sobre as trajetórias construídas dentro de campos sociais transnacionais, que mesclam a mobilidade territorial com as mobilidades residencial, social e urbana dos sujeitos. As razões de

escolha destas duas cidades, têm ainda como justificativa, o fato de que ambas as cidades estão localizadas em países de destino com grande relevância para o quadro da imigração brasileira e serem fluxos relativamente recentes. Todavia, enquanto em Lisboa a comunidade brasileira é a mais numerosa, em Los Angeles, é ainda bastante reduzida e as investigações sobre essa comunidade são escassas.

Investigar as trajetórias dos imigrantes brasileiros nesses espaços permitiu-nos refletir acerca dos significados das experiências humanas da migração, que é, antes de tudo, uma experiência individual vivida cotidianamente por cada um desses brasileiros deslocados (Marandola, Gallo e Marchiori, 2010). Nesse aspeto, a compreensão dos espaços vividos por esses sujeitos em cidades multiculturais, como Lisboa e Los Angeles, favoreceu um entendimento de que são as experiências provocadas por esses lugares e as vivências aquilo que desperta os sentidos e conduzem os sujeitos em trânsito a (re)construírem os significados dos lugares e a pensarem a dimensão social e histórica dessas experiências em seus diferentes níveis e espaços de sociabilidade.

Cabe destacar, ainda, que considerando a migração como um movimento constituído pelo “emigrante” (aquele que sai) e pelo “imigrante” (aquele que chega), “fundidos” num só sujeito, devemos reconhecer que todo itinerário do imigrante se torna um itinerário epistemológico. Assim, ao refletirmos sobre os lugares vividos nos processos de mobilidade de um grupo de brasileiros, em duas diferentes cidades, para além dos aspetos da materialidade dessa mobilidade, devemos privilegiar os aspetos subjetivos envolvidos nesse processo, particularmente a percepção desses imigrantes. Essa percepção poderá nos possibilitar trazer para o debate académico os processos de composição das relações sociais e de construção do lugar por estes sujeitos sociais (Calisto, 2006).

Para a realização dos propósitos da nossa investigação, no campo teórico, buscamos construir um referencial teórico multidisciplinar, apoiando-nos em diferentes campos disciplinares que se ocupam das investigações sobre a mobilidade humana - Geografia, Sociologia, Filosofia, Antropologia e Psicologia - de maneira a afirmar a pluridisciplinaridade necessária aos estudos sobre migração. Assim, tivemos a pretensão de entrelaçar a dimensão territorial da Geografia – compreendida como organização espacial ou como a dimensão

legal das migrações internacionais (Marandola, Gallo e Marchiori, 2010) e a dimensão existencial dos estudos antropológicos, históricos e psicossociais, na construção de um modelo de análise que permitisse abordar a dimensão geográfica dos processos de territorialização e desterritorialização numa perspectiva existencial.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa assumiu uma perspectiva qualitativa na busca por compreender o espaço dos imigrantes brasileiros na sua totalidade, assim como o movimento desses imigrantes no sentindo global. Isso porque, dentre outros aspetos, a pesquisa qualitativa tem como uma de suas particularidades desinquietar-se com um nível de realidade que não pode ser quantificável, ou seja, atua em um universo dos significados das ações e das relações humanas, aspirações, representações, motivos, valores, atitudes e crenças (Minayo, 2003). A opção por uma abordagem qualitativa deveu-se, portanto, ao fato de que essa modalidade de pesquisa permitiria a realização dos objetivos propostos para a presente investigação, permitindo, ainda, o estabelecimento de uma relação mais longa e flexível entre investigador e investigado. Essa flexibilidade da relação proporciona o alcance de informações mais amplas, subjetivas e com maior riqueza de detalhes. Sob esta perspectiva, as ferramentas de investigação envolveram a conjugação dos procedimentos técnicos da entrevista semiestruturada e dos mapas mentais em uma estratégia que buscou combinar o mapeamento cognitivo e a narrativa.

Nenhum destes procedimentos é novo por si só. Todavia, a combinação deles constituiu uma “novidade” metodológica, que contribuiu para ampliar o conhecimento sobre as vivências e espaços dos imigrantes brasileiros e revelar os lugares e as escalas diferenciadas nas quais as múltiplas identidades dos migrantes são negociadas e transformadas. Ao mesmo tempo, a utilização desses procedimentos combinados também revelou dimensões distintas da vida cotidiana dos migrantes brasileiros e suas experiências de espacialidade.

Especificamente, a utilização das narrativas enquanto ferramenta de investigação sobre as espacialidades imigrantes permitiu-nos aceder à subjetividade que permeia os processos de mobilidade, precisamente pela capacidade de lançar luz sobre a ação humana e as contingências sociais vivenciadas pelos sujeitos. A utilização das entrevistas, por sua vez, favoreceu a obtenção de dados tanto de natureza objetiva, quanto de natureza subjetiva,

particularmente as opiniões, valores e representações. A entrevista, como recurso metodológico constitui, na avaliação de Minayo (2003), um instrumento potencial de pesquisa. Segundo a autora,

“O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas”. (Minayo, 2003, p. 109-110).

A opção pela entrevista como modalidade de pesquisa, além de conferir à linguagem do imigrante um protagonismo importante, também possibilitou o acesso a informações que viabilizaram interpretações e análises mais pertinentes à realidade de cada sujeito entrevistado. E, nesse aspecto, é importante ressaltar que, apesar da existência de um roteiro geral das questões que orientaram as entrevistas, a utilização desse procedimento numa modalidade semiestruturada possibilitou uma relativa flexibilidade na sua realização. Assim, as questões não seguiram exatamente a mesma ordem prevista no roteiro. Houve ainda situações em que foram acrescentadas novas perguntas, em função do desenvolvimento e especificidade da entrevista.

Já o uso das representações mentais como ferramenta da investigação surgiu na perspectiva de auxiliar uma melhor compreensão do espaço vivido pelo grupo de imigrantes brasileiros nas cidades de Lisboa e Los Angeles. Trata-se de uma ferramenta com potencial de contribuição para acesso a uma leitura preceptiva do espaço pelo sujeito, permitindo, também, uma interconexão e diálogo entre percepção e representação espacial dos territórios. Todavia, pelo reconhecimento de que os lugares são repletos de significados e possuem uma dimensão existencial, procurámos sempre relacioná-los com um determinado espaço. Dessa forma, os locais não foram analisados como entidades abstratas, mas como representações resultantes das diferentes experiências pessoais dos sujeitos. Assim, os mapas mentais possibilitaram tornar mais próximos os diálogos entre o mapear-representar, o mapear-comunicar e o mapear-narrar. Tendo como fundamento teórico a fenomenologia, a utilização dos mapas mentais - construídos através das histórias dos imigrantes, de suas relações e de seus reconhecimentos com um determinado lugar - permitiu a compreensão

do espaço enquanto lugar vivido, território experienciado, no qual se unem os universos da memória e do cotidiano de cada sujeito.

A utilização das imagens enquanto um recurso metodológico possibilitou-nos compreender o espaço vivido sob uma abordagem enriquecedora à medida que as análises espaciais nos permitiram compreender a dependência da produção de sentidos relativamente ao universo posicional dentro do qual os fenómenos, os objetos e os sujeitos estavam inscritos. A construção da imagem pelo sujeito surge em consequência da apreensão dos significados e das subjetividades espaciais, e reflete as compreensões sociais-culturais dos sujeitos que as produzem. Nesse sentido, os lugares, enquanto pontos num sistema de referência, passam a produzir sentido somente a partir do momento em que eles são ocupados por alguma coisa. Assim, a natureza, a forma e o conteúdo como são apresentados e se ajustam ao lugar no qual aparecem, com a posição que ocupam e, juntos, produzem os sentidos.

Em síntese, a utilização da estratégia metodológica dos mapas mentais contribuiu para extrapolarmos os dados orais obtidos e captarmos as representações do espaço construídas pelos imigrantes brasileiros. Por sua vez, a conjugação dos procedimentos, entrevistas e mapas mentais, nos possibilitou reconhecer o próprio migrante como produtor de explicação e de conhecimentos sobre o seu espaço e, ainda, contribuiu para uma melhor compreensão sobre os esforços individuais e coletivos desses migrantes na remodelação de suas relações sociais e espaciais. Esse contexto de valorização das experiências dos sujeitos na busca de compreender seus comportamentos e percepção em relação aos seus lugares, dentre outros aspetos, favoreceu situar a presente investigação na vertente da Geografia Humanista que, tendo na fenomenologia existencial a sua filosofia subjacente, é assim definida:

“A Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona. Nessa perspetiva, os geógrafos humanistas argumentam que sua abordagem merece o rótulo de "humanística", pois estudam os aspetos do homem que são mais

distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos (Christofolletti, 1982, p. 22).

Trata-se, portanto, de uma investigação que também objetivou ser uma contribuição para reflexões necessárias no campo da geografia das migrações internacionais, sobretudo, em termos de se avançar numa perspectiva de estudos na qual sejam considerados e valorizados os significados que os próprios migrantes atribuíam às suas experiências e vivências (Marandola, Gallo e Marchiori, 2010).

O presente trabalho também pretendeu produzir reflexões e análises que possam contribuir para as crescentes demandas do campo de estudos da mobilidade humana, particularmente de inovações epistemológicas e metodológicas que possibilitem captar melhor o papel do agente individual (King, 2012) e das experiências dos imigrantes. Procura-se, assim, trazer para este campo de conhecimento a inclusão da ambiguidade e a ambivalência das experiências e pensamentos humanos, das emoções, do poder do simbólico, das características dos eventos e dos valores e “das intenções e das aspirações humanas” (Tuan, 1983, p. 10).

Acrescentamos, ainda, que ao buscarmos compreender como essas experiências de deslocamento espacial são vividas pelos migrantes brasileiros - desde o contexto cultural prévio no qual são interpretadas, suas estratégias e capacidade criativa, até às transformações vivenciadas por esses sujeitos; estamos dialogando com o conceito de agência (Ortner, 1994; Binnie, 2003). Buscamos, com esta perspectiva, contrapor narrativas totalizantes que, partindo de modelos hegemônicos econômicos e políticos que colocam o migrante como sujeito dos processos econômicos globais, acabam por menosprezar as condições reais de existência dos sujeitos nas quais as suas ações e as suas decisões são realizadas (Guarnizo, 1998).

Assim, um dos desafios que encontramos nos estudos migratórios é avançar teoricamente nas suas abordagens de pesquisa, de maneira a produzir uma compreensão mais abrangente e multifacetada do fenômeno da migração para os sujeitos que a vivenciam. É nesse sentido que procuramos compreender as dimensões territoriais e existenciais da migração, elementos constituintes dos processos migratórios vividos pelos sujeitos, visando contribuir com reflexões

sobre os processos permanentemente vivos da experiência humana (Christofoletti, 1985). A soma das histórias narradas por migrantes brasileiros, suas vivências nos lugares de origem e de destino, aliada à representação territorial são dimensões que compõem a totalidade das experiências migratórias destes sujeitos, impossíveis de serem quantificadas, mas cuja existência é absolutamente necessária para uma melhor compreensão sobre a dinâmica destes fluxos migratórios.

Finalizando, compete-nos informar que os resultados da presente pesquisa se encontram organizados, em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Visando uma apresentação detalhada do trabalho de investigação, em seus propósitos, delineamentos metodológicos, dados obtidos, análises e resultados, a tese foi subdividida em duas partes. **Na primeira parte**, apresentamos o enquadramento teórico-metodológico da pesquisa em dois capítulos: no **Capítulo I**, realizamos uma revisão da literatura sobre migração, multiterritorialidade e territorialidades, distinguindo as dimensões principais do território - funcional e simbólica - para situar a pesquisa na dimensão da territorialidade simbólica, ou seja, do "vivido" pelos imigrantes brasileiros. Ainda nesse capítulo, problematizamos diferentes conceitos associados à noção de mobilidade espacial - identidade, integração, incorporação e inserção, para finalizarmos com algumas reflexões sobre as redes sociais na mobilidade humana. No **Capítulo II**, delineamos o caminho metodológico percorrido pela investigação, descrevendo o método adotado e os procedimentos de análise dos dados empíricos.

Na segunda parte, apresentamos em três capítulos que tratam do espaço vivido e das representações construídas pelos migrantes brasileiros. No **Capítulo III**, contextualizamos os fluxos da imigração internacional brasileira no mundo em um estado da arte. Na sequência, descrevemos os locais da investigação a partir dos dados sobre a imigração brasileira em Lisboa e Los Angeles e, por último, apresentamos uma caracterização dos sujeitos que integraram o estudo. No **Capítulo IV**, descrevemos os conteúdos simbólicos destes sujeitos associados ao momento anterior aos seus deslocamentos entre fronteiras. Também nesse capítulo, apresentamos a relevância e o funcionamento das redes de relações, ajuda familiar e de amizade que possibilitaram a execução do projeto de mobilidade desses indivíduos e os

distintos conteúdos simbólicos e expectativas implicados nos diferentes deslocamentos entre os lugares vividos, como, por exemplo, para a América e Portugal. No **Capítulo V** observamos as múltiplas vivências e experiências de reterritorializações e territorialidades desses sujeitos nas cidades de destino (Lisboa e Los Angeles). Analisamos o território como espaço produzido pelos sujeitos brasileiros, enquanto espaços transnacionais, numa perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais das suas vivências quotidianas, pois elas são e estão relacionadas e, por isso, condicionam-se, sendo indissociáveis. O reconhecimento desta articulação é imprescindível para extrapolar os limites impostos por cada abordagem feita isoladamente, num processo que é multidimensional. No **Capítulo VI**, onde abordamos os mapas mentais construídos pelos entrevistados, o propósito foi analisar as representações mentais desenhadas pelos sujeitos da investigação sobre os lugares de vida. Assim, a partir da metodologia dos Mapas Mentais, buscamos entender o “lugar vivido” desses brasileiros nas cidades de Lisboa e Los Angeles, tomando como referência o espaço de vida enquanto construção social e de espacialização das experiências dos sujeitos que o habitam.

Por fim, tecemos algumas considerações finais sobre toda essa experiência e pesquisa.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL DA INVESTIGAÇÃO

As margens de um livro jamais são nítidas ou rigorosamente cortadas: além do título, as primeiras linhas e o ponto final, além de sua configuração interna e a forma que o autonomiza, está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede (Foucault, 1972, p. 34).

Os primeiros estudos sobre a migração internacional apresentavam, muitas vezes, o fator económico, como o único definidor da migração populacional. São estudos cujas abordagens estavam ancoradas numa racionalidade cientificista, cujas análises focalizavam modelos gerais e um perfil macro estruturalista, no qual o elemento económico assumia forte centralidade (Mondardo, 2009). Dessa forma, esses estudos compreendiam o migrante como um elemento secundário no processo, sem vontade própria; ou seja, a migração era reduzida a uma opção funcional e racional pela possibilidade de inserção social em outro lugar, sendo relevante o salário como definidor do movimento de mudança (Jackson, 1991). Assim, o modelo macro estruturalista e com centralidade racional do elemento económico apresentava um sujeito quase inexistente no processo migratório, o migrante. Este era entendido apenas como um simples epifenómeno da estrutura e da conjuntura.

Todavia, na atualidade das teorias migratórias e dos estudos sobre a mobilidade à luz do contexto pós-moderno, importantes contribuições vêm surgindo na tentativa de tornar as pesquisas sobre mobilidade menos dicotômicas e generalizadas. São estudos que enfatizam a processualidade do fenómeno social da migração, demarcando a interferência da subjetividade e trazendo o sujeito-migrante para um lugar elevado nas investigações. Com isso, novos instrumentos, categorias e elementos estão sendo incorporados nesse campo de estudos, como as redes socioespaciais tecidas entre o lugar de origem e de destino da migração, a relação eu/outro, o espaço vivido, a memória individual e coletiva, as narrativas, as representações, o duo ausência e presença, entre outros.

É sob esta perspectiva que o enquadramento teórico da presente investigação foi construído: com o propósito de compreender as relações culturais e simbólicas presentes nos processos de mobilidade dos sujeitos e das

suas experiências multiterritoriais. Buscamos, assim, construir uma reflexão de natureza teórica, que inclui a conceituação sobre migração em distintas áreas de conhecimento, evidenciando as relações interdisciplinares e a interface existente nas distintas especialidades. Consideramos que essa pluralidade de ideias é necessária para uma melhor compreensão sobre o nosso objeto de estudo – o espaço vivido do sujeito migrante, e para se constituir o fio condutor da pesquisa.

1.1 Do Território à Multiterritorialidade: A Dimensão Vivida na Mobilidade

A migração é um processo que pode decorrer, de forma voluntária ou compulsória, na saída definitiva ou provisória do sujeito de um determinado território em direção a outro. Assim, a primeira experiência que define o sujeito migrante é partir, deixar o lugar conhecido, e “caminhar” para um outro lugar, que, muitas vezes, embora seja conhecido pelo seu nome, é desconhecido em outras tantas de suas dimensões, como as físicas, as sociais, as políticas entre outras.

A referência espacial é essencial às sociedades humanas, como condição elementar para que os sujeitos possam projetar-se e pensar-se ontológica e culturalmente. O território é, portanto, o *locus* no qual uma coletividade vive e se reproduz de acordo com seus preceitos culturais. Conforme ressalta Leroi-Gourhan, toda a sociedade humana necessita de um espaço que lhe forneça elementos para um estabelecimento adequado ao seu sistema sociocultural e que lhe permita se “ordenar, a partir de um ponto, o universo circundante” (Leroi-Gourhan, 1965, p. 131).

Todavia, importa destacar que território e espaço não são sinónimos, apesar de comumente serem analisados sob essa perspectiva por diversos autores. Para Raffestin (1993), enquanto o espaço geográfico é assimilado a um dado, pois é preexistente a toda ação humana, o território é resultante de uma ação conduzida de apropriação do espaço.

Espaço e território não são termos equivalentes [...] é essencial compreender que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço,

concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço (Raffestin, 1993, p. 144).

Entretanto, espaço e territórios não são indissociáveis, pois “sem espaço não há território” (Haesbaert, 2011 p. 22). Assim, o espaço é a expressão de uma dimensão da sociedade, em sentido extenso, que prioriza os processos em suas extensões e coerência/simultaneidade, enquanto o território é definido de forma mais restrita e resulta de uma ação direta do ator sistemático, que pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações.

Logo, a análise sobre o território, em estudos sobre mobilidade, deve ter uma preocupação em compreender tanto os elementos que fazem parte da edificação da identidade do sujeito, quanto a concepção de mundo desses atores que integram o território. Sob essa perspectiva, o território é abordado por um significado que, ultrapassando a simples noção de local no qual são obtidos os materiais para a manutenção e subsistência dos sujeitos (lugar de origem e lugar de destino), o reconhece como um espaço que contém “dimensões sócio-político-cosmológicas mais amplas” (Garlet e Assis, 2009, p.16).

No campo da Geografia, o território constitui um dos cinco conceitos-chave da disciplina, ao lado dos termos espaço, paisagem, região e lugar. Todavia, apesar dessa centralidade, a reflexão sobre o conceito nunca esteve limitada às fronteiras disciplinares da Geografia. Território e territorialidade, pela referência à espacialidade humana, também são relevantes em outras áreas de conhecimento que, apesar de uma tradição comum, assumem perspectivas distintas. Assim, enquanto a Psicologia o incorpora no debate sobre a construção da identidade pessoal e da subjetividade, ampliando-o até à escala do sujeito; a Ciência Política destaca a sua construção a partir das relações de poder; a Sociologia focaliza-o a partir da sua intervenção nas relações sociais, em sentido extenso; a Economia elenca a noção de território à de espaço, entendendo-o muitas vezes como um fator locativo e base da produção enquanto força produtiva; e a Antropologia evidencia a sua dimensão simbólica (Haesbaert, 2004).

No conjunto dessas áreas de conhecimento, não obstante apresentar controvérsias etimológicas, tanto acerca da origem como da evolução do conceito de território, é possível identificar dois sentidos que são amplamente

disseminados, até mesmo academicamente, e que têm origem no latim: o primeiro, e dominante, refere-se à terra, reconhece o território como materialidade; o segundo, e menos frequente, relaciona as emoções que o território suscita, ou seja “(...) medo para quem dele é excluído, de satisfação para aqueles que dele usufruem ou com o qual se identificam” (Haesbaert, 2004, p. 44). Em termos etimológicos, as definições presentes em alguns dicionários de língua portuguesa referem-se, quase que de forma homogênea e com verificada predominância, a um sentido de território como superfície, como área controlada por uma jurisdição político-administrativa, como extensão de terra¹. É possível que, em consequência da tradição jurídico-romana, o significado etimológico invoque, ou mesmo pelo seu emprego inicial em estudos etológicos e na Geografia Política, o conceito de território como fronteiras/limites que o delimitam.

Neste sentido, a presença de limites/fronteiras bem definidos, que demarcam e limitam a exterioridade e/ou alteridade do território, dá origem aos componentes principais do conceito presente nas formulações de vários geógrafos. Dentre eles, Friedrich Ratzel, em 1988, ao realizar a primeira conceituação do termo território em sua obra, indica que o território se prende ao solo enquanto espaço ocupado por uma sociedade determinada. Nessa perspectiva, território é considerado pelo autor como um espaço da superfície terrestre apropriado por um grupo humano com necessidades, no qual possa haver recursos naturais satisfatórios para a sua população, recursos estes que seriam empregados a partir das disposições tecnológicas existentes (Ratzel, 1990).

Todavia, na Geografia contemporânea, nomeadamente em autores como Raffestin (1993) e Sack (1986), território passa a ser considerado para além da apropriação de um espaço físico por um poder de Estado, e sim a partir dos fluxos dos atores que nele se instalam. Mesmo ponderando a centralidade dos limites e das fronteiras que lhe são atributos, tanto em Sack (1986) quanto em Raffestin (1993) encontramos uma conceção ampliada do entendimento de

¹ Território: substantivo masculino; 1. Área dependente de uma nação, província ou localidade; 2. Termo, 3. Jurisdição" in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/territ%C3%B3rio> [consultado em 17-04-2018].

territórios que, não restritos aos recortes do Estado-nação, expandem as escalas temporais e espaciais da territorialidade. Neste espectro,

do Estado ao sujeito, passando por todas as organizações grandes ou pequenas, encontram-se atores sintagmáticos [aqueles que realizam um programa] que ‘produzem’ o território [pois] (...) em graus distintos, em lugares variados e momentos diferentes, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’ (Raffestin, 1993 p. 152).

Já Claval (1999), que busca compreender o conceito na transição da pós-modernidade, analisa o território tanto em sua materialidade quanto em sua simbologia, destacando a importância das noções de identidade e de pertença. Para o autor, o estudo do território comporta três eixos de análise: poder, realidade social e símbolos/representação. No eixo do poder, destaca-se a dimensão do Estado-Nação, com apropriação do espaço por um grupo. Inserem-se neste eixo, igualmente, as questões do controle do Estado e da soberania destacadas por Jean Gottman (como referido em Rodrigues, 2016), assim como as várias escalas da territorialidade de Sack (1986). No eixo da realidade social destacam-se a questão da naturalização do território e a da abordagem crítica e marxista do espaço/território. No terceiro eixo, dos símbolos e representação, destaca-se a dimensão simbólica do território, entendido como espaço vivido. Para Claval, as relações que os grupos cultivam com o seu ambiente não são apenas em termos materiais, mas são “também de ordem simbólica, o que as torna reflexivas. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham” (Claval, 1999, p. 11).

Um outro geógrafo que tem contribuído para a discussão sobre território com especial destaque na atualidade é Haesbaert (2002), que defende a utilização de três enfoques para análise do conceito: um enfoque materialista, no qual território é visto como recurso natural, distância física ou, no limite, como abrigo; um enfoque idealista, no qual agrega território e cultura, campo do simbólico e dos poderes invisíveis; e um enfoque integrador das diferentes dimensões sociais: naturalista/biológica, relações de poder (Estado-Nação Moderno) e económica. Para Haesbaert (2002), o território é relacional, ligado

ao movimento e às conexões dos atores e engloba as dimensões biológicas/natural, política, cultural, simbólica e económica.

Analisando as mudanças que o conceito de território experimentou ao longo dos últimos anos, o geógrafo Milton Santos (1999) apresenta uma conceção de território usado. Nas palavras do autor, “essa ideia de território usado, a meu ver, pode ser mais adequada à noção de um território em mudança, de um território em processo. (...). Por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos” (Santos, 1999, p. 19). Para esse autor, “[o] território usado é o chão mais a identidade”, representando a união, o “lócus do acontecer da sociedade” (Ibidem, p. 8). Assim, nessa perspetiva, o “território é uma extensão apropriada e usada”, uma extensão que exhibe na sua “apropriação” uma dimensão cultural-simbólica e, no seu “uso”, uma dimensão económica, interligada às técnicas (Santos, 1999; Silveira, 2006). Enfim, interessa-nos destacar que, para Milton Santos, o território compõe um “conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial”, ou seja, com uma base material natural e/ou produzida e um “uso”, que se constituiu através das práticas sociais e da base técnica (Santos, 1999).

Em continuidade a essa discussão teórica sobre território, cabe ressaltar que, no plano morfológico, esse conceito é evidentemente um substantivo que contém vários significados. Assim, o território constitui um espaço significativo à medida que ele significa (Santos, 2002). Sua análise envolve, portanto, o entendimento de relações imbricadas entre o sentido “funcional” do território - como a funcionalidade da produção material, expressa através do trabalho, por exemplo; e os significados, a “expressividade”, o sentimento (positivo ou negativo) identitário-simbólico que cada sujeito e/ou grupo cria e possui em morar, habitar, trabalhar, etc. em determinada parcela do espaço. Território é, sob essa perspetiva, parte da experiência de todos os dias e que, segundo Berezin (2003), integra dimensões variadas como a social, a política, a cultural, a cognitiva, a emocional, entre outras.

(...) é social porque, independentemente da escala, as pessoas habitam coletivamente; político porque grupos lutam para preservar, além de ampliar seu espaço; e cultural porque contém as memórias coletivas de seus habitantes. Território é cognitivo assim como físico e tem capacidade de subjetivação social, política e cultural, e a capacidade de objetivar fronteiras

sociais, políticas e culturais, faz dele o núcleo de projetos de identidade públicos e privados. Emoção é uma dimensão constitutiva do território (Berezin, 2003, p. 7).

Se, por um lado, o termo território oferece uma vasta possibilidade de desdobramentos deste conceito, Haesbaert (2002; 2004) nos alerta para a necessidade do entendimento sobre o território não dicotomizar as dimensões sociais que lhe são implícitas, ou seja, a política, a económica e a cultural. É nessa perspectiva que buscamos analisar o território de uma forma mais “integradora” e “híbrida” das experiências vividas no tempo-espaço, especialmente na mobilidade humana, na medida em que elas envolvem sempre as relações de poder e o seu cruzamento, simultaneamente, com o poder simbólico, unindo assim dominação (político-disciplinar-económica) e apropriação (identitária-afetiva) de uma parcela do espaço.

Para esse propósito, recorremos à definição de Guattari e Rolnik (1996)², na qual território assume um sentido mais amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia [e a Geografia, deveríamos acrescentar]. Para os autores, os seres existentes se organizam segundo territórios que os articulam e os delimitam aos outros territórios existentes e aos fluxos cósmicos.

(...) relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinónimo de apropriação, subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari e Rolnik, 1996, p. 323).

Sob essa perspectiva, ao definirmos a especificidade do espaço enquanto categoria de entendimento da realidade social dos sujeitos dessa investigação, consideramos o território na sua conceção holística. Ou seja, enquanto cenário de vida, de uma realidade dinâmica, espaço de substrato material das sociedades e suporte de memórias, relações sociais, agenciamentos, representações e identidades. Entendemos, assim, a territorialidade como um comportamento humano espacial, ou seja, a territorialidade como constituída por

² Reconhecendo a grande importância da obra de Deleuze e Guattari, nos debates sobre o território na Geografia.

um conjunto de relações que se originam de um sistema tridimensional sociedade-espço-tempo, sendo a "soma" das relações mantidas por um sujeito com o seu meio. Assim, mais que uma simples relação homem-território, a territorialidade vai muito além da demarcação de parcelas individuais, expressando a relação social entre os homens (Raffestin, 1993).

É preciso acrescentar, ainda, que para Sack (1986) a territorialidade pode ser definida como um comportamento espacial humano, uma expressão de poder que não é nem agressiva nem instintiva, que se configura numa estratégia humana para controlar, afetar e influenciar o uso social do espaço, abrangendo escalas que vão do quadro internacional ao nível individual. Sob essa lógica, “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações sociais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal” (Raffestin, 1993, p.162).

Nesse debate, Haesbaert (2004, p. 74) afirma que “a territorialidade é o conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural”, e por isso não deve ser vista apenas como a simples “qualidade de ser território”, mas, como a capacidade/qualidade de criação de relações simbólico-afetivas e político-disciplinares e económicas numa parcela circunscrita do espaço. Isso porque a territorialidade, na perspectiva do autor, se relaciona com os processos simbólico-culturais da formação/mutação das identidades territoriais. Assim, analisar o movimento do migrante na perspectiva do território e da transterritorialidade exige apreender a destruição e a criação de territórios e as identidades territoriais no e pelo movimento – num jogo dialógico entre desterritorialização e reterritorialização ontológico do ser social.

A mobilidade internacional pressupõe, em primeiro lugar, uma mudança de território para os sujeitos, ou seja, a saída do lugar – habitual/familiar e a chegada ao lugar de destino, nem sempre familiar. Assim, simplificada, podemos considerar a desterritorialização na migração como o movimento pelo qual se abandona o território, “a operação da linha de fuga”; assim como a reterritorialização pode ser considerada como o movimento de construção do território. Reconhecendo uma indissociabilidade nos processos de desterritorialização e re-territorialização na mobilidade humana, podemos afirmar que a desterritorialização é inseparável da reterritorialização.

Essa discussão do conceito de território e, agregado a ele, de territorialidade, tem florescido nos últimos anos no campo dos estudos sobre mobilidades transnacionais, para procurar compreender o espaço vivido e a realidade que envolve os sujeitos sociais multiterritoriais em suas múltiplas dimensões - relacional, funcional e ontológica. São estudos que pretendem compreender o migrante na sua condição de sujeito multiterritorial - deslocado, em entre-lugares; com territorialidades e territórios vivenciados entre o 'aqui' e o 'lá', entre o 'antes' e o 'depois' de um território emigrado; entre o passado e o presente. Nestes estudos, as relações individuais, as estratégias, os sonhos, os desejos e as representações dos migrantes passam a ser considerados, também, como condicionantes do processo migratório (Hall, 2004).

Na perspectiva desse campo teórico, migrar significa mudar de territorialidade e isso implica, dentre outros elementos, numa "mudança" de significados, de modos de ver e de sentir, de símbolos, de comunicação, etc. As relações anteriormente construídas num determinado território deverão ser recriadas num novo ambiente, com novo espaço, novas relações e novas pessoas. Considerando que os lugares e o território representam uma parte da existência do sujeito, é vivenciando esses seus lugares que ele constrói a sua existência, a sua maneira de ser, garantindo a continuidade desse ser. Assim, tanto o espaço de origem, quanto o espaço de destino, os deslocamentos, jamais são neutros para os sujeitos: são espaços vivos de relações estabelecidas, são espaços praticados. São, antes de tudo, espaços vividos.

A (re)construção do território do imigrante enquanto sujeito social é, portanto, edificada na medida em que ele se desloca e apropria do novo espaço. Todavia, as diferentes formas de apropriação e uso dos espaços pelos sujeitos migrantes revelam variadas geometrias do poder (Massey, 2000). Assim, nos processos de des-territorialização, o migrante transporta diferentes possibilidades em relação ao "controle" do "seu espaço", à sua reterritorialização, o que abarca além disso, o tipo de relação que ele continua mantendo com o "espaço de partida", em redes de relações sociais ou, em outros termos, em "redes de solidariedade" (Haesbaert, 2004).

Será esse o processo de territorialização que vai tornar os lugares singulares e significativos para o imigrante. Marcados pelo desejo de inserção no país de destino, numa tentativa de tornar o espaço de imigração em lugar, os

lugares só adquirem significado e identidade, segundo Santos (2002), por meio da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e as características objetivas do lugar, ou seja, do cenário físico e das atividades ali desenvolvidas.

Assim, compreender o processo da migração enquanto um processo de desterritorialização e re-territorialização exige problematizar e analisar como se deram e como se dão as relações no novo lugar, no “território de chegada”, “na morada nova”, assim como a nostalgia da terra natal, as amenidades e decepções, as novas relações, os sabores e odores diferentes desse novo lugar, a dor da ausência, os estranhamentos com a população nativa do território, as diferencialidades, entre outros aspetos. Para Simmell³, a vida do migrante situa-se na fronteira, num espaço cultural híbrido de dois territórios, podendo percebê-lo como movimento processual de transterritorialidade, ocorrendo no entrecruzamento cultural e político (em sentido amplo) entre múltiplas identidades, territorialidades e temporalidades. Um *continuum* das relações que estes sujeitos vão desenvolvendo tanto no lugar novo, quanto no lugar deixado. Para o autor, o estrangeiro, aquele ser deslocado, tem um lugar singular no espaço físico, no campo social e simbólico, na medida em que experimenta a participação num cenário que une dimensões contrárias das suas vivências espaciais: pertença e rutura, socialização e dessocialização, distanciamento e proximidade.

Dessa forma, refletir analiticamente sobre a territorialidade dos migrantes torna-se uma forma de aproximação das vivências destes sujeitos numa perspectiva geográfica do ser social, que opera estruturalmente em campos sociais que ultrapassa as fronteiras nacionais (Mazzucato, 2004), e vivencia diferentes lugares. Sendo a territorialidade migrante múltipla, segundo a sua própria natureza, ela também é promotora de inquietação epistemológica, visto que esses sujeitos experienciam vivências simultâneas ou sequenciais de múltiplos lugares-territórios.

É nesse contexto que, a partir da intensificação da mobilidade humana à escala global e o advento das teorias de desterritorialização, deslocamento, etc.,

³ Ver: Tedesco, J. C. (2016). O Estrangeiro/Imigrante na Modernidade: horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scotson e Freud. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, 47(2), 287-312.

a definição de lugar e a sua importância analítica vêm crescendo no âmbito das ciências sociais, tornando-se objeto de intensos debates. Num artigo publicado no ano de 2003, Sally Ward, antropóloga, integra esta discussão ao avaliar que até aquele momento o lugar era considerado como algo natural, dado *a priori*, não se constituindo o escopo principal da reflexão analítica ou teórica da maioria dos investigadores sociais; ao contrário, sendo apenas repositório espacial dos sujeitos integrantes dos estudos. Entretanto, na medida em que as análises sociais passam a ter como foco o movimento humano, as pessoas que o empreendem e que vivem em mais de um lugar ao longo de suas vidas, e os processos de edificação das suas identidades, as enunciações de lugar tornam-se alvo de questionamentos e mudanças (Ward, 2003).

Todavia, ainda que na contemporaneidade os debates consigam abarcar a complexidade das relações entre pessoas e lugares que assumem uma possibilidade de uma cultura desterritorializada, essa discussão continua a utilizar um aparato linguístico baseado apenas na associação entre um ambiente e o sujeito, o que contribui para manter uma lacuna nos léxicos das ciências sociais e reiterar a necessidade de um aprofundamento teórico sobre a noção de lugar nas ciências sociais, particularmente nos estudos sobre mobilidades (Marandola, Gallo e Marchiori, 2010). Integrando esforços que têm sido realizados para repensar esta problemática, o geógrafo Tim Cresswell (2006) realiza uma consistente reflexão epistemológica sobre o significado da mobilidade e suas possibilidades de análise, a partir de uma perspectiva que considera a produção da mobilidade como bifacial: uma face corporal e outra social. De forma a dissociar a ideia da mobilidade como mero movimento, Cresswell afasta-se de uma metáfora ampla de mobilidade - de capitais, mobilidade social, etc., para enfatizar aquela realizada por pessoas e por grupos. Sob essa perspectiva, deslocamento ou movimento é considerado como o processo que leva corpos de um ponto A para um ponto B. Todavia, tratando-se de mobilidade, a concepção é mais ampla, pois como é de natureza social, envolve estruturas, meios, cultura e significado (Cresswell, 2006).

Assim, podemos afirmar que a mobilidade humana é uma experiência incorporada de forma irreduzível. Os nossos pés podem doer enquanto andamos, o vento pode soprar nas nossas faces, podemos não ser capazes de dormir enquanto voamos de Brasília para Lisboa.... Muitas vezes as maneiras como

vivenciamos a mobilidade e como nos movemos estão intimamente ligadas a significados que atribuímos à mobilidade através de representações. Nesse sentido, ir de um lugar a outro pode tornar-se sinónimo de liberdade, de criatividade, de realização com a própria vida, entre muitos outros significados. Todavia esse movimento de ir de um lugar a outro não ocorre no espaço abstrato - sem conteúdo, aparentemente natural e desprovido de significado, história e ideologia. Pelo contrário, realiza-se entre locais imbuídos de sentidos e poderes. Portanto, é a partir dessa relação dúbia entre os espaços de vidas que procuramos compreender como é construído o sentido de lugar pelos brasileiros em mobilidade que, enquanto migrantes, são sujeitos em trânsito, cambiantes entre o lugar deixado e o lugar onde se encontram.

Essa busca de compreensão sobre o sentido de lugar para brasileiros em mobilidade, por sua vez, também nos permitiu um entendimento sobre a multiterritorialidade na migração: uma condição do sujeito ser de dois ou mais territórios e, ao mesmo tempo, não ser de nenhum. O entendimento sobre os espaços vividos pelos sujeitos multiterritoriais revelam significados que nos possibilitam refletir sobre a (des)localização dos territórios de chegada e de origem desses sujeitos, as dimensões das vivências e as experiências territoriais de quem experimenta uma territorialidade dupla, múltipla ou mesmo contínua. Essa experiência corpórea multiterritorial do migrante nos coloca face ao que Sodré, inspirado em Nietzsche, afirma ser o corpo: “um edifício coletivo de diversas almas” (Sodré, 2002, p. 21). É nesse aspeto que também Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), analisando a transnacionalidade do migrante, nos auxiliam a compreender a migração não como rutura entre lugares, mas sim como relação entre lugares vividos. Ainda nesta perspetiva, as reflexões de Fleischer (2001) revelam que o carácter transnacional da emigração brasileira relativiza as ideias limitadas e estáticas de nação e território. Segundo o autor, a fixação dos sujeitos num local e a manutenção dos laços sociais com outro local geram processos sociais que transpõem e revisam as definições de fronteiras nacionais (transnacionalismo). Com a recriação do Brasil - tanto física, quanto virtual em diversas localidades no exterior, favorecem com que os migrantes desenvolvam e mantenham múltiplas relações, sejam económicas, familiares, organizacionais, sociais, religiosas, políticas e territoriais que, por sua vez,

ampliam as fronteiras, colocando o global e o local em inter-relação (Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992).

1.2 Os (is) Imperativos da Migração: Identidade, Inserção e Integração.

Uma das problemáticas amplamente discutidas no âmbito dos estudos das migrações refere-se à interseção cultural e identitária propiciada no plano físico-geográfico da mobilidade internacional que os deslocamentos provocam e as implicações deste processo na ontologia do sujeito que migra e nas suas relações sociais. Analisando a diáspora a partir da noção de identidade cultural dos migrantes caribenhos, Stuart Hall (2009) destaca que é a partir das mobilidades modernas e do intenso deslocamento de populações, seja entre países e continentes ou mesmo dentro de um mesmo país, que a identidade deve ser compreendida. Para o autor, a identidade se torna uma problemática quando está em crise, quando algo que se supunha coerente, estável e fixo é deslocado pela experiência da incerteza e da dúvida. A identidade não existe senão quando contextualizada, enquanto um processo de construção, que pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação. Por exigir um contexto que define algo em relação ao qual o sujeito, por contraste, consiga definir quem ele é, a identidade é sempre um conceito relacional, contrastivo, resultado de um processo de negociação, com uma dimensão política sem a qual é impossível entendê-lo.

Na mobilidade internacional, segundo Phinney (2000), quando expostos a novos contextos e formas alternativas de ser, os sujeitos precisam lidar com questões de identidade cultural, tanto nacional quanto étnica. Enquanto a identidade nacional diz respeito ao sentimento do sujeito pertencer e ser parte de um estado soberano ou de um país, podendo mudar quando deixa o país de nascimento e obtém uma nova cidadania, a identidade étnica, em oposição à anterior, surge da herança ancestral do sujeito que não pode ser mudada, embora possa ser ignorada ou negada. Assim, a identidade étnica faz referência a laços e sentimentos comuns partilhados, como de religião, linguagem, cultura, parentesco e raça, que constituem importantes forças organizadoras das compreensões individuais da realidade.

Sob essa perspectiva, os estudos realizados sobre as identidades no âmbito da Geografia das Migrações assumem relevância acadêmica pela tentativa de elucidação dessas questões relacionadas à vida dos sujeitos migrantes e aos espaços e lugares vividos por eles - especialmente a partir da Geografia, que articula conceitos de lugar e identidade⁴. Nessa abordagem, reconhece-se que é no espaço geográfico sociocultural e nas relações interpessoais do sujeito que acontecem o desenvolvimento e a afirmação da identidade étnica social do migrante, por meio de suas práticas territoriais e de suas vivências sociais quotidianas.

É reconhecido que a identidade do sujeito em mobilidade espacial se constrói numa situação de ambivalência permanente, permeada por contradições: ele vive dois tempos e dois lugares simultaneamente. Assim, de um lado, o migrante encontra-se numa sociedade que não é sua, não se reconhecendo e não sendo reconhecido como parte de pleno direito dela; de outro lado, pertence a uma sociedade na qual não se encontra efetiva e plenamente participante e presente.

A noção de identidades construídas através de contrastes entre "nós" e "eles" encontra-se presente na literatura de ciências sociais há algumas décadas, devido particularmente a estudos sobre grupos étnicos (Eriksen, 2002; Oliveira, 1976). Todavia, importa destacar que os contrastes vivenciados não são permanentes, já que eles se modificam de acordo com as situações, da mesma maneira que as identidades sociais não são cristalizadas, mas sim dinâmicas em processo. Assim, muitas vezes essas distinções podem ser uma dificuldade para os estrangeiros, que exigem que compreenda como os outros o vêem e, ainda, que questione os seus modos próprios de pensar em relação às formas de pensamento locais.

É nesse contexto que, geralmente, os estereótipos entram em cena, tanto como representações dos habitantes locais sobre a pessoa estrangeira, quanto como imagens implantadas pelo estrangeiro para compreender a sociedade

⁴ Uma associação à perspectiva de Paul Claval (1999, p. 16) que junta território à identidade: "O sentimento identitário permite que se sinta plenamente membro de um grupo, dotá-lo de uma base espacial ancorada na realidade [...]. Vê-se, então, por que os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades".

local. Dessa forma, a abordagem geográfica sobre as identidades nos processos de mobilidade permitem-nos analisar questões como a pertença e não pertença, as fronteiras estabelecidas e recriadas entre sujeitos ou grupos sociais nos lugares vividos, a multiplicidade de referências de representações dessas identidades e as diferenciações que caminham juntas, complementam e definem as identidades na diáspora.

Todavia, é importante sublinhar que, na transnacionalidade, a identidade, num primeiro momento, permanece conscientemente ligada às normas da cultura de origem, cujo domínio pode contribuir para a manifestação de "uma atitude de retração" em relação às novas normas socioculturais (Zérroulou, 1988). Nessa dinâmica, o processo de transculturação acontece de maneira não consciente porque, além das formas distintas de executar as atividades quotidianas, são as noções de espaço e tempo inscritas nos seus corpos que são também afetadas, influenciando os próprios ritmos diários dos sujeitos. Por sua vez, a influência da cultura do país hospedeiro, aprofunda-se com a exposição assídua dos sujeitos a situações concretas regidas por normas diferentes e com o passar do tempo.

Analisando essa dualidade na construção da identidade desses sujeitos, Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) descartam a probabilidade de que os valores do país de origem e do país de destino sejam excluídos ou substituídos na medida em que consideram que eles são parte de uma única experiência social de "estar no mundo". Contudo, essa dualidade pode tanto levar à construção de uma identidade multifacetada nestes sujeitos multiterritoriais, nutrida por uma harmoniosa bricolagem cultural, como pode também gerar uma "esquizofrenia indentitária". Sob essa perspectiva, as ambiguidades que embasam a identidade dos transmigrantes podem produzir tanto uma combinação harmoniosa e feliz, que lhes permita transitar com eficiência e facilidade pelos dois mundos, quanto pode gerar dificuldades em sentirem-se "em casa" e de pertença cultural e social em ambos os países (Fleischer, 2001; Ribeiro, 1998; 1999).

Neste sentido, podemos afirmar que o processo de negociação de múltiplas identidades culturais é complexo e multifacetado. Uma análise da literatura sobre o tema (Padilla, 1994; Phinney e Devich-Navarro, 1997) revela

que sujeitos multiculturais⁵ frequentemente utilizam tanto termos negativos como positivos quando descrevem as suas experiências multiculturais. São referências que indicam, entre outros, que o multiculturalismo pode ser associado à singularidade e a um sentimento de orgulho, um rico senso de história comum e comunidade, ao mesmo tempo em que pode revelar uma confusão de identidade, conflitos de valores e expectativas duais. De qualquer modo, os sujeitos multiculturais lidam diversamente com as implicações de diferentes questões raciais, culturais e dos estereótipos, assim como com as pressões provenientes das suas diferentes comunidades para comportamentos e pertencas (Lafromboise, Coleman e Gerton, 1993).

De entre os estudos existentes, a psicologia cultural e transcultural tem buscado compreender como a cultura é negociada “dentro” dos sujeitos multiterritoriais, reconhecendo a complexidade existente entre linguagem, identidade, personalidade e variedade contextual na qual ocorre a mobilidade. Sob essa perspectiva, os estudos têm dado ênfase às diferenças individuais na gestão da experiência multicultural, de maneira a compreender como as disposições, personalidade, pressões contextuais, variáveis demográficas e de aculturação influenciam o processo de formação identitária multicultural, assim como os significados que são atribuídos a essa experiência pelos sujeitos (Hermans e Kempen, 1998; Lafromboise, Coleman e Gerton, 1993).

Neste contexto teórico, torna-se importante, para fundamentação do presente trabalho, a concepção de sujeito pós-moderno proposta por Hall (2006). Um sujeito que, segundo o autor, não possuindo uma identidade fixa, tem a sua identidade modificada de acordo com as formas pelas quais ele é representado ou interpelado nos sistemas culturais que o circundam. Assim, o sujeito adota identidades de acordo com a ocasião e o momento, sofrendo influências do sistema sociocultural em que se encontra inserido (Hall, 2006). No caso da migração brasileira, podemos compreender o sujeito pós-moderno que, devido

⁵ Existem muitas definições de multiculturalismo, de um modo geral se refere àqueles que são mestiços, aqueles que viveram em mais de um país (como expatriados, estudantes internacionais, imigrantes, refugiados e estrangeiros), aqueles criados pelo menos uma outra cultura além da dominante (como os filhos de imigrantes ou pessoas colonizadas), e aqueles em relações interculturais podem todos ser considerados multicultural (Berry, 2003; Padilla, 2007). Especificamente o multiculturalismo pode ser definido como a experiência de ter sido exposto e ter internalizado duas ou mais culturas (Hong, Morris, Chiu e Benet-Martinez, 2000; Nguyen e Benet-Martínez, 2007). Relacionadamente, a identidade multicultural é a condição de ter fortes apegos e lealdades para com essas diferentes culturas.

a variados fatores como os que abordaremos adiante, vive as dinâmicas espaciais da modernidade, que afetam sua territorialidade física e simbólico-cultural.

Nesse especto, ao pesquisar sobre estereótipos e identidades nacionais de brasileiros em diásporas, Beserra (2007) alerta-nos para a importância de investigar as implicações práticas da identidade no contexto no qual a mobilidade é vivida. Especificamente, a autora destaca a importância da compreensão das dinâmicas da construção, das experiências, da emoção vivida e do conjunto particular dos valores e significados que as identidades conferem aos sujeitos em trânsito. Assim, a partir das experiências dos lugares vividos da migração, torna-se relevante entender como as pessoas, no contexto específico de ser estrangeiro, se relacionam subjetivamente com as identidades e estereótipos e quais os efeitos desse processo sobre as subjetividades e as relações sociais dos sujeitos e lugares.

Dessa maneira, a compreensão da dinâmica da construção de identidades nacionais e do recurso a estereótipos pode contribuir para revelar especificamente as negociações nas relações de poder dos sujeitos transnacionais, explicitando como os estereótipos podem ser manipulados na elaboração da identidade nacional pelos sujeitos. Nesse sentido, é importante, ao procurar compreender a territorialidade do migrante numa perspectiva de análise geográfica sobre as identidades étnicas e sociais, associar os elementos que fazem parte da vida dos sujeitos - trabalho, habitação; as relações que estabelecem uns com os outros - amigos, parentes, vizinhos; e os seus espaços e lugares vividos - casa, bairro, igreja. Esta dinâmica, integrada no contexto atual de globalização, permite compreender as práticas e experiências dos migrantes a partir das suas vivências que, por sua vez, interferem no processo identitário desses sujeitos permanentemente em (re)definição. É necessário acrescentar, ainda, na especificidade deste estudo com um grupo particular de brasileiros, as possibilidades de analisar os valores, representações e significados relativos às emoções, amizades, diferenças sociais e identidade nacional que são compartilhados (ou não) com outros brasileiros e grupos étnicos que habitam os lugares.

1.2.1 Incorporação, Integração e Inserção

A integração, segundo Boswell (2003, p. 9), constitui “o processo de incorporar imigrantes e minorias étnicas na vida económica, social e política do país de acolhimento”. Essas três dimensões da integração - política, socioeconómica e cultural podem ser assim sintetizadas: enquanto a dimensão política e legal diz respeito à concessão de direitos políticos - de votar e ser eleito, de ter empregos públicos, etc., a dimensão cultural refere-se ao domínio da língua e dos valores da sociedade de acolhimento; e a dimensão socioeconómica relaciona-se com o acesso à habitação, educação, emprego, assistência social e outros serviços.

Essa complexidade, inerente à incorporação do migrante nos locais de destino, é objeto de análise em distintas disciplinas que investigam o fenómeno da mobilidade humana. Nelas, tradicionalmente, os estudos sobre a adaptação do migrante foram fortemente influenciados por uma perspetiva de aculturação unidirecional, ou seja, um processo pelo qual o migrante se incorporava socialmente e psicologicamente na cultura do país de destino. Todavia, a partir dos estudos de Berry (2003), a adaptação do imigrante passou a ser compreendida como sendo um processo bidirecional, que envolve, de modo simultâneo, a redefinição da relação do sujeito migrante tanto com a cultura do local de destino, quanto com a sua cultura de origem. No modelo teórico proposto por Berry (2003), o processo de adaptação cultural envolve relações de aculturação individuais que são classificadas em quatro categorias: assimilação - identificação do sujeito migrante principalmente com a cultura recetora; integração - alta identificação com ambas as culturas; separação - identificação principalmente com a cultura de origem; e marginalização - baixa identificação com ambas as culturas. Neste modelo são abordadas duas questões centrais que desafiam os sujeitos migrantes em seus processos de aculturação: os motivos de manter sua cultura de origem, a cultura étnica não majoritária, e a medida que são motivados a se engajarem em crescimento cultural, geralmente caracterizado pelos valores e práticas culturais do grupo cultural majoritário (Chen, Benet-Martínez e Harris Bond, 2008).

Certamente que o processo de aculturação no contexto de uma era global não pode ser considerado como mera soma de uma nova identidade a um grupo

étnico, como no caso dos migrantes. Ao contrário, ela ocorre mediante a seletiva incorporação de elementos culturais procedentes de múltiplas práticas e referências, às quais o sujeito migrante tenha sido exposto ao longo da sua vida. Assim, para a compreensão deste processo, devemos ultrapassar uma perspectiva centrada na incorporação ou aceitação do sujeito migrante com suas diferenças para que possamos avançar numa análise que valoriza e integra a história de vida e formação cultural desses sujeitos (Chen, Benet-Martínez e Harris Bond, 2008).

Todavia, um maior número de pesquisas contemporâneas sobre integração tem privilegiado uma perspectiva de análise nacional, favorecendo, assim, uma lacuna na produção teórica sobre os laços transnacionais mantidos pelos migrantes. Porém, ainda são poucos os estudos que abordam essa temática. E, nesse especto, Wimmer e Glick Schiller (2002) destacam que as pesquisas atuais sobre integração imigrante têm sido excessivamente dominadas por quadros nacionais e por um enfoque em questões étnicas e diferenças culturais entre as populações minoritárias e majoritárias, em detrimento da atenção de outras questões de investigação. Assim, um dos desafios das investigações atuais é distanciar-se do olhar nacional implícito (Levitt, 2007) nos estudos da contemporaneidade, superando o binário da diferenciação, tendo em vista que essa perspectiva se tem tornado cada vez mais sem sentido devido aos efeitos da globalização sobre a vida dos sujeitos.

Também integrando este debate, Erdal (2013), no estudo realizado com migrantes paquistaneses na Noruega, realiza uma crítica ao nacionalismo metodológico presente nos estudos de integração imigrante. Numa tentativa de superar a lacuna existente neste campo de investigação, a autora realiza uma análise profunda das expressões integração e transnacionalismo a partir da compreensão dos sujeitos investigados. Com um engajamento direto na realidade das experiências vividas dos sujeitos migrantes, Erdal (2013) revela a importância de estudos que adotam uma perspectiva de análise transnacional sobre a própria vida dos sujeitos entrevistados e os significados da integração para eles, ao mesmo tempo em que reconhece o significado da sua agência nas suas trajetórias.

Certamente, a questão da integração e adaptação dos migrantes à sociedade de destino pode ser analisada sob diferentes perspectivas e escalas,

podendo ser investigada como programa normativo; como processos de migração adaptação - que podem ser vistos em relação às medidas de integração; ou como experiências individuais. Neste sentido, esta investigação buscou analisar as experiências dos migrantes a partir das representações construídas por eles sobre a integração no local de destino, com destaque para dimensões do trabalho, habitação, lazer, sociabilidade e afetos (Erdal, 2013). O reconhecimento da natureza transnacional dos laços dos migrantes, incluindo o duplo sentido de pertença - 'aqui e lá' - foi fundamental para uma compreensão das estratégias de integração dos migrantes, visto que as lealdades e pertencas duplas integram as vidas imigrantes.

Contudo, é importante salientar que, indiferente da perspectiva utilizada na investigação, a comunicação, em geral e em particular, e a prática do idioma desempenha papel relevante e transversal em todo o processo de inserção, integração e incorporação do imigrante. Ao investigar o papel das redes sociais na manutenção e mudança do idioma de destino entre grupos migrantes nos Estados Unidos, Stoessel (2002) enfatiza que os migrantes se situam num contínuo que varia entre a manutenção da língua do país de procedência e a adoção da língua do país de acolhimento. Todavia, em termos do idioma, esse quesito se relaciona mais com impedimentos da inserção do imigrante no mercado de trabalho do que com a manutenção das suas raízes por questões identitárias, que acaba limitando a prática e a aprendizagem do idioma do país de acolhimento, representando entraves ao acesso do migrante a postos de trabalho compatíveis com melhores níveis de renda (Sá e Silva, 2016).

Neste espeto de restrição de utilização do idioma local, o migrante torna-se mais suscetível à discriminação e tem a sua condição de estrangeiro reforçada. Ainda, pode passar a sentir-se coibido a integrar de forma competitiva o mercado de trabalho. Assim, ocupando posições marginais e periféricas no diagrama de divisão internacional do trabalho e sem perspectivas de ascensão, as suas ocupações profissionais limitam-se a atividades marginais, seja relativamente à estrutura produtiva, seja no sentido criminoso. Essa importância do papel do idioma é identificada a partir das experiências de migrantes em vários países. Particularmente na Holanda, o trabalho de Schalk-Soekar, Breugelmans e Van De Vijver (2008) constata que os grupos de imigrantes que se comunicam com facilidade gozam de maior inserção social. O trabalho desses

autores identifica, ainda, dentre os principais grupos presentes no país, uma tendência dos nativos do Suriname e das Antilhas de se inserirem melhor na sociedade local que os marroquinos e os turcos, devido à familiaridade com a cultura e a língua local (Schalk-Soekar, Breugelmans e Van De Vijver, 2008).

Ainda sobre as dificuldades de integração do sujeito ao todo social, Merton (1938), Norton (2013) e Moreira (2014) afirmam a existência de uma relação direta entre o acesso dos migrantes a recursos simbólicos e materiais e o *status* social. Esta relação é importante para compreender o processo de construção da representação que os sujeitos têm de si e do seu entorno. Segundo Norton (2013), a percepção de si construída pelo sujeito está relacionada com os desejos por reconhecimento, pertencimento, estabilidade e segurança. Tais desejos, por sua vez, não podem ser separados da distribuição de recursos materiais existentes numa sociedade, reforçando assim a noção de que o acesso aos recursos materiais (bens de consumo) e simbólicos (língua, educação, amizades) são condições fundamentais para a integração do migrante na comunidade recetora. Assim, quanto maior o acesso do migrante aos recursos materiais e simbólicos, maior o acesso ao poder e aos privilégios.

Interessa-nos ressaltar que essas reflexões e análise da integração sob a lógica de grupos ou sujeitos (Entzinger e Biezeveld, 2003) apresentam contribuições importantes para um estudo sobre a integração de imigrantes brasileiros sob uma perspectiva que privilegia as experiências, as emoções vividas e as representações construídas por estes sujeitos sobre os processos de adaptação ou não ao país de destino. Uma investigação, portanto, sobre a sociabilidade desde sujeitos, suas afetividades, suas práticas quotidianas (trabalho, escola, lazer, compras) e suas representações sobre a adaptação e integração nas sociedades de origem e de destino torna-se importante.

1.3 As Redes Sociais: Um Olhar Sobre o Espaço

As ciências sociais têm feito um esforço para compreender a dinâmica cultural do fenómeno que nomeamos de desterritorialização. Neste sentido, a teoria transnacional - o transnacionalismo, nos estudos migratórios, constitui um importante esforço teórico. É, portanto, considerada uma perspectiva inovadora para a análise das migrações internacionais, ainda que o transnacionalismo não

seja compreendido teoricamente como um fenómeno novo, ainda que existam, na história das migrações, exemplos de transnacionalismo. Todavia, com o advento das novas tecnologias na área das telecomunicações e dos transportes, facilitando enormemente o deslocamento entre grandes distâncias e a comunicação através das fronteiras nacionais, este fenómeno ganhou um forte impulso.

Com isso, as práticas, as relações e os vínculos atuais de sociabilidades não são apenas mais intensos do que em épocas anteriores, mas também são afetados pela possibilidade de realização concomitantemente: “aqui e lá”. Nesse contexto, as tecnologias assumem um papel importante, com forte centralidade, na busca de compreender as migrações como um fenómeno transnacional. Segundo os estudiosos da área, um dos papéis das redes sociais virtuais na experiência migratória é aquele que, outorgando-lhe agência aos sujeitos, os proporciona serem relativizadores da distância física e geográfica entre os locais de destino e de origem dos migrantes (Bauman e Penchel, 1999; Castells, 2000), ou seja, as tecnologias permitem superar as distâncias e aproximar os lugares e as pessoas mais facilmente.

Esta (con)vivência transnacional entre os múltiplos pólos de relacionamento possibilita ao migrante uma experiência de viver simultaneamente entre um lugar e outro. Simultaneidade não no sentido de viver em um lugar ou outro, mas de se incidir como um pivô entre os lugares com os quais mantêm relação de ligação. Neste especto, é importante entender essa experiência de simultaneidade, de pertença a dois ou mais espaços, sem que a vinculação com um seja exclusiva do elo com o outro dos imigrantes. Segundo Togni (2015), no ambiente virtual existe um lugar mutuamente constituído, no qual tudo o que é realizado, vivido e sentido em um só lugar se realiza e também se desfaz no outro. Nesse sentido, enquanto no ambiente de destino o sujeito é um migrante, no ambiente de origem assume outros papéis e identidades. Assim se constitui uma migrante no ambiente de destino, embora seja esposa e mãe no ambiente de origem; ou um pai no destino, mas que também é filho na origem. Todos esses elementos e práticas indicam que não existe uma rutura radical entre o que os sujeitos são em um lugar e no outro; mas sim que desempenham múltiplos papéis em diferentes lugares simultaneamente. Logo, as noções de simultaneidade, de multiplicidade identitária e de interação entre diferentes

papéis sociais revelam que, mais do que abordar as ruturas radicais e ou pertenças particulares e exclusivas, necessitamos compreender as articulações: articulações que compõem a vida das pessoas que, imbricadas em distintos contextos socioculturais, lhes conferem uma maneira híbrida de viver, desenvolvendo vínculos, atividades e pertenças com todos os lugares inerentes às tarefas e vivências quotidianas.

Reside nesse íterim a importância das novas tecnologias para a compreensão dos processos de mobilidade humana na atualidade, uma vez que atuam tanto como canais facilitadores para que os futuros migrantes possam localizar amigos e parentes no exterior, dispostos a prestarem assistência ao seu projeto de mobilidade, quanto, e ao mesmo tempo, possibilitam que os migrantes mantenham fortes laços de afinidade e inserção com a comunidade de origem, independentemente da distância geográfica existente entre eles. Neste especto, destacamos as contribuições do trabalho de Boyd (1989) para uma melhor compreensão sobre as redes sociais como componentes fundamentais nas análises dos sistemas migratórios. Nas suas análises de redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade, a autora destaca que elas, além de possibilitarem a conexão entre migrantes e não migrantes no tempo e no espaço, apresentam contribuições importantes para uma autossustentação dos fluxos migratórios.

[...] Uma vez iniciados, os fluxos migratórios, frequentemente, tornam-se autossustentados, refletindo o estabelecimento de redes de informação, assistência e obrigações que se desenvolvem entre migrantes, na sociedade de destino, e amigos e parentes, nas áreas de origem. Essas redes ligam as populações dos países de origem e de destino e asseguram que os movimentos não sejam, necessariamente, sem direção ou limitados no tempo (Boyd, 1989, p. 641).

É importante ressaltar que essa conexão entre não-migrantes e migrantes no espaço e no tempo não se restringe apenas às redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade. Devemos, também, considerar, refletindo em suas funcionalidades, as redes sociais virtuais. Aqui o virtual não deve ser considerado na perspectiva de ser oposto do real, mas sim como “uma faceta do real”, que mesmo não estando presente na sua materialidade, tem uma existência concreta (Togni, 2015). Nesse sentido, analisar as redes sociais com

base na articulação dos dois conceitos semânticos - redes sociais e redes sociais virtuais - nos permite avançar teoricamente e conceitualmente nesse campo de investigação. Cumpre ressaltar aqui que as redes sociais devem ser entendidas enquanto abordagem teórica em alternativa de análise das migrações internacionais, que aparece em contraposição aos extremos da teoria neoclássica estrutural (Assis, 2003); e redes sociais virtuais enquanto importantes tecnologias e espaços que possibilitam observar e interpretar situações de comunicação e conexão, sendo, assim, produtoras de sociabilidades na mobilidade.

Acrescentamos, ainda, que a utilização dessa abordagem nos auxilia também na compreensão sobre como as redes pessoais possibilitam aos migrantes a construção do capital de ligação entre o lugar de origem e destino, lhes facilitando a mobilidade assim como no entendimento de como os media sociais contribuem para o estabelecimento de vínculos dos migrantes entre os lugares vividos.

É certo que as novas tecnologias têm desempenhado um papel basilar no aumento da intensidade dos movimentos e fluxos migratórios pelo tipo de práticas que motivam e capacitam os sujeitos. Práticas que possibilitam aos migrantes conservarem papéis significativos em suas comunidades de origem, assim como darem continuidade à sua vida social e familiar tanto no local de destino quanto na origem. Os migrantes têm, assim, a oportunidade de serem não apenas “migrantes conectados” (Diminescu, 2008), mas, sobretudo, “migrantes virtuais”. Nesta situação, a localidade física torna-se irrelevante para suas identidades na medida em que prosseguem participando das várias dimensões da vida que ocorrem em suas comunidades de origem, independentemente de onde eles vivem ou das pessoas com quem mantêm relações.

As novas tecnologias permitem, assim, que os migrantes conservem contactos frequentes tanto com o lugar de origem, quanto com as comunidades virtuais, o que nos possibilita pensar em impactos significativos nos processos de migração. Todavia, ainda é precoce avaliar esses impactos dos media sociais no processo de mobilidade, considerando o conjunto de outros fatores adicionais que necessitam ser incorporados numa avaliação, a exemplo do tempo de permanência do migrante na sociedade de acolhimento, razões para a saída da

sociedade de origem, compromisso de permanecer na sociedade anfitriã, movimento subsequente em novas localidades, dentre outros. A despeito disso, algumas questões podem e devem ser colocadas neste debate. De entre elas, pode-se indagar, por exemplo: o forte apoio emocional de uma comunidade proporcionado pelos media sociais diminuiria a motivação dos migrantes na realização de contactos sociais na sociedade na qual chegaram recentemente? O acesso aos media sociais torna mais fácil para os migrantes mudarem de um país para outro, na medida em que podem “transportar” a sua comunidade de amigos com eles, ao mesmo tempo que proporcionam um acesso mais fácil a informações antecipadas sobre novos locais? Ou, ainda: caso decidam retornar para o local de origem, será mais fácil para os migrantes se reintegrarem na sua sociedade, em termos de interação social e participação?

São questões que orientam um olhar transnacional para as redes sociais virtuais nos contextos migratórios, e nos estimulam a inserir nas nossas análises a dimensão do local de origem do migrante e o elo que ele mantém com este lugar, de maneira a compreendermos o processo de integração do migrante na sociedade de destino. Sob essa perspectiva de análise, os estudos sobre a mobilidade migrante contemporânea podem contribuir para suplantando algumas das limitações decorrentes da utilização de modelos lineares, como as teorias bipolares, com tendências explicativas de assimilação próprias do nacionalismo metodológico (Wimmer e Glick Schiller, 2002). E, nesse aspeto, o carácter relacional das vivências dos sujeitos migrantes torna-se um dos pontos fortes da perspectiva transnacional na medida em que nos estimula a romper com uma lógica linear na compreensão dos processos de migração e, ainda, a abordar as múltiplas ligações e continuidade das experiências de vida dos sujeitos migrantes (Togni, 2015).

Nessa esteira, podemos destacar o trabalho de Komito (2011) que, ao analisar a importância da Internet como ferramenta de investigação no contexto dos estudos sobre transnacionalismo, sobretudo as redes sociais virtuais, nos adverte a respeito da importância de reflexões sobre como as novas tecnologias têm provocado o surgimento de identidades transnacionais, isto é, como os sujeitos se consideram membros de um grupo nacional ou étnico, não obstante não viverem nas áreas geográficas associadas a essas nações ou etnias. O transnacionalismo emerge, assim, como um novo fator a ser considerado nos

processos de integração, assimilação e/ou diversidade nas sociedades de acolhimento, principalmente quando as novas tecnologias possibilitam aos migrantes expressarem seu compromisso com a sociedade de origem utilizando *websites*, listas de discussão, grupos de apoio, mídia digital e redes sociais de longa distância (Hiller e Franz, 2004). Cabe, ainda, destacar a originalidade do trabalho de Komito (2011) que, se apropriando do conceito de capital social⁶ (Bourdieu, 1996; Putnam, 2000), analisa os benefícios das redes sociais aos sujeitos em mobilidade utilizando a noção de “capital de rede”, definido como a “capacidade de engendrar e sustentar relações sociais com sujeitos que não são necessariamente próximos, que geram benefícios emocionais, financeiros e práticos” (Larsen & Urry, 2008 como referido em Komito 2011, p. 93).

Consideramos, assim, que investigar os elementos e as práticas dos migrantes pode contribuir para elucidar processos de permanências e ruturas vivenciados por sujeitos que estão num lugar e ainda permanecem vinculados a outro, exercendo simultaneamente múltiplos papéis em diferentes lugares. Essas noções de simultaneidade, de multiplicidade identitária e de interação entre diferentes papéis sociais nos revelam que, mais do que as ruturas radicais ou pertencas particulares e exclusivas em estudos sobre vidas imigrantes, a compreensão do papel das redes sociais nos possibilita abordar as articulações. Articulações estas que formam os sujeitos migrantes, imbricados em diferentes contextos socioculturais, que os conformam de maneira híbrida, no desenvolvimento de vínculos, atividades, afetos e pertencas em todos os espaços que integram os seus lugares e afetos quotidianos.

⁶ O capital social pode ser definido como os valores, instituições, as normas e relacionamentos compartilhados que possibilitam a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Dessa maneira, são dependentes da interação entre, pelo menos, dois sujeitos. Neste aspeto, torna-se evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, que passa a ser definido como um recurso da comunidade construído pelas suas redes de relações. Ver: Marteleto, R. M., & Silva, A. B. D. O. (2004). Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ciência da informação*, 33(3), p. 41-49.

CAPÍTULO II - O PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

E o geógrafo, tendo aberto seu caderno, apontou o lápis.
Anotam-se primeiro a lápis as narrações dos exploradores.
Espera-se, para anotar a caneta, que o explorador tenha trazido
provas (*O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exúpery).

Na presente pesquisa procuramos refletir analiticamente como um grupo de imigrantes brasileiros constrói o sentido de lugar nas cidades de Lisboa (Portugal) e Los Angeles (Estados Unidos). Trata-se de um trabalho estabelecido no campo da Geografia Humana-Cultural e idealizado dentro de uma matriz de investigação qualitativa, no qual vários fatores guiaram o seu percurso em termos metodológicos. Neste capítulo apresentamos as concepções e pressupostos que orientaram os questionamentos ontológicos, metodológicos e epistemológicos da pesquisa, assim como o contexto da investigação, a seleção dos sujeitos participantes e os procedimentos técnicos utilizados para a recolha e análise dos dados da pesquisa.

O propósito de analisar as experiências, vivências e representações de imigrantes brasileiros que vivem em Lisboa e Los Angeles emergiu do entendimento de que os imigrantes são co-habitantes ativos de um lugar, e que os seus processos de adaptação às condições de vida locais, as suas trajetórias de integração e de (re)construção dos territórios onde vivem envolvem processos de aprendizagens, realizados a partir de diálogos, troca de saberes, cooperação e conflitos, sempre compartilhados com outros grupos sociais ou étnicos num espaço geográfico. É, portanto, sob essa perspectiva que buscamos compreender o território enquanto espaço vivido e a (re) construção do significado de lugar para esses sujeitos sociais.

A compreensão construída a partir de uma análise comparada das realidades e vivências dos imigrantes brasileiros em duas cidades com características tão distintas como Los Angeles e Lisboa, e em articulação com a técnica das representações (mapas mentais), favorece o desenvolvimento de estratégias metodológicas significantes para apreender como os contextos sociais - a língua, as características urbanas (mobilidade, paisagens), as políticas migratórias e as relações com outros grupos sociais presentes nestes

espaços - influenciam os significados de lugar, as trajetórias e a integração desses imigrantes.

Pretendemos, assim, aprofundar o conhecimento sobre a migração internacional como objeto de estudo, e recorrer às inovações metodológicas que têm contribuído para uma compreensão desse fenômeno social na sua amplitude e complexidade, com o necessário rigor metodológico que caracteriza o conhecimento produzido nesse campo.

É importante destacar que, sendo a migração um fenômeno complexo e que envolve uma infinidade de fatores difíceis de demarcação (políticos, sociais, econômicos), um dos desafios enfrentados pelo nosso campo de estudo na atualidade é a necessidade de uma renovação dos métodos de investigação e dos procedimentos de análises que usualmente se empregam. Foi a partir dessa perspectiva que na presente investigação recorremos a uma conjugação de procedimentos metodológicos por meio dos quais, situados num paradigma de pesquisa qualitativo, buscamos contribuir para a consolidação de estudos da geografia das migrações internacionais através de uma ótica que considere os significados atribuídos pelos migrantes às suas experiências e vivências no processo migratório.

2.1 A Pesquisa Qualitativa: Contribuição para o Estudo das Migrações

Inicialmente, gostaríamos de salientar a importância de uma reflexão sobre os fundamentos da concepção que orientou a nossa prática científica, explicitando os motivos da opção por um paradigma qualitativo como elemento norteador do processo da pesquisa. Essa configuração de pesquisa, conforme nos alerta Moreira (2007, p. 18), é de vital importância para uma investigação e sua construção paradigmática, pois “sem um paradigma uma ciência não teria orientações e critérios”. O paradigma deve ser compreendido na perspectiva de Bourdieu, que afirma que “é o equivalente de uma linguagem ou de uma cultura: determina as questões que podem ser formuladas e as que devem ser excluídas” (Bourdieu, 2004, p. 29).

Assim é que, considerando que a existência de um campo epistemológico que possibilita diversas opções diante de um determinado objeto de estudo

científico, nesta investigação procuramos privilegiar uma análise do fenómeno da migração sob uma perspectiva que se quer:

(...) histórica e sociológica, que não visa de modo algum relativizar o conhecimento científico conformando-o ou reduzindo-o às suas condições históricas, portanto às circunstâncias localizadas e datadas, mas que pretende, muito pelo contrário, fazer com que os cientistas compreendam melhor os mecanismos sociais que orientam a prática científica (Bourdieu, 2004, p. 9).

Se o que propomos conhecer com a investigação são os significados, as construções pessoais e culturais que os imigrantes brasileiros atribuem à sua realidade no contexto da migração, consideramos ser pertinente a utilização de uma abordagem metodológica de pesquisa qualitativa, tendo em vista que, em seus princípios, este modelo admite a existência de realidades múltiplas, com diferenças entre si que não podem resolver-se através de processos racionais ou aumentando os tamanhos amostrais (Erlandson, Harris, Skipper e Allen 1993). Sob essa perspectiva, a realidade do quotidiano de vida dos imigrantes brasileiros é reconhecida como “um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam” (Pais, 2002, p. 76).

Todavia, assumir essa opção metodológica não significou afirmar uma superioridade intrínseca da abordagem qualitativa em relação ao enfoque quantitativo da investigação em Migrações. O nosso entendimento é que, apesar de distintas, são abordagens que, quando utilizadas de maneira complementar, favorecem uma melhor compreensão sobre os fenómenos em estudo. Em relação às especificidades dessas abordagens, entendemos que existem questões que são melhor elucidadas através dos métodos quantitativos, na medida em que permitem amostras mais amplas e representativas. Por outro lado, também temos realidades e objetos singulares de estudos que exigem mais do que uma avaliação do fenómeno: exigem também sua compreensão em profundidade. Ou seja, enquanto a investigação quantitativa procura as generalizações do fenómeno em estudo, a investigação qualitativa interessa-se pelas suas particularidades, buscando compreender mais em sua profundidade que em sua extensão. Nessa busca por uma compreensão em profundidade,

além do carácter descritivo do objeto de estudo, a abordagem da pesquisa qualitativa também favorece uma inserção do pesquisador na realidade social estudada, contribuindo para a sua aproximação com a complexidade do fenómeno da migração internacional. Além disso, o carácter localizado e contextual da investigação exige do investigador um contacto direto com o processo migratório no terreno, realizando um exame detalhado e microscópico dos dados. E ainda, pelo seu carácter flexível e contextual, uma investigação qualitativa também possibilita identificar os processos emergentes no campo de estudo, que contribuem para repensar velhas noções conceptuais e orientar novas investigações.

Assim, decorrente do carácter ontológico e epistemológico da investigação, a opção por uma abordagem qualitativa de pesquisa foi consequência, entre outros aspetos, do propósito de uma compreensão dos processos subjetivos vivenciados pelos imigrantes brasileiros, com o desejo “de entender os significados construídos por eles a partir da leitura do contexto sociocultural das suas atividades quotidianas” (Miguel, 2012, p. 2). Sob essa lógica, a pesquisa qualitativa permite a construção de um conhecimento sobre essa realidade que “não é determinístico (...), mas é um conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local” (Santos, 1996, p. 48). É necessário acrescentar, ainda, que nessa abordagem existe o reconhecimento “de que a linguagem é, ao mesmo tempo, condição para a construção do mundo social e caminho para compreendê-lo” (Moita Lopes, 1994, p. 334).

Fundamentada nos princípios do construtivismo e interpretacionismo, como a maioria dos paradigmas que abrigam os métodos qualitativos, a investigação qualitativa apresenta um carácter flexível e contextual. Assim, na perspectiva construtivista, compreende-se que não existe uma realidade única, mas múltiplas realidades, socialmente construídas através das interações sociais. Daí o conhecimento científico, enquanto construção social, ser considerado produto das interações entre os sujeitos contextualmente situados e o investigador, que se relacionam em um processo no qual se modificam e influenciam-se mutuamente.

Na perspectiva do interpretacionismo, por sua vez, afirma-se que, para a construção do conhecimento científico, é necessário que o investigador recupere

o ponto de vista, o olhar dos sujeitos, assim como do próprio entorno social. Assim, a partir dessas posturas epistemológicas, o sujeito cognoscente e o objeto de estudo são interdependentes e inseparáveis numa dinâmica na qual ambos se conhecem e influenciam mutuamente o processo de interação que sustenta a investigação. Foram essas relações que, por sua vez, nos possibilitaram produzir sentido aos questionamentos dos dados obtidos ao longo do percurso empírico, que procurou compreender como os imigrantes brasileiros constroem o sentido de lugar nas cidades de Lisboa e Los Angeles e, ainda, como interpretam uma série de acontecimentos que envolvem aspectos económicos, culturais e afetivos da experiência migratória.

Como esta pesquisa se desdobrou no campo Ciências Sociais, isto significa afirmar que o aporte epistemológico da investigação esteve ancorado na sua própria ambivalência e nos riscos de uma atividade crítica que envolvem o trabalho de produção do conhecimento científico. Assumir a investigação sob este paradigma não significou um menosprezo da busca pela confiabilidade e/ou pelo rigor científico; ao contrário, a pesquisa de matriz qualitativa, ao proclamar um método que se fundamenta em dados sensíveis e flexíveis do contexto, demanda do investigador uma reflexão que seja capaz de articular as dimensões filosóficas, éticas e epistemológicas do trabalho científico (Pulita, 2016).

Enfim, o que interessa destacar no âmbito destas reflexões é que, devido à problemática do estudo proposta, esta investigação não pretendeu abordar o fenómeno da migração numa visão numérica e/ou estatística. A nossa perspetiva foi desvelar, no âmbito de um estudo sobre migração, os planos de vida, conflitos, vivências, significados, representações, entre outros aspetos relacionados com a migração e ao lugar na perspetiva de migrantes brasileiros. Trata-se, portanto, de um trabalho de produção de inteligibilidades sobre as perceções dos desejos humanos, que devem ser interpretados a partir dos significados que as pessoas lhes conferem.

Nesse sentido, uma vez que foi delimitado o viés do pensamento científico através da escolha paradigmática que orientou a investigação, apresentamos a questão norteadora desta tese: como um grupo de imigrantes percebem, vivenciam e representam os seus espaços de vida e como constroem o sentido de lugar nas cidades de Lisboa e Los Angeles?

Para lhe responder, procuramos explorar a identificação deste grupo com o habitar nessas cidades, as suas relações interpessoais e o trabalho, assim como os vínculos com o país de origem e as suas intenções de ficar. A partir dessas observações, tornar-se-ia possível avaliar em que medida as apreciações, percepções e identificações desses sujeitos influenciavam a sua própria compreensão dos processos de migração, fixação e adaptação. Com esta proposta, este estudo procurou aprofundar o conhecimento e a compreensão sobre o processo de mobilidade dos brasileiros, procurando entender as conexões entre os imaginários e as experiências desses sujeitos em Portugal e/ou Estados Unidos da América.

2.2 Procedimentos Técnicos de Recolha dos Dados

Para a realização dos propósitos da pesquisa, a recolha dos dados da investigação envolveu, na fase sistemática do trabalho de campo, a utilização conjugada dos procedimentos técnicos de entrevistas, observação, análise de dados de fontes secundárias e mapas mentais. Para a análise das informações obtidas com esses procedimentos, recorremos ao Método de Análise de Conteúdo de Bardin (1997).

A escolha dessas ferramentas foi motivada, dentre outros fatores, pelo desafio de desenvolver, no contexto dos estudos sobre Migrações, a utilização de abordagens metodológicas que contribuam para ampliar a compreensão sobre os espaços vividos pelos sujeitos que migram. Ao associar esses instrumentos analíticos - narrativas e representações mentais, o objetivo foi explorar as dimensões subjetivas e simbólicas que integram e sustentam os processos migratórios. Nesse aspeto, se por um lado aceder às narrativas dos migrantes e às emoções associadas aos lugares que formam parte de suas trajetórias nos possibilitaram conhecer as suas experiências e os seus imaginários sobre os lugares vividos, por outro, a análise das representações desses lugares permitiram-nos compreender as suas relações com a realidade social.

É importante destacar que, ao utilizar os mapas mentais como estratégia para identificar representações do lugar e da imaginação espacial, o que procurámos foi captar não apenas informações sobre os lugares, mas também

sobre as identidades e os comportamentos territoriais e individuais dos imigrantes, de forma que fosse possível obter mais elementos e informações sobre as suas trajetórias. Isso porque, conforme destaca Guitart e Mendoza (2008), os mapas mentais não só representam um processo de redução do espaço, que permite a decomposição da cidade e/ou quaisquer outros esquemas de território, como também são recursos para construir as realidades territoriais vivenciadas e para interpretar contextos económicos, sociais, culturais, políticos e/ou individuais das vivências (Ley, 2000).

Enquanto representação, os mapas mentais emergem primeiramente em forma de desenhos. Quando o sujeito desenha, ele expressa uma visão, um raciocínio, uma lógica. Sobre esse ponto de vista, segundo Santos (1996), podemos entender que trabalhar com desenhos é trabalhar com novas formas de perceber, compreender a realidade e verificar-comprovar as próprias ideias. Ainda nesse sentido, Machado refere que:

“A pesquisa convencional não fornece descrições da experiência, porque separa pessoa mundo; pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e mundo estão engajados em um processo que implica fenómenos perceptivos e não podem ser estudados como evento isolável da vida cotidiana das pessoas. É, portanto, o homem que percebe e vivência as paisagens atribuindo a elas significados e valores “(Machado, 1996, p. 98).

É sob essa ótica que, na presente pesquisa, utilizamos as representações mentais de maneira a compreender o mundo a partir do olhar daqueles que nele vivem. Ou seja, procuramos entender a partir dos seus desenhos como estes imigrantes compreendem (representam, imaginam, vivenciam) o lugar onde habitam e se existe ou não uma integração-pertença desses sujeitos com os locais de destino.

Deve referir-se que o uso dos mapas mentais enquanto recurso metodológico teve algumas limitações no campo empírico da investigação. Identificámos que, no primeiro contacto com os potenciais sujeitos de investigação, quando fazíamos referência aos desenhos que viriam a ser feitos por eles, muitos respondiam que não sabiam desenhar, ou que desenhar era uma coisa que eles tinham aprendido. Dessa forma, procurámos tranquilizar todos os participantes, informando-os que seria algo simples de fazer.

Já a utilização da entrevista semiestruturada como procedimento técnico

da investigação assumiu uma postura metodológica firmada na interação entre investigadora e participantes, a partir de relações baseadas na confiança mútua. Desde tempos longínquos, a entrevista constitui um dos instrumentos mais comuns e potentes para a compreensão da atividade humana (Fontana e Frey, 1994). É um procedimento que nos permite ter acesso ao pensamento experiencial do sujeito, aos significados atribuídos por ele às suas experiências, à sua avaliação sobre os processos e modos de atuação, assim como nos possibilita aceder aos contextos vividos e nos quais se desenrolaram as ações, fornecendo, assim, informações contextualizadas e avaliadas sobre o objeto da investigação. Conforme assinala Duarte (2004),

“Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados” (Duarte, 2004, p. 214).

Nesse sentido, uma das principais vantagens da entrevista, como instrumento de recolha de dados, consiste em fazer uso “dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 193), permitindo ao investigador atuar no próprio processo de recolha de dados, aprofundando este ou aquele tema, ajustando linhas de rumo, e/ou, ainda, dependendo do tipo de entrevista, desbravar novas perspectivas identificadas na interação. Esse potencial metodológico da entrevista tem como contraponto, por sua vez, um certo número de obstáculos na sua condução. Neste aspeto, Fontana e Frey (1994, p. 361) advertem que a arte de “formular questões e obter respostas é mais dura do que pode parecer à primeira vista”, o que exige do investigador um rigoroso trabalho tanto em relação à planificação como à sua realização.

Também é importante lembrar que, do conjunto do material que nos foi oferecido generosamente pelas pessoas entrevistadas, só nos interessou aquilo

que estava relacionado diretamente com os objetivos da nossa investigação, sendo isto o que constituiu objeto de leitura (Queiroz, 1988). Ou seja, o objeto de análise não é tudo o que é proferido pelo entrevistado, nem tudo o que foi falado é importante só por ter sido dito. Entrevistas bem executadas, com um número apropriado de entrevistados, proporcionam uma enorme “massa” de informações. Porém, “muito do que nos é dito é profundamente subjetivo, pois trata-se do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis” (Duarte 2004 p.219). Assim, adotar depoimentos como fonte de investigação representa retirar daquilo que é pessoal e subjetivo neles algo que nos possibilita refletir a dimensão coletiva, isto é, que nos consente entender os nexos das relações que se constituem (constituíram) no seio dos grupos sociais num determinado lugar e tempo dos quais o entrevistado participa (participou).

Em função dos propósitos das investigações, existem diferentes modalidades de entrevistas, que variam segundo o grau da sua estruturação, ou seja, entrevista estruturada, semiestruturada e não estruturada (Fontana e Frey, 1994). A entrevista estruturada apresenta um conjunto preestabelecido de questões, em que o entrevistador formula um conjunto de perguntas com alguma ordem e que têm um número restrito de categorias de resposta. A entrevista não estruturada, por sua vez, é a que mais se aproxima da conversa natural, a partir de tópicos gerais, estabelecidos pelo investigador que depois evoluem no decurso da conversa. Já a entrevista semiestruturada mescla características das duas precedentes, isto é, embora tendo um roteiro de questões preestabelecidas, o instrumento é suficientemente maleável para modificar a ordem das questões, eliminar e/ou incluir outras, considerando as informações que emergem no decorrer da conversa. Contrariamente à entrevista estruturada, não apresenta uma limitação em relação às respostas dos entrevistados, que têm grande liberdade para se expressarem. Esta característica também é destacada por Lüdke e André (1986, p.33-34), quando declaram que “nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista”. Tendo, como referência essas orientações metodológicas, utilizamos neste

estudo a modalidade da entrevista semi-estruturada.

Após o término da recolha das informações, teve início o processo de análise desses dados, que foi a fase fundamental da pesquisa. Especificamente, na abordagem da investigação qualitativa, o processo de análise dos dados exige uma série de procedimentos que visam a segmentação das informações a partir da identificação de padrões e de temas que, face à primeira impressão de um ambiente caótico, exige investimento, rigor e criatividade do pesquisador. Sobre esse aspeto, Amado e Crusoé (2000) ressaltam que a análise de dados qualitativos é um processo criativo. E que, apesar de não existirem fórmulas como na Estatística, é um processo que exige seriedade intelectual, boa memória, e muita paciência para as revisões constantes, pois, “embora rigoroso, não deixa de ser de tentativa e erro e que implica um envolvimento criativo com o tema da investigação” (Amado e Crusoé, 2000, p. 57). Trata-se de um trabalho intenso que, frente ao volume dos dados produzidos numa investigação de natureza qualitativa, exige do pesquisador a criação de sistemas de categorias formais. Este processo de descoberta de categorias, padrões e temas é um processo criativo que implica fazer julgamentos cuidadosos sobre o que é verdadeiramente significativo e significativo nos dados e que exige um diálogo constante com a literatura e com os aportes teóricos que sustentam o objeto de estudo.

Assim, analisar os dados qualitativos significou “trabalhar” todo o material recolhido por meio dos registros, transcrições das entrevistas, análises dos mapas mentais e dos documentos obtidos durante a investigação. Este trabalho, na sua fase mais sistemática e formal, consistiu na organização e análise de todas as informações obtidas através das fontes documentais e entrevistas, visando tanto a caracterização dos brasileiros residentes em Lisboa e Los Angeles, e das suas trajetórias de migração, como a descrição e análise de como este grupo de imigrantes brasileiros percebe, vivencia e representa o seu espaço vivido, bem como constrói o sentido de lugar nas cidades de Lisboa e Los Angeles.

Apesar da análise e da interpretação dos dados serem processos próximos, e que muitas vezes se mesclam no trabalho de investigação, são processos conceptualmente diferentes. Enquanto a análise constitui o processo que introduziu ordem nos dados, organizando-os, procurando padrões e

definindo categorias e unidades descritivas básicas, a interpretação envolveu a atribuição de sentidos e significados à análise realizada, procurando estabelecer relações entre as categorias criadas, e tornando-se, assim, um processo de (re)construção e síntese.

Desse modo, entendemos que os textos das entrevistas, como bases de informação, constituem dados insuficientes por si só para evidenciarmos as conclusões de um estudo. Eles têm que ser analisados, ou seja, estruturados e organizados, de maneira a poderem refletir a sua relevância e possibilitar a construção de significados pertinentes para o fenômeno investigado (Amado e Crusoé, 2000). É neste contexto que se tornam compreensíveis as orientações de Erickson (1986), quando afirma que é somente na fase de análise dos materiais obtidos que se pode falar de dados de investigação, posto que a totalidade do material reunido a partir do trabalho empírico, em si, não constitui, um conjunto de dados, mas sim, uma fonte de dados.

2.3 Os Contornos da Pesquisa de Campo

No âmbito da Geografia das Migrações, a pesquisa de campo revela-se um caminho imprescindível para a compreensão do fenômeno em estudo na sua totalidade. Todavia, é um caminho que, por si só, não é suficiente. Sobre esse aspecto, Lacoste (2017) destaca a necessidade de o trabalho de campo, para não se limitar a uma simples empiria, ser bem articulada à dimensão teórica da investigação, alertando para que:

“O trabalho de campo, para não ser somente empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas” (Lacoste, 2017, p. 91).

Essa busca de articulação constante pelo pesquisador dos dados empíricos e dos referenciais teóricos do estudo é o que permite uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado. E, nesse sentido, Silva (1998), ao analisar essa etapa do trabalho científico, afirma que a presença do investigador no terreno insere neste uma série de novas relações sociais.

Conforme se vai desenrolando, o trabalho de campo vai não somente reorganizando as relações entre observados e observador, como vai também recompondo, em certa medida, o próprio tecido social em análise. Assim, além de uma melhor compreensão do fenómeno estudado, a pesquisa de campo também permite que o investigador desenvolva novas relações com os sujeitos da pesquisa, onde as relações de amizade e de confiança estabelecidas se tornam aspetos importantes para compreender melhor a realidade vivenciada pelos imigrantes que, por sua vez, tendem a reforçar a necessidade de um aporte teórico mais consistente e, ainda, reformulações e adequações das questões de investigação.

Na realização da nossa pesquisa de campo, as atividades da fase sistemática de recolha das informações – que envolveram definição da amostra do estudo, aplicação de entrevistas e realização dos mapas mentais – foram precedidas por uma fase de natureza exploratória que constou da observação direta, participativa e continuada dos imigrantes brasileiros que vivem nas cidades de Lisboa e Los Angeles.

A observação direta, participante e continuada constituiu um procedimento importante na pesquisa de campo, envolvendo “passeios” pelos lugares onde frequentemente era possível encontrar brasileiros; conversas informais com a população nativa, leitura de jornais e revistas; enfim, estratégias que foram importantes para um melhor conhecimento da realidade social das cidades observadas e para uma convivência com a comunidade brasileira, principalmente em Los Angeles. Nesse processo de observação direta foi possível identificar e, sobretudo, realizar uma aproximação com os sujeitos da nossa pesquisa. Assim, recorrendo às orientações de Marconi e Lakatos (2003), foram realizados vários contactos, encontros e diálogos, com o objetivo de conhecer e ganhar a confiança do grupo de brasileiros e, ao mesmo tempo, explicitar os contornos da investigação, de maneira que os possíveis sujeitos da pesquisa compreendessem a relevância e os objetivos do estudo. Esses encontros, de natureza espontânea, possibilitaram o estabelecimento paulatino de um clima de confiança. Eles foram realizados em espaços diversos, como cafés, praças públicas, residências, *shoppings*, igrejas, salões de cabeleireiro e, em menor quantidade, em locais de trabalho dos sujeitos.

É importante salientar que, ao longo de todo esse processo, a minha

condição de pesquisadora brasileira foi muito importante, tanto para facilitar uma identificação com os sujeitos da investigação, como para desenvolver uma melhor compreensão sobre as questões vivenciadas por eles nas realidades em estudo. Nesse aspeto, a identificação dos motivos que levaram os brasileiros a saírem do Brasil, dos processos de inserção deles num novo país e as relações de solidariedade estabelecidas nesse novo contexto orientaram a produção de um conhecimento que, construído de maneira articulada com o suporte teórico, também contou com elementos importantes como as trajetórias, certezas e incertezas vivenciadas por mim em países (des)conhecidos, ou seja, na condição compartilhada de ser imigrante.

Dessa maneira, ao falar sobre esses imigrantes brasileiros, mesmo que indiretamente, tenho consciência que também expressei elementos da minha própria trajetória. Todavia, a “localização social” (Mahler e Pessar, 2001) e as geografias de poder permeadas por género norteiam os imaginários e as experiências de mobilidade. É neste sentido que acredito que, por viver em Lisboa há 12 anos, a minha experiência enquanto imigrante e os trajetos por mim percorridos tanto se aproximam quanto se diferenciam desses sujeitos da pesquisa (Togni, 2015).

Enfim, interessa destacar que o conjunto das observações, os contactos e as interações realizadas nessa fase preliminar do trabalho empírico contribuíram significativamente para potencializar o roteiro das entrevistas, favorecendo a criação de uma maior empatia com os entrevistados e, sobretudo, o desenvolvimento de uma atitude antropológica da nossa parte. Conforme Carl Rogers e Stevens, “(...) A eficácia na utilização da técnica da entrevista em profundidade não só depende do domínio da metodologia em que se insere, mas também exige uma atitude ‘antropológica’ do entrevistador. A empatia é fundamental na entrevista” (Rogers e Stevens, 1987, p. 47 como referido em Araújo 2014, p.39).

No desenvolvimento dessa atitude antropológica, os autores destacam a necessidade de atentarmos para outras duas condições essenciais: a primeira, de ordem ética, pode ser resumida numa atitude básica de compreensão que, mais que um simples envolvimento, significa uma capacidade de estar disponível para o outro, ou de o olhar de um modo diferente; a segunda, de carácter cognitivo, refere-se ao estabelecimento pelo investigador de um conhecimento

do meio onde ele realiza o trabalho de campo, com um olhar crítico sobre essa realidade. Considerando essas condições, é possível afirmar que nada substitui o contacto do pesquisador com “o outro” (o real), de preferência sem a mediação de entrevistadores recrutados, porque é através dessa experiência vivenciada que ele poderá situar o conteúdo transcrito de cada entrevista.

A partir dessas orientações, o processo de recolha de dados na sua fase mais sistemática foi realizado no período de dezembro de 2013 a junho de 2015. Especificamente, os primeiros contactos e entrevistas com os imigrantes brasileiros residentes em Los Angeles foram realizados no período de dezembro de 2013 a julho de 2014. Em Lisboa, os primeiros contactos e entrevistas com os imigrantes brasileiros residentes foram realizados no período de dezembro de 2014 a junho de 2015.

Na seleção da amostra, tendo em vista os propósitos da investigação, utilizamos a representatividade qualitativa dos sujeitos, usualmente designada como amostra intencional. Trata-se de uma escolha deliberada, intencional, que ocorre em função da relevância que os sujeitos apresentam em relação ao tema do estudo. Segundo Thiollent (1986), a importância social desses grupos representativos pode ser maior que a representatividade estatística numérica, principalmente quando se quer apreender a representação sociológica dos sujeitos.

Apoiando-nos nas orientações de Guerra (2006), procurámos garantir na constituição da amostra critérios que nos permitissem apreender o máximo possível de informações sobre o fenómeno em estudo. Assim, foram definidos como critérios para a inclusão dos sujeitos na pesquisa: brasileiros imigrantes em Lisboa e Los Angeles, que aceitaram participar do estudo, cuja idade mínima era dezoito (18) anos, e que viviam nas cidades de Lisboa ou de Los Angeles há mais de 1 (um) ano.

Para a constituição da amostra, recorremos à técnica denominada “*snowball sampling*”, usualmente traduzida como “bola de neve”, e que pressupõe a existência de uma ligação entre os membros da população pelas características de interesses e de uma capacidade de identificar outros membros que possam integrar a amostra de estudo. Assim, os primeiros participantes recomendam novos sujeitos que, por sua vez, indicam outros conhecidos da sua rede de amigos e assim continuamente, até que é atingido o “ponto de

saturação”, ou seja, quando os novos entrevistados começam a repetir os conteúdos já alcançados em entrevistas anteriores, sem adicionar novas informações importantes à pesquisa (Wha, 1994).

Essa técnica tem por vantagem ser um procedimento económico, simples, e que pode ser realizada com amostras populacionais de difícil acesso. Apesar de necessitar de planeamento prévio, é um procedimento que envolve poucos recursos humanos, uma vez que os próprios entrevistados constituem a mão de obra. Porém, a bola de neve, como toda a técnica não probabilística, não assegura saber o grau de precisão nem a representatividade. Esta técnica é muito sensível ao enviesamento da amostra. Visto que os participantes na investigação são alcançados pelo convite de outros sujeitos, que partilham certos atributos comuns ao estudo. Dessa forma, a desvantagem desse método provém da ausência de controle sobre como se formou a amostra, já que está nas mãos dos próprios entrevistados o critério para escolher os sujeitos. De tal maneira que, às vezes, a amostra constituída é suficientemente diversa e/ou a dimensão da amostra é incontrolada, na medida em que a técnica não permite definir com exatidão o tamanho adequado. Entretanto, torna-se necessário destacar que essa técnica, muitas vezes, é a única possível quando nos dirigimos a grupos pequenos nos quais não é possível obter um quadro amostral.

Com base nos princípios orientadores desta técnica, o ponto de partida da constituição da amostra do nosso estudo foi constituído por alguns imigrantes conhecidos previamente pela pesquisadora, durante as vivências nas cidades de Lisboa e Los Angeles. Nesse processo, no fim da entrevista, era solicitado ao sujeito que indicasse a natureza da relação existente com os outros brasileiros residentes na cidade em estudo. A totalidade dos entrevistados, sem exceção, caracterizou a relação existente como sendo de amizade. Na sequência, era solicitada a indicação e o contacto de um desses sujeitos. Essa estratégia foi muito importante para o sucesso da composição da amostra, considerando que o nome da pessoa que recomendou o sujeito era utilizado na hora de estabelecer o contacto, o que favorecia um certo sentimento de confiança na disponibilidade para participar no estudo, assim como na dinâmica de abordagem desses novos entrevistados.

Enfim, a amostra do estudo foi constituída por trinta e dois (32) imigrantes brasileiros, sendo deste total um número de dezasseis (16) brasileiros que viviam

na cidade de Los Angeles, e dezasseis (16) brasileiros residentes na cidade de Lisboa. No conjunto, são sujeitos oriundos de diferentes regiões brasileiras, com idades que variavam entre 27 e 53 anos e, na sua maioria (60%), do sexo feminino.

Moser (2001) afirma que o tamanho da amostra depende da consideração de vários fatores, incluindo: o número de entrevistas por participante, a natureza do tópico, a quantidade de informações úteis obtidas de cada participante, a qualidade dos dados, o uso de dados secundários, o objetivo da investigação, e o método qualitativo e o desenho do estudo utilizados. Entendemos que estabelecer o tamanho da amostra numa tese de doutoramento é uma questão pragmática e que não existe uma maneira exata de determinar o tamanho da amostra na pesquisa qualitativa, nem uma resposta "certa"⁷. Nesse sentido, no presente estudo, para determinarmos o tamanho da amostra considerámos duas dimensões-chave: a abrangência e a profundidade da investigação. Nesse processo foi importante a orientação de Rola Ajjawi⁸, para quem num estudo fenomenológico, que exige grande envolvimento do pesquisador com os participantes, o número de sujeitos é muito menor do que num estudo de teoria fundamentada nos dados (Grounded Theory) que pretenda obter, de cada entrevistado, uma só resposta para uma única pergunta.

Ainda sobre a amostra, especificamente em relação ao conceito de saturação usado corriqueiramente em pesquisas qualitativas enquanto "marcador de adequação da amostragem", foram inspiradoras as questões colocadas por Rola Ajjawi: é possível alcançar a saturação em pesquisas qualitativas? Será que a próxima pessoa que for entrevistada não pode contar uma experiência muito diferente? Será que uma análise mais profunda não poderia identificar outros entendimentos e significados relacionados com a experiência – e não meras “repetições”?

⁷ Um estudo foi feito por Mark Mason (2010) levantou uma amostra de teses de doutoramento apresentadas em diferentes universidades dos Estados Unidos da América que utilizaram como método as entrevistas qualitativas, incluindo 560 (quinhentos e sessenta) teses. O tamanho médio das amostras foi 31, mas uma proporção significativa dos textos estudados apresentou tamanhos de amostra que eram múltiplos de dez. Sugerindo que os tamanhos das amostras foram estabelecidos antes do início das pesquisas, embora a explicação mais usada para justificar o número de entrevistas foi o conceito de saturação.

⁸ Rola Ajjawi é uma experiente professora e educadora de profissões de saúde. Atualmente é pesquisadora sénior na Deakin University (Melbourne). Ela faz essa discussão num blog: Sample size in qualitative research Medical Education Research Network. In: blogs.cmdn.dundee.ac.uk/meded.../tag/sample-size/

Neste aspeto, o nosso entendimento é que a saturação descritiva - que ocorre quando o pesquisador constata que não estão surgindo novas descrições, novos temas ou novas categorias na sua recolha de dados - não seria uma justificativa para esta investigação de carácter fenomenológico. Ao contrário, o que pretendemos neste trabalho foi a saturação, fundamentada em teoria⁹, que não se refere ao ponto em que não emergem novas ideias, mas que significa que as categorias foram bem estabelecidas, que a diferença entre elas faz sentido e as relações determinadas permitem estabelecer uma conclusão.

Quanto ao processo de recolha de dados em Los Angeles, o contacto inicial realizado com a brasileira Bia¹⁰ é que desencadeou os contactos posteriores com outros entrevistados. Bia, na ocasião, mantinha um grupo no Facebook designado “Brasileiras em Los Angeles”, com o intuito de discutir vários assuntos relacionados com a vida de brasileiras na cidade de Los Angeles e, ainda, com o objetivo de fomentar momentos de interações e encontros sociais entre essas mulheres, dos quais tive oportunidade de participar em várias ocasiões. Esse contacto inicial com a Bia foi de extrema importância no processo de investigação, não apenas pela possibilidade de estabelecer contacto com as mulheres integrantes do seu grupo, mas também por ter criado oportunidades para um conhecimento maior e uma inserção nos locais frequentados regularmente pelos brasileiros na cidade e, com isso, facilitando o estabelecimento de contactos com outros brasileiros em Los Angeles que se dispuseram a integrar o estudo.

Em Lisboa, por ser a cidade onde resido há mais de dez anos, o contacto com outros imigrantes brasileiros foi realizado de forma mais rápida e envolvendo um grau de confiança estabelecido anteriormente com os sujeitos, devido às relações, frequência e participação em locais marcados pela presença da cultura brasileira. São exemplos desses espaços, a Casa do Brasil, grupos de capoeira diversos, lojas de produtos brasileiros, entre outros. Assim, foi estabelecido um contacto inicial com o Rodrigo, um cabeleireiro brasileiro que

⁹ O conceito de saturação teórica diz que o pesquisador deve não só certificar-se que tem uma categorização dos dados recolhidos, mas também explica como os diversos códigos, categorias e conceitos se interconectam, para considerar que houve saturação.

¹⁰ Na produção dos resultados foram resguardados os princípios éticos da pesquisa, em que fizemos uso do termo de consentimento livre e esclarecido e os sujeitos foram nomeados com nomes fictícios, garantindo assim o sigilo e anonimato dos entrevistados.

habita em Lisboa há 15 anos, e que nos indicou outros brasileiros para participarem do estudo.

É importante referir que a realização das entrevistas constituiu um momento importante na investigação que, devido à abordagem adotada no processo de recolha dos dados, facilitou interações significativas com os sujeitos da pesquisa e, principalmente, ricas possibilidades de “sentir o real”. Assim que começaram a ser operacionalizadas, as entrevistas tiveram como ponto de partida uma exposição cuidadosa e detalhada aos sujeitos sobre os objetivos da investigação, os princípios éticos envolvidos e os procedimentos que seriam efetuados na sua realização, destacando a proposta de gravação da entrevista.

Após a manifestação positiva dos entrevistados e a assinatura do termo de consentimento em participar do processo, deu-se início à entrevista propriamente dita que, pela natureza semiestruturada, possibilitou uma flexibilidade na ordem de apresentação das questões integrantes do roteiro básico. Finalizada essa etapa, passava-se à construção dos mapas mentais, visando a representação da cidade pelos sujeitos da pesquisa, sendo lançada a seguinte questão: Los Angeles, como é esse lugar? Ou, Lisboa, como é esse lugar? Buscávamos, assim, a partir dessa questão, possibilitar uma articulação de ideias que permitissem representações mentais dos sujeitos sobre o lugar vivido por eles no país de acolhimento. Os entrevistados tinham, portanto, total liberdade para expressarem suas opiniões e sentimentos sobre o lugar habitado, o processo migratório vivenciado, a condição de migrante, etc.

É importante salientar que as entrevistas realizadas previamente foram instrumentos fundamentais para uma melhor compreensão dos mapas mentais de cada entrevistado na medida em que possibilitaram uma melhor decodificação dos espaços de vivência quotidiana, bem como revelaram os elementos que eram mais marcantes para os sujeitos no seu imaginário da cidade.

Reconhecemos que a entrevista pode atuar como mediadora para o sujeito entrevistado apreender a sua própria situação de outro ângulo, ao conduzir o outro a voltar-se sobre si próprio; incitando-o a procurar relações e a organizá-las. Assim, também compreendemos que as entrevistas realizadas ao longo desta investigação se constituíram em importantes momentos de troca (Silva 1998) entre investigador e investigado, visto que, ao mesmo tempo que

coletávamos as informações, oferecíamos aos nossos interlocutores a oportunidade de refletirem sobre si mesmos, pensarem sobre sua cultura, refazerem os seus percursos biográficos, refletirem sobre os seus valores, as suas histórias e trajetórias de vida. E nesse aspeto, Duarte (2004) refere que, provindo matéria-prima para a nossa investigação, os nossos entrevistados estão ao mesmo tempo refletindo sobre as suas próprias vidas e dando-lhes um novo significado, legitimando-se como interlocutor e construindo reflexões sobre temas em torno das quais quiçá não se interrogasse noutras circunstâncias.

Em termos de operacionalidade, a realização das entrevistas e a construção dos desenhos envolveram tempos variáveis, dependendo da disponibilidade de tempo e da locução do entrevistado. Em média, a duração das entrevistas foi em torno de setenta e cinco (75) minutos. Considerando essa média, é possível especificar que a realização da entrevista propriamente dita ocupou um tempo em torno de 60 minutos, enquanto os procedimentos de desenho do mapa mental demoraram cerca de 10-15 minutos. É importante referir que, na cidade de Los Angeles, por ser um local onde existe uma grande indústria cinematográfica, vários entrevistados antes de ouvirem as explicações acerca da pesquisa, questionaram em que canal de televisão seria transmitida a entrevista. Já em Lisboa, era comum aos entrevistados informarem que já responderam a questionários anteriormente, ou que conheciam alguém que já tinha participado em entrevistas para estudos sobre a imigração.

2.4 Procedimentos Técnicos de Análise dos Dados e Modelo Analítico

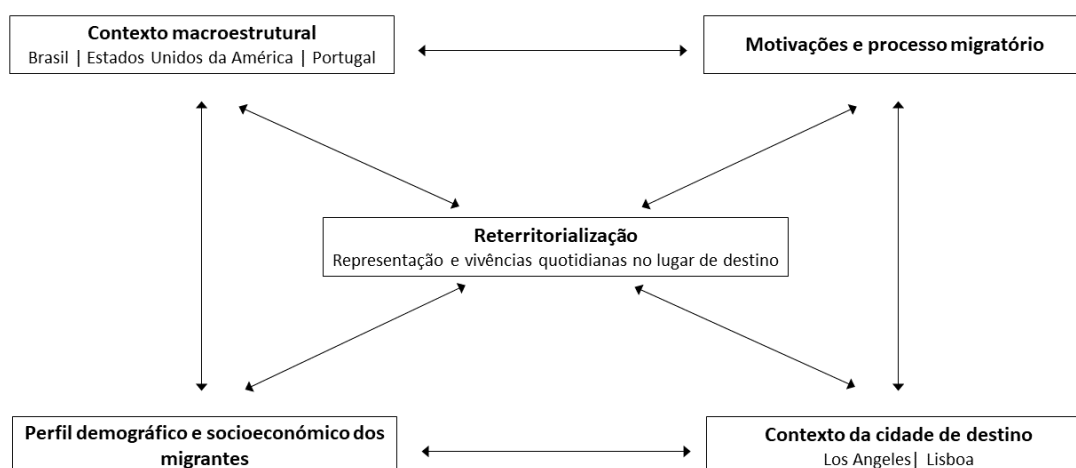
Em relação aos procedimentos utilizados na análise dos dados obtidos com as entrevistas e com os mapas mentais, seguindo as orientações do Método de Análise de Conteúdo de Bardin (1997), o ponto de partida nesse processo foi a realização de uma pré-análise, que teve início com a transcrição das entrevistas. Nesta etapa, foi possível reviver cada um dos momentos das entrevistas realizadas, realizar reflexões e algumas inferências preliminares sobre os dados obtidos, na sua relação com os objetivos do nosso estudo e com os referenciais teóricos utilizados. Na sequência, realizámos uma leitura exhaustiva de cada uma das entrevistas transcritas. Finalizada essa etapa, foi efetuada uma organização em relação aos temas e, posteriormente, foi feita a

categorização. Nesse processo, a tarefa básica consistiu na organização do conjunto dos dados em unidades significativas e relevantes que, correspondentes a determinados fragmentos de texto, foram agrupadas de acordo com as suas afinidades e com a sua relação com as questões do estudo. Com esse procedimento de categorização das entrevistas, pretendemos identificar unidades de registo que indicassem a presença de determinados componentes e que permitissem sua ligação a uma determinada categoria de conteúdo. Assim, a abertura de categorias formais envolveu atividades diversas como identificar, comparar, contrastar, agregar, ordenar, relacionar, especular entre outras tarefas que visavam a análise e a interpretação dos dados oriundos das entrevistas.

É importante esclarecer, ainda, que esse processo de categorização foi realizado tanto de forma dedutiva - a partir das questões da pesquisa e do guião da entrevista, quanto indutiva - a partir das questões que emergiram das entrevistas. Isso porque, ao longo de todo o processo de leitura e análise das entrevistas, foram necessárias constantes consultas, revisões e diálogos com o referencial teórico da pesquisa, fundamentando, assim, categorias criadas aprioristicamente que permitissem fornecer um sentido mais amplo às ideias apresentadas pelos entrevistados. De igual modo, em várias ocasiões, também emergiram das entrevistas ideias e significados que as categorias, *a priori*, não abrangiam, o que exigiu a criação de categorias *a posteriori*. Assim, apesar do guião da entrevista ter sido construído a partir de uma categorização prévia, sustentada nas questões de investigação e na revisão da literatura, os elementos novos que emergiram das entrevistas foram recebendo igual atenção, num processo que facilitou a coexistência de ambos os procedimentos de categorização – *a priori* e *a posteriori*.

Este procedimento de categorização contribuiu, por sua vez, para a elaboração de um modelo de análise que abrangesse a ampla gama de influências que delineiam o processo de reterritorialização dos sujeitos transnacionais: contexto macro-económico social e político na origem e nos dois países de destino, contexto urbano (cidades de destino), motivações e processo migratório e perfil demográfico e socioeconómico dos migrantes (Fig. 1) .

Figura 1. Modelo de Análise da Investigação



Fonte: Elaboração própria.

O modelo proposto para esta investigação parte da concepção que, apesar de cada cenário migrante apresentar os seus próprios elementos de singularidade e complexidade, é imprescindível investigar o processo de reterritorialização dos imigrantes nos lugares de destino por intermédio de quatro dimensões analíticas interrelacionadas. Portanto, é a partir das inter-relações entre o contexto macroestrutural, o perfil demográfico e socioeconómico dos imigrantes, o contexto da cidade de destino, e as motivações e as singularidades do processo migratório desses sujeitos que buscamos investigar como o lugar é vivido, significado e representado por este grupo de imigrantes brasileiros nas cidades de Lisboa e de Los Angeles.

Assim, este modelo, funcionando como uma grelha de análise, permitiu uma melhor visualização das particularidades e semelhanças dos casos estudados, garantindo, ao mesmo tempo a fidelidade na categorização dos dados, visto que foi efetuado um procedimento aberto e indutivo de criação das categorias. Além disso, essa matriz teve como função orientar a organização e análise dos dados em articulação com as proposições teóricas do estudo.

CAPÍTULO III - ESPAÇOS TRANSNACIONAIS: OS LUGARES E SUJEITOS DA PESQUISA

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a ilha. A separa-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito (*Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra*, de Mia Couto, 2012).

Este capítulo está organizado em três seções: na primeira, realizamos uma contextualização do quadro atual da imigração brasileira; na segunda, fazemos uma caracterização genérica da imigração brasileira nos Estados Unidos e em Portugal, de uma breve descrição das cidades de Los Angeles e Lisboa, enquanto cenários dos destinos dos sujeitos que integraram a presente pesquisa; finalmente, na terceira seção, descrevemos o perfil dos imigrantes que participaram na pesquisa,

3.1 O Brasil e a Imigração Internacional

As migrações internacionais não se constituem como um fenómeno novo, tendo sido determinantes em diversos momentos da história da humanidade. Todavia, de acordo com Padilla e Ortiz (2012), foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que se tornou evidente a existência de um considerável aumento dos fluxos migratórios. Nestes anos, houve uma significativa inversão dos fluxos migratórios, envolvendo novos e complexos padrões de migrações que afetam todos os países, enquanto destinos e origens de migrantes (Castles, De Haas e Miller, 2013).

É neste contexto que, no início de século XXI, a crescente diáspora brasileira emergiu como uma nova face do Brasil: de um país de emigração. O Brasil, tradicionalmente um país recetor de mão-de-obra estrangeira, neste período vivenciou uma inversão da direção dos deslocamentos. Particularmente a partir de meados dos anos de 1980, esse país experimentou um aumento significativo no fluxo de migração para o estrangeiro¹¹ e, assim, passou a ser

¹¹ A partir destes anos, verificou-se uma intensa saída de brasileiros com destino aos Estados Unidos, Japão e países da Europa.

reconhecido no âmbito dos estudos sobre migração como um país fornecedor de mão-de-obra.

Apesar de serem variadas as motivações que justificam o movimento migratório dos brasileiros nesse período, as razões mais amplamente debatidas nos primeiros estudos sobre a mobilidade dos brasileiros surgiram relacionadas com fatores de carácter económico. Autores como Martes (2001), Patarra (1995), dentre outros, afirmam que durante as décadas de 1980 e 1990, milhões de brasileiros saíram do Brasil devido às sucessivas crises económicas vivenciadas pelos habitantes e, posteriormente, pelo aumento do desemprego, que é fruto da globalização e da expansão de tecnologias que diminuíram os postos de trabalho no Brasil. A queda na mobilidade social brasileira, causada pela recessão (anos 80) e pelo impacto da reestruturação económica (anos 90), é entendida como o principal artefacto propulsor da emigração de brasileiros com destino aos Estados Unidos, Japão e Europa.

Assim, de modo geral, são estudos que identificam como uma das principais motivações da mobilidade internacional dos brasileiros a probabilidade de uma mobilidade socioeconómica¹² dos sujeitos. A premissa para esse fenómeno, até então, era a de que as pessoas emigravam devido a um projeto migratório, cujo motivo principal estava ligado ao trabalho, ao ganho de dinheiro e à melhoria do padrão de vida no Brasil (Siqueira, 2009). Essas pesquisas afirmavam ainda, que o imigrante brasileiro vislumbrava na mobilidade a probabilidade de ascensão social, materializada na compra de um imóvel, abertura de empresas, compra de bens de consumo não duráveis e duráveis, etc. Neste sentido, a “imigração brasileira”, no campo dos estudos das migrações, foi inicialmente estudada, principalmente no âmbito dos estudos sociodemográficos e económicos, sob uma lógica economicista, na qual o *status* económico dos “imigrantes” e a dimensão laboral constituíram a principal forma de categorizar os fluxos de imigrantes oriundos do Brasil.

No entanto, a partir da década de 90 e início do século XXI, a migração passou a ser analisada não apenas associada às crises económicas e às

¹² Entendemos que o termo mobilidade socioeconómica se refere às mudanças na posição que um sujeito ocupa numa hierarquia de um determinado sistema de estratificação social, a qual pode ser ascendente ou descendente – isto é, envolvendo melhora ou piora nas condições de vida, respectivamente – ou horizontal, implicando uma alteração que não acarreta perdas ou ganhos substanciais para o sujeito (Albuquerque, 2008).

condições precárias da sociedade brasileira, mas, ao contrário disso, às favoráveis condições económicas do país que possibilitavam aos sujeitos de classe média arcarem com as despesas e os custos exigidos pela migração para efetivá-la (Siqueira, 2009). Nesse contexto, os estudiosos da migração brasileira passaram a orientar as suas investigações para outros aspetos do fenómeno da migração, além dos aspetos económicos. Dentre eles, podemos destacar os estudos sobre a mobilidade internacional dos estudantes brasileiros, género, remessas, identidade, retorno, integração, assim como estudos que analisam os elementos simbólicos e subjetivos envolvidos no processo da migração (Assis, 2007; Malheiros, 2007; Padilla, 2006; Iorio e Fonseca, 2018).

Mesmo que essas novas perspectivas de análise tenham contribuído para uma ampliação do número de investigações sobre os emigrantes brasileiros - tanto no Brasil como nos países de destino - ainda existem dificuldades para uma estimativa com a exatidão necessária do número absoluto de migrantes que, compondo a diáspora brasileira, vivem em diferentes países e, ainda, sua distribuição populacional. Na origem dessas dificuldades, há a constatação de que as instituições responsáveis pelas estatísticas populacionais não captam o número de migrantes residentes em situação irregular. A situação irregular é uma referência aos migrantes brasileiros que não possuem a documentação exigida para entrada, permanência e trabalho no país de destino. Assim, quando os migrantes se encontram nessa situação, de forma geral, existe uma tendência deles não se exporem aos procedimentos de levantamentos estatísticos, o que origina uma significativa lacuna nos estudos do tema (Fusco, 2007).

É nesse sentido que as cifras sobre a presença de brasileiros vivendo no estrangeiro variam de forma significativa, consoante a fonte na qual se originam as estimativas. No ano de 2010, o Censo Brasileiro realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu, pela primeira vez, um conjunto de questões relacionadas com os emigrantes internacionais, visando contribuir para um melhor conhecimento do fenómeno da migração internacional brasileira. A partir de informações sobre origem, destino, idade, duração e sexo, os dados divulgados pelo IBGE, no ano de 2010, estimavam que 491 243

brasileiros residiam no exterior¹³. Quanto ao destino, os principais países foram: Estados Unidos (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%). Esse grupo de países representava 70% do total. Ainda segundo os dados do Censo 2010, dos 491.243 mil brasileiros residentes em 193 países, 226.743 eram homens (46,1%) e 264.743 eram mulheres (53,8%). Em termos de faixa etária, 94,3% da emigração brasileira encontrava-se, na data de partida do Brasil, com idade variando de 15 a 59 anos, sendo a faixa de 20 a 34 anos correspondente a 60% do total. As mulheres representavam a maioria em todas as faixas etárias. Quanto à origem desses sujeitos, em termos regionais, 49% dos migrantes eram oriundos da Região Sudeste; 17,2% da Região Sul; 15% da Região Nordeste; 12% da Região Centro-Oeste, e 6,9% da Região Norte. Em relação aos estados de saída dos migrantes brasileiros, da Região Sudeste identificamos que 21,6% deles saíram de São Paulo, 16,8% de Minas Gerais e 7,1% do Rio de Janeiro; da Região Sul, verificamos que 9,3% saíram do Paraná; da Região Nordeste, 5,3% saíram da Bahia; e da Região Centro-Oeste, 7,2% dos migrantes saíram de Goiás.

Em suma, os dados do Censo Brasileiro revelam o dinamismo e a diversidade do fenómeno migratório brasileiro que, por sua vez, tornam esse objeto de estudo muito complexo. Deve ainda salientar-se que, para além da heterogeneidade característica da migração brasileira, cada um dos fluxos migratórios - apesar de seguir uma tendência internacional em termos da “feminização da migração”¹⁴, apresenta especificidades e características próprias. Relativamente aos destinos da emigração brasileira, os fluxos para os Estados Unidos, Japão e países da Europa - como Reino Unido, Portugal e Espanha, são os que apresentam um maior destaque.

A imigração para os Estados Unidos e Europa, especialmente para Portugal, segundo Padilla (2007), apresenta algumas características comuns. Como parte dos fluxos são irregulares, ou seja, a entrada no país é legal, mas a estadia excede os limites temporais do visto, existe uma subestimação do

¹³ Esse número divulgado pelo IBGE difere da estimativa apresentada pelo Ministério das Relações Exteriores, para quem no ano de 2010 aproximadamente 3 milhões de brasileiros eram residentes no exterior. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

¹⁴ Para Assis (2003), a migração feminina tem uma complexidade própria e não se dá unicamente motivada por questões de reunificação familiar. Porém, a reunião familiar marca o início da inserção das mulheres brasileiras no processo migratório.

número de brasileiros ali residentes. Apesar dessas semelhanças, a autora também identifica a presença de diferenças significativas. Uma delas é a inexistência, em Portugal, de uma economia de enclave e com um nicho brasileiro desenvolvido. Neste sentido, embora identificada a presença de empresas étnicas brasileiras em Portugal, não existe uma alta concentração espacial delas, não sendo assim a principal fonte de emprego de imigrantes brasileiros. Com isso, os brasileiros encontram-se inseridos no mercado de trabalho português em distintos setores da economia, que variam da construção até à prestação de serviços. Nos Estados Unidos, por sua vez, os imigrantes brasileiros testemunham uma economia de enclaves étnicos, que, com a intensificação da economia informal, tornou-se ainda mais relevante para o grupo (Padilla, 2007).

Outra diferença destacada por Padilla (2007) no âmbito destes fluxos, centra-se nos princípios orientadores de cada sociedade alvo. Assim, enquanto nos Estados Unidos esses princípios podem ser resumidos como individualismo e utilitarismo, em Portugal, destaca-se o valor da solidariedade que, por sua vez, se encontra mais alinhado com o estado de bem-estar social. Neste aspeto, Martes (2001) indica que entre os mais importantes fatores de atração da imigração para os Estados Unidos se destaca a forma de vida americana, enquanto para Portugal, na União Europeia, se salientam as expectativas de crescimento e desenvolvimento.

3.1.1 Destino: Estados Unidos

Os Estados Unidos constituem o principal destino da migração brasileira. Foi no princípio da década de 1960 que, segundo Pereira e Siqueira (2013), o movimento emigratório dos brasileiros em direção aos Estados Unidos teve início, caracterizando-se como um fluxo casual e marcado inicialmente pela presença de emigrantes oriundos da Microrregião de Governador Valadares - MG em direção à região de Nova Iorque. Entretanto, foi ao longo das duas décadas seguintes que uma rede de migrantes brasileiros em direção aos Estados Unidos foi sendo consolidada, dando origem a um *boom* migratório com a presença de emigrantes provenientes de todas as regiões brasileiras.

Este aumento significativo da presença brasileira em território norte americano foi evidenciado no Censo realizado nos Estados Unidos, no ano de 2000, conforme destaca o *World Migration Report - 2005* da *International Organization for Migration* (IOM):

Like its northern neighbour, Brazil is also witnessing an emigration trend. The US has become one select destination, as legal and irregular immigrants make homes in states such as Florida, Massachusetts and New York. Inflows of Brazilian immigrants into the US have risen steadily since 1999, from slightly less than 4,000 to nearly 9,500 in 2002. According to US Census figures, the stock of Brazilians, too, has been rising from 82,500 in 1995 to 212,400 in 2000 (Note that the inflow numbers do not capture unauthorized entries)¹⁵.

Esses dados retratam um dos fatores mais problemáticos da migração brasileira, amplamente destacado pela literatura da área: sua magnitude, em particular nos Estados Unidos. Todavia, é impossível uma estimativa correta do número de brasileiros que moram numa determinada região dos Estados Unidos ou, ainda, em todo o país. Essa dificuldade de determinar a população de brasileiros nos Estados Unidos, segundo Margolis (2003), deve-se a fatores como o receio deles em participar dos censos oficiais, devido, entre outros aspetos, à situação irregular de imigração, bem como a questões relativas à etnicidade e raça, visto que o Censo dos Estados Unidos, por não apresentar uma categoria específica para os brasileiros, os insere na categoria de hispânico/latino (Oliveira, 2000)¹⁶.

Mesmo apresentando essas limitações, Margolis (2003) utiliza os dados do Censo de 2000 para um mapeamento dos migrantes brasileiros nos Estados Unidos. Em seu levantamento, a autora indica que Nova Iorque, Nova Jérsei, Connecticut, Massachusetts, Flórida e Califórnia constituem as principais áreas de moradia brasileira nos Estados Unidos. A autora identificou, ainda, que as maiores concentrações de brasileiros nesses seis estados mais tradicionais do país estavam nas áreas metropolitanas da grande Nova Iorque, Boston e Miami.

¹⁵ IOM. World Migration Report – 2005. Costs and benefits of international migration. Vol. 3. Disponível em: <http://www.iom.int>

¹⁶ Os brasileiros costumam classificar-se no censo americano de acordo com sua própria etnicidade herdada, não baseada em conceitos étnicos hierárquicos da sociedade norte-americana. Por se verem e serem vistos pelos americanos de maneira diferente, os brasileiros não se vêem Latinos e, por perceber discriminação em relação a esse grupo, os brasileiros recusam o rótulo de Latinos com veemência (Zubaran 2008).

Além disso, localizou enclaves significativos em cidades como Washington-D.C., Filadélfia, Chicago, Houston, Los Angeles e San Francisco.

Ainda em relação aos dados relativos à população brasileira residente nos EUA, o Levantamento Comunitário Americano realizado pelo *United States Census Bureau*, no ano de 2015, identificou a presença de aproximadamente 400 mil brasileiros em todo o país. Obviamente, conforme destacado anteriormente por Margolis (2003), esse número não corresponde à realidade devido ao receio da comunidade brasileira em participar do censo americano.

Comparando os dados sobre a migração brasileira produzidos nos dois países - EUA e no Brasil, nos desperta a atenção para a significativa diferença existente entre eles. Assim, enquanto o governo norte americano utiliza apenas informações oficiais fornecidas pelos censos, o governo brasileiro, para obtenção das suas estimativas, utiliza dados oriundos tanto de visitas e registros nos seus postos consulares, quanto de relatos dos media locais e de estudos acadêmicos. Apesar de serem informações que também apresentam limitações e, ainda, divergências de estimativas em relação a outras fontes, os dados divulgados pelos órgãos brasileiros, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE), constituem importantes fontes de consulta.

Nesse sentido, utilizando os dados do Ministério das Relações Exteriores, a estimativa do Governo Brasileiro era que, aproximadamente, 1,5 milhões de brasileiros viviam nos Estados Unidos no ano de 2015, sendo que 70% deles encontravam-se na condição de indocumentados. O Quadro 1 explicita o número de brasileiros estimados pelo MRE (2013) nas principais cidades dos Estados Unidos.

Quadro 1: Estimativa do MRE de número de brasileiros nos Estados Unidos em 2013

Cidade	Numero Estimado de Brasileiros
Nova Iorque	285.000
Miami	250.000
Boston	350.00
Atlanta	100.000
Houston	85.000
Hartford	80.000
Chicago	55.000
São Francisco	60.000
Washington	40.000
Los Angeles	105.000
Total	1.410.00

Fonte: MRE (2016).

A despeito do perfil do emigrante brasileiro nos Estados Unidos ser muito diferenciado, Martes (2001) considera que ele pode ser descrito como sendo jovem, com nível médio de instrução, pouco conhecimento do idioma, oriundo de classe média, que utiliza a entrada clandestina no país e que atua em serviços de baixa qualificação - setores rejeitados pela população americana, como possibilidade de ter acesso a uma melhor qualidade de vida e o sonho de aquisição de um imóvel ou, simplesmente, de um carro (Patarra, 1995). Não podemos deixar de considerar, ainda, mesmo que em menor escala, a motivação da migração para os EUA associada à formação académica, na qual a mobilidade constitui um investimento, uma oportunidade de melhores perspectivas futuras de emprego (Iorio e Albulquerque Ferreira, 2013). Analisando o processo emigratório brasileiro para os Estados Unidos, a investigadora brasileira Tereza Sales (2001), de maneira semelhante ao que Peixoto, Padilla, Marques e Góis (2015) classificaram em Portugal como vagas de imigrantes brasileiros¹⁷, considera que este processo estaria organizado em duas fases que,

¹⁷ Em Portugal, a imigração brasileira foi categorizada em duas vagas de acordo com a sua inserção no mercado de trabalho: a primeira, entre as décadas de 1980 e 1990, uma imigração qualificada; e a segunda, a partir de finais dos anos 1990, uma imigração não qualificada (Malheiros, 2007; Fonseca, McGarrigle, Esteves, Sampaio, Carvalho, Malheiros e Moreno, 2010).

diferente da categorização baseada na inserção laboral do imigrante brasileiro em Portugal, são divididas a partir das gerações. Assim, para a autora, a primeira geração refere-se aos brasileiros emigrantes da década de 1980, os quais tinham por objetivo ir para outro país para alcançar ascensão social e regressar ao seu país de origem. Por volta dos anos 1990, teve início uma segunda geração, composta pelos filhos ou familiares desses migrantes primários que, nascidos nos Estados Unidos ou nascidos no Brasil, emigraram para se unirem aos seus pais e/ou familiares. Dessa maneira, Sales (2001) identifica que, de uma primeira fase temporária, foi-se constituindo uma segunda fase permanente ou com estadas mais longas, de tal forma que, para essa segunda geração, a preocupação passa a ser uma inserção na cultura e na sociedade americana, vislumbrando possibilidades de inserção em melhores posições no mercado de trabalho (Portes, Haller e Fernández-Kelly, 2008).

Todavia, a partir do ano 2000, dois acontecimentos marcaram significativamente o fluxo migratório Brasil – Estados Unidos, fomentando ações que afetaram diretamente a população migrante no tocante ao direcionamento, intensidade e volume dos fluxos migratórios: os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e a crise económica desencadeada no período de 2007-2008. A primeira ocorrência pode ser considerada uma demarcação de mudanças decisivas na história da migração para os Estados Unidos. Ainda que o país anteriormente já seguisse regras limitativas às migrações, foi a partir deste momento que a questão se tornou mais fortemente associada a uma ameaça à segurança interna do país. Assim, diversas medidas foram assumidas pelo Governo Americano, aumentando as dificuldades e os riscos para a entrada de migrantes. Segundo Margolis (2003), os principais impactos dos atentados de 11 de setembro para os brasileiros foram o desestímulo à emigração para aqueles que estavam projetando uma ida para os Estados Unidos e os planos de retorno dos imigrantes. Na avaliação da pesquisadora, a perda de segurança e o crescimento da discriminação contra os imigrantes contribuíram para que alguns brasileiros reexaminassem os seus projetos migratórios; enquanto isso, outros imigrantes aceleraram o retorno devido à influência dos familiares no Brasil, preocupados e, ainda, por precaução. Apesar de não ter ocorrido uma saída de brasileiros em massa após os ataques, os Estados Unidos da América tornaram-

se um destino menos atrativo para imigrantes brasileiros, até mesmo porque a entrada no país se tornou muito mais difícil (Margolis, 2003).

Em relação ao segundo acontecimento, a crise económica e as suas consequências sobre a cotação do dólar e o emprego, atuou como fator de desincentivo à permanência dos brasileiros no exterior¹⁸. O mercado imobiliário americano foi particularmente atingido e, naturalmente, a construção civil, que era *locus* de trabalho de grande parte dos imigrantes brasileiros, afetando posteriormente outros nichos de trabalho como o mercado étnico e o serviço doméstico. Dessa forma, a crise traduziu-se na redução, tanto do valor pago por cada hora de trabalho para o trabalhador, como na oferta de trabalho. Além disso, a queda do valor do dólar em relação à moeda brasileira refletiu-se numa diminuição das remessas de dinheiro para o Brasil (Fernandes e Knup, 2012). Assim, o custo-benefício da emigração tornou-se negativo em termos económicos para o emigrante brasileiro nos Estados Unidos, devido a uma significativa redução dos ganhos e ao aumento do custo de vida, somado ao medo da deportação.

3.1.1.1 Lugar: Los Angeles - Califórnia

Los Angeles está situada no sudoeste do estado norte americano da Califórnia, estado que tem uma população de 37 253 956 habitantes, dos quais 10 518 488 são pessoas nascidas no exterior - cidadãos americanos ou não. Em função da sua extensão, Los Angeles atualmente é uma das maiores cidades americanas em área e a segunda cidade mais populosa dos Estados Unidos. Com uma população de 3 827 261 habitantes (Censo de 2010) e cerca de quatro milhões em 2016 (segundo estimativas do US Census Bureau), é a cidade mais populosa da Califórnia e do oeste dos Estados Unidos. Essa cidade também é a

¹⁸ Neste período são identificados fluxos de retorno de brasileiros de todos os outros países de destino, como: Portugal, Espanha, Japão. Assim, cabe aqui sublinhar a situação da economia brasileira, no momento da crise internacional e em anos posteriores. A economia brasileira teve respostas positivas nesses anos, diferente do que aconteceu nesses países investigados (Portugal e EUA), levando à criação de postos de trabalho e à ampliação da renda dos trabalhadores. Esse cenário contribuiu para que vários brasileiros resolvessem retornar ao Brasil, movimento que já podia ser observado em 2007, mas que toma maior amplitude após 2008. Assim, as evidências empíricas à luz dos dados do Itamaraty, os quais indicam que o número de brasileiros no exterior diminuiu 20% nos últimos anos (passando de 3 para 2,5 milhões), é possível fazer uma associação entre os movimentos de retorno para o Brasil e a crise económica.

sede do condado de Los Angeles, um dos mais multiculturais dos Estados Unidos, e mais populoso. Ainda, de acordo com dados do *US Census Bureau*, a área metropolitana de Los Angeles tinha uma população de mais de 12,8 milhões de habitantes, enquanto a designada “Greater Los Angeles Area” tinha uma população estimada em 18,1 milhões. Isso faz com que seja a segunda maior região metropolitana dos Estados Unidos depois da área metropolitana de Nova Iorque e uma das maiores aglomerações urbanas do planeta.

Los Angeles também é conhecida por abrigar diferentes comunidades de imigrantes, como os vietnamitas, cambojanos, mexicanos-americanos, chineses, entre outros. Nas nossas primeiras caminhadas pelas ruas, lojas, praias e parques de Los Angeles foi possível perceber muito bem esse multiculturalismo presente na cidade, assim como as etnias das mais variadas partes do mundo que compõem a sua população. Em especial, identificamos uma presença maior da população hispânica e asiática, sendo estas também que apresentavam uma maior concentração nos seus espaços residenciais. É por esta realidade que Scott e Soja (1998) consideram que a cidade constitui um laboratório natural para estudar os processos geográficos de concentração em centralidades étnicas. Essa grande concentração de enclaves étnicos¹⁹ presente em Los Angeles favorece com que a cidade seja um lugar estratégico para os cientistas sociais analisarem as novas configurações de ordens sociais, na busca de compreensão da cidade cosmopolita atual (Sassen, 2000). Mesmo não sendo esta discussão o escopo do presente trabalho, consideramos importante assinalar essa característica da cidade.

Para a escritora e antropóloga brasileira Paloma Vidal (2009), Los Angeles, não é apenas uma cidade multicultural, mas também uma cidade de geometria cinematográfica, sendo um cenário no qual os contornos entre realidade e ficção são porosos. No seu romance autobiográfico, *Algum Lugar*, Vidal (2009) narra a sua experiência urbana nesta cidade, afirmando que essa é uma cidade com características muito distintas de outras que conhece. Ela considera que Los Angeles oferece uma paisagem transparente, de casas

¹⁹ Entendemos enclave étnico, como concentração de grupos específicos baseada no desejo de constituição de relações de vizinhança, de manutenção de elementos de cultura ou religião, de concentração de comércios e serviço específicos, que possibilita um sentido indentitário aos espaços (Chi, 2016).

baixas e palmeiras, lojas e marcas conhecidas e de longas avenidas sob um céu perfeitamente azul. Todavia, não é um lugar fácil de entender, por ser uma cidade vasta e amorfa, diferente das outras cidades, e sem um centro claramente definido.

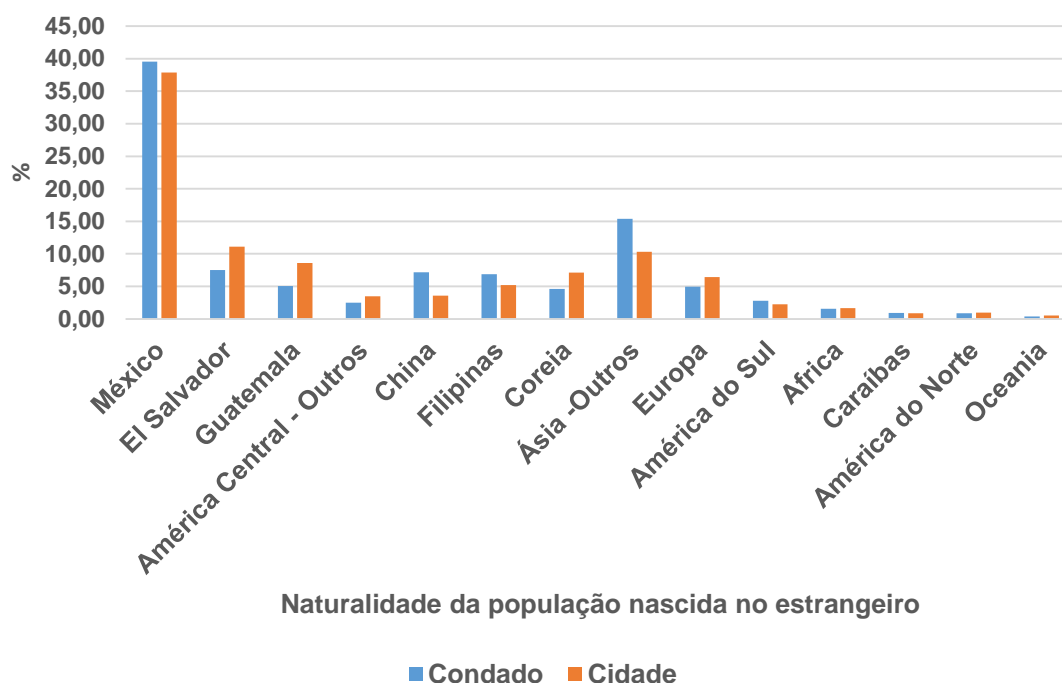
Talvez Los Angeles seja realmente uma cidade singular, existindo poucas outras no mundo com características tão únicas. De acordo com Scott e Soja (1998), a cidade tem uma estrutura fragmentada e dispersa. Enquanto a Los Angeles contemporânea é "polinucleada e descentralizada", a *downtown* Los Angeles, renovada recentemente, é apenas um dos centros econômicos e financeiros da cidade e sem muita vida pulsante nas suas ruas. Assim, Los Angeles apresenta-se como uma região urbana com vários centros, característicos de uma urbanização suburbana, resultante da confluência de vários processos: a exploração imobiliária baseada na construção de subúrbios residenciais de alta renda; a multiplicação de ambientes programados para lazer (parques temáticos, Disneylândia), e de enormes *shopping centers* regionais; ligações a grandes universidades e ao Departamento de Defesa; a existência de bolsas de mão-de-obra barata, principalmente imigrante e ilegal; a expansão da industrialização pós-fordista de alta tecnologia (Scott e Soja, 1998). Segundo os mesmos autores, Los Angeles é ainda marcada pelo Complexo de Vias Rápidas de East Los Angeles, atualmente o mais movimentado, não apenas da cidade, mas também de todo o mundo. Seis diferentes rotas se formam pela interseção das Vias Rápidas de Santa Mónica, Golden State, Pomona e Hollywood. Na cidade do automóvel, as *freways* (autoestradas) estruturam a forma da cidade.

Los Angeles é uma cidade superdiversa e cosmopolita. Como referimos num trabalho anterior (Silva e Fonseca, 2018), segundo estimativas do *US Census Bureau*, em 2013, os habitantes nascidos num país estrangeiro representavam 38,8% da população residente na cidade e 35,1% no condado de Los Angeles. Mais de metade (58,3%) dos imigrantes residentes no condado de Los Angeles são originários da América Latina, com destaque para o México que representa 39,5% do total de residentes nascidos no estrangeiro.

Cerca de um terço (1,19 milhões) são asiáticos, dos quais 248 410 são naturais da China, 237 861 das Filipinas e 159 311 da Coreia do Sul. Da Europa, África, América do Norte e Oceânia vieram, respetivamente, 5%, 1,5% e 0,9% 0,9% e 0,4% (Fig. 2).

O padrão das origens geográficas dos imigrantes residentes na cidade de Los Angeles é idêntico ao do condado, destacando-se apenas uma maior representação dos latino-americanos (64,2%, contra 58,3%) e uma menor proporção de asiáticos (26,2% contra 33,9%) (Fig. 2).

Figura 2. Principais países e regiões de naturalidade da população residente em 2013, no condado e na cidade de Los Angeles, nascida no estrangeiro (%)



Fonte: U.S. Census Bureau: State and County Quick Facts. Data derived from Population Estimates, American Community Survey (2009-2013), com tratamento próprio.

A comunidade brasileira residente na Costa Oeste dos Estados Unidos apresenta diferenças fundamentais em relação a outros brasileiros estabelecidos noutras partes do país. Segundo Beserra (2007), os brasileiros não se destacam como um grupo distinto no Sul da Califórnia; eles encontram-se mais espalhados e, de certa forma, mais integrados na comunidade local. A população imigrante brasileira do Sul da Califórnia encontra-se, assim, dispersa por toda Los Angeles, Orange e San Diego, municípios com cidades e vilas, como Torrance, Venice Beach, Santa Monica, Long Beach, San Diego e Newport Beach.

Em relação ao número de brasileiros residentes no condado de Los Angeles, as estimativas do *US Census Bureau* 2013 aferia 8030, sendo que, mais de metade habitavam na cidade de Los Angeles (Los Angeles e San

Fernando Valley). Porém, o número de brasileiros por mil residentes é mais elevado (Quadro 2) nos territórios junto ao litoral em Agoura Hills-Malibu, South Bay Cities, Santa Monica e Palos Verdes. Assim sendo, em oposição ao que se verifica com os mexicanos ou grupos asiáticos, é difícil determinar um lugar que sirva como o centro de gravidade da população de origem brasileira (Marcus, 2009) no condado de Los Angeles, visto que além de ser uma comunidade muito reduzida, apresenta um elevado grau de dispersão territorial.

Assim, diferente do que ocorre em áreas metropolitanas de outros estados, como Boston, Miami e Nova Iorque, onde a maioria dos imigrantes brasileiros estão concentrados em bairros que se tornaram conhecidos como "*Little Brazil*", no sul da Califórnia não existe uma área que pode reivindicar a distinção de ser o ponto focal da comunidade brasileira. Todavia, estabelecimentos brasileiros como restaurantes, supermercados, agências de viagens, centros de artes marciais e discotecas podem ser encontrados em todo o sul da Califórnia, não estando agrupados em torno de um determinado local. Esta seria, segundo Martes e Rodrigues (2004), uma das razões pelas quais os grupos de migrantes brasileiros ainda não terem sido objeto de muitos estudos acadêmicos formais.

A ausência de organizações comunitárias da comunidade brasileira na Califórnia também é analisada por Jouët-Pastré e Braga (2005) como sendo decorrente dessa comunidade ser razoavelmente recente e, ainda, pelo facto de os imigrantes brasileiros se perceberem como imigrantes transitórios. Nesse aspeto, Zubaran (2008), destaca que a comunidade brasileira na Califórnia é muito recente e dinâmica, com muitas pessoas chegando e partindo a todo momento (a denominada *yo-yo immigration*). Na justificativa desse dinamismo, a constatação de que os brasileiros mantêm o desejo comum de retornarem para o Brasil, mesmo que permaneçam por dez ou vinte anos no exterior.

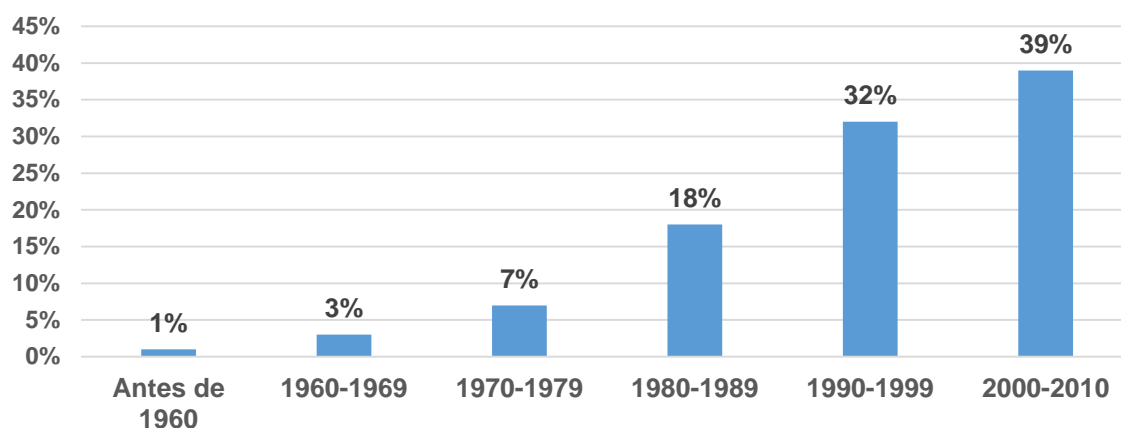
Quadro 2. População natural do Brasil, por áreas de residência no condado de Los Angeles (Census County Division – CCD, Anexo, Fig.2), 2013

	Estimativa população residente nascida no estrangeiro	Estimativa população residente natural do Brasil	Número Brasileiros por 1.000 hab.	%
Los Angeles County, California	3468593	8030	2,3	100,0
<i>Agoura Hills-Malibu</i>	10470	230	22,0	2,9
Compton	110548	19	0,2	0,2
Downey-Norwalk	147609	205	1,4	2,6
East San Gabriel Valley	324707	365	1,1	4,5
Inglewood	119677	228	1,9	2,8
Long Beach-Lakewood	154799	371	2,4	4,6
Los Angeles	982226	3172	3,2	39,5
Newhall	48694	222	4,6	2,8
North Antelope Valley	23002	0	0,0	0,0
<i>Palos Verdes</i>	22506	166	7,4	2,1
Pasadena	73850	330	4,5	4,1
San Fernando Valley	707890	1194	1,7	14,9
<i>Santa Monica</i>	19834	125	6,3	1,6
South Antelope Valley	42887	28	0,7	0,3
<i>South Bay Cities</i>	18996	426	22,4	5,3
Southeast	234394	163	0,7	2,0
Southwest San Gabriel Valley	159386	153	1,0	1,9
Torrance	42018	235	5,6	2,9
Upper San Gabriel Valley	145266	184	1,3	2,3
Whittier	79834	214	2,7	2,7

Fonte: U.S. Census Bureau: State and County Quick Facts. Data derived from Population Estimates, American Community Survey (2009-2013), conforme Silva e Fonseca (2018)

Conforme referem Silva e Fonseca (2018), segundo estimativas efetuadas pelo *US Census Bureau*, mais de dois terços dos imigrantes da Área Metropolitana de Los Angeles-Long Beach, naturais do Brasil, estabeleceram-se nos Estados Unidos da América entre 1990 e 2010, 32% na última década do século passado e 39% entre 2000 e 2010. Nos anos 1980s vieram 18%, entre 1970 e 1979, 7% e antes disso somente 4% (Fig.3).

Figura 3. População natural do Brasil, residente na Área Metropolitana de Los Angeles – Long Beach, segundo a época de migração para os Estados Unidos da América (%).



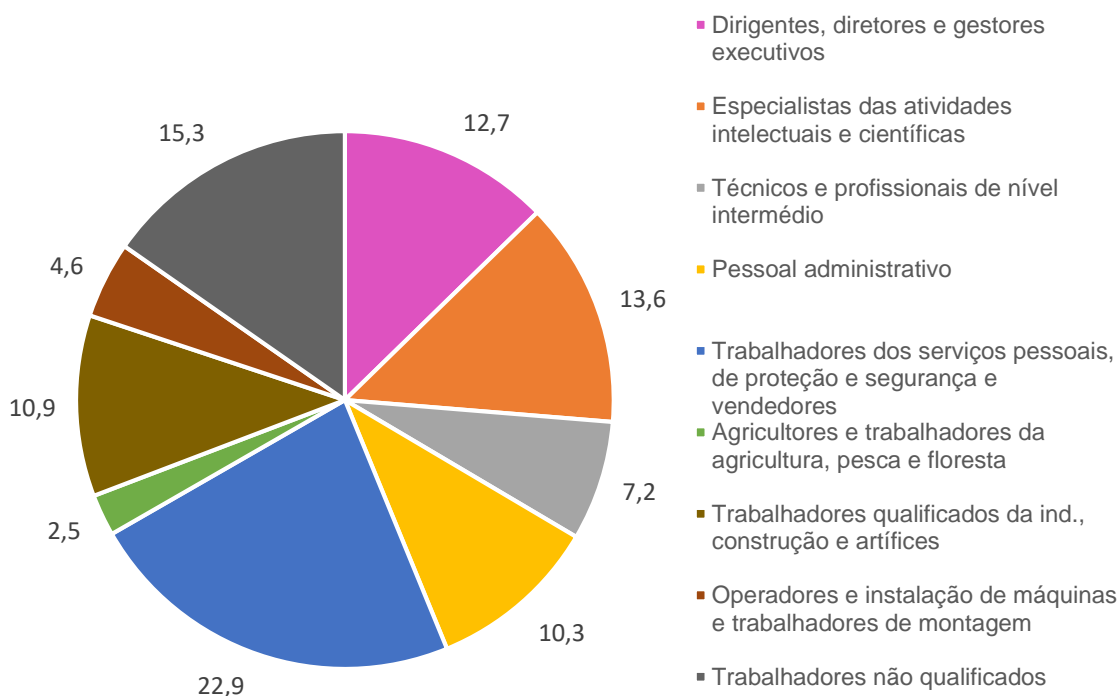
Fonte: U.S. Census Bureau: State and County QuickFacts. Data derived from Population Estimates, American Community Survey (2009-2013), com tratamento próprio.

No que se refere ao perfil demográfico e socioeconómico dos imigrantes brasileiros em Los Angeles, segundo a mesma fonte, a percentagem de mulheres (53,2%) é um pouco superior à dos homens. A maior parte era casada, ou vivia em união de facto (58,3%), 27,2% eram solteiros e os demais separados ou divorciados. Em relação à idade, 4,3% têm menos de 15 anos, 89% entre 15 e 64 e 6,7% têm 65 ou mais, evidenciando uma população em idade ativa, característica de uma migração predominantemente económica.

Ainda, de acordo com as autoras, Silva e Fonseca (2018), relativamente ao grau de instrução, é importante destacar que a população brasileira com vinte e cinco e mais anos de idade tem qualificações superiores à média da população total da Área Metropolitana de Los Angeles-Long Beach: 4,3% concluiu apenas o ensino primário e 50,6% completou um curso superior, enquanto os valores equivalentes para o total de habitantes eram, respetivamente, 19,6% e 30,9%. Ainda de acordo com as autoras, não obstante os imigrantes terem níveis de instrução superiores à do total da população residente na Área Metropolitana de Los Angeles-Long Beach, esses imigrantes têm dificuldade em conseguir o reconhecimento das suas habilitações académicas e a acessar a profissões de maior qualificação no setor privado e a empregos do Estado. Por conseguinte, a maioria dos imigrantes brasileiros residentes na Área Metropolitana de Los Angeles trabalham no setor do comércio e serviços, indústria e construção civil (Fig.4). Apesar disso, a percentagem de imigrantes brasileiros que desempenham profissões científicas e liberais ou cargos dirigentes é ainda

bastante expressiva (26,3%), com destaque para as profissões vinculadas às artes do espetáculo, saúde e desportos (Silva e Fonseca 2018).

Figura 4. Percentagem de população ativa com profissão, natural do Brasil, por grupos profissionais, residente na Área Metropolitana de Los Angeles – Long Beach dos EUA (2009-13)



Fonte: U.S. Census Bureau: State and County Quick Facts. Data derived from Population Estimates, American Community Survey (2009-2013), conforme Silva e Fonseca (2018)

Embora não haja um enclave étnico brasileiro claramente identificável em Los Angeles, é importante destacar que, por ocasião de nossa estadia na cidade para a realização da presente investigação, identificámos na região de Culver City uma maior visibilidade da presença brasileira. Logo à chegada a Los Angeles, quando procurávamos alugar uma casa no condado de Santa Monica - região conhecida por os seus residentes pertencerem à classe alta de Los Angeles, o agente imobiliário, perante a recusa do proprietário nos alugar a sua casa, aconselhou-nos a procurar uma habitação noutra bairro. Suas palavras foram: “Em Culver City talvez você possa encontrar algo, pois esta é a região onde vivem os brasileiros aqui em Los Angeles”.

Esta experiência ajudou-nos a escolher o lugar onde iniciámos o trabalho de campo na cidade, com a intenção de localizar os potenciais sujeitos da nossa

pesquisa. Na primeira visita à região de Culver City, constatámos a existência de uma loja de produtos brasileiros, um restaurante de comida brasileira, um supermercado espanhol que oferecia produtos brasileiros e uma pizzaria brasileira, todos situados bem próximos entre si²⁰.

A informação do agente imobiliário veio a ser posteriormente confirmada por uma reportagem do *Los Angeles Time* de Junho de 2014 intitulada: *Brazilian enclave takes root in Culver City, boosted by World Cup*²¹. O jornal descreve as manifestações culturais da comunidade brasileira na área de Culver City por ocasião do campeonato mundial de futebol (world cup) do ano de 2014. Todavia, de acordo com o jornal, desde o ano de 1994 este local serve de palco para encontros sociais dos imigrantes brasileiros que residem em Los Angeles. A reportagem ainda cita os dados estimados pelo governo brasileiro: “The Brazilian Consulate estimates that 30% of about 10,000 Brazilian immigrants in Los Angeles County live in the Palms and Culver City areas, drawn in by the Brazilian businesses as well as the area's relative affordability and proximity to the beach”.

Figura 5. Fotos da Comunidade Brasileira em Los Angeles



Público a acompanhar o jogo do Brasil no Mundial 2014; 2. Pizzaria Brasileira em Culver City; 3. Escola de Capoeira em Santa Mônica; 4. Cantor brasileiro num restaurant em Los Angeles; 5. Panfleto de exposição de arte brasileira; 6. Comunidade brasileira durante o mundial 2014; 7. Supermercado Brasileiro em Culver City – LA. Fonte: Arquivo pessoal

3.1.2 Destino Europa- Portugal

A presença de imigrantes brasileiros na Europa está ligada a fatores

²⁰ Este estabelecimento oferecia constantemente música brasileira ao vivo à sua clientela habitual, constituída maioritariamente por cidadãos de origem brasileira.

²¹ Ver: <https://www.latimes.com/local/la-me-little-brazil-20140623-story.html>

culturais e históricos que decorrem do próprio processo migratório brasileiro que, até pouco tempo atrás, se caracterizava como recetor de população, com predominância dos fluxos procedentes da Alemanha, Itália e Portugal entre outros. Todavia, foi a partir da adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia (CEE) que esse país se converteu, política e economicamente, num destino mais atrativo para os imigrantes brasileiros. Após o ano de 1986, a população imigrante brasileira que vivia em situação legal no país aumentou consideravelmente. Houve um intenso crescimento de movimentos de retorno de emigrantes portugueses e familiares residentes no Brasil, assim como de brasileiros seduzidos pela nova imagem de Portugal como país moderno, atestada pela “entrada na Europa”. Essas tendências acentuaram-se após a assinatura de Portugal da Convenção Schengen e a formação de um espaço de circulação europeu.

No momento da entrada de Portugal na CEE, devido ao deficiente sistema educativo português e à emigração dos portugueses menos qualificados para os países da Europa do Norte e Central, o país precisava tanto de mão de obra qualificada como não qualificada. Para Peixoto (1998), a adesão de Portugal à CEE contribuiu para um desenvolvimento da sua economia, que se traduziu numa expansão que, num segundo momento, gerou necessidades de mão de obra não qualificada. É nesse contexto que o imigrante brasileiro veio oferecer uma resposta à procura massiva de trabalhadores para o mercado secundário.

Em relação às principais fontes estatísticas oficiais sobre migração em Portugal, verificamos que estas são bastante escassas do ponto de vista das variáveis disponíveis. Os dados relativos ao stock da população de nacionalidade estrangeira, com autorização de residência em Portugal, divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) por exemplo, apenas são desagregados por sexo e concelho de residência.

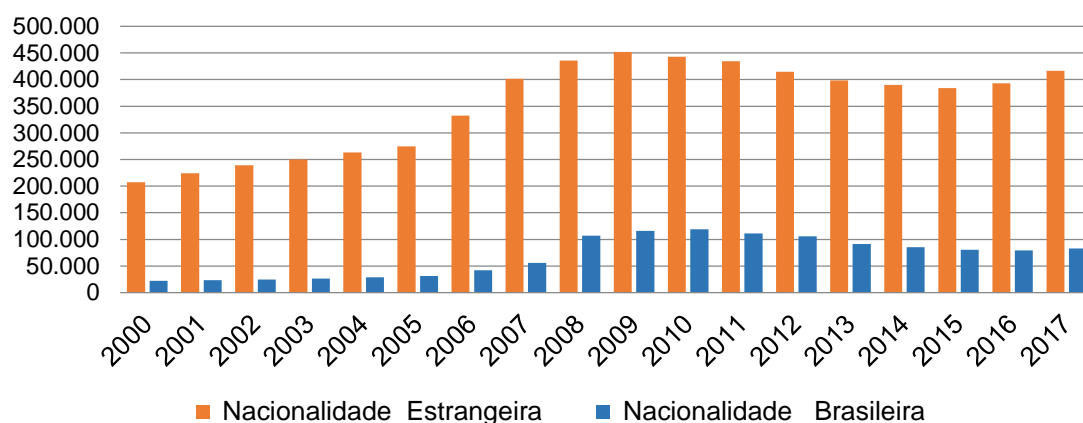
Contudo, apesar das limitações, analisando os dados disponíveis sobre a imigração do Brasil para Portugal, constatamos que desde o ano de 2007, os brasileiros constituem a comunidade imigrante mais numerosa em Portugal, apresentando uma maior taxa de feminização (SEFSTAT, 2007)²². De acordo

²² Relatório do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras em Portugal. Disponível em: https://sefstat.sef.pt/docs/rifa_2007.pdf

com os dados disponibilizados pelo SEF, a nacionalidade brasileira, com um total de 85.426 cidadãos documentados, em 2018, mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente, apresentando um aumento de 5,1% em relação ao ano de 2016, e representando 20,3% da população estrangeira residente no país.

A partir desses dados é ainda possível verificar que 72,2% dos migrantes brasileiros que viviam nesse período em Portugal tinham entre 20 e 49 anos de idade; 56% eram do sexo feminino; mais de 50% possuíam formação escolar de nível médio, mais de 20% de nível superior e apenas cerca de 7% tinham escassa ou nenhuma escolarização (menos de cinco anos). Assim, tais características denotam um nível de educação superior à média em Portugal apontada por outras pesquisas (Machado, 2007; Peixoto, Padilla, Marques e Góis, 2015). Na Figura 5, a seguir, apresentamos a evolução dos números de brasileiros com estatuto legal de residente em Portugal no período de 2000 a 2017. Todavia é necessário destacar que esses dados fazem referências ao conjunto de pessoas de nacionalidade não portuguesa com autorização ou cartão de residência, em conformidade com a legislação de estrangeiros em vigor em Portugal. Não inclui os estrangeiros com situação regular ao abrigo da concessão, de vistos de curta duração, de estada temporária, de autorizações de permanência, de trabalho ou de estudo, assim como os estrangeiros com situação irregular (INE).

Figura 6. Evolução da população estrangeira em Portugal com estatuto legal de residente, total e de nacionalidade brasileira, no período de 2000 a 2017.



Fonte: PORDATA, com tratamento próprio

Já dentro do quadro geral da emigração internacional brasileira, a estimativa do Governo Brasileiro para o número de residentes em Portugal no ano de 2016, era de aproximadamente 116.000 brasileiros a viverem no país, sendo o quarto destino da população brasileira em termos de volume. Essas estimativas apresentadas pelo MRE tem como base, avaliações contidas nos relatórios consulares enviados anualmente por embaixadas e consulados sobre o número de brasileiros residentes em suas respectivas jurisdições em Portugal. O Quadro 3 mostra a distribuição por região de habitação dos brasileiros em Portugal de acordo com os dados do Ministério das Relações Exteriores.

Quadro 3. Estimativa do MRE do número de brasileiros em Portugal em 2016 por cidade

Cidade	Número estimado de Brasileiros
Faro	19.214
Lisboa	66.000
Porto	31.057
Total	116.271

Fonte: MRE (2016).

Na ausência e/ou limitação dos dados oficiais, recorreremos às produções acadêmicas que analisam a presença de brasileiros em Portugal. As pesquisas sobre os sujeitos oriundos do Brasil em Portugal, vêm examinado, entre outras dimensões, o volume e as características dos fluxos (Peixoto, Padilla, Marques, e Góis, 2015); os modos de incorporação no mercado de trabalho (Malheiros

2007); os problemas de identidade e de representação (Correia e Neves, 2011); as clivagens associadas ao género (Raposo e Togni 2009), a questão da participação política e o papel das redes sociais nos trajetos migratórios (Silva e Malheiros, 2018); o papel dos grupos religiosos e a sociabilidade (Téchio, 2009) o retorno ao Brasil (Nunan e Peixoto, 2012) e, ainda nos últimos anos, os intercâmbios científico-académicos como a mobilidade protagonizada pelos estudantes internacionais brasileiros (Iorio e Fonseca, 2018). Os estudos sobre esta comunidade em Portugal são bastantes numerosos e refletem a relevância, tanto científica como social, que a imigração brasileira tem adquirido no país.

Neste aspeto, o trabalho de Padilla e Ortiz (2012) destaca o papel preponderante desempenhado pelo mercado de trabalho nas dinâmicas migratórias, absorvendo os imigrantes no mercado de trabalho formal e informal, e contribuindo para a consolidação dos fluxos migratórios. Todavia, as autoras constataam que se, no início, os imigrantes brasileiros desempenhavam trabalhos de qualificação intermédia e alta, ao longo da década passaram a desempenhar funções de menor qualificação, num processo designado de proletarização. Ainda, segundo Padilla e Ortiz (2012), os brasileiros imigrantes em Portugal sempre constituíram um grupo atípico por estarem em ocupações e profissões de baixa, média e alta qualificação.

É importante destacar que essa temática da “imigração brasileira” foi problematizada em Portugal primeiramente através de estudos sociodemográficos e económicos. Privilegiando a lógica economicista, a dimensão laboral e o *status* económico dos “imigrantes” constituíram por muito tempo a principal forma de categorizar os diversificados fluxos provenientes do Brasil que, com dimensões temporais específicas, foram representados pela identificação de “duas vagas” migratórias (Padilla, 2006; Malheiros, 2007; Pinho, 2007). A primeira vaga, ocorrida no período dos anos de 1980 até meados dos anos 1990, teve como componente maior a presença de imigrantes com formação superior da classe média alta, e com elevada qualificação profissional. Neste grupo destaca-se, entre outros, a presença de médicos, dentistas, publicitários, analistas de sistemas e áreas de gestão e profissionais de *marketing*. As sucessivas crises económicas ocorridas no Brasil naquele período, que impediam a mobilidade social interna e as reduzidas oportunidades no mercado de trabalho, apresentavam-se como as justificativas para a

mobilidade (Torresan, 1994; Pinho, 2007).

A segunda vaga, por sua vez, foi o período no qual a “imigração brasileira” em Portugal sofreu um impulso numérico muito significativo, suscitando um maior interesse acadêmico sobre os deslocamentos de brasileiros para Portugal (Brasil, 2004; Padilla, 2006; Malheiros, 2007; Pinho, 2007). Classificados como deslocamentos essencialmente laborais, a imigração brasileira esteve fundamentalmente direcionada para atividades profissionais que não exigiam qualificações específicas, e esteve composta por migrantes de origens socioeconômicas da classe trabalhadora, concentrando-se principalmente no mercado laboral, em atividades de menores qualificações (Góis, Marques, Padilla e Peixoto 2009). Não obstante, também neste período é que foram firmados acordos bilaterais entre Brasil e Portugal – a exemplo do “Acordo Lula” (2003), assim como foi nesse período que a lei de imigração Portuguesa sofreu a maior parte de suas reformulações (Padilla e Ortiz, 2012).

Sob essa perspectiva, Malheiros (2007, p.22) apresenta um conjunto de dados socioeconômicos, demonstrando que as qualificações dos “imigrantes brasileiros” não exibem decréscimos muito significativos da 1ª para a 2ª vaga imigratória, ainda que “as formas de inserção profissional registem alterações mais significativas, revelando tendência para uma maior inserção em segmentos do mercado de trabalho menos qualificado”. Nesse sentido, podemos compreender que os níveis de escolaridade e a situação laboral nas sociedades de destino, não servem, de maneira isolada, como argumentos para definição da classe social, nem das experiências dos sujeitos em mobilidade. Na realidade, a consideração sobre a “2ª vaga” como um deslocamento com um “perfil migratório mais laboral” que a “1ª vaga” (Malheiros, 2007, p. 23) acaba por não destacar que, para ambos os fluxos, a dimensão laboral foi importante, ainda que em condições sociais e posicionamentos de classe distintos.

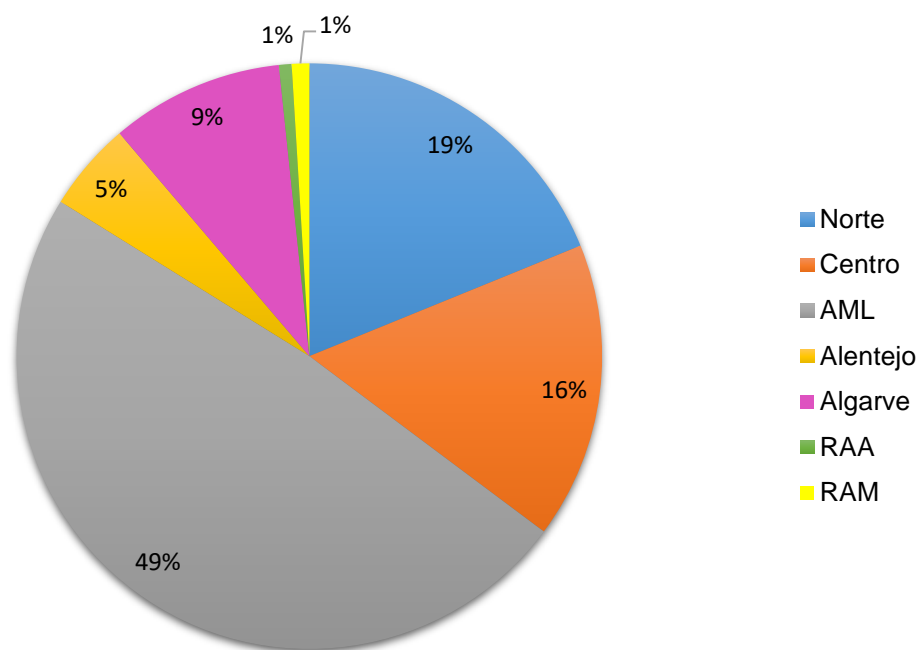
Num estudo etnográfico sobre imigrantes brasileiros não documentados que, oriundos maioritariamente do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, viviam na Costa da Caparica, em Portugal, Oliveira (2006) identifica os EUA e Portugal como sendo os dois países passíveis de serem destinos principais de migração desses brasileiros. A autora ressalta que a migração para a América do Norte, que teve início anterior e com maior intensidade, ainda ocupa um lugar privilegiado no imaginário dessas culturas de migração. Isso porque, a maior

facilidade relativa à entrada no continente europeu, consequência da adesão de Portugal a União Europeia, está associada à exigência de visto para entrada nos Estados Unidos, os custos financeiros mais altos e o risco físico envolvido na travessia do México para os EUA (Oliveira, 2006; Machado, 2009) e são aspetos contabilizados pelos sujeitos como fatores relevantes para a escolha de Portugal como destino.

Possivelmente, a presença de brasileiros em Portugal reproduz, em alguns casos, o perfil de imigrantes identificados em outros países, como os Estados Unidos. Todavia, para Padilla (2006), embora existam imigrantes brasileiros em muitos países, há diferenças e similaridades nas formas como eles se adaptam, inserem ou vivem nas diferentes sociedades de destino. Segundo a autora, as diferenças e similaridades são consequências lógicas das características específicas do país de destino, das redes e dos recursos que os imigrantes têm à sua disposição, e não uma consequência de como são os brasileiros, visto que isso seria uma visão essencializadora.

Em relação à distribuição geográfica da comunidade brasileira em Portugal, identificamos uma maior presença desse grupo na Região Norte (19%) e sobretudo na Área Metropolitana de Lisboa (49%) (Fig. 6).

Figura 6: População de nacionalidade brasileira com estatuto legal de residente em Portugal, por NUTII, 2017

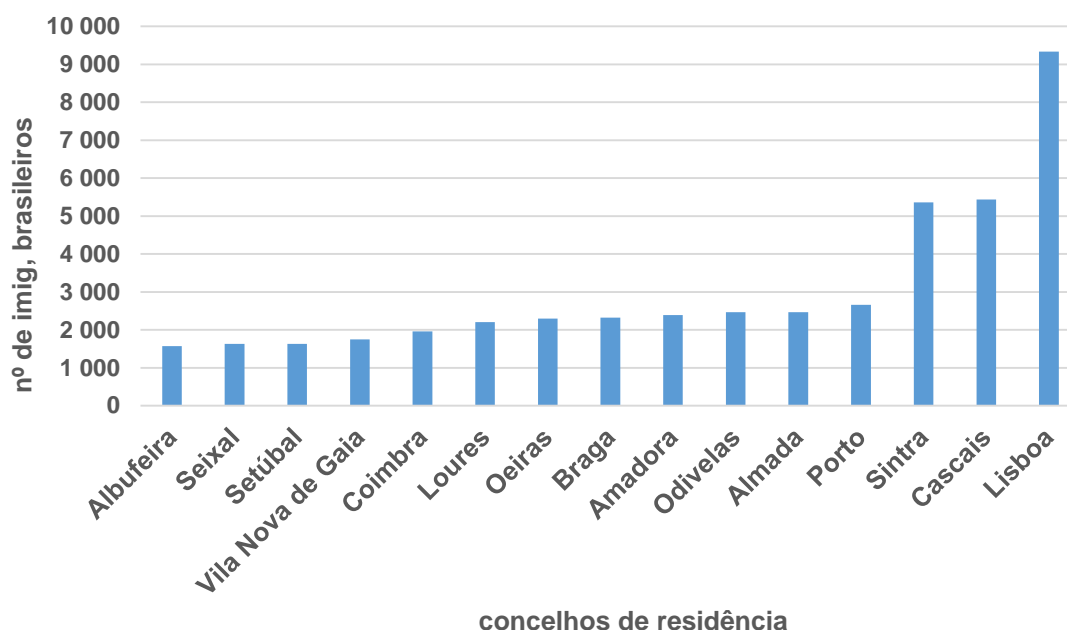


Fonte: PORDATA, com tratamento próprio,

Essa concentração nas referidas regiões pode ser explicada pelo facto de Lisboa e Porto serem a porta de entrada para os imigrantes brasileiros, especialmente para aqueles que não possuem amigos e/ou familiares em Portugal (Santos, 2009) e também em função da maior oferta de empregos destes lugares.

Numa análise desagregada, verifica-se que Lisboa, Cascais e Sintra são os municípios onde a comunidade brasileira é mais numerosa (Fig. 7), sendo que mais de metade (54,8%) vive em 15 dos 308 concelhos do país.

Figura 7. Top 15 concelhos de residência dos imigrantes de nacionalidade brasileira com estatuto legal de residente em Portugal, 2017



Fonte: PORDATA, com tratamento próprio.

Todavia, é relevante acrescentar que em 2017, segundo dados do SEF, publicados pela PORDATA, havia registos de brasileiros com autorização de residência em Portugal em todos os concelhos portugueses, com exceção de Freixo de Espada à Cinta e Pampilhosa da Serra.

3.1.2.1 Lugar: Área Metropolitana de Lisboa

Lisboa, a capital de Portugal, situa-se na margem direita do rio Tejo. É a cidade mais populosa e o principal centro de atividade económica do país, sendo também a capital mais a ocidente do continente europeu na costa atlântica. A Área Metropolitana de Lisboa (AML) espraia-se por 3015 Km² - 3,3% da área de Portugal – e, em 2017, concentrava 27,5% da população portuguesa (2 827 514 para um total nacional de 10 300 300 habitantes).

Entre as muitas definições possíveis, Cordeiro (2017) considera que Lisboa pode ser caracterizada como uma cidade de bairros. Uma cidade de certos bairros, atualmente denominados históricos e/ou típicos, que simbolizam a cidade e, em simbiose, se associam a outros traços distintivos da sua urbanidade: a topografia acidentada e a situação ribeirinha. Para Seixas (2011), a paisagem de Lisboa é inevitavelmente, razão e reflexo da sua enorme polimorfologia e de uma variada polifonia, com seus mil bairros todos diferentes

e todos iguais; com seus esplendrosos parques e suas expectantes Ajudas e Marvilas Velhas; com seus fados hedonístico-solitários e mega-concertos trans-globais. Esperança ao lado de desalento. Vigor ao lado de preguiça. Diversidade ao lado de deserto. Desejo ao lado de desespero. Um caos, à beira do rio.

Lisboa integra um contínuo urbanizado de dimensões variáveis historicamente, revelando diferentes inserções urbanas, históricas e administrativas. Em termos de significado cultural, têm uma unidade temática (Lynch, 1984), composta de características morfológicas, sociais, históricas e, até mesmo, míticas, que remetem a situações históricas passadas e idealizadas. Embora estes elementos sejam hoje reforçados e reproduzidos com objetivos turísticos, nem por isso deixam de pertencer a uma história local e a uma cultura urbana particular que ecoa e continua a sustentar a identidade de Lisboa.

Em relação às especificidades do perfil urbano de Lisboa, a cidade tem sofrido nas últimas décadas, um processo de reestruturação urbana, que tem ligação a fatores socioeconómicos mais amplos – os processos globalizantes das cidades. De maneira que, o desenvolvimento urbano, a renovação e as mudanças que reestruturam a cidade de Lisboa na atualidade são fruto, num primeiro momento da internacionalização da economia portuguesa e da necessidade da mão-de-obra estrangeira para atender à demanda do mercado de trabalho em sectores como os serviços ou a expansão da construção civil, e mais recentemente, do boom do turismo urbano e o aumento do investimento imobiliário estrangeiro, que desde a crise de 2008, vêm remodelando o mercado imobiliário no centro da cidade de Lisboa (McGarrigle e Fonseca, 2018).

Neste sentido, fatores, como o processo de deslocalização (dispersão) da atividade económica, a desindustrialização, os processos de planeamento urbanístico, o sistema de bem-estar social que inclui o pilar habitacional e a evolução da estrutura urbana, associados á historicidade e características dos fluxos migratórios que se instalaram na cidade ao longo das últimas décadas, têm moldado o processo de mudanças socio espaciais que vêm ocorrendo na região metropolitana de Lisboa (McGarrigle e Fonseca, 2018).

Lisboa é, cada vez mais, uma cidade multicultural, face ao crescimento da população imigrante. Uma cidade que foi recebendo, ao longo do tempo, muitas e distintas culturas procedentes de longínquas paragens. É esta mistura singular que torna a cidade uma das mais belas capitais europeias. Lisboa é

contemporaneamente o *locus* do encontro das mais variadas culturas, estando sua história marcada por intensas relações com outros povos e regiões, abrigando desde a sua formação, certa multiculturalidade.

Ainda sob este aspeto, mesmo não sendo este debate o alvo da presente investigação, consideramos importante destacar aqui o trabalho de McGarrigle e Fonseca, (2018), que demonstra como a presença de migrantes internacionais é um elemento chave na transformação da estrutura sócio territorial da área metropolitana e no processo de fragmentação socioétnica de Lisboa. Considerando os fluxos migratórios ao longo do tempo e suas distintas características, as autoras verificam que a presença dos imigrantes induziu mudanças na ecologia social da cidade, reforçando padrões existentes de desigualdade ao mesmo tempo que produzem novas formas de diferenciação espacial e social.

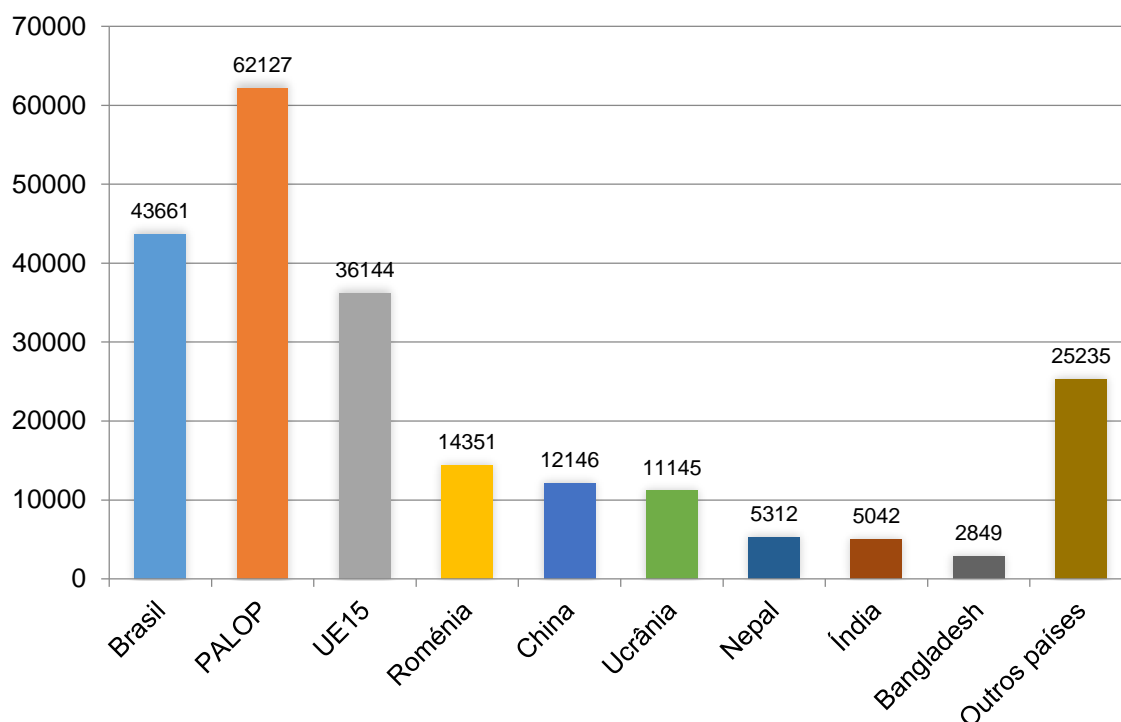
Em relação ao perfil multicultural de Lisboa, de acordo com os dados dos recenseamentos da população, a percentagem de residentes estrangeiros no total dos habitantes da área metropolitana de Lisboa aumentou de 1,8 % em 1990 para 4,7% em 2001 e 7,2% em 2011. Se adicionarmos ao número de estrangeiros o dos duplos nacionais, dado que, nos últimos anos, muitos imigrantes adquiriram a nacionalidade portuguesa, a relevância da imigração na dinâmica de transformação da aglomeração urbana de Lisboa ganha maior visibilidade, representando em conjunto 9,1% da população da região.

A partir de 2011, em consequência dos efeitos da crise económica e financeira global de 2008, que conduziram à intervenção em Portugal do Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e a Comissão Europeia (a chamada Troika), registou-se um declínio da imigração e intensificaram-se as migrações de retorno ao país de origem, com destaque para os brasileiros, ou a remigração para outro destino. Esta tendência conjugada com o aumento do número de imigrantes que obteve a nacionalidade portuguesa, refletiu-se numa diminuição, entre 2011 e 2017, de 11758 (-5,4%) imigrantes documentados, residentes na AML, registados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Contudo, deve salientar-se que com a retoma do crescimento económico, a partir a partir de 2015, registou-se um novo aumento do número de entradas de imigrantes em Portugal, sobretudo de países da União Europeia, nomeadamente franceses e britânicos, mas também da China e do Brasil.

Contemporaneamente, a cidade pode ser entendida como uma das metrópoles multiculturais características da atualidade mundial, não apenas devido à presença de imigrantes vindos de diferentes partes do mundo, mas também porque favorece com que esta diversidade seja exaltada na presença de formas culturais outras que não portuguesas. Como ressalta La Barre (2010), as metrópoles ao redor do mundo são contendoras dos processos de internacionalização das culturas e dos múltiplos encontros culturais impulsionados pela generalização da mobilidade transnacional que, diante dos processos de globalização, acabam sendo reconhecidas como ícones da multiculturalidade que marca a contemporaneidade. Nesse sentido, a própria cidade reinventa-se com a inclusão do Outro e favorece para que a diversidade se transforme em índice de riqueza cultural (La Barre, 2010). No plano da produção da cultura, como entretenimento, esta diversidade é muitas vezes exaltada, sobretudo com o intuito de divulgar a cidade turisticamente. Todavia, essa exaltação da multiculturalidade ocorre muito mais num plano retórico e discursivo do que prático.

No que tange o perfil da população brasileira, essa constitui o grupo mais numeroso dos cidadãos estrangeiros que no final de 2017 residiam nos distritos de Lisboa e Setúbal (43661, ou seja 20% de um total de 218012) (Fig. 6). Além do Brasil destacam-se ainda os PALOP (Países Africanos de Língua Portuguesa), os países da UE 15, a China e outros países asiáticos, com destaque para o Nepal, a Índia e o Bangladesh. Da Europa de Leste, salientam-se ainda a Roménia e a Ucrânia (Fig. 6).

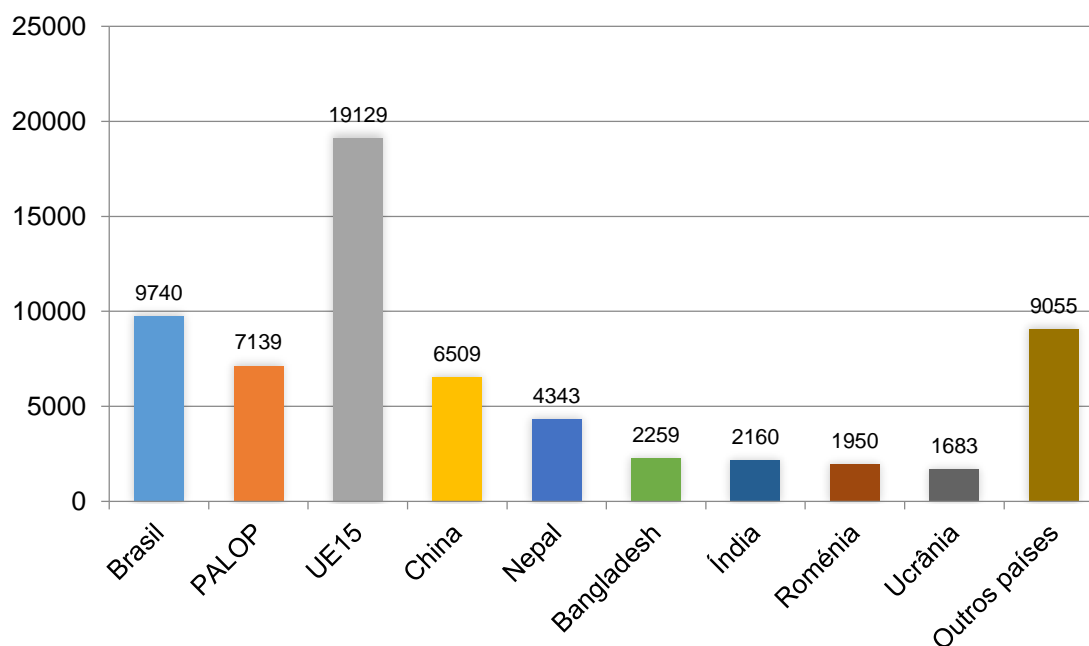
Figura 7. Stock da população estrangeira, documentada, residente nos distritos de Lisboa e Setúbal, segundo as principais nacionalidades, 2017



Fonte: SEFSTAT – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, com tratamento próprio.

A cidade de Lisboa é o município que apresenta maior diversidade da população, registando, em 2017, a presença de imigrantes documentados de 161 nacionalidades e concentrando cerca de 30% dos estrangeiros residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal. Contudo, a proporção dos diferentes grupos de imigrantes apresenta diferenças significativas relativamente ao conjunto da Região. Como pode ver-se nas figuras 6 e 7, os imigrantes nacionais de países da UE 15 (sem Portugal) e os asiáticos têm um peso relativo bastante superior ao dos distritos de Lisboa e Setúbal, enquanto a percentagem dos brasileiros e sobretudo dos cidadãos dos PALOP é bastante inferior à média da Região.

Figura 8. Stock da população estrangeira documentada, residente na cidade de Lisboa, segundo as principais nacionalidades, 2017



Fonte: SEFSTAT – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, com tratamento próprio.

Em relação à distribuição geográfica, os brasileiros apresentam uma menor concentração na Área Metropolitana de Lisboa, quando comparados aos africanos dos PALOP. E a sua distribuição pode ser observada em áreas com características urbanísticas e sociais contrastantes, na área central de Lisboa, nomeadamente na freguesia de Arroios e, nos subúrbios, preferencialmente, em áreas litorais (Costa da Caparica, linha do Estoril – Cascais e no concelho de Mafra, com destaque para a freguesia da Ericeira). No Quadro 4 a seguir, apresentamos a distribuição do número de brasileiros com estatuto legal²³, de residência por concelhos na região metropolitana de Lisboa.

Quadro 4. População de nacionalidade brasileira, com estatuto legal de residente, por concelhos na região metropolitana de Lisboa 2017

²³ Não inclui os estrangeiros com situação regular ao abrigo da concessão de autorizações de permanência, de vistos de curta duração, de estudo, de trabalho ou de estada temporária, bem como os estrangeiros com situação irregular. (INE)

	Total População Estrangeira com Estatuto Legal de Residente	Total população brasileira com Estatuto Legal de Residente	Percentagem população brasileira com Estatuto Legal de Residente (%)
Área Metropolitana de Lisboa	206.048	40.385	20
Alcochete	835	174	21
Almada	8.802	2.469	28
Amadora	15.881	2.391	15
Barreiro	2.563	513	20
Cascais	21.501	5.434	25
Lisboa	62.424	9.337	15
Loures	14.837	2.202	15
Mafra	2.869	1.121	39
Moita	2.300	306	13
Montijo	2.718	667	25
Odivelas	12.015	2.467	21
Oeiras	8.546	2.297	27
Palmela	1.918	402	21
Seixal	7.139	1.629	23
Sesimbra	1.716	504	29
Setúbal	5.188	1.629	31
Sintra	29.345	5.364	18
Vila Franca de Xira	5.451	1.479	27

Fonte: SEFSTAT – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, com tratamento próprio.

Segundo Fonseca (2005), os brasileiros constituem a população mais heterogênea do ponto de vista socioeconómico, quando comparada a outros grupos de migrantes presentes na cidade de Lisboa. A inserção dos trabalhadores estrangeiros residentes na Área Metropolitana de Lisboa no mercado se dá tanto no grupo de profissões semiqualeficadas ou não qualificadas como no grupo de profissões e atividades altamente qualificadas - administração, profissões liberais, ciência entre outros.

A assiduidade da população de origem brasileira, ao longo dos últimos anos, na Área Metropolitana de Lisboa, vem contribuindo para a reconfiguração da paisagem urbana da cidade e para a construção do quadro da diversidade cultural que a caracteriza. A diversidade da presença de sujeitos oriundos do

Brasil pode ser observada em setores distintos do mercado de trabalho, em estratos sociais diferenciados e em agrupamentos de brasileiros seguindo critérios variados (lgbt, evangélicos, estudantes) indicando a importância, profundidade e complexidade desse fluxo populacional. Facilmente em Lisboa encontra-se um imigrante brasileiro nas mais diferentes áreas da cidade ou desempenhando as mais distintas funções que vão desde as prestações de serviços, saúde, restauração, turismo, a artes e espetáculos, ciências, profissões liberais entre outras. Somando-se a isso, o empreendedorismo étnico dessa comunidade, em freguesias como a de Arroios e ou da Costa da Caparica, que oferecem opções “de lugares brasileiros” na cidade, como os cabeleireiros, os supermercados, os restaurantes e as discotecas, têm tido um papel relevante para a reconfiguração social e paisagística da cidade de Lisboa (Frangela 2013).

Figura 9. Fotos da Comunidade Brasileira em Lisboa



1. Planfeto de divulgação da semana do Brasil promovida pela Junta de Freguesia de Arroios; 2. Loja de produtos brasileiros em Arroios; 3. Manifestação da comunidade brasileira face a situação política no Brasil; 4. Divulgação de um evento de música brasileira; 5. Agência de câmbio em Arroios; 6. Casa do Brasil em Lisboa; 7. Divulgação do grupo de apoio promovido pela Casa do Brasil.
- Fonte: Arquivo pessoal

3.2 Os Sujeitos da Pesquisa: Brasileiros Residentes em Lisboa e Los Angeles

Antes de descrevermos o perfil dos imigrantes brasileiros, sujeitos da nossa pesquisa, torna-se importante ressaltar algumas questões que emergiram da contextualização anteriormente apresentada, especificamente sobre os lugares aqui estudados: Lisboa e Los Angeles. Quando abordamos estes

lugares, estamos tratando de um espaço urbano? Falamos da cidade ou da vivência desse lugar? Na compreensão de Carlos, o lugar constitui

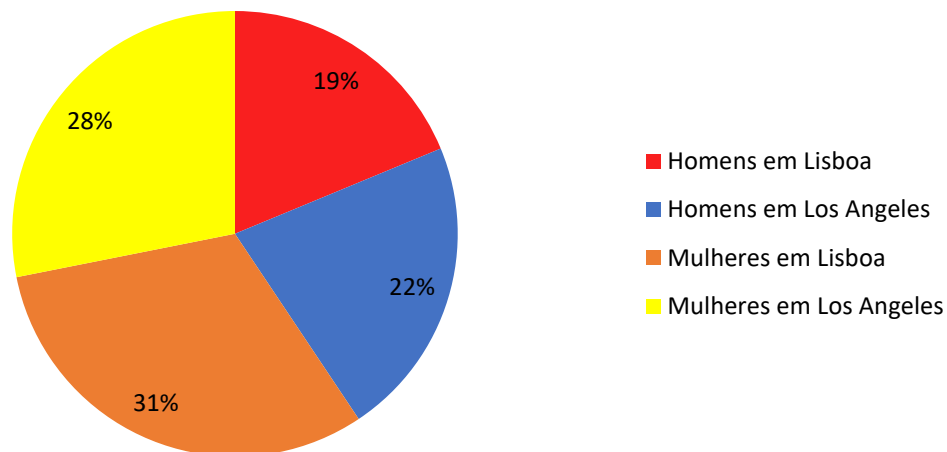
(...) a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *lato sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida, conhecida, reconhecida em todos os cantos (Carlos, 1996, p.17-18).

É nessa perspectiva destacada por Carlos (1996; 2007) que reconhecemos que esses lugares - Lisboa e Los Angeles - podem ser compreendidos enquanto espaço vivido, nas suas múltiplas dimensões, ou seja, enquanto “porção do espaço apropriável para a vida”. Assim, o lugar que aqui investigamos, não é uma restrição categórica para compreender o espaço em escala menor, mas sim uma porção do espaço cujo recorte para fins analíticos é realizado através das singularidades percebidas e vivenciadas pelos imigrantes brasileiros nesses espaços vividos.

Neste aspeto, na presente investigação procurámos construir uma amostra que refletisse a heterogeneidade das experiências vividas de mobilidade dos brasileiros em Lisboa e Los Angeles. Foram entrevistados trinta e dois imigrantes brasileiros, sendo dezasseis deles entrevistados em Lisboa e dezasseis entrevistados em Los Angeles. Assim, a partir dos dados obtidos com as entrevistas, apresentamos o perfil socioeconómico da amostra, descrevendo com mais detalhe as características escolares e profissionais dos imigrantes entrevistados.

Em relação ao género, a maioria dos imigrantes que foram entrevistados constou de mulheres 59% (N=19) e 41% (N=13) foram homens. Na cidade de Los Angeles foram inquiridos 22% (N=7) dos homens e 28% (N=9) das mulheres, enquanto que em Lisboa 31,25% (N=10) eram mulheres e 18,75% (N=6) eram homens. A Figura 7 ilustra a distribuição por sexo dos entrevistados.

Figura 10. Distribuição dos imigrantes entrevistados por género



Fonte: Elaboração própria

De acordo com Assis (2007), uma das questões que mais têm sido colocadas no âmbito das teorias sobre as migrações internacionais é o aumento da participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais. Para Castles, De Haas e Miller (2013), a feminização da migração é uma das cinco características que define a atual era das migrações. Neste aspeto, a crescente, ou pelo menos mais visível feminização das migrações, fenómeno também designado por genderização (Piper e Yamanaka 2005), tem estimulado claramente uma mudança de paradigma nos estudos sobre o tema, levando à adoção de uma perspetiva empírica e teórica mais inclusiva, no seio da qual se considera a influência das questões da interseccionalidade e de género nas dinâmicas migratórias (Neves, Nogueira, Topa e Silva, 2016).

É reconhecido que as mulheres não tiveram por algumas décadas, a merecida atenção enquanto sujeitos históricos que se inserem em processos migratórios. E, nesse aspeto, compartilhamos da ideia de Kosminsky (2004), quando afirma que a falta de visibilidade das mulheres nas investigações sobre migrações transnacionais não se restringe apenas ao facto da sua ocultação nesse fenómeno, mas ainda na forma de como são normalmente representadas nas investigações - como coadjuvantes, na posição de membro da família, oferecendo assim uma leitura das suas experiências e vivências com sentidos estereotipados. De forma que as investigações apreendidas pela narrativa patriarcal deixaram de dar voz às perceções das mulheres imigrantes em relação

ao seu mundo, menosprezando o facto da imigração ser vivenciada de maneira diferenciada por homens e mulheres (Kosminsky, 2004).

Todavia, os estudos atuais sobre migrações vêm sendo marcados por uma tentativa de resgatar o papel das mulheres dentro dos processos de mobilidade, buscando entender as alterações nas relações de género e as diferenças de *status* no país de destino e no país de origem; as formas de participação no mercado de trabalho, a relação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado e a vida familiar (Dion e Dion, 2001; Assis, 2007).

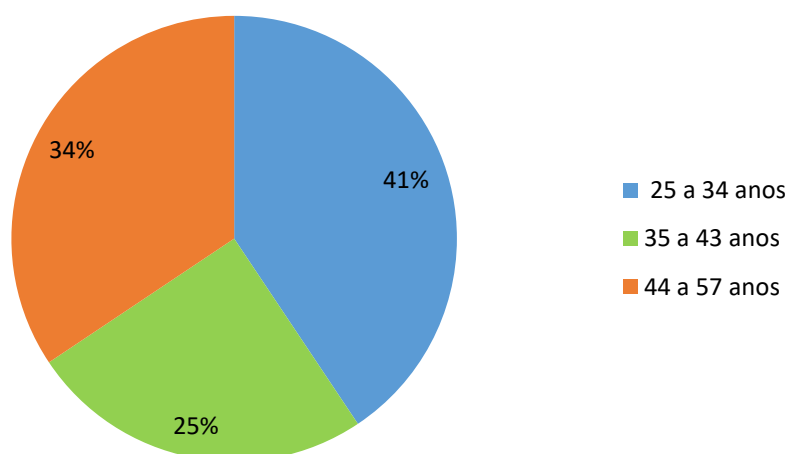
Ao analisarmos as questões relacionadas com faixa etária dos imigrantes brasileiros entrevistados nesta investigação, verificámos que estes sujeitos se concentram na idade potencialmente ativa (15-64 anos). Entre os 32 imigrantes brasileiros que declararam data de nascimento, a idade deles encontra-se assim distribuída: a) 25 a 34 anos - 40% (N=13); b) 35 a 43 anos - 25%(N=8); c) 44 a 53 anos 35% (N=11).

No que se refere ao tempo de imigração desses entrevistados, a média foi de 13 anos tanto para os entrevistados em Lisboa como em Los Angeles, sendo a variação entre 1,5 anos a 33 anos. Já o tempo de moradia na cidade de destino destes entrevistados teve a média de 12 anos, variando entre 1,5 a 19 anos para o grupo a = 25 a 34 anos; 2 a 19 anos para o grupo b = 35 a 43 anos; de 3 a 33 anos para o grupo c = 44 a 57 anos. Se compararmos as idades dos entrevistados e o tempo de residência nos países de destino, a migração pode ser entendida aqui enquanto reflexo de uma tentativa desses sujeitos de melhoria de suas condições de vida através do trabalho. É interessante destacar que, dos 32 entrevistados, todos migraram antes dos 35 anos. Para Oliveira e Peixoto (2012), um dos temas melhor situados no debate teórico é o carácter selectivo das migrações sob o ponto de vista da idade, que esclarece a predominância de adultos jovens na fase inicial do ciclo migratório.

Segundo Borjas e Bratsberg (1994), a probabilidade migratória declina sistematicamente ao longo da vida produtiva, de forma que a migração entre os trabalhadores mais velhos é menor do que entre os mais jovens. Sabemos que os projetos migratórios envolvem alguns riscos que estão, muitas vezes, ligados a estratégias de média ou longa duração, visto que rendimentos esperados se distribuem no tempo fazendo com que os adultos jovens sejam maioritários. Também é importante ressaltar que é nesta faixa etária que se pode apostar num

maior benefício futuro do investimento migratório, seja através da progressão na hierarquia social, seja através de uma maximização de rendimentos, objetivos que podem levar muitos anos a serem alcançados em contexto migratório.

Figura 11. Distribuição dos imigrantes entrevistados por grupo etário



Fonte: Elaboração própria

No que se refere às trajetórias percorridas por estes sujeitos antes de chegarem às cidades alvo desta investigação, apenas 9% (N=3) não tiveram as cidades de Lisboa ou Los Angeles como destino primeiro de suas mobilidades.

Em relação ao grau de instrução, todos os entrevistados 100% (N=100) declararam ter completado 13 anos ou mais de escolarização no Brasil. Em Los Angeles a incidência de imigrantes brasileiros com Ensino Superior foi maior para esse grupo de entrevistados 62.5% (N=10, E=16), enquanto em Lisboa apenas 37.5% (N=6, E=16) declararam ter esse grau de ensino completo. Nesse sentido, é importante lembrar que os imigrantes tomam decisões baseadas nas suas características pessoais, o que põem em evidência o papel do “capital social” como elemento de diferenciação e seletividade dentro dos contextos de mobilidades internacionais. E, neste aspeto, a abordagem microeconómica destaca o papel da seletividade na migração, principalmente em relação à idade e à educação, embora não considere a heterogeneidade entre os sujeitos em termos de níveis de habilitação e atitude. Todavia, Garip (2008) vai além na relação entre seletividade e capital social, afirmando que o efeito do capital social do migrante não é uniforme e atua de maneira diferente em cada contexto.

Segundo o autor, existem diferentes mecanismos pelos quais o capital social opera e as características individuais dos potenciais migrantes influenciam o seu comportamento migratório.

Ainda, cabe destacar que esses imigrantes são originários de 9 estados brasileiros diferentes, localizados na região sudeste, centro-oeste e nordeste, sendo que dos entrevistados 25% (N=8) eram provenientes do Estado do Rio de Janeiro, 22% (N=7) do estado de São Paulo, 15% (N=5) de Minas Gerais e os outros 38% provenientes de outros estados. A distribuição dos estados e das cidades de origem dos imigrantes pode ser observada no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5. Distribuição dos estados e das cidades de origem dos imigrantes.

Estado	Cidades	Número de Entrevistados
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	8
São Paulo	São Paulo	5
	Sertãozinho	1
	Hortolândia	1
Minas Gerais	Belo Horizonte	3
	Governador Valadares	2
Pernambuco	Recife	4
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	3
	Dourados	1
Bahia	Salvador	1
Ceará	Fortaleza	1
Espírito Santo	Cariacica	1
Goiás	Goiana	1

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à ocupação profissional dos entrevistados, 94% (N=30) encontravam-se empregados no momento da entrevista. Quanto às ocupações profissionais, estas variaram entre professor de ginástica, professor de capoeira, professor de matemática, enfermeira, cantores, atendente de *parking*, motorista, administrativos, doméstica, *baby siter*, porteiro, empregado de lojas e cafés, garçon, cabelereiro e engenheiro elétrico. Este ponto será melhor elucidado no

Capítulo V, onde discorremos sobre as trajetórias desses brasileiros no mercado de trabalho nas cidades de Lisboa e Los Angeles.

CAPÍTULO IV - ATRAVESSANDO AS FRONTEIRAS – DESTERRITORIALIZAÇÃO

(...) migrations is about escape, escape from somewhere and something, while simultaneously an escape to self-fulfilment and a new life - a recreation, restoration or rediscovery of oneself, of personal potential or of one's 'true' desires (O'Reilly and Benson, 2009, p. 3).

Para compreender as migrações e mobilidades humanas contemporâneas importa refletir sobre os contextos espaciais em que as experiências de mobilidade são vivenciadas. Por conseguinte, limitar a investigação ao dueto país de origem e país de destino, como acontece frequentemente nos estudos das migrações internacionais - neste caso Brasil/Estados Unidos da América e Brasil/Portugal, não permite compreender a complexidade dos processos migratórios e dos seus efeitos na vida dos migrantes, nas múltiplas espacialidades do seu quotidiano, na sua relação e na forma como se refletem na construção/reconstrução das suas identidades territoriais. Assim, o que propomos neste capítulo é abordar as mobilidades humanas no sentido lato - ou seja, na sua dimensão espacial, social e corporal; de maneira a compreender as múltiplas escalas nos deslocamentos dos sujeitos, o que implica, por sua vez, refletir sobre a desterritorialização na mobilidade numa perspetiva que analisa simultaneamente a dimensão territorial e a existencial (Marandola, Gallo e Marchiori, 2010; Glick Schiller e Salazar, 2013). Múltiplas escalas, cabe ressaltarmos, devem ser compreendidas como mobilidades que transpõem as relações entre fronteiras geográficas - macro escala, e abarcam as relações socioeconómicas, numa perspetiva existencial – microescala.

Não é novidade que nos últimos anos têm surgido alterações nas abordagens clássicas explicativas das migrações de cunho estruturalista. Nesse contexto, algumas investigações sobre mobilidades têm centrado as suas análises nos elementos simbólicos do processo migratório e na identidade dos sujeitos (Martins Junior e Dias, 2013; Togni, 2015). Ao mesmo tempo, a dimensão territorial das migrações tem recebido destaque nos estudos sobre mobilidades, tanto em estudos de espaços e lugares específicos como dos

territórios migrantes²⁴, diante do fenómeno migratório (Saquet, 2007; Braga, 2011). Todavia, conforme ressaltam Marandola, Gallo e Marchiori (2010), grande parte desta produção teórica focaliza o tema da mobilidade pelo viés sociocultural dos grupos e das suas práticas, não abordando questões propriamente existenciais da mobilidade internacional. É no campo da Geografia que, segundo os autores, tem florescido a possibilidade dessas abordagens serem conciliadas para uma melhor compreensão dos processos de territorialização e desterritorialização num aspeto existencial.

As análises de O' Reilly e Benson (2009), assim como as de Glick Schiller e Salazar (2013) devem ser acrescentadas nesse debate porque salientam a necessidade de investigação dos projetos migratórios sob diferentes perspectivas, nas quais os pesquisadores possam analisar o papel dos Estados-Nação e a preponderância das identidades nacionais na formação da experiência dos sujeitos em deslocamento, sem, todavia, limitar o seu estudo ao parâmetro de Estado-Nação. O nacionalismo metodológico, ao assumir os países como unidades naturais de análise, a partir da naturalização de um “regime global de Estados Nação”, confere-lhes um papel central nos estudos sobre mobilidades, equacionando a noção de sociedade com os interesses do Estado-Nação e transformando, assim, os sujeitos e as trajetórias em “comunidades” (Togni, 2015). Sob essa mesma perspectiva, as diferenças de poder globais, nacionais e regionais exercem um papel determinante nos imaginários sobre a mobilidade, nas condições materiais para sua concretização e, por conseguinte, nas experiências e agência dos sujeitos (Glick Schiller e Salazar, 2013).

Inserindo numa perspectiva de análise do fenómeno migratório que, além dos motivos económicos como fatores de atração e repulsão de fluxos migratórios, privilegia outras dimensões, no presente capítulo abordamos especificamente o processo de construção do projeto de mobilidade internacional de imigrantes brasileiros para as cidades de Lisboa-Portugal e Los Angeles-EUA. Para orientar a nossa interpretação da migração internacional,

²⁴ O território migrante, incute-nos pensar nas trajetórias sociais vivenciadas pelos sujeitos que realizam o movimento migratório, permitindo que entendamos que o migrante constrói ciclos migratórios, fortalecendo laços sociais ao longo deste processo. Ver: Saquet, M. A.; Mondardo, M. L. (2012). A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. *Revista Nera*, (13), 118-127.

seguimos uma abordagem territorial/espacial que nos possibilitasse integrar, simultaneamente, as dimensões materiais e simbólicas, objetivas e subjetivas do processo migratório enquanto mecanismo inicialmente de desterritorialização, ou seja, de atravessar as fronteiras dos lugares vividos²⁵.

No âmbito da teoria social, as fronteiras têm sido compreendidas de maneira polissêmica, com visões que vão de uma compreensão substantiva na definição de áreas geográficas, até aquelas que se expressam nas construções imaginárias, como “aspetos significativos da experiência humana” (Miller E Steffen, 1977 como referido em Almeida, 2002, p. 56). Esta é uma concepção de fronteira que ultrapassa a dimensão espacial e política que assumimos na presente investigação. Sob essa perspectiva, a noção de fronteira é utilizada como recurso heurístico, primeiramente porque a fronteira como dimensão política e territorial expressa os diferentes deslocamentos dos sujeitos da pesquisa entre: Brasil - Portugal; Brasil - Estados Unidos. E, em segundo lugar, porque, ao analisarmos as trajetórias dos sujeitos migrantes, constatamos que a fronteira ocupava um lugar importante nas suas experiências. Ao longo da realização do trabalho de campo, verificámos que, para os sujeitos entrevistados, os deslocamentos entre fronteiras internacionais representavam um encontro de mobilidades diversas, que extrapolavam a dimensão geográfica, ou seja, mobilidade social, física, económica, residencial e imaginária²⁶.

Assim, na busca de compreender as trajetórias desses imigrantes brasileiros, conjugámos olhares sobre o plano histórico-temporal, espacial, social e simbólico dos deslocamentos realizados. Privilegiámos, ainda, o desenvolvimento de uma abordagem holística na análise sobre o processo de desterritorialização envolvido no ato desses sujeitos migrarem, considerando que as teorias sobre as migrações internacionais, marcadas por um nacionalismo metodológico e por concepções isomórficas entre território, cultura e sociedade, apresentam limitações para uma compreensão das trajetórias e dos trajetos desses migrantes (Togni, 2015). Em síntese, analisar as representações construídas pelos imigrantes sobre as mobilidades socioespaciais vivenciadas,

²⁵ Desterritorialização compreendida enquanto um “processo de desenraizamento original iniciado pelo movimento migratório, e que se dá, em termos existenciais, pela alteração da territorialidade consolidada dos sujeitos” (Marandola, Gallo e Marchiori, 2010, p.407).

²⁶ Segundo Graw e Schielke (2012) devemos considerar a migração enquanto horizontes de expectativas e ações.

suas escalas e suas relações se configurou como a estratégia metodológica que nos permitiu uma compreensão mais ampla das experiências e das trajetórias de mobilidade desses sujeitos, assim como sobre os sentidos de melhoria de vida e/ou mudança de vida e os significados dos deslocamentos entre fronteiras internacionais.

Em sua organização, o capítulo encontra-se disposto em duas partes: inicialmente, analisamos o papel do imaginário das representações e das redes sociais como elementos agenciadores e propulsores do projeto de desterritorialização desses sujeitos. Na sequência, a partir das noções de projetos e campos de possibilidades, analisamos os trajetos e trajetórias socioespaciais transnacionais desses brasileiros, enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, mas que integra singularidades e peculiaridades que nos possibilitam avançar em relação ao viés racionalista que marca este campo de investigação.

4.1 O Processo Inicial da Desterritorialização dos Brasileiros.

As diferentes correntes teóricas procuram compreender o fenômeno da mobilidade humana a partir de diversas perspectivas de análise. Dentre elas, as teorias de cunho economicista, que privilegiam a relação existente entre migração e desenvolvimento económico (Lewis 1954; Harris e Todaro, 1970); as teorias dos fatores de atração e repulsão, que analisam o fenômeno migratório enquanto um processo baseado em duas dinâmicas: *push* (fatores/áreas de expulsão), na qual as condições do país de origem obrigam as pessoas a emigrarem; e *pull* (fatores/áreas de atração), na qual os países de destino atraem os imigrantes em busca de prosperidade (Lee, 1966). Outras teorias, por sua vez, analisam as migrações como um processo de construção de redes sociais, onde os imigrantes encontram estratégias para viverem ligados a dois locais concomitantemente (Portes, 1995).

No caso específico da emigração brasileira, diversos estudos têm destacado o papel que as crises económicas e as redes sociais exercem sobre este fenômeno (Martes, 2001; Margolis, 2001; Machado, 2009; Sales, 2009, Siqueira, Assis e Campos, 2010; Siqueira, Fonseca, Santos e Genovez, 2017). São reflexões que, em comum, ressaltam os problemas económicos que

surgiram no Brasil, principalmente nos fins da década de 1980, como fatores que impulsionaram o desejo de milhares de brasileiros saírem do país e que, associados à atratividade de alguns países europeus e dos EUA no cenário socioeconómico mundial, tornam-se significativos para uma compreensão da emigração brasileira.

Apesar de reconhecermos as importantes contribuições das diferentes perspectivas teóricas que analisam o fenómeno da migração, não é nosso propósito, no presente trabalho, utilizar como recurso analítico a produção académica sobre migrações internacionais (*migration studies*), visando confrontar perfis e padrões de deslocamentos contemporâneos de uma “emigração brasileira”, quer seja para Portugal (Machado, 2006, 2008, 2009; Malheiros, 2007; Padilla, 2007), quer seja para os Estados Unidos (Assis 2007; Margolis 2001; Martes 2001; Sales, 1999; Siqueira, Fonseca, Santos e Genovez, 2017). Isso porque, além de um significativo volume de investigações realizadas sob essa perspectiva, o nosso propósito foi outro: compreender como ocorre o processo de decisão de migrar, numa perspectiva que privilegia a subjetividade dos sujeitos migrantes.

Ainda nesse aspeto, Schörner (2010) destaca que uma parte significativa dos estudos sobre migrações tende a subvalorizar os fatores económicos nas suas análises, menosprezando o papel dos próprios migrantes enquanto agentes envolvidos nesse processo. Sob essa perspectiva é que consideramos que as experiências de mobilidade dos sujeitos imigrantes seriam incompreensíveis se abordadas exclusivamente por meio das dimensões económicas e laborais nas sociedades de destino. Assim, buscando ampliar nossa compreensão sobre a imigração para além dos fatores de ordem económica que a ela são associados, o nosso propósito no presente trabalho é privilegiar uma análise das motivações que orientam a decisão de imigrantes brasileiros pela migração.

4.1.1 Mudar e Melhorar de Vida

No conjunto das narrativas construídas pelos imigrantes brasileiros, um dos argumentos utilizados recorrentemente pelos entrevistados para justificarem o processo da emigração era a possibilidade de acesso a uma vida melhor fora do Brasil (Santos, 2009). A significativa frequência de expressões como "buscar uma vida melhor", "mudar a minha vida", "ter uma vida melhor", dentre outras que emergiram por ocasião das entrevistas nos levou a reconhecer a lógica melhoria de vida como uma categoria de elevada relevância para compreensão das motivações desses sujeitos para a mobilidade geográfica. Acrescentamos, ainda, que esse sentido atribuído à migração nos pareceu um caminho promissor para ampliar a nossa compreensão sobre esse fenómeno, uma vez que, sem negar a importância da dimensão socioeconómica - fatores *push/pull* como pano de fundo para a análise da migração brasileira, nos possibilitava extrapolar uma visão dos movimentos migratórios como um fenómeno unidirecional. Os fragmentos das entrevistas, por sua vez, elucidam essa ideia de "melhoria de vida", recorrente nas narrativas dos migrantes brasileiros, que não se refere apenas ao carácter economicista da mobilidade, como veremos.

"Na época que decidi vir para cá, já estava um pouco insatisfeita com o ritmo de vida que tinha no Brasil. Trabalhava muito, vivia pouco. Estive em Miami de férias e adorei. Voltei para o Brasil com a intenção de ir morar lá. Pedi demissão do meu emprego e ir conhecer outras pessoas, culturas e coisas, viver outras coisas, sabe? Sair do Brasil. Sempre tive essa vontade de mudar de vida, e no Brasil eu sentia que isso não era possível. Vivia num mundo que era tudo igual. Tinha um bom emprego, uma casa, mas queria mais. Queria ter outras coisas, outras experiências. Queria me desafiar, melhorar a minha vida, mudar de vida. Não tinha nada a perder. Falava um pouco de inglês, por isso pensei que conseguiria um emprego, não igual ao que eu tinha no Brasil, mas ganharia igual ou um pouco melhor e trabalharia menos. Então resolvi, que iria ver como é viver em um outro país" **(Regina, Los Angeles)**.

"Eu tinha um amigo que veio para Londres, e continuamos a manter contato pela internet. Nunca tinha pensado em sair do Brasil. O meu amigo começou a me falar como era a vida lá e como Brasil era outro nessa altura, eu fiquei a sonhar com aquilo. Pensava como Londres era cosmopolita, cheio de gente de outras nacionalidades, como você era influenciado por essas pessoas, como era legal a vida lá. Me parecia que era uma vida muito mais flexível para as estruturas rígidas da vida que a gente tem no Brasil. Eu via que ele tinha uma vida flexível, se não gostava de um emprego, saía e amanhã arrumava outro. Eu me sentia muito preso às estruturas daquela altura. Então achei aquilo mais interessante. Tinha aquilo que os brasileiros

almejam na minha opinião, ter a flexibilidade das viagens, o alcance e... outra... um senso de liberdade muito grande. Ter minha vida particular, na altura eu pensava em viver sozinho e tudo que eu via era muito caro para mim, e aqui (na Europa) parecia que tudo funciona. Então eu tive aquela curiosidade imensa que me levou a mudar, queria mudar a minha vida para melhor” **(Walter, Lisboa)**.

É importante salientar que praticamente todas as formas de migração estão associadas às aspirações dos sujeitos migrantes para uma "vida melhor". Entretanto, as motivações subjacentes às decisões de migrar assumem representações distintas para os diferentes sujeitos. Nesse aspeto, Durham (1984) reconhece que melhorar de vida é o modo que os brasileiros dão sentido, num primeiro momento, ao projeto de se deslocarem entre fronteiras nacionais e internacionais (Togni, 2015).

Apesar dos termos melhoria/mudança de vida apresentarem significados diversos nas narrativas dos entrevistados, identificamos que para estes migrantes o sentido de se mover para outro país encontra-se associado à representação de usufruir oportunidades sociais e económicas não disponíveis localmente, ao mesmo tempo em que se associa a um desejo em conhecer novas culturas. Nesse sentido, é importante ressaltar o papel dos imaginários socialmente compartilhados na sociedade brasileira, e cada vez mais presentes no mundo contemporâneo, de extrema valorização, ou ainda, de uma romantização das experiências de cruzar fronteiras. Nesse contexto, os movimentos migratórios são percebidos como movimentos desejáveis (Salazar, 2016) e, até mesmo, como caminhos normativos para a plena realização do potencial humano.

Na busca por uma melhor compreensão sobre a relação existente entre o desejo de emigrar dos sujeitos entrevistados e a representação compartilhada por todos eles de que a migração permitiria alcançar uma “vida melhor”, que não era possível no Brasil, tornou-se necessário aprofundar analiticamente a questão das racionalidades económicas da globalização que encorajam a emigração. Também é imprescindível que aprofundemos a análise das dinâmicas culturais que modelam relações humanas e políticas, de maneira que possamos compreender, a partir dos contextos de origem dos sujeitos imigrantes, as lógicas culturais que tornam esses deslocamentos pensáveis, praticáveis e desejáveis,

e que se encontram vinculadas a processos de acumulação de capital (Maciel, 2012).

Sob essa perspectiva, foi possível compreender que os discursos desses imigrantes brasileiros revelam uma narrativa de fuga: uma fuga de lugares que, para eles, possuíam uma representação negativa da vida antes da migração. Assim, a saída do Brasil representava, antes de tudo, um escape de um lugar onde a “vida boa” não era acessível no território de origem, em todos os sentidos do termo acessibilidade. Sob essa perspectiva, a migração desses sujeitos foi motivada por insatisfações diversas, tanto na esfera econômica, como na esfera social de suas realidades de vidas no Brasil, aliadas ao desejo, ou mesmo, a uma curiosidade de conhecer novas culturas. Nesse contexto, a migração se apresentava como uma estratégia de melhoria de vida, de restabelecimento de um melhor equilíbrio entre as necessidades socialmente definidas e a remuneração do trabalho (Schörner, 2010), aliada ainda à concretização de um desejo de conhecer um novo país, uma nova cultura.

Portanto, deve salientar-se que a “vida melhor” desejada pelos imigrantes brasileiros não se refere exclusivamente a uma busca de prosperidade econômica; mas envolve também fenômenos de natureza subjetiva, a exemplo de fuga da violência, desejo de autonomia perante os familiares, imaginário de uma vida moderna (Mapril, 2008), entre outros desejos que seriam realizados ao viver em Portugal ou nos Estados Unidos, permeados pelo trabalho e acesso aos bens de consumo.

Dessa maneira, uma análise das narrativas construídas por esses imigrantes brasileiros sobre as suas vivências migratórias revela a complexidade dos fatores envolvidos e impulsionadores da mobilidade humana, bem como da inconsistência de uma categorização rígida desses fatores (Fouquet, 2007). Nesse sentido, histórias como as de Ananda e Bernardo - que ansiavam por sair da sua cidade natal em busca de maior autonomia familiar - aliada à vontade de conhecerem outro país; ou a história de Tácio - que após ter o seu estabelecimento comercial assaltado e não conseguir manter o seu negócio, decidiu mudar-se sozinho para Portugal - em comum revelam e explicitam a debilidade de justificativas restritas à dimensão econômica para uma compreensão das representações e motivações subjacentes ao processo da emigração internacional brasileira.

Assim, entendemos que observar os imaginários desse grupo de brasileiros contribuiu para refinar a nossa compreensão sobre a tomada de decisão nos processos de mobilidade. Certamente, as matrizes das representações e desejos dos imigrantes brasileiros são plurais e complexas. Porém, é importante destacar que, apesar dos imaginários existirem num nível abstrato, constituem uma parte importante das motivações dos migrantes, visto que os imaginários se manifestam como representações comuns das aspirações, esperanças e sonhos.

É neste aspeto que observamos que a mobilidade entre países despontava no imaginário destes entrevistados como possibilidade para um crescimento, que não se limitando somente à materialidade - acesso a melhores salários, poder de compra, constituição de poupanças, entre outros - ao mesmo tempo abrangia um crescimento simbólico de capital (Fouquet, 2007). Ou seja, migrar para estes sujeitos, assume um sentido mais amplo e subjetivo, que podemos entender como o de envolverem em um estilo de vida significativo (O'Reilly e Benson, 2009; Glick Schiller e Salazar, 2013). Em alguns momentos das narrativas dos entrevistados, emergiram termos como a busca de autorrealização, auto desafio ou auto desenvolvimento. Sob essa perspectiva, compreendemos que a migração representava para estes sujeitos uma oportunidade transformativa, de vários modos, permitindo uma fuga de situações de estresse e/ou de um *status* socioeconómico potencialmente comprometido, ao mesmo tempo em que apresentava possibilidades de fornecer a própria fonte simbólica de capital.

Sob essa perspectiva teórica, a categoria melhoria de vida torna-se uma noção eficaz para compreensão e análise dos deslocamentos entre fronteiras internacionais, a partir de uma lógica que ressalta aspetos desses deslocamentos que são mais sutis que aqueles exclusivamente económicos (Togni, 2015). Assim, podemos entender que os termos “mudança de vida” e “melhoria de vida”, recorrentes nas narrativas dos entrevistados, a despeito de suas formas e contornos diferenciados, apresentam aspetos comuns em suas representações. São narrativas que, apesar de não desprezarem as motivações de ordem económica para o trabalho em outro lugar, revelam a existência de outros fatores, relacionados a questões de ordem mais privada, personalizadas e/ou de natureza idiossincrática, que não devem ser ofuscadas por argumentos

económicos coletivos, que são mais facilmente articulados e aceitáveis, conforme destaca Constable:

As motivações económicas são, sem dúvida, um importante fator na decisão de se deslocar, mas ao mesmo tempo “uma resposta fácil, uma resposta mais aceitável e até certo ponto uma resposta automática e incompleta que tende a encobrir o que a riqueza etnográfica pode revelar (Constable, 1999, p. 212).

O uso das narrativas como instrumento da presente investigação permitiu-nos compreender a migração como objeto de uma representação relacionada à oportunidade de mudança. Na especificidade dos nossos entrevistados, essa representação de “vida melhor” também se encontra associada, por um lado, às elocuições sobre a sociedade brasileira, como a falta de oportunidades, os baixos salários, a violência e as dificuldades de acesso a alguns equipamentos de consumo. Por outro lado, e ao mesmo tempo, expressões como a vontade de conhecer e viver em outro país, o desejo de viver longe da família, a ânsia por “ganhar” o mundo, a busca de autonomia, o cruzar fronteiras, o contacto com “o diferente”, o sair do lugar e o não pertencimento cultural também se vão misturar nas representações dos sujeitos, como elementos motivadores de sua saída do Brasil.

4.1.2 Estados Unidos e Portugal, Aqui Vou Eu!

Nas histórias de mobilidades narradas pelos sujeitos entrevistados podemos identificar que o lugar imaginado por eles era o lugar das realizações dos seus desejos e pleno de possibilidades. Tanto os Estados Unidos como Portugal foram representados e imaginados, em comum, como destinos que ofereciam a oportunidade de acesso a um modo de vida melhor e eram relacionados a privilégios e oportunidades que não são acessíveis a todos os cidadãos (Zamberlam, 2004). É neste contexto que procuramos compreender as imagens e as concepções construídas por estes sujeitos sobre as cidades - Lisboa ou Los Angeles, de maneira a identificar a concepção do espaço vivido na sua materialidade. Isso porque, nos processos migratórios as imagens sobre o lugar de destino se apresentam, para o imigrante, como uma evocação sonhadora de

um cotidiano melhor (Dadalto 2003) em lugares longínquos mapeados no tempo futuro.

Assim, recorremos a Glick Schiller e Salazar (2013), nas suas reflexões sobre transnacionalidade e cidades, para uma melhor compreensão sobre a construção dos imaginários urbanos na mobilidade. Sob essa perspectiva, compreender as representações dos sujeitos sobre a cidade de destino tornou-se relevante para compreender não apenas a cidade enquanto espaço da experiência humana, mas igualmente como espaço de construção de expectativas de futuro, de lugar de trabalho, de sonhos e de elaboração das suas vidas na cotidianidade. As experiências dos sujeitos com a cidade nos revelaram, ainda, a condição singular de espaço, potencializado do pensar e viver o tempo, e as relações humanas em sua pluralidade e polifonia. Investigar as imagens criadas sobre as cidades de destino possibilitaram, assim, reflexões sobre as representações mentais dos sujeitos projetadas no tempo e espaço e os sentidos atribuídos para as suas mobilidades, conforme destacado nos relatos dos entrevistados.

“Eu imaginava uma cidade grande, conhecia já por fotos, vídeos e filmes um pouco. Uma cidade grande, movimentada, interessante, com muitas coisas boas para fazer. Muitas atrações culturais, muitas pessoas diferentes, cosmopolita, pessoas de toda a parte do planeta aqui, era o que eu imaginava” **(Fernanda, Los Angeles)**.

“Sabia que Lisboa era uma cidade antiga, vi algumas fotos dos amigos aqui. Mas como Portugal está na Europa, logo imaginei uma vida moderna com maiores facilidades de transporte, trabalho e vida cultural” **(Adriano, Lisboa)**.

É importante destacar que, apesar da decisão de se tornar um migrante ser individual, ela está parcialmente estruturada por imaginários socialmente compartilhados. Neste sentido, identificamos que tanto os imigrantes brasileiros entrevistados em Lisboa, quanto em Los Angeles, apesar de migrarem para destinos distintos, compartilhavam representações semelhantes sobre as cidades imaginadas. São representações nas quais as cidades de destino eram concebidas como uma metrópole, desenvolvida, limpa, organizada, segura, bonita, com pessoas educadas e simpáticas. Compreender que os lugares são, simultaneamente, a construção concreta e simbólica do espaço tornou-se um

“caminho” para compreendermos as trajetórias desses imigrantes brasileiros. Importa ainda salientar que nem todos os entrevistados tinham imagens sobre as cidades de destino, na medida em que muitas representações foram construídas sobre o país de destino.

“Não sabia nada sobre Los Angeles, apenas sabia que era Estados Unidos, logo, era um país desenvolvido, cheio de oportunidades e facilidades” **(Bernado, Los Angeles)**.

“Sobre Lisboa especificamente não sabia nada, sabia que em Portugal se falava português e era um lugar bom para se viver” **(Carina, Portugal)**.

Em comum, essas representações dos lugares de destino revelavam uma valorização e imagem positiva das estruturas das cidades enquanto espaço de convivência humana. Deste modo, para entender como é construído o imaginário do lugar de destino pelos brasileiros, significa também compreender a sociedade, a partir das relações entre os sujeitos e destes com o meio. Por esta razão, “a vida social é impossível fora de uma rede, simbólica” (Trindade e Laplantine, 1977, p. 9). É por meio desta rede que emerge o imaginário mobilizador e evocador das imagens, utilizando o simbólico para expressar-se e existir. As reflexões de Trindade e Laplantine nos auxiliam nessa compreensão sobre o processo do imaginário:

“O processo do imaginário constitui-se da relação entre o sujeito e o objeto que percorre desde o real, que aparece ao sujeito figurado em imagens, até a representação possível do real. Esse possível real consiste na potencialidade, no conjunto de todas as condições contidas virtualmente em algo. Nesse sentido, o imaginário não apenas previne situações futuras, como em sua atividade antecipatória orienta-se para um porvir não suspeitado, não previsto. A determinação deste futuro virtual é acometida por uma imaginação transgressora do presente dirigida à consecução de um possível não realizável no presente, mas que pode vir a ser real no futuro (Idem).

Sob essa perspectiva, as imagens não se restringem apenas a acontecimentos objetivos, que despertam a imaginação; são também estímulos que vão muito além do que a visão pode mentalmente capturar. E serão muitas vezes através destes estímulos que, o imigrante brasileiro vai construir um espaço imaginado anterior à sua viagem (Ferreira e Callou, 2016). Evocando e mobilizando

informações provenientes dos amigos, familiares, conhecidos e, eventualmente, veiculadas pelos media, o sujeito vai sucessivamente processando e reprocessando essas informações até transforma-las em espaço imaginado, anteriormente ao seu deslocamento. Nas narrativas a seguir, podemos identificar o papel das redes sociais e dos meios de comunicação social na construção das imagens do lugar de destino:

“Não tinha uma ideia muito clara sobre Lisboa, imaginava uma cidade grande e moderna. Não sabia muito sobre Portugal, assim em termos de História e Economia. Sabia que estava na Europa. Via meus conhecidos e primos a postarem fotos dos lugares. Cada lugar bonito, diferente daquilo que a gente conhece lá no Brasil. Minha tia me falava que era fácil usar o transporte público aqui, que as pessoas aqui eram calmas e educadas. Assim sempre pensei: que cidade bonita e agradável para se viver” **(Leandro, Lisboa)**.

“Sabia onde estava Los Angeles geograficamente, acompanhava uma revista de esporte daqui. Na revista sempre aparecia essa praia de Venice. Também via muitos filmes que passavam aqui, tudo lindo, perfeito para viver. Nos filmes e nas revistas parecia um paraíso para se viver” **(Francisco, Los Angeles)**.

Podemos, portanto, compreender que as representações mentais dos lugares de destino - sejam cidades ou países, projetadas em um tempo e um espaço futuro atribuíram sentidos aos processos de mobilidades vivenciados pelos sujeitos dessa investigação. Assim, à medida que estes sujeitos imigrantes construíam suas representações mentais, eles imaginavam os destinos Lisboa e Los Angeles não apenas como espaço de experiências humanas, mas fundamentalmente como espaços de realização das suas expectativas positivas de um futuro, estruturadas num dado momento do presente.

4.1.3 A Importância das Redes Sociais na Mobilidade dos Brasileiros

Na busca de uma compreensão do papel das “redes sociais” nos processos de mobilidade no grupo de brasileiros entrevistados, recorreremos a dois conceitos semânticos: as redes sociais, enquanto abordagem teórica

alternativa de análise das migrações internacionais, que surge como um esforço de construção do trânsito entre as perspectivas estruturalistas e subjetivistas; e as redes sociais virtuais, importantes tecnologias que possibilitam examinar e compreender situações de comunicação e conexão e a organização de sociabilidades. Na atualidade, ao refletirmos sobre a conexão entre migrantes e não-migrantes no tempo e no espaço através de redes, devemos considerar não apenas as redes sociais baseadas em laços de amizade e parentesco, mas também, analisar em suas funcionalidades as redes sociais virtuais (Togni 2015).

A análise das redes sociais nos estudos migratórios surgiu da necessidade de considerar os processos sociais concretos que possibilitam compreender a dinâmica cultural denominada de desterritorialização. Processos sociais concretos como aqueles que incluem as redes de pessoas que, operando entre as esferas micro e macro, organizam, de facto, o processo da migração. Baily (1985), ao analisar o caso dos italianos na Argentina, refere-se às redes sociais na migração como redes de “contactos pessoais, comunicações e favores entre famílias, amigos e paesani (conterrâneos de um mesmo paese, ou aldeia) em ambas as sociedades, emissora e recetora”, que atuam como “fatores fundamentais para determinar quem emigrava, como escolhiam o seu destino, onde se estabeleciam como obtinham trabalho e com quem se relacionavam socialmente” (Baily, 1985, p. 47).

Sob essa perspectiva, as redes sociais podem ser consideradas como o meso-nível de análise dos processos de migração. Faist (2000) identifica que as redes sociais típicas envolvidas no local de origem são de amigos e família, enquanto que na área de destino têm sido, cada vez mais, as redes cibernéticas, como *blogs*, fóruns e outros *sites* construídos por usuários na *internet*. Segundo o autor, as relações pessoais constituem canais de transmissão da informação, sendo, portanto, um recurso territorial importante para os migrantes que, inseridos numa rede, podem utilizar esse recurso, que se constitui numa fonte de poder.

Foi no final da década de 1990 que as redes sociais ganharam relevância no âmbito dos estudos sobre imigração brasileira. Diversos investigadores, como Padilla (2006), Assis (2007), e Siqueira (2009), ao estudarem a mobilidade de brasileiros, identificaram que as redes sociais, inicialmente as de amizade e parentesco, colaboravam para a compreensão não apenas dos motivos que

levavam os brasileiros a migrarem, mas também das razões da escolha dos locais de migração, da forma como eles se articulavam na chegada ao país recetor, de como os laços sociais ofereciam facilidades e ganhos no deslocamento, entre outros.

É sob essa perspectiva, analisando as narrativas dos sujeitos entrevistados sobre o planeamento das suas viagens, que podemos compreender os imigrantes enquanto atores sociais, que atuam no interior das suas redes sociais, mobilizando os capitais sociais que lhes são disponíveis. São relatos que revelam que o projeto da migração internacional desses sujeitos teve início muito antes deles entrarem numa aeronave e transporem as fronteiras geográficas dos lugares. Indicam, ainda, que foi necessário um “certo” planeamento e/ou algumas providências que permitissem a esses sujeitos chegar a Lisboa ou a Los Angeles. E é justamente nesse momento que as redes sociais assumiram um papel importante nos processos de mobilidade desses sujeitos, que, mesmo quando atuaram isoladamente, não o fizeram desconectados de uma rede social, seja física ou virtual (Massey et al., 1993; Portes, 1995; 1997).

“Eu já queria muito sair do Brasil, quando fiquei desempregado pensei: é agora. Não tenho filhos, vou ganhar o mundo. Fiz contato com um amigo que estava nos Estados Unidos há muito tempo, na Florida. Ele me disse que para entrar lá de avião era preciso o visto ou cruzar a fronteira do México. Ele só poderia me ajudar se eu já estivesse lá. Então contactei um amigo do meu irmão que estava aqui em Portugal, o Zé. O Zé disse vem para Portugal que não precisa de visto, aqui é tranquilo e você consegue o visto para trabalhar, eu te ajudo, talvez lá onde eu trabalho você consegue trabalhar” (**Daniel, Portugal**).

“Meu cunhado e minha irmã já estavam aqui nos Estados Unidos. Quando meu cunhado esteve no Brasil, eu disse a ele que queria sair fora de lá... Ele disse: vem pro Estados Unidos, que te ajudo a tirar o visto, e lá você tem casa e trabalho para começar” (**Edson, Los Angeles**).

“Meu irmão já estava aqui (LA), então eu disse a ele quando meu namoro acabou, que queria vir para cá... Ele já me convidava sempre. Ele aplicou o pedido de nacionalidade da minha mãe, e ela agora vai aplicar para mim” (**Kátia, Los Angeles**).

“Eu falei com a minha vizinha que queria vir morar em Portugal quando vi uma reportagem de Lisboa na TV. Ela disse: lembra do Marcelo (outro vizinho)? Ele está morando lá já há alguns anos. Eu cheguei em casa e procurei o Marcelo no Orkut (naquela época), começamos a falar sobre eu vir para cá, ele me deu muitas dicas do que fazer. Onde comprar a passagem,

entrar por Espanha, o seguro de saúde. Cheguei e fui para casa dele, mas depois não funcionou ficar lá” (**Márcio, Lisboa**).

Estudos como o de Padilla (2006) sobre a Imigração brasileira em Portugal, assim como o de Assis (2007) sobre brasileiros em Boston, evidenciam a pertinência das redes sociais para uma compreensão da desterritorialização e reterritorialização brasileira. Segundo as autoras, parte significativa dos brasileiros faz uso das redes sociais desde antes da saída do Brasil até ao momento da chegada e da inserção no mercado de trabalho. De igual modo, identificamos que todos os sujeitos entrevistados 100% (N=32) desta investigação utilizaram o apoio das redes sociais, em algum momento, para empreenderem o seu projeto migratório. Tanto os brasileiros que migraram para os Estados Unidos, quanto os que migraram para Portugal, possuíam um amigo, um parente, um vizinho ou um “contacto” que já se encontrava estabelecido nesses países. Da mesma forma, verificámos que todos os sujeitos entrevistados conectaram em algum momento antes da viagem as redes sociais virtuais - Facebook, Orkut, E-mails, Blogs, etc., seja para acesso a alguma informação sobre o país de destino ou para localizar alguém ou algum meio que poderia ser o “elo de ligação” entre eles e o local de acolhimento. Nos trechos das entrevistas abaixo, os entrevistados reconhecem a relevância das redes sociais para os seus propósitos de mobilidades:

“Eu não falava inglês, mas minha irmã falava. Ela sempre me dizia: não se preocupe, nos te ajudamos (ela e o marido). Você, com o tempo, aprende. Como eles estavam aqui já há alguns anos, eu fiquei tranquila, não estaria sozinha em um lugar novo, que não conhecia. Isso me tranquilizava” (**Ângela, Los Angeles**).

“O meu amigo ainda não tinha documento, por isso ele não queria escrever a carta convite para mim, tinha medo. Então, perguntei à minha mãe sobre um amigo dela da igreja que estava vivendo em Lisboa, mas ela não sabia como achar ele. Uma amiga me disse: olha no Facebook, acho que ele está em um grupo dos amigos da igreja. Fui lá no Facebook e achei ele, falei com ele e ele escreveu a carta para mim” (**Ananda, Lisboa**).

Tanto no país de origem, quanto no destino, as redes sociais assumiram um papel importante na trajetória desses sujeitos entrevistados, pois foram os familiares, amigos ou conhecidos que os auxiliaram na saída com apoio moral

e/ou financeiro; enquanto na chegada, facilitaram a moradia e ajudaram nas primeiras necessidades. Um outro aspeto importante a ser ressaltado, nesse processo, é que os sujeitos desta investigação efetuaram seus deslocamentos entre fronteiras internacionais desacompanhados de outros membros da família nuclear, o que evidencia ainda mais que esses projetos de mobilidade estiveram relacionados a complexas relações de reciprocidade, de ajuda familiar e de amizade, bem como à mobilização de recursos financeiros e/ou simbólicos que permitiram a execução dos seus projetos de mobilidade.

Todavia, nesses processos, a ocorrência de parentalidade nas relações sociais foi identificada com maior peso entre os entrevistados que residiam nos Estados Unidos do que entre os que residiam em Portugal. Nesse sentido, torna-se importante analisar como a dimensão legal da imigração – que é diferente nos dois países envolvidos no estudo – nos auxilia para entender melhor as redes de reciprocidade construídas entre imigrantes no processo de mobilidade. As redes de relações sociais favorecem as posições que cada sujeito assume no contexto da migração internacional, assim como suas estratégias, na medida em que elas possibilitam eleger destinos, ao mesmo tempo que as relações de reciprocidade entre os sujeitos envolvidos na mobilidade configuram os trajetos. Segundo Gurak e Caces (1998), as redes sociais, ao servirem de vinculação e transmissão de recursos, podem determinar a escolha do local de destino e, de certa forma, quem são os sujeitos e as famílias do local de origem que migram.

Assim, ao utilizarmos a noção de redes e de reciprocidade numa perspectiva sociológica de longo alcance na mobilidade internacional, também devemos considerar a existência de graus de intensidade na vida comunitária, ou seja, mais ou menos trocas, sociabilidades e relações entre as pessoas (Baily, 1985). Na sua investigação sobre brasileiras em Boston, especificamente sobre as relações de género e as redes sociais tecidas no processo migratório, Assis (2007) identificou que as mulheres utilizaram principalmente as redes sociais familiares para empreenderem a suas mobilidades. Considerando que a transposição de fronteiras internacionais envolve riscos e custos, que muitas vezes exigem uma mobilização dos sujeitos e suas relações de reciprocidade, é por meio das redes familiares que são obtidos os recursos necessários para a mobilidade. Neste aspeto, verificámos que, em Los Angeles, uma cidade na qual a dimensão legal da migração é muito mais rígida que em Lisboa, as redes

sociais familiares foram acessadas com mais frequência pelos sujeitos da investigação²⁷.

Além disso, identificámos que a existência de contactos pessoais prévios nos lugares de destino representava para estes sujeitos fatores que contribuíram para diminuir as incertezas e os riscos que fazem parte do processo migratório. Como a migração internacional pressupõe a inserção numa sociedade com costumes, valores e línguas diferentes, foram as redes sociais e cibernéticas que permitiram aos sujeitos o acesso às informações e aos caminhos e estratégias que os auxiliaram frente às dificuldades que enfrentaram na mobilidade internacional (Truzzi, 2008).

Nesse sentido, a presença de relações primárias no local de destino representava para esses sujeitos a tranquilidade destes contactos se tornarem futuros mediadores entre eles e uma provável falta de familiaridade com as estruturas, os espaços, a dinâmica e o funcionamento cotidiano da cidade de destino. Representaram, portanto, contactos, mediadores, pontos de apoio que assumem um papel muito importante para os sujeitos que não dominavam a língua local no início de seus processos de ajustamento a nova vida (Durham, 1984), como no caso de alguns brasileiros em Los Angeles. A compreensão da mobilidade desses sujeitos a partir da abordagem das relações sociais como categoria nos permitiu compreender os papéis desempenhados pelos migrantes junto a suas redes de amigos, parentes e conhecidos e, ainda, nas redes virtuais para a realização de suas mobilidades. Permitiu, assim, compreender as vivências, os comportamentos e as relações individuais ou coletivas que orientaram as trajetórias desses sujeitos. Portanto, a rede social fundada em laços de amizade e familiares e com base na identidade de uma comunidade específica se constituiu uma subcategoria analítica importante para uma melhor compreensão dos processos de mobilidade na atualidade (Portes, 1995).

Contudo, é importante ressaltar que, longe de criar relações fixas, transladadas para os territórios de destino, as redes sociais (virtuais ou não), e suas relações sofrem mudanças, são recriadas e reinventadas, envolvendo

²⁷ Neste aspeto, identifiquei que a migração feminina brasileira, tanto para Portugal como para os Estados Unidos, compartilha do imaginário da migração enquanto possibilidade de um casamento transcultural, ou melhor, dentre os horizontes imaginativos que existem sobre a migração, é comum no universo das mulheres brasileiras pensar na probabilidade de, na mobilidade, encontrarem um “príncipe encantado” (Schuler e Dias, 2014).

negociações entre os seus membros. Por outro lado, é possível observar que, através das redes sociais, se constroem simbolicamente lugares como “Brasil”, “Europa” e “Estados Unidos”.

4.2 O Projeto de Mobilidade Transnacional: Entre Desejos e Possibilidades

Como geógrafos das emoções (Silva, 2017), buscamos, nesta investigação, construir um olhar sobre as narrativas do vivido e as práticas de brasileiros com vista a compreender como esses imigrantes empreenderam seus projetos de mobilidade a partir de seus locais de origem. É preciso entender o projeto como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Velho, 2003, p. 101), que orienta uma antecipação da futura trajetória do sujeito. No delineamento desse projeto, o sujeito utiliza-se da dimensão da memória, de forma a ponderar não apenas a ação do presente, mas ainda as significações impressas das experiências passadas. Assim, ao investigarmos as representações sobre a mobilidade, os lugares de destino e o papel das redes sociais, nosso propósito é compreender como o imaginário desses sujeitos funcionou como agente estruturador, estimulador e catalisador para as suas práticas frente às possibilidades da mobilidade. Ou seja, buscamos evidenciar como o imaginário, enquanto horizonte de possibilidades, constituiu para estes imigrantes uma força impulsionadora de projetos que os levaram a cruzar fronteiras.

Nesse sentido, a possibilidade de realizarmos uma análise micro das experiências de mobilidade desses imigrantes possibilitou compreender que existe sempre mais de uma razão relacionada com o projeto migratório, assim como que os projetos iniciais que fundamentaram a mobilidade passam por reformulações (Martins Junior e Dias, 2013). Dessa forma, reconhecemos que os objetivos que orientaram esses brasileiros para migrarem envolveram, muitas vezes, uma combinação de razões e expectativas estabelecidas em relação a diferentes horizontes temporais e espaciais, que são geralmente apreciados no processo de pré-migração.

O projeto migratório constitui, segundo Boyer (2005), o resultado de negociações constantes advindas de diferentes escalas - da rede migratória aos familiares que ficaram na origem, da conjuntura económica ao grupo social,

dentre outros; ao mesmo tempo, também envolve a dimensão subjetiva, que numa perspectiva individual é resultado de uma construção do sujeito sobre um “porvir migratório”, oriundo de suas representações e leituras sobre as realidades do local de destino e de origem.

Por sua vez, a materialidade da migração encontra-se intimamente relacionada com a formação de imaginários migrantes (Chambers, 2018). Nesse sentido, a perspectiva económica oferece importantes explicações para se entender as representações que incentivaram os sujeitos provenientes de países periféricos a migrarem para países centrais. Todavia, consideramos que um olhar sobre a mobilidade internacional de brasileiros na atualidade apenas sob essa perspectiva teórica não nos possibilita compreender as mobilidades contemporâneas, nas quais os sujeitos projetam os próprios movimentos como libertadores e preciosos (Glick Schiller e Salazar, 2013). O trecho da narrativa de Ananda, uma imigrante brasileira que hoje vive em Lisboa, expressa muito bem essa dimensão:

“Sempre tive muita vontade de sair do Brasil. Eu estava na quarta série da escola, quando vi uma imagem da torre Eiffel. E desde sempre eu pensei que um dia eu ia conhecer aquele lugar. Sempre tive vontade de sair do Brasil. Fiquei sempre com isso em mente. Um amigo meu veio morar na Holanda. Sempre tive aquela vontade de conhecer outros lugares, outros países, outras pessoas, mas morava em Sertãozinho, interior de São Paulo. Uma cidade que não tem nada. Fui crescendo e essa vontade de sair de lá também (risos), sair daquele lugar, sair da casa dos meus pais, ver o mundo. Procurei na internet e encontrei o meu amigo que estava na Holanda. Começamos a falar de novo. Ele me falava como era viver aqui na Europa e me dava a maior força para eu vir. Pensei: o que ia fazer aqui? Na época trabalhava como secretária para uma clínica de dentista. Meu amigo disse que aqui teria emprego para mim e que ganharia um pouco melhor e que conseguiria fazer coisas que não conseguia fazer no Brasil. Pensei que era uma possibilidade, uma oportunidade de sair de lá e fazer o que queria. Mas como eu iria? Conversei com o meu chefe, e ele era muito bom, concordou em me mandar embora para eu poder ter aquele dinheiro do fundo de garantia e tal para estruturar a viagem. Contei aos meus pais, que no princípio não aceitaram, mas depois a minha mãe acabou me ajudando também, comprou a mala e pagou meu primeiro passaporte. Estava tão feliz. Ia sair daquela cidade e finalmente conhecer a Europa. Era a minha oportunidade. Meu sonho de mudar de vida estava se realizando **(Ananda, Lisboa)**.

Essa análise retrospectiva do projeto de migrar de Ananda nos remete para uma “memória”, ainda que configurada e atualizada em uma entrevista, na qual o desejo de deslocamento estava presente desde a infância, revelando um projeto de mobilidade e, ainda, de uma identidade que buscou a mudança.

Nesse sentido, compreendemos que as representações e as leituras que os sujeitos imigrantes possuem sobre a realidade e sobre os lugares que integram seus mapas mentais (origem e destino) não podem ser analisadas separadas das construções e estratégias identitárias. Portanto, reconhecendo o papel do imaginário na decisão de migrar desses sujeitos, compreendemos que estas imagens, subjetivas e individuais, são marcadas por uma seletividade e restringidas pela “localização social”, escalas geográficas e hierarquias de poder nos quais estes sujeitos estavam inseridos. Ou seja, que todo o imaginário imigrante é uma narrativa, uma trama, um ponto de vista, “uma vista de um ponto”.

Por sua vez, a naturalidade com que a migração foi imaginada e re-imaginada pelos sujeitos colaborou para suas decisões de mobilidade. Da mesma forma, identificamos nos imaginários desses migrantes uma “representação mental” positiva de suas vidas nos lugares de destino, como uma projeção das concepções do lugar de migração, materializadas nas mentes daqueles que desejavam sair em busca de seus sonhos, uma vez que a imaginação não existe sem lugar (Chambers, 2018). Ou seja, mesmo o sonho mais utópico é sonhado contextualmente. Assim, na busca de compreensão da subjetividade dos sujeitos na relação com o lugar e espaço vividos nas diásporas, procuramos valorizar a experiência desses imigrantes em relação aos lugares de origem e destino, de maneira a apreender os comportamentos e as formas de sentir desses sujeitos (Tuan, 2013) em seus espaços de vidas²⁸.

As análises das narrativas dos sujeitos, por sua vez, contribuíram para um entendimento de que são distintos os fatores que determinam a preferência do destino migratório internacional. Assim, o imaginário criado sobre as diferentes

²⁸ Também é importante salientar que, ao ouvir os relatos dos imigrantes brasileiros para o futuro, enquanto estes ainda se encontravam em seu território de origem, percebi que algumas narrativas exemplificavam como a dimensão religiosa é vivida ao nível existencial na mobilidade (Ortiz e Guadalajara, 2015). Assim, algumas expressões de fé como: “não sabia como ia acontecer, mas tinha fé em Deus que tudo lá ia dar certo, sabia que Deus iria-me ajudar a chegar lá”, “Deus me ajudou...”, entre outras em alusão à intervenção divina nos processos de mobilidade desses sujeitos aparecem durante as suas narrações sobre a decisão de migrar.

possibilidades dos lugares de destino, aliado à probabilidade de uma melhoria de vida e, finalmente, à existência de redes sociais - irmãos, vizinhos e amigos - foram mobilizados de acordo com as circunstâncias e as preferências individuais e conjuntamente estruturaram uma formulação e a execução de seus projetos migratórios.

Todavia, é importante ressaltar que os projetos migratórios são fundados dentro dos espaços sociais, espaços de vida nos quais os sujeitos se encontram inseridos. Nesse contexto, o conceito de campo de possibilidades torna-se importante e nos auxilia no entendimento da maneira pela qual os planos de mobilidade desses brasileiros foram erguidos e traçados ao longo de suas trajetórias de vida. O campo de possibilidade se refere ao conjunto de relações sociais intercambiáveis dos sujeitos com o mundo social, de maneira que não alude somente às dimensões sociais “palpáveis” do lugar, embora as englobe. Trata-se das relações sociais, em sentido mais amplo, que conformam espaços-situações em movimento, maleáveis, que fecham e abrem saídas, conectam e desconectam lugares e pessoas de acordo com as relações entre os sujeitos e o mundo que os cerca. Logo, dependendo da forma como se configuram, as redes de relações sociais, as oportunidades de trocas materiais e simbólicas podem diminuir ou aumentar, e o lugar de vida pode ficar limitado às estruturas sociais locais ou pode ter suas fronteiras ampliadas (Elias, 2005).

É sobre esse entrelaçamento entre trajetórias de vida e campos de possibilidades, que devemos atentar que os projetos de mobilidade dos sujeitos sempre interagem com outros dentro do campo de possibilidades (Velho, 2003), não operando em um vácuo, mas sim a partir de paradigmas e premissas culturais compartilhadas em universos específicos. Nesse sentido, entendemos que os brasileiros residentes em Lisboa e Los Angeles formularam e implementaram os seus projetos de mobilidade, tendo por finalidade alcançar uma mudança e/ou melhoria na vida, cuja exequibilidade foi dependente das interações com outros planos - as redes sociais, as políticas migratórias do país de destino, as situações financeiras, as relações de afetividade, etc. - dentro de um rol de alternativas que se apresentavam em seus espaços vividos. Ou seja, esses brasileiros agiram para realização de seus projetos e desejos, mobilizando os recursos relacionais e sociais dentro dos campos socioespaciais em que

estavam inseridos, que lhes permitiram concretizar as suas intenções de mobilidades internacionais – cruzar fronteiras.

Segundo Deleuze e Guattari (como referido em Haesbaert e Bruce, 2009) devemos pensar o desejo como um construtivismo. Nunca desejamos apenas uma coisa: desejamos sempre um conjunto de coisas. Logo, o desejo vem continuamente agenciado. Sob essa perspetiva, os desejos dos imigrantes por migrarem produziram territórios na medida em que esses sujeitos realizaram uma série de agenciamentos no âmbito dos seus campos de possibilidades socioespaciais, que lhes permitiram atravessar as fronteiras desses lugares-territórios dos seus espaços vividos. Essa articulação analítica, que combina condições e processos subjetivos com possibilidades objetivas - ou “campo de possibilidades”, contribuiu para ampliar nossa compreensão sobre como e em que condições os projetos desses brasileiros foram gestados e realizados.

Finalizando, gostaríamos de reiterar que nosso propósito neste capítulo foi ampliar uma compreensão sobre como os sujeitos realmente vivem a mudança de territórios, interpretam, reinterpretam e elaboram suas experiências de mobilidade. Assim, demonstrando que os sujeitos não são simplesmente “vítimas de mudanças”, “but social agents taking a keen and active role in the ongoing process of social engineering”²⁹ (Sorensen, 2005, p. 144), lançamos um olhar sobre a dimensão vivida das experiências de mobilidades dos sujeitos transnacionais (Santos e Burgeile, 2017). É importante ressaltar essa posição assumida quando nos confrontamos com teorias sobre as migrações internacionais que abordam exclusivamente a racionalidade económica das intenções e dos projetos migratórios, seja porque consideram a existência de um indivíduo livre e racional, seja porque advogam a existência de uma estrutura social que subjuga o indivíduo:

[...] se o indivíduo não existe nem age de per se, mas só como parte das estruturas sociais, é inexplicável o facto de alguns partirem e outros ficarem [...]. Deverá, portanto, a análise “descer” até às particularidades de certos grupos, tendo em conta a selectividade dos processos e observando alguma margem de manobra (Matos, 1993, p. 18-19).

²⁹ Tradução livre: “mas os agentes sociais assumem um papel ativo e forte num processo contínuo de engenharia social”.

Ainda, gostaríamos de ressaltar que consideramos importante não fixar as análises sobre as mobilidades transnacionais no tempo presente, separadas temporalmente e espacialmente de um passado vivido no lugar de partida, mas sim ampliá-las com a consideração dos relatos dos sujeitos sobre e dos locais de origem. Dessa forma, para entendermos o significado de “melhoria de vida”, ideia recorrente nas narrativas dos sujeitos entrevistados, tornou-se imprescindível conjugar as narrativas sobre “o lá” - seus locais de origem - e o “cá” - seus locais de destino -, além de reconhecermos que, ao longo do processo migratório, os imigrantes produzem e consolidam outras noções para a expressão “melhoria de vida” (Maciel, 2012). Logo, a análise das narrativas sobre as localidades de origem nos possibilitou compreender o seu papel importante como ponto de referência (Togni, 2015) e de contraste para os sujeitos quando relatam suas experiências do presente.

CAPÍTULO V - CONSTRUINDO NOVAS GEOGRAFIAS EM LISBOA E EM LOS ANGELES

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum
(*A ilusão do migrante*, de Carlos
Drummond de Andrade).

Na apreensão do fenómeno da migração internacional de um grupo de brasileiros, em suas diferentes faces e dimensões do vivido, foi imprescindível a utilização de diferentes abordagens, a partir de marcos teóricos e conceptuais distintos, que possibilitaram aprofundar o entendimento da inserção desses imigrantes em seus novos espaços de vida. Sabemos que a necessidade de classificar e quantificar o imigrante contribuiu para que os estudos sobre migração, ou seja, sobre o deslocamento de pessoas através do espaço físico, fossem reconhecidos inicialmente como um objeto de estudo da Demografia e Geografia. Coube à Escola de Chicago³⁰ dar contribuições significativas a este campo de estudo, com as principais teorias e conceitos formulados sobre imigração, particularmente no campo de investigação sobre a integração e assimilação dos imigrantes.

Na atualidade, entretanto, tem crescido a contribuição das pesquisas de natureza sócio-psicológica e antropológica, preocupadas com essas questões de inserção e integração dos imigrantes nas sociedades de destino. Estes estudos têm como foco a interação social e, considerando o indivíduo como unidade de análise, visam a reconstrução das redes de relações sociais e económicas, assim como dos trajetos e trajetórias desses sujeitos imigrantes. Estes estudos têm reconduzido suas análises para o terreno das práticas sociais, preocupando-se com a reconstrução de trajetórias dos imigrantes, atentando às estratégias individuais e aos componentes subjetivos nos contextos das

³⁰Tendo como interesse subsidiar as políticas públicas, a Escola de Chicago surgiu no início do século XX. O interesse dos pesquisadores de Chicago pelo tema da imigração caracteriza-se pela tentativa de diagnosticar os problemas sociais decorrentes dos grandes centros urbanos, gerados pela chegada de imigrantes.

migrações, e demonstrando os fatores que influenciaram as escolhas das distintas oportunidades ofertadas aos grupos ou aos indivíduos nos seus espaços vividos dentro da mobilidade.

Neste sentido, entendemos que as investigações em Migrações no âmbito da Geografia, sob uma perspectiva Cultural Humanística, tornam-se extremamente relevantes para aprofundar o entendimento da subjetividade existente na relação entre os territórios de destino e os espaços de vida dos imigrantes, possibilitando compreender a inserção e a integração desses sujeitos num país sob a perspectiva daqueles que migram. A Geografia Humanista Cultural, ao analisar o mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como de suas ideias e dos seus sentimentos a respeito do lugar e do espaço (Tuan, 1983), nos permite estudar a adaptação dos imigrantes através da compreensão do sentido que esses sujeitos dão às suas vivências, relacionando-as com a experiência direta ao local vivido.

Sabemos que a mobilidade, na Geografia, tem no território o movimento do acontecer pelas relações sociais, fruto do que Santos (2009, p. 9) apelidou de quadro da vida, considerando ser no território “que desembocam as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. Logo, a ciência da produção do espaço se impõe como condição primordial na existência do indivíduo e, principalmente, nas suas relações com a coletividade.

Nesse sentido, é importante salientar que o processo de entrada e reconstrução do lugar num novo e desconhecido território para os imigrantes vem sempre acompanhado de dificuldades como a moradia, a alimentação, o emprego e a sociabilidade. Assim, a imigração se apresenta como um processo complexo e contraditório, onde há perdas, rupturas e mudanças para o sujeito, estando longe de significar apenas um deslocamento geográfico. Portanto, a experiência desses imigrantes brasileiros constitui uma “experiência geográfica de exploração do mundo, tecida na edificação de uma relação existencial que se ampara na coexistência entre o ser e o mundo” (Dal Gallo, 2011, p.55).

Ainda nesta perspectiva, devemos considerar que a vivência num novo país é experienciada pelos imigrantes de formas diferenciadas, podendo ser

mais ou menos traumática ou harmoniosa, segundo os seus recursos psicossociais, as características da sociedade dominante e as condições de acolhimento no país recetor (Ramos, 2006). A reterritorialização nos processos de migração internacional exige sempre dos sujeitos uma adaptação ao novo território, tanto físico quanto simbólico-cultural, requerendo uma constante apreensão deste “mundo novo”.

Conforme ressalta Haesbaert (2004, p. 78), o “território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido”. No mesmo sentido, Deleuze e Guattari (1996, p.42 conforme referido em Haesbaert 2004), no viés da reterritorialização, afirmam que a “máquina abstrata não se efetua [...] apenas no rosto que produz, mas, em graus diversos, nas partes do corpo”, isto é, a reterritorialização leva em consideração distintos aspetos, como as forças políticas, económicas, culturais e naturais que ajudam os sujeitos imigrantes a permanecerem (ou não) e a construir novos territórios, sejam eles simbólicos ou não (Haesbaert, 2011).

Assim, reconhecendo que são distintos os fatores que interferem na integração do imigrante brasileiro no local de destino, Penninx e Martiniello (2010) identificam três níveis de análise nesse processo: o individual, que se refere ao imigrante; o coletivo, referente ao grupo de imigrantes; e o institucional, que remete para as instituições públicas gerais ou específicas dos imigrantes. Na nossa investigação, procuramos dar ênfase ao sujeito migrante e às suas relações socioeconómicas e culturais, considerando o nosso interesse em compreender como se expressam e se reterritorializam, para o grupo de brasileiros, as dimensões sociais vividas - económicas, políticas e culturais. Ou seja, buscamos compreender o imigrante enquanto um agente mobilizador do seu capital social nesse processo de inserção num novo território.

Partindo dessa compreensão, e sem a preocupação de reduzir os casos estudados a variáveis que expressem homogeneidade e semelhanças, o propósito deste capítulo foi analisar as vivências e os discursos desses sujeitos imigrantes brasileiros ao habitarem os lugares de destino para, assim, acessarmos a percepção mais imediata deles, no plano do vivido, dos aspetos marcantes de inserção nesses novos territórios. Estas perspetivas englobam desde os fatores económicos até aos fatores sociais e ambientais presentes nas

suas vidas. Assim, para abordar as reflexões sobre as reterritorializações desses sujeitos migrantes em Lisboa e em Los Angeles, realizamos uma imersão no seu cotidiano, de maneira a torná-lo familiar e, assim, podermos nos aproximar das suas lógicas para compreender os sentidos e os significados (Cardoso, 2004) atribuídos por eles às experiências de mobilidade.

Dessa maneira, este capítulo encontra-se estruturado em duas partes, sendo que na primeira descrevemos as trajetórias de territorialização desses sujeitos nas distintas dimensões de suas vidas cotidianas nos novos lugares - o habitar a cidade, o mercado laboral, a sociabilidade e os afetos; e na última parte analisamos as representações desses sujeitos sobre a sua identificação e os processos de integração e identidade nas cidades de Lisboa e de Los Angeles.

5.1 As Múltiplas Reterritorializações nos Lugares de Destino

5.1.1 A Cidade

“A cidade é antes de tudo experiência” (Miranda e Siman, 2013, p. 10). No mesmo viés de pensamento, Goudard, Moraes e Oliveira (2008) também reconhecem que a cidade espetaculariza a vida cotidiana. No espaço urbano é possível observar o modo de vida das pessoas e o cotidiano no qual os sujeitos edificam seu *habitat* - sua forma de viver e de compreender a realidade. Ou seja, é através das ações cotidianas que os sujeitos vivenciam a cidade e dela se apropriam. Do mesmo modo, é também pelas práticas espaciais que os sujeitos sociais produzem e constroem a cidade, dando-lhe significados que são conformados a partir da mobilidade cotidiana nos diferentes lugares da cidade, e em tempos também distintos.

Sob essa perspectiva, a Geografia, por meio da leitura dos espaços e dos lugares da cidade, tem o importante papel de revelar essas relações socioespaciais empreendidas pelos sujeitos em sua cotidianidade, por meio das quais são produzidos os espaços e territórios, as espacialidades distintas e a construção de uma identidade territorial com a cidade em que vivem (Assis Paula, 2013). Nesse sentido, a experiência do espaço urbano vivida pelos imigrantes brasileiros nas distintas cidades – Lisboa e Los Angeles – constitui uma experiência relevante que nos possibilitou a compreensão das questões

subjetivas presentes na “nova” territorialidade desses sujeitos. Possibilitou, ainda, uma compreensão de como a inserção nessas cidades constituiu para os sujeitos como uma reconfiguração e edificação de espacialidades, que foram sendo construídas e reveladas no cotidiano das suas práticas e compreensões socioespaciais de habitar aquele lugar.

Assim, considerando a complexidade que é o processo de mudança e, ainda, da (re)construção de territorialidades na migração internacional, buscamos identificar as principais dificuldades encontradas e as primeiras percepções sobre a cidade de destino, numa tentativa de exploração de um cenário marcado pelos sentidos e sentimentos ao espaço e lugares vividos. Nesse sentido, indagados sobre as primeiras impressões construídas a partir da inserção no meio, um dos aspetos destacados pelos entrevistados refere-se ao estranhamento e às diferenças em relação às características socioespaciais da cidade.

“Foi muito difícil, eu não pensei nessa parte. Eu procurei não pensar nisso, no choque cultural na distância toda que eu ia sentir. Mas foi muito difícil. Eu lembro quando aterrissei aqui no LAX, logo eu achei tudo diferente. É como se tirasse você do seu habitat e jogasse num lugar totalmente desconhecido com toda informação visual e auditiva total que alguém pode ter, foi muito difícil, foi muito chocante. Tudo era diferente” (**Ângela, Los Angeles**).

Assim como destacado por Ângela, os outros sujeitos quando questionados sobre as impressões iniciais, tendem a ressaltar o estranhamento, sobretudo, das características da alimentação e do clima. Especificamente em relação ao clima, são pontuados o frio excessivo no inverno em Portugal, o calor diferente do Brasil e as poucas chuvas em Los Angeles.

“O primeiro inverno aqui foi terrível... era muito frio... nunca tinha visto frio assim lá em Valadares! Eu estranhei muito” (**Adriano, Lisboa**).

“Aqui a comida é diferente, americano não come comida igual a gente, eles comem tudo pronto. Sentia uma saudade da comidinha com alho e cebola. Acho que ainda não me acostumei” (**Vítor, Los Angeles**).

“A coisa que mais estranhei aqui em LA, é que não chove” (**Lisa, Los Angeles**).

“Sentia falta de uma comida nordestina aqui. Saudade, mesmo, sabe?” **(Bela, Lisboa).**

Outro elemento importante que gerou estranhamento para aqueles imigrantes oriundos de cidades do interior do Brasil foi o tamanho das cidades. A chegada às cidades de Lisboa e de Los Angeles foi, para eles, marcada pelo estranhamento de estarem rodeados por milhares de pessoas e, ao mesmo tempo, um sentimento de serem solitários anônimos, muito próprio da condição migrante.

“Sou de uma cidade pequena, nem cidade, vamos dizer vila, né? (risos). Então, quando cheguei aqui em Lisboa, achava que era grande, tinha metrô como São Paulo. Pensei: ai, meu Deus!!! Mas fui me acostumando a ver tanta gente, e ao mesmo tempo a sentir que estava sozinha, que não conhecia essa gente, dessa cidade. Era uma imigrante no mundo” **(Lívia, Lisboa).**

“Não imaginava que LA fosse tão grande, quando cheguei aqui é que vi o tamanho. Tem gente do mundo todo, parece que ninguém não está nem aí para ninguém aqui. Como se fosse cada um por si” **(Bia, Los Angeles).**

Em relação aos aspetos das trajetórias desses sujeitos nas cidades, questionados sobre a primeira habitação, todos os entrevistados afirmaram que ficaram em casa de familiares ou de amigos por ocasião da chegada em Lisboa, assim como em Los Angeles. Quanto à mobilidade geográfica dos entrevistados, quando questionados se viveram sempre no mesmo lugar desde sua chegada a cidade, nenhum deles viveu sempre no mesmo lugar. A maioria habitou em mais do que uma casa nas cidades de Lisboa e Los Angeles. É importante destacar uma tendência comum entre os entrevistados (81%, N26) de, por ocasião da chegada nas cidades, habitarem por algum tempo residências compartilhadas com amigos e familiares até adquirirem condições financeiras para manutenção da própria moradia. Assim, estes imigrantes apresentaram uma mobilidade geográfica relevante nas cidades de destino, sendo que aproximadamente dois terços deles viveram em mais de 2 lugares. Entretanto, deste grupo que viveu em outros lugares, a maioria viveu no mesmo bairro. A escolha pelo bairro, de maneira geral, se deu por distintos fatores como preço do aluguer, localização próxima do trabalho ou de um familiar e/ou a facilidade de contratação dos imóveis nesses bairros.

Analisando a trajetória desses migrantes brasileiros compreendemos que, tanto na cidade de Los Angeles como em Lisboa, a geografia deles é marcada por lógicas novas. Lugar de moradia, lugar de trabalho e de lazeres são lugares novos. Lisboa e Los Angeles são lugares de outras subjetividades no início das trajetórias destes sujeitos: mais intensamente alienadas, numa espacialidade intensamente mais descontínua e fragmentada. Conforme as narrativas dos entrevistados, as distâncias eram outras; os ritmos eram outros.

“Eu estava acostumado em São Paulo, onde todo mundo está correndo de um lado para o outro, tudo é longe. Cheguei aqui em Lisboa, uma cidade calma, tranquila. Dez minutos caminhando estava no trabalho. Pensei, estou no paraíso” **(Tácio, Lisboa)**.

Nunca tinha andado de metrô antes. No primeiro dia que andei sozinha fiquei muito nervosa. Coisa de gente do interior, medo de me perder. Mas depois de uma semana já andava de metrô para todo o lado da cidade, entregando meu currículo” **(Eliana, Lisboa)**.

Até eu entender as distâncias de LA demorou. No começo me embaralhava no trajeto do trabalho a escola, às vezes da casa para o trabalho também. Achava que ia por uma via mais rápida, e me atrasava, mas aí fui conhecendo o trânsito e agora sei que horas que devo ou não usar as vias e freeways **(Bernardo, Los Angeles)**.

Um outro aspecto ressaltado pelos entrevistados refere-se à mobilidade nas cidades: enquanto Lisboa é reconhecida pela facilidade de ir e vir aos lugares e pela qualidade do transporte público ofertado para diminuir as distâncias, Los Angeles é reconhecida como uma cidade de mobilidade reduzida e de grandes distâncias. Sob essa perspectiva, podemos considerar que a mobilidade dos imigrantes nesses espaços deve ser compreendida não apenas como um mero deslocamento entre os locais das cidades, mas sob uma lógica que, ultrapassando essa noção, a considera como uma relação social que permite aos sujeitos produzirem os espaços nos quais eles se inserem, por meio de suas territorialidades e práticas espaciais cotidianas (Lévy, 2009; Jardim, 2011).

“A grande vantagem para mim de Lisboa é a mobilidade que a cidade oferece. Tem uma rede de transporte público de boa qualidade. É fácil ir e vir aqui. Consigo ir trabalhar, ir ao ginásio

e encontrar os meus amigos em toda parte da cidade” (**Ananda, Lisboa**).

“É uma cidade fácil de se movimentar. Tem o metrô, o comboio e o autocarro. Você consegue chegar a qualquer parte da cidade. Eu uso mais o metrô, mas quando vou encontrar minhas primas que vivem na linha de Cascais eu uso o comboio, é rapidinho” (**Maria, Lisboa**).

“Quando cheguei aqui, logo comprei uma bicicleta, porque aqui tudo é muito longe, o trabalho, a casa e os amigos. Os transportes não funcionam muito bem, no meu caso ainda funciona, porque faço uma parte dos percursos com o ônibus e outra de bicicleta. É legal poder levar a bike dentro do ônibus aqui” (**Vítor, Los Angeles**).

“Aqui se você não tiver carro a sua vida é muito limitada, porque os transportes demoram muito. Tudo aqui já é longe mesmo de carro, imagina de transporte, que têm que esperar. Às vezes, tenho preguiça de sair de casa por isso” (**Juliana, Los Angeles**).

Outra característica ressaltada pela maioria dos migrantes brasileiros entrevistados tanto em relação a Lisboa quanto a Los Angeles foi a condição essencialmente multicultural e multiétnica das cidades. Assim, uma tendência presente entre os entrevistados é de narrarem as cidades pela perspectiva da diferença cultural dos sujeitos que a compõem.

“Aqui é uma mistura de gente. Você anda no metro e vê gente de todo mundo. Tem o chinês, o indiano, o francês, o português, brasileiro, tudo... uma mistura de culturas. Quando você anda pela cidade também você pode ver essa diversidade de pessoas diferentes” (**Carina, Lisboa**).

“Eu vejo uma cidade multicultural, tem um pouco de gente de todo o mundo. Vejo aqui muitas culturas misturadas, a africana, a brasileira, a portuguesa, a indiana, tudo na mesma cidade” (**Maria, Lisboa**).

“Los Angeles é uma espécie de ONU, têm representantes de todos os países aqui. É um mix de gente de todo o mundo. Têm bairros específicos para alguns, como o caso dos chineses, dos russos, dos árabes.... mas, em geral, o que você vê na rua é essa mistura de gente, cada um com suas características, acentos, forma de vestir. Cada um na sua cultura, mas todos vivendo juntos” (**Rogério, Los Angeles**).

Acho que o mais interessante aqui é a mistura de raças, sabe? É um lugar de gente de diferentes lugares do planeta vivendo aqui. Você conhece gente dos lugares mais diferentes. Lá no meu trabalho mesmo acho que somos de 5 a 6 nacionalidades

diferentes, isso é interessante, porque abre a cabeça da gente **(Gina, Los Angeles)**.

Todavia, nesse aspeto da dimensão multicultural e multiétnica de Lisboa e Los Angeles, é importante ressaltar que o contacto desses sujeitos com outros grupos étnicos nessas cidades de destino tende a contribuir para que eles acionem um complexo sistema de representações sociais, baseado em símbolos, ritos e significados (Korostelina, 2007).

5.1.2 O Trabalho

Atualmente, a produção académica sobre a relação entre processos de migração e mercado de trabalho é relativamente vasta, englobando abordagens teóricas diferentes no debate sobre a situação dos imigrantes no mercado de trabalho. Uma delas, a mais conhecida e que se tornou clássica no estudo sobre mobilidades, é a teoria do mercado de trabalho segmentado, que afirma a existência de um mercado aberto e dual, segmentado por ocupações de prestígio - setor de empregos primário, e ocupações precárias - setor de empregos secundário (Piore, 1979; Portes; 1999; Piore e Safford, 2007; Vilela 2011).

Assim, enquanto o mercado “primário” detém como principais atributos bons salários, proteção social, estabilidade das condições de emprego, perspectivas de carreira e bom estatuto social, o mercado “secundário” se caracteriza por baixos salários, ausência de proteção social, fracas oportunidades de promoção, insegurança contratual, ausência de proteção social e baixo estatuto social. Dessa forma, os fluxos internacionais de migrantes não seriam motivados pelos fatores de expulsão dos países de origem, mas antes pelos fatores de atração dos países de destino. Segundo Massey et al. (1993), os países com economias industriais desenvolvidas precisam de mão de obra estrangeira para o trabalho em atividades desprezadas pelos nativos, seja por causa da baixa remuneração e baixo *status* social da atividade, seja pela ausência de perspectivas para mobilidade ou instabilidade da mesma, segmentando o mercado de trabalho. Não mencionando a racionalidade ou não dos migrantes, como explicitado na abordagem da microeconomia, na teoria do mercado de trabalho segmentado predomina a ideia de que um maior número

de oportunidades de trabalho para os imigrantes, favorecidos pela discriminação da população nativa em relação aos trabalhos pouco remunerados, aumentaria as expectativas de ganhos dos mesmos e suas habilidades na superação dos riscos.

Uma outra abordagem, fundamentada nos estudos de Sassen (1990; 1998), na análise da imigração e mercado de trabalho também reconhece a existência de um mercado segmentado entre o primeiro e o segundo setor. Na perspectiva da autora, a reorganização da economia mundial fez surgir um espaço transnacional, no qual circulam informações, serviços e mercadorias, e também trabalhadores desqualificados, assim como outros altamente qualificados. Dessa forma, os imigrantes tendem a inserirem-se nos extremos da estrutura ocupacional, isto é, em ocupações muito mal ou muito bem remuneradas, de qualificação muito baixa ou muito alta e instáveis ou estáveis. Já uma terceira abordagem (Bonacich, 1973; Portes e Bach, 1985; Light, Sabagh, Bozorgmehr e Der-Martirosian, 1994) reconhece a existência de um mercado paralelo ao mercado dual, que favorece muitos imigrantes em competirem com os autóctones no mercado aberto da sociedade de destino. Na perspectiva dessa corrente teórica, os imigrantes também se inserem em ocupações superiores ou intermediárias às dos autóctones. O estudo de Bonacich (1973) sobre grupos étnicos e mercado de trabalho identificou que distintos grupos de imigrantes, ao fixarem residência no país de destino, têm ocupado mais as posições intermediárias na hierarquia das ocupações profissionais do que as de baixo escalão. A autora afirma que existe uma tendência em determinados grupos de imigrantes para se concentrarem em certas ocupações, principalmente na área do comércio, desempenhando funções intermediárias entre empregados e empregadores, consumidores e produtores, elite e massa, o que proporciona aos imigrantes mobilidades ascendentes na hierarquia ocupacional e socioeconómica no local de destino. Uma outra tendência, ainda segundo a autora supramencionada, é dos imigrantes buscarem ocupações autónomas e flexíveis que, não constituindo vínculos de empregos formais no mercado aberto, facilitem um possível retorno à terra natal³¹.

³¹ É importante ressaltar também o papel das firmas e setores étnicos empregadores de imigrantes, que coexistem com as outras firmas no mercado, possibilitando a inserção numa situação privilegiada dos imigrantes no mercado de trabalho, na maioria dos casos como afirma

A mobilidade geográfica dos brasileiros na atualidade, de alguma forma, tende a satisfazer as exigências do capital pela atuação na sua reprodução contínua e no processo conjunto de acumulação. Todavia, analisando os deslocamentos dos brasileiros de um território para outro, é importante considerar a mobilidade profissional desses sujeitos imigrantes dentro deste novo território. Apesar da mobilidade espacial se diferenciar da mobilidade social, compreendemos que ambas estão intensamente articuladas numa simbiose dentro dos contextos migratórios.

Neste sentido, ao contrário da adesão a um dos enfoques teóricos que analisam o funcionamento do mercado de trabalho e os impactos da atuação da mão de obra imigrante, reconhecemos a necessidade da utilização das distintas abordagens para orientar as nossas reflexões e análises sobre a ocupação profissional dos imigrantes brasileiros entrevistados, considerando a heterogeneidade dos sujeitos e das suas inserções no mercado de trabalho. Assim, visando uma melhor compreensão das trajetórias desses imigrantes, e utilizando como referência o quadro de tipologias dos modos de incorporação de imigrantes contemporâneos em países avançados, de Portes e Borocz (1989)³², organizamos os sujeitos entrevistados em três grupos segundo as funções ocupadas no mercado de trabalho em Lisboa e em Los Angeles.

Dessa forma, no grupo um (G1) foram agrupados 40% (N=13) dos imigrantes brasileiros que desempenham funções técnicas e que se inserem no mercado denominado como primeiro setor. No grupo dois (G2) foram agrupados 19 % (N=6) dos imigrantes que exercem trabalhos manuais, que exigem poucas qualificações e ocupam o mercado misto. Já no grupo três (G3) foram agrupados 40% (N=13) dos imigrantes que atuam essencialmente no ramo dos serviços, sobretudo nos que se relacionam com as suas origens brasileiras³³. No Quadro 6 ilustramos essa organização dos grupos de entrevistados segundo a forma de incorporação no mercado de trabalho.

Portes e Bach (1985), bem como para Light, Sabagh, Bozorgmehr e Der-Martirosian (1994; 1995). Nesse sentido, a vantagem seria válida tanto para o *status* ocupacional quanto para os rendimentos (Bonacich, 1973; Portes e Bach, 1985; Light, Sabagh, Bozorgmehr e Der-Martirosian, 1994).

³² Ver: Alejandro Portes and József Böröcz. The International Migration Review Vol. 23, No. 3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration an Assessment for the 90's (Autumn, 1989), pp. 606-630.

³³ Uma entrevistada estava desempregada no momento da entrevista.

Quadro 6. *Categorização Profissional dos imigrantes entrevistados em Lisboa e Los Angeles.*

G1	G2	G3
Engenheiro Elétrico, administrativo, enfermeiro, gerente, professor.	Atendente de <i>parking</i> , <i>baby siter</i> , atendente de loja, motorista, porteiro, doméstica, garçon, auxiliar de <i>call center</i> , manicure, atendente de café.	Professor de capoeira, músico, cabelereiro.

Fonte: Elaboração própria

A mobilidade espacial pode ser compreendida, segundo Jannuzzi (2000), a partir de duas perspectivas dos deslocamentos geográficos das pessoas: a) melhoria das condições de vida; e b) a busca pela sobrevivência. Nada mais que deslocamento numa dada superfície em que o espaço não modifica a superestrutura (os refugiados, por exemplo). Todavia, para Pastore (1979), a mobilidade espacial pode levar à condição de mobilidade social dependendo da conjuntura económica internacional dos países de origem e de destino, assim como do capital social do migrante para inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, a mobilidade social dos imigrantes ocorre por oportunidades de rendimentos oferecidas na sociedade de destino. Dessa forma, os imigrantes nas sociedades de destino, via mobilidade espacial, buscam através da atuação profissional um acúmulo de capital e uma ascensão social, ou seja, uma mobilidade social em relação ao seu local de origem.

Nessa perspectiva de análise é que neste estudo buscamos analisar a trajetória de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho nas cidades de destino, de maneira a compreender como esses sujeitos relacionam a mobilidade espacial e a inserção sócio-ocupacional³⁴ em suas experiências de

³⁴ De maneira geral, a classificação socioeconómica das ocupações é feita através da derivação de escores para um conjunto de ocupações, compostas pelos níveis de renda e educação dos trabalhadores (educação é o fator de status social, e renda o fator de status económico). Já as escalas de prestígio ocupacional são feitas através de pesquisas nas quais pessoas são solicitadas a classificar uma seleção de ocupações em uma hierarquia de prestígio ou posição social. Baseado em:

file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Luzia%20Maria%20Cavalcante%20de%20Melo_21052012.pdf

mobilidade. Embora a discussão sobre as formas de hierarquia ocupacional seja extensa e aprofundada, não existe um consenso na literatura quanto à forma correta de conceituar e medir estratos sócio-ocupacionais (Melo, 2012). Nesse sentido, para fins da análise empírica dos dados obtidos por esta investigação, optamos por analisar as categorias sócio-ocupacionais como estratégia para a compreensão dos trajetos de mobilidade trilhados pelos imigrantes brasileiros em termos, tanto dos movimentos entre os estratos de prestígio das ocupações, quanto dos aspetos económicos das ocupações na avaliação desses sujeitos - tipo de atividade, grau de satisfação em relação ao trabalho e ao salário - assim como das experiências relatadas sobre as inserções laborais nos destinos.

Os estudos sobre a inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho dos EUA (Scudeler, 1999) e da mobilidade socioprofissional de brasileiros em Portugal (Egreja e Peixoto, 2011), em comum identificam os seguintes aspetos que influenciaram as trajetórias desde sujeitos: o tempo de residência, o conhecimento da língua e da cultura do país de destino, a existência de um parceiro/cônjuge autóctone, as redes sociais e, embora de forma nem sempre consistente, o grau de escolarização. Segundo os autores, estas condições tendem, em conjunto com o aumento da duração da residência, a beneficiarem trajetórias ascendentes dos imigrantes.

Essa integração social e económica do migrante, segundo Santana (2003), poderá ser avaliada comparando a atividade profissional desempenhada no país de destino com a desempenhada no país de origem. Dessa forma, a autora considera que, quanto maior a discrepância da ocupação profissional, menor é a integração. Apesar de compreender a integração social como resultante da integração económica e da inserção no mercado de trabalho, Santana (2003) também reconhece que o processo de integração vivenciado pelos imigrantes não pode ser reduzido única e exclusivamente à dimensão do trabalho, devendo a sua análise ser ampliada com a inclusão da dimensão do social (Marques, Baganha e Góis 2005).

Todavia, não é nosso interesse na presente investigação mensurar as mobilidades na perspectiva dos *status* ocupacionais dos brasileiros, considerando a existência de muitos trabalhos sobre esse tema, a exemplo de Egreja e Peixoto (2011), Peixoto e Figueiredo (2006), Margolis (2001), de entre outros. Nosso propósito é acessar as experiências migratórias desses sujeitos no mercado

laboral do país de destino através dos seus relatos sobre as atividades sócio-ocupacionais exercidas, os ganhos económicos auferidos em suas trajetórias e seus níveis de satisfação em relação à sua vida laboral. Nesse sentido, solicitámos aos entrevistados que relatassem sobre o primeiro emprego nas cidades de destino, Lisboa e Los Angeles, respetivamente.

No conjunto dos relatos, os entrevistados compartilham a consideração de facilidade na obtenção do trabalho de “entrada”, ou seja, do primeiro trabalho no país de destino. Mesmo os entrevistados que ainda não possuíam documentação necessária ao exercício de atividade profissional, e/ou que ainda não dominavam a língua do país de destino, são unânimes em destacar a facilidade e a rapidez que tiveram na inserção no mundo do trabalho. Apesar dessa facilidade comum, o tempo para encontrarem o trabalho é diverso, variando entre 3 dias e 1,5 meses para aqueles que estão atualmente inseridos no seguimento manual e étnico. Vejamos alguns fragmentos de entrevistas que elucidam este ponto:

“Eu tinha medo de vir, ainda não tinha documentos e não falava nada de inglês (...), mas depois de três dias eu já estava trabalhando como *babysitter*, o meu irmão conhecia uma família de brasileiros que estava precisando de alguém. Depois de uma semana trabalhando com eles me indicaram uma outra família que falava espanhol” **(Kátia, Los Angeles)**.

“Quando cheguei aqui, rapidinho comecei a trabalhar, só passei um dia para conhecer a cidade. O meu amigo já tinha falado com o patrão dele que eu estava chegando. Cheguei na quinta feira, na sexta e sábado descansei e no domingo saí com meu amigo para passear. Na segunda eu já fui à empresa dele falar com o patrão, que me mandou voltar no outro dia para começar nas obras” **(Adriano, Lisboa)**.

“Eu decidi vir para cá porque eu sabia que tinha muitos salões brasileiros em Lisboa, então eu pensei: sem emprego lá não devo ficar. Quando eu estava aqui, comecei a procurar os salões brasileiros que meus parentes me falavam onde eram, ia lá e deixava o meu currículo em alguns, outros eu não gostava. Minha tia também me levou no salão que ela conhecia as pessoas de lá, depois de um mês me telefonaram desse salão para eu ir trabalhar” **(Leandro, Lisboa)**.

“Lá em Cap Cod tinha alguns amigos de infância do meu marido que nos ajudou a vir para os Estados Unidos, e as mulheres deles trabalhavam nas limpezas. Nós chegamos e já estávamos trabalhando, e nem sabia dizer nada, nadinha, em Inglês...” **(Juliana, Los Angeles)**.

Esses relatos também ilustram o importante papel desempenhado pelas redes sociais na obtenção do primeiro emprego para esses migrantes brasileiros, todos com ocupação relacionada aos grupos do segmento manual e do segmento de trabalhadores étnicos, conforme Quadro 8. Da mesma forma, também identificamos essa importância da rede de relações nos processos de obtenção do primeiro emprego para os imigrantes integrantes do segmento que desempenham funções técnicas. Nesse sentido, cabe ressaltar que, dos nove entrevistados desse grupo, apenas um imigrante entrevistado se inseriu diretamente no segmento de mercado de trabalho técnico em Los Angeles sem auxílio das relações sociais. Todos os demais entrevistados desse grupo, assim como os entrevistados do segmento étnico, relataram que, em um primeiro momento, se inseriram no segmento de atividades manuais nos países de destino beneficiando-se da ajuda de parentes e amigos. Assim, verificamos que as redes sociais detiveram um papel importante na trajetória de inserção laboral para esses entrevistados, pois 97% (n=31) deles contaram, de alguma forma, com a ajuda dos amigos, conhecidos e, sobretudo, familiares para obtenção do primeiro emprego nos países de destino. Os relatos de Lígia, uma professora de ginástica que vive em Los Angeles, e de Maria, uma enfermeira em Lisboa, descrevem vivências pessoais específicas nesses momentos de suas trajetórias.

“Quando cheguei em Los Angeles, eu achava que falava Inglês, fiz muito tempo curso no Brasil. Mas uma coisa era os cursos, outra era sair falando aqui, entendendo tudo... não conseguia. Quando conheci o meu namorado na segunda semana que estava aqui, achei que ia ser difícil falar tão bem inglês. Mas ele me disse para fazer umas aulas lá no Santa Monica College, no primeiro dia de aula conheci uma outra brasileira que fazia figurações para um estúdio que pagava bem, e não precisava falar inglês. Foi meu primeiro emprego aqui, trabalhei lá uns três meses, consegui juntar uma grana boa, que me ajudou a pagar depois as minhas despesas no College” **(Lígia, Los Angeles)**.

“Meu primeiro emprego aqui foi num café, lembro até hoje. Eu queria ir trabalhar na minha área, eu era enfermeira no Brasil, mas não consegui. Tive que tirar um monte de papel, fazer a equivalência na faculdade, um processo chato e longo. Tinha que mandar vir documentos do Brasil, esperar e tal. Não tinha dinheiro suficiente para esperar e fazer tudo, tive que ir procurar qualquer trabalho que me ajudasse a pagar as contas (risos)” **(Maria, Lisboa)**.

Em relação ao tempo de inserção dos entrevistados do segmento técnico em uma atividade laboral compatível com a sua formação no Brasil, esse variou entre 3 meses a 2,5 anos. Essa situação, segundo Egreja e Peixoto (2011), é relativamente frequente na primeira inserção dos imigrantes no mercado de trabalho, onde desempenham funções nos setores menos qualificados da economia, realizando assim um percurso descendente em relação à ocupação no país de origem, considerando a posição ocupada na hierarquia social desse país. Contudo, a permanência nesses segmentos ao longo dos anos, segundo os autores, evidenciaria um problema de integração, com um elevado risco de ser reproduzida pela geração seguinte.

Com a intenção de compreender melhor as apreensões dos brasileiros sobre suas funções sócio-ocupacionais, interrogámos os entrevistados que, tendo finalizado o Ensino Superior no Brasil, ocupavam funções do segmento manual. Questionámos se, em algum momento da sua trajetória no país de destino, eles haviam procurado trabalho na sua área de formação profissional. Neste aspeto, todos os entrevistados em Lisboa responderam positivamente a essa questão, ressaltando que, passados em média 9 meses de suas chegadas, foram tomados de um sentimento de desânimo frente às dificuldades de empregos nas suas áreas de atuação profissional em Lisboa. No conjunto dos brasileiros que viviam em Los Angeles, 4 (12%) entrevistados responderam não terem buscado trabalho na sua área de formação profissional, justificando essa situação pela insegurança em relação à própria capacidade profissional ou ausência de domínio da língua inglesa.

“Eu me formei em administração no Brasil, mas não gostava tanto, sabe? Eu cheguei aqui e não falava tão bem inglês como falo agora. Pensei que ia ser difícil fazer um trabalho que não gostava muito em Inglês. Tinha medo de não conseguir, na verdade naquele tempo nem conseguiria ir a uma entrevista de emprego” **(Gabriela, Los Angeles)**.

“Portugal, naquela época, não tinha emprego qualificado. Eu sabia disso quando sai do Brasil, não trabalharia como licenciada aqui. Mas eu tentei, enviei vários currículos para as empresas, fazia isso todos os dias quando eu chegava do trabalho em casa. Mas nada... aí o tempo foi passando, não ganhava mal lá na loja onde trabalhava, acabou que fui desistindo de procurar” **(Gislaine, Lisboa)**.

Todavia, verificámos que tanto os brasileiros entrevistados que trabalham no segmento manual, como os que exercem a sua atividade profissional no segmento étnico, independentemente de viverem, em Lisboa ou Los Angeles, fazem referência às suas ocupações socioprofissionais relacionando-as com as vantagens económicas auferidas e a qualidade de vida desfrutada no país de destino. Assim, para a maioria (N=11) dos entrevistados do segmento manual, apesar de referirem uma descida de *status* ocupacional de suas funções, como execução de trabalhos não-qualificados e serviços domésticos, eles também ressaltam que, em termos económicos, auferem mais rendimentos comparativamente ao exercício de funções de *status* mais elevado nas suas cidades de origem no Brasil. Os relatos sobre o nível de satisfação com o trabalho são sempre associados aos ganhos económicos, à qualidade de vida no lugar e ao reconhecimento dessa profissão nos países de destino.

“Hoje sou babysitter aqui em Los Angeles, trabalho para uma família há quase dois anos. Gosto muito deles, são duas crianças. Ganho relativamente bem, sabe? Meu dinheiro dá para as coisas que quero fazer. No Brasil eu nunca ia ganhar o que ganho aqui fazendo este trabalho, cuidando de crianças... ou mesmo se trabalhasse na minha área... você sabe que lá não somos valorizados” **(Gabriela, Los Angeles)**.

“No Brasil, um motorista como eu não ganha o que eu ganho aqui. Mas acho que aqui mesmo não ganhando rios de dinheiro, eu tenha uma vida muito mais tranquila, calma, com qualidade” **(Daniel, Lisboa)**.

E, neste aspeto da valorização profissional nos países de destino, é interessante destacar os estudos de Sales (1999; 2001) e Margolis (2001), que investigando a ocupação laboral dos imigrantes valadarenses nos EUA, reconhecem, em comum, que os imigrantes desenvolvem "mecanismos de defesa" para enfrentarem o declínio de *status* social nas suas trajetórias profissionais. Os trabalhos das autoras supracitadas constataram ainda que, independentemente da atividade realizada pelos brasileiros, existe uma tendência deles sempre afirmarem ser tratados como "profissionais". Essa tendência encontra-se, especialmente, junto a brasileiros que desempenham o serviço doméstico, a ocupação mais representativa dos imigrantes valadarenses nos EUA.

Também o estudo de Egreja e Peixoto (2011) ressalta que os imigrantes brasileiros tendem a passar por um processo de desqualificação profissional por ocasião da chegada no país de destino, conseguindo posteriormente reverter essa situação. Todavia, de maneira geral, vivenciam uma mobilidade descendente face à sua situação no país de origem o que suscita questionamentos sobre o “saldo” do projeto migratório. Contudo, ainda segundo os autores, o balanço deste projeto migratório não se restringe ao estatuto socioprofissional: fatores como melhoria na qualidade de vida, aumento no poder de compra e a própria experiência em migrar constituem, entre outras, justificativas para os imigrantes afirmarem terem tido um percurso de sucesso, não considerado apenas a sua mobilidade socioprofissional.

Quanto aos entrevistados integrantes do segmento técnico, eles avaliam que a inserção no mercado de trabalho foi um processo fácil, ressaltando estarem satisfeitos com o percurso profissional realizado nos países de destino. Afirmam, ainda, que se mantêm no mesmo patamar profissional no qual se situavam no Brasil, havendo aqueles que, inclusive, consideram que progrediram, independentemente da área de formação, idade ou sexo, auferindo ganhos económicos satisfatórios.

É importante destacar que um terço desses entrevistados (N=4) procurou obter a equivalência e/ou reconhecimento dos seus diplomas, tanto em Lisboa quanto em Los Angeles.

“O meu marido (na época namorado) começou a me incentivar a procurar algo na minha área. Já tinha um dinheiro guardado para conseguir meu documento (...) e já falava melhor o inglês. Então, comecei a visitar os gyn (ginásios ou academias) para deixar os currículos. Nesse meio tempo fiquei sabendo que a esposa de um amigo do meu marido queria começar um treino com um pessoal *trainer*, falei com ela e ela me aceitou. Daí, ela indicou umas amigas... primos... sei lá mais quem.... até que estava trabalhando com umas oito pessoas. Quando fiquei sabendo que se eu fizesse um curso, tipo um ano na Universidade aqui, eu teria um diploma daqui também. Foi o que eu fiz, e lá consegui entrar no YMC” (**Lígia, Los Angeles**).

“Tem 11 anos que trabalho nesta empresa, quando cheguei aqui, acho que ganhava o mesmo que ganharia se eu estivesse no Brasil. Hoje não sei, se ganho mais ou menos, porque ganhamos e perdemos sempre, nas escolhas que fazemos, mas estou feliz com o rumo da minha vida profissional aqui em Portugal...” (**Tassio, Lisboa**).

Também os entrevistados com ocupação profissional no segmento étnico afirmam se encontrarem satisfeitos, entendendo que as ocupações realizadas possuem o mesmo estatuto no Brasil. Em relação às suas trajetórias no país de destino, eles consideram a imigração como oportunidade para o crescimento pessoal e o desenvolvimento socioprofissional, questionando se teriam essa oportunidade caso estivessem no Brasil. Todavia, diferente dos demais entrevistados, dos segmentos manuais e étnicos, relacionam como menores os ganhos económicos auferidos, enfatizando mais a dimensão da qualidade de vida usufruída nos países de destino.

“Eu nunca cantei antes no Brasil, profissionalmente. Eu cantava com uma amiga na casa dela. Às vezes fazíamos umas festinhas e tal, eu nunca tinha cantado samba, nem conhecia samba direito. Um dia, um conhecido me chamou para fazer um samba (lá na Suíça), eu disse que nunca tinha cantado samba antes, ele disse: não tem problema a gente ensaia, eu te ajudo e apresentamos no evento. Eu topei, logo estava cantando samba na Suíça. Comecei a estudar muito o samba. (...) hoje aqui em Portugal eu vivo de cantar samba, descobri que gosto de fazer isso, viajo pelo país, vou para fora apresentando o meu projeto... Já fui algumas vezes à TV, fazendo samba. Não sei se estivesse morando no Brasil eu ia descobrir o samba e me apaixonar por ele” **(Carla, Portugal)**.

Não sei se ganharia mais ou menos se estivesse no Brasil dando aulas de capoeira. Na verdade, nem sei se estivesse no Brasil eu seguiria a capoeira, porque lá já tem muitas escolas de capoeira. Mas estou feliz com o que ganho aqui, tenho uma vida tranquila. Consigo fazer os meus passeios, ir a um restaurante, levar a minha namorada para jantar. Tenho uma vida boa aqui, acho que melhor do que se estivesse no Brasil **(Adriano, Lisboa)**.

Assim, identificando que são distintos os significados e os sentidos que o grupo de imigrantes brasileiros atribui aos seus trabalhos em Lisboa e em Los Angeles, é possível considerarmos esses significados como meio de produção da vida de cada um deles, pois estes provêm sustentos e contribuem para a estruturação de suas identidades e subjetividades. São relatos que revelam uma compreensão do trabalho como um componente importante de suas realidades sociais e que assumem uma centralidade em suas trajetórias de mobilidade.

Ainda nessa perspectiva, cabe ressaltar que as pesquisas realizadas em diferentes países concluem que a origem do imigrante afeta diretamente a sua

inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, os resultados destes trabalhos indicam que, após controladas as características do local de destino e dos indivíduos, quando se considerava grupos de imigrantes de origens distintas com um destino semelhante, assim como a situação do mercado, a origem mantinha alta correlação com a localização do sujeito na estrutura hierárquica socioeconómica. Ou seja, mantendo todos os outros fatores constantes, alguns grupos de imigrantes encontravam-se em desvantagem e outros em vantagem, dependendo do grupo de origem (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004).

Esse resultado, observado em países como os Estados Unidos, França, Bélgica, Canadá, Alemanha e Israel, segundo Van Tubergen, Maas e Flap (2004), torna a origem do imigrante um fator de impacto - ora negativo, ora positivo, dependendo do grupo em análise. Por outro lado, a pesquisa não identificou diferenças significativas entre imigrantes de uma mesma origem que se dirigiram para destinos diferentes (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004), como é o caso da presente investigação. Tais resultados sugerem, em relação à situação dos imigrantes no mercado de trabalho na sociedade anfitriã, a existência de um impacto maior da origem do imigrante do que do país de destino. Neste aspeto, os relatos dos entrevistados revelam suas percepções sobre as diferenças e as vantagens da etnicidade brasileira em relação a outras etnias presentes nos mesmos locais de trabalho, particularmente no âmbito do grupo de imigrantes que atuam como trabalhadores manuais.

“Eu tinha uma amiga que trabalhava em uma loja, e quando eu disse a ela que estava desempregada, ela me falou: vou falar com a dona da loja, porque ela adora as vendedoras brasileiras. E assim consegui o meu primeiro emprego aqui, só porque era brasileira” **(Carina, Lisboa)**.

“Aqui nos Estados Unidos, eles acham que as babysitter brasileiras são mais limpas que as latinas, acham que somos mais caprichosas e mais doces com as crianças. É fácil para as brasileiras arrumarem empregos domésticos aqui” **(Gabriela, Los Angeles)**.

“Se eu for concorrer a uma vaga de trabalho com um americano ou europeu, o americano vai estar em primeiro lugar, o europeu em segundo e eu vou estar em terceiro ou quarto. Eles que dizem ser pessoas cultas, não sabem o que acontece com os latinos, eles generalizam, eles acham que os latinos são todos burros e muitas vezes ladrões” **(Antônio, Los Angeles)**.

Quando questionados sobre a insatisfação com o trabalho exercido, apesar de nem todos terem respondido à questão, os entrevistados que responderam destacaram, em comum, a sobrecarga do número de horas de trabalho. Essa insatisfação, presente em todos os setores de atuação dos entrevistados, revela um certo desagrado desses imigrantes em relação ao excessivo tempo no trabalho, limitando a realização de outras atividades cotidianas. Em termos da jornada diária de trabalho desses sujeitos entrevistados, esta é configurada, em média, 9 horas para todos os grupos. Destaca-se, ainda, que a maioria dos imigrantes, ao longo do seu percurso migratório, teve mais do que um emprego.

“Acho que só o facto de trabalhar muito é que me desagrada”
(**Walter, Lisboa**).

Aff!!! Acho que, às vezes a minha vida é trabalho e casa”
(**Juliana, Los Angeles**).

“Poderia trabalhar menos (risos)” (**Carina, Lisboa**).

“Gasto a maior parte do meu tempo com o trabalho, porque tem que contar o tempo que dirijo para ir e voltar né? (**Lisa, Los Angeles**).

Por fim, interessa-nos destacar que estudos recentes sobre mercado de trabalho e imigração (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004; Kesler e Hout, 2010) já não partem mais diretamente da noção de mercado paralelo ou aberto. Existe, na atualidade, um reconhecimento que tanto os países desenvolvidos como em desenvolvimento experimentam processos de informalização que causam transformações no mundo do trabalho - como a elevação das taxas de desemprego; a precarização do trabalho assalariado; e a tendência geral à terciarização (Didier, Guimarães e de Brito Maria 2009). Nesse sentido, compreendemos a importância de considerarmos na inserção laboral dos migrantes brasileiros os fatores macro, como as regiões de destino e de origem da migração. Todavia, as narrativas construídas por esses sujeitos revelam a importância de considerarmos o capital social e os atributos individuais desses imigrantes brasileiros para uma melhor compreensão das suas trajetórias socioprofissionais no mercado de trabalho em países como Portugal e EUA (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004; Kesler e Hout, 2010).

5.1.3 A Sociabilidade, o Lazer e os Afetos

Para Lima (2012), o estudo das sociabilidades nos comunica sobre as significações relativas dadas aos espaços. Logo, nos informa também a construção das identidades, bem como a (re)produção ou (re)invenção dos laços sociais presentes nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, o contexto transnacional em que esta pesquisa se inseriu permitiu avaliar que a sociabilidade e os afetos adquiriram particular centralidade nos relatos desses imigrantes brasileiros. Assim, partindo da concepção de Lane (1994, p. 64), que afirma que “[e]moção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo”, analisaremos as narrativas dos imigrantes brasileiros, as suas experiências de sociabilidade e lazer nas cidades de Lisboa e Los Angeles.

A partir dessa conjectura, é importante considerar que, para além da sua localização geográfica peculiar, o espaço absoluto exhibe atributos de espaço relativo (associado aos movimentos espaço-temporais e às características dos movimentos de bens, serviços e pessoas), e de espaço relacional (Harvey como referido em Rebelo e Paiva, 2006). É na relação entre o ir e o vir que estes imigrantes compreendem seus meios de sociabilidades como elementos mantenedores de apreensão do jogo de distanciamentos e aproximações, entre um e outro, e assim se percebem enquanto imigrantes que constroem redes de pertencimento e territorialidades que edificam o sentido à vida nestas cidades (Neto e Fonseca, 2017).

Assim, mais do que aludir ao espaço físico ou geográfico, interessa falar em espaços sociais em contexto desses espaços de vidas. O espaço relacional

(...) envolve toda a rede de relações estabelecidas no dia-a-dia pelos indivíduos no seu relacionamento com o ambiente que os rodeia, no contexto temporal passado, presente e através das expectativas que se delineiam em relação ao futuro, e que se traduz numa enorme complexidade de relações entre as pessoas, os bairros, os locais de residência, trabalho, distração e passeio (Rebelo e Paiva, 2006, p. 59).

Ao serem questionados sobre os seus hábitos de lazeres e sociabilidades, esses entrevistados evocaram, maioritariamente num primeiro momento, a diminuição da sua vida social desde que chegaram ao local de destino. Nas suas interpretações, isso se relaciona à falta de tempo, à diminuição do grupo de amigos ou a uma baixa disponibilidade para uma vida social mais ativa nessas cidades. Vejamos algumas narrativas:

“Tenho uma vida social aqui mais limitada que no Brasil. Lá todo o fim de semana tem uma festa, uma saída com amigos e tal. Aqui a minha vida é muito diferente do Brasil, não tenho tanto uma vida social como tinha no Brasil. Lá você sempre tem um amigo que te convida para sair, fazer alguma coisa ir a um barzinho... ou um churrasco. Aqui não é assim” **(Gislaine, Lisboa)**.

“Desde que cheguei aqui eu parei de sair à noite... baladas... bares e festas essas coisas. Chego em casa do trabalho e estou cansado. Janto, ligo o computador e fico por lá” **(Bernardo, Los Angeles)**.

Contudo, constatamos que neste primeiro momento, alguns entrevistados relacionavam a pergunta sobre a vida social enquanto hábitos apenas de saídas noturnas. Nesse sentido, explicamos a eles que nos interessaria saber um pouco mais sobre os seus hábitos de sociabilidade para além dos hábitos de uma vida noturna, ou seja, gostaríamos de entender os seus espaços de lazer, as reuniões com amigos e familiares – um pouco da vida além do hiato trabalho-casa. Nesse sentido, identificámos que os espaços e hábitos de lazeres nas cidades de Lisboa e Los Angeles podem ser diversos e distintos: centros comerciais, praias, cinemas, praças, restaurantes e bares. Todavia, tanto em Los Angeles como em Lisboa, os restaurantes e bares que oferecem comida e música brasileira surgem maioritariamente nos discursos sobre os lugares preferenciais frequentados nos seus tempos de lazer. Já a frequência desses lugares variou entre uma a duas vezes por mês, consoante os tempos livres dos entrevistados.

“Quando eu quero me divertir eu vou a um café, comer um doce que gosto, ou beber um café. Vou caminhar na praia, eu gosto muito de South Bay, agora não estou muito perto. Mas gosto de todas as praias, Hermosa Beach, Redondo Beach, quando eu tenho tempo eu dirijo até lá. Também tenho amigos por lá porque eu morei lá por alguns anos, tenho amigos naquela área. Eu gosto muito de ir em restaurante com música brasileira ao vivo, eu gosto de ir a *concert*” **(Bia, Los Angeles)**.

“Gosto muito de ir aos parques e aos museus durante o dia. Também gosto de ir ao cinema no Campo Pequeno e depois ir jantar em uma churrascaria brasileira que tem por lá...” **(Adriana, Lisboa)**.

“Se é verão gosto de ir para praia com a minha esposa. Mas se não é verão, às vezes vamos jantar em um restaurante brasileiro, destes que têm música ao vivo. Sabe?” **(Tácio, Lisboa)**.

No que concerne às relações de sociabilidade entre pessoas nas cidades de Lisboa e Los Angeles, identificamos que, maioritariamente, para estes imigrantes, suas redes relacionais são criadas no interior do espaço intraétnico, isto é, entre pessoas da mesma nacionalidade, neste caso entre os brasileiros. Apenas 16% (N=5) dos entrevistados, citaram manter relações de amizades com pessoas de nacionalidade diferente da brasileira. As redes de relacionamentos interétnico, para maioria dos entrevistados, se configuram em menor escala, sendo principalmente constituída pelo cônjuge ou colegas de trabalho, não se configurando para a maioria desses entrevistados como redes concretas e simbólicas de amizades. Vejamos alguns relatos:

“Não tenho aqui tantos amigos, mas os poucos amigos são a maioria brasileiros. Acho que é mais fácil fazer amizades com a nossa própria cultura. A gente não se estranha. Eu já me estranho muito com meu namorado que é português, eles têm um jeito de ser e ver a vida diferente” **(Carina, Lisboa)**.

“Eu conheço muita gente aqui de diferentes nacionalidades. Mas é conhecido não é amigo assim.... dá gente. É gente que você se relaciona, amigo do meu namorado, vizinho... e tal. Amigos, amigos mesmo? São a minha família e os brasileiros. **(Gabriela, Los Angeles)**.

“Minhas amigas são brasileiras, e tenho mais amigas em Coopcod que aqui em Los Angeles. Aqui tenho uma amiga só” **(Juliana, Los Angeles)**.

O tema da saudade da família e dos amigos foi recorrente em todos os depoimentos, sem exceção.

“Acho que quando a gente está longe de casa, tudo fica mais forte, a saudade. Qualquer coisa que acontece mesmo que seja pequena a tristeza é maior aqui porque você não tem o apoio de quase ninguém (...)” **(Bernardo, Los Angeles)**.

“A saudade é grande né? A família tá longe. Às vezes dói, é difícil... vejo fotos dos meus irmãos lá no Brasil e dá uma vontade de estar lá também. Mas com a internet a gente fica um pouquinho mais próximo” **(Marcia, Lisboa)**.

No intuito de uma maior compreensão e entendimento da sociabilidade e afetividade desses imigrantes brasileiros, interrogámo-los também sobre o uso da internet, das redes sociais virtuais e das tecnologias de informação no seu dia a dia. Tendo em vista o campo de estudos sobre as migrações internacionais, recentemente, alguns pesquisadores têm assinalado a importância destas ferramentas que passam a ser encaradas como parte dos fluxos contínuos entre as sociedades de origem e destino (Schrooten, 2010). Nesse sentido, todos os entrevistados responderam afirmativamente quanto à participação em comunidades e grupos virtuais, tanto no que concerne a grupos ou páginas de sociabilidades ligadas aos lugares de destino³⁵, como os grupos ligados ao lugar de origem.

Ainda nessa esteira, esses entrevistados ressaltaram como o uso das tecnologias da informação e comunicação no cotidiano, o acesso ao Facebook, ao Messenger e ao WhatsApp têm um papel importante para conservar a troca constante e a comunicação com seus parentes e amigos no Brasil. Os usos dessas tecnologias permitem, nesse aspeto, que esses brasileiros possam amenizar as saudades daqueles lugares e pessoas que estão distantes, diminuindo assim as distâncias, apesar das barreiras geográficas e temporais.

“Hoje é muito fácil. Eu falo a qualquer hora com os meus amigos do Brasil. Mas quando eu cheguei aqui, era difícil. Tinha que ser carta... as cartas demoravam... as ligações telefônicas eram caras. Eu ficava esperando o carteiro passar todos os dias para ver se ele me trazia uma carta. Ai!!! Como era bom quando chegava uma cartinha do Brasil” **(Lisa, Los Angeles)**.

“Uso sempre o facebook para falar com os meus sobrinhos, meus primos. Eles me mandam fotos de tudo, dos brinquedos que ganham, das comidas... de tudo... isso diminui as saudades da gente que tá longe” **(Márcia, Lisboa)**.

“Eu converso com a minha irmã todos os dias, as vezes venho caminhar na praia e ligo para ela com câmara. Ela vê Los Angeles, a praia... e adora. Eu vejo também as minhas sobrinhas

³⁵ Grupos no Facebook como: Brasileiros em Los Angeles, Brasileiros em Portugal, APOIO para Brasileiros em Portugal, CADÊ emprego em Los Angeles.

crescendo... é como se elas estivessem aqui... ou eu tivesse lá... não sei (risos)” **(Bernardo, Los Angeles)**.

Neste sentido, Santaella (2014) atenta para o facto dos sujeitos auferirem uma nova característica com a expansão do acesso à internet e à computação móvel e pervasiva: a ubiquidade. Nesse panorama, os aparelhos móveis de comunicação possibilitam a esses imigrantes brasileiros uma sensação de presença, com a possibilidade de serem sempre contactados e estarem em permanente contacto com experiências em outras esferas. Para Santaella (2014, p.69), com essas tecnologias “abriu-se o horizonte da vida em estado de simultaneidade, ou seja, ao mesmo tempo em que é vivida, a vida pode ser contada”. Dessa forma, para a autora, os espaços passam a ser encarados como espaços multidimensionais, nos quais as diferentes camadas de experiência *online* e *off-line* se entrecruzam nos lugares interconectados.

No que se refere à participação em associações locais de imigrantes brasileiros, pudemos verificar que a participação desse grupo é reduzida, tanto para os que habitam em Lisboa, como para os que habitam em Los Angeles. Dos dezasseis entrevistados em Los Angeles, nenhum deles afirmou conhecer qualquer associação de imigrantes na cidade, seja brasileira ou multiétnica. Já a maioria dos entrevistados em Lisboa afirmou conhecer associações de imigrantes naquela cidade – nomeadamente, a Casa do Brasil e a Solidariedade Imigrante. Todavia, apenas dois dos entrevistados eram membros de tais associações no momento da entrevista.

Dessas instituições, as igrejas e as associações religiosas figuraram como a maioria de que alguns entrevistados referiram ser membros. Neste contexto foi importante considerar que a religião pode oferecer um dos recursos cruciais através do qual os imigrantes criam espaços físicos, emocionais e morais nos interstícios de uma nova sociedade (Vilaça, 2008). Assim, para alguns dos entrevistados, as igrejas desempenham um papel relevante na pertença a redes relacionais, de interação e integração. Elas não se atentam apenas ao suprimento das necessidades espirituais, mas também enquanto espaços de encontro, de expressão de identidades culturais, de equilíbrio emocional e até de resolução de problemas de natureza material e logística da vida quotidiana

(Vilaça, 2008; Martes e Rodriguez, 2004). As duas narrativas abaixo clarificam esse tópico:

“Desde que cheguei aqui que frequento esse Centro Espirita. Hoje tenho um grupo de apoio e de amigos aqui. É como se fosse uma família que tenho aqui, organizamos eventos, comemorações e reuniões também fora de lá” **(Rui, Los Angeles)**.

“A igreja aqui é como a minha casa. As pessoas lá sempre se ajudam. A maioria das pessoas que frequentam lá são imigrantes brasileiros. Todo mundo vive a mesma realidade. As pessoas trocam as coisas lá, as famílias que têm crianças principalmente. Lá eles te ajudam arrumar trabalho quando alguém precisa. É uma solidariedade. Eu me sito em casa quando estou lá, as minhas roupas de inverno quase todas que tenho hoje eu ganhei lá” **(Lívia, Los Angeles)**.

A partir dessas narrativas podemos constatar que esses imigrantes brasileiros são possuidores de uma referência cultural e histórica peculiar, que influencia as suas formas de sentir, pensar, agir e ser. Essa cultura é entendida como o resultado da atividade humana, que se configura num meio social que modifica e é modificado pelo homem, estabelecendo-se assim uma unidade dialética (Freire, 1980). Nesse ínterim, ao voltar para a análise da questão da sociabilidade desses imigrantes brasileiros, consideramos que esta encontra-se envolta por uma realidade objetiva vivida pelos sujeitos e também por uma dimensão subjetiva de homens históricos. As dimensões (subjetiva e objetiva) não se excluem, mas antes dialogam entre si. Logo, entendemos esse imigrante brasileiro como sujeito social que, imerso em relações sociais, tem a probabilidade de se ir desenvolvendo, constituindo trocas constantes com o meio em que se encontra e com outros sujeitos.

Nesse sentido, esse tópico foi de basilar importância para compreender a espacialidade desses sujeitos, que foi revelada por meio das práticas socio espaciais cotidianas. Estas, por sua vez, dão condições aos sujeitos (os migrantes) de desempenharem territorialidades graças ao estabelecimento de redes de sociabilidade, as quais intervêm no processo de reterritorialização destes sujeitos nos seus lugares de vida, assim como na sua identificação com a cidade, com seus pares e consigo mesmo.

5.2 Adaptação e Integração aos Lugares na Vida Cotidiana

O cotidiano, segundo Certeau (1994), poderá ser identificado como “território”, configurando um “lugar”: espaço e tempo construídos. Logo, o cotidiano se associa não apenas ao território, mas também ao lugar. O território ganha dimensão no cotidiano ao expressar a cooperação, a comunhão de grupos e pessoas, a noção de conjunto, e também de conflitos e confrontos, baseados no choque entre os interesses individuais e coletivos. Enquanto o lugar se representa no cotidiano ao expressar as relações de afetividade espacial e interpessoal, extrapolando assim, neste caso, a dimensão de espaço físico. De forma, que:

“É no cotidiano que nos tornamos observadores de nós mesmos e do próximo, isto vale dizer: do outro, dos outros e do mundo, portanto, do território. Quem se auto observa e simultaneamente observa os outros e os eventos em que se está envolvido, põe sua atenção sobre como e onde isso ocorre, portanto no território (Mesquita e Brandão, 1995, p. 19).

Neste sentido, entendemos que nessa nova realidade é fundamental que o migrante possa circular, não só fisicamente, mas também através da sua subjetividade, inserindo no cotidiano e a partir daí construir a sua história. A imigração é uma experiência que questiona a própria universalidade dos particulares como – a forma de vida, a língua, a modalidade cultural, etc., momento no qual o imigrante se torna antropólogo de si mesmo.

É sob esta perspectiva que procuramos investigar os sentimentos de adaptação desses imigrantes brasileiros aos lugares vividos - Lisboa e Los Angeles. Para tal recorreremos às suas próprias percepções e representações sobre o pertencimento, a integração e a identificação com estas cidades, na busca de um melhor entendimento dos espaços de vida desses sujeitos.

Neste sentido, Silva (2015) citando Weber (1995) afirma que não há como ter sentimento de pertencimento com uma comunidade sem vontade de a ela pertencer: “Não é suficiente ser x para pertencer a x; não há comunidade se as pessoas não tiverem a crença em sua existência e o sentimento íntimo de lhe pertencer” (Weber, 1995, p. 130 como referido em Silva 2015). No mesmo sentido, Koltai (2013) vai apontar para a importância do enlaçamento do

imigrante com a sociedade que habita, “(...) os que se adaptam ao país de acolhimento e o transformam num lugar de vida, tornando-se cosmopolitas, verdadeiros cidadãos do mundo, (...)” (p. 135)

Dessa maneira, se tornou relevante para esta investigação se debruçar sobre a maneira pela qual os imigrantes brasileiros agem e ressentem as coisas, sobre suas subjetividades vividas em Lisboa e em Los Angeles. Visto que o lugar é aquele em que o imigrante se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o “centro de significância ou um foco de ação emocional do homem”. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (Christofolletti, 1982, p. 22)

Logo, se os lugares da vida cotidiana desses imigrantes, neste caso Lisboa ou Los Angeles, podem aguçar os sentidos e despertar sentimentos, o que sentem estes entrevistados em relação a estes lugares? – É nesta direção que analisamos as percepções desses sujeitos sobre o lugar vivido, a partir das seguintes indagações feitas aos entrevistados: Você gosta de viver aqui? Você se identifica com esta cidade – Lisboa ou Los Angeles? Sente -se ou não integrado? E quais os seus planos para os próximos dois anos? Permanecer ou mudar de cidade?

No conjunto das narrativas desses imigrantes brasileiros as percepções sobre a vida nessas cidades – Lisboa e Los Angeles aparecem de forma positiva, assim como as representações sobre a sua integração nesses lugares. Alguns entrevistados reconhecem constrangimentos na sua trajetória de vida nesses lugares, mas associam a sua integração e adaptação às condições de vida no país de acolhimento, condições estas diferentes no país de origem - Brasil, permitindo-lhes a satisfação de necessidades objetivas e subjetivas inerentes à questão da qualidade de vida.

“Sim, gosto muito de viver aqui. Aqui tenho uma vida tranquila, bem diferente da que tinha no Brasil. Uma vida mais calma, com mais liberdade de ir e vir. Acho que me integrei bem fácil a Los Angeles, porque era isso que eu queria, uma vida mais simples, calma” (**Edson, Los Angeles**).

“Eu gosto daqui, porque a minha vida é aqui. Sinto falta de algumas coisas do Brasil, mas de forma geral me sinto feliz em viver aqui com a minha família. Apreendi muita coisa aqui, cresci muito. E o mais importante para mim que me faz gostar daqui, é

que é um lugar seguro, sem violência e medo, muito diferente do Brasil” **(Lisa, Los Angeles)**.

“Hoje já estou adaptada à vida aqui, a forma como as coisas são aqui. O clima, a comida as pessoas, a língua... foi difícil para eu me adaptar aqui... no começo... acho que demorou uns dois anos. Mas agora eu gosto daqui... já sinto que sou daqui... aqui é a minha casa agora” **(Bia, Los Angeles)**.

“Tenho meu trabalho aqui, a minha casa, a igreja... enfim uma vida aqui em Lisboa. Uma vida que penso ser muito boa, acho que tenho mais qualidade de vida. Já estou completamente adaptada aqui, não estranho mais as coisas, me acostumei na verdade com a vida aqui, que é melhor que no Brasil, eu acho” **(Lívia, Lisboa)**.

“Amo viver aqui. Me identifico com essa liberdade que existe aqui. E a liberdade de ação. Olha para mim esse cabelo azul, tenho desde 1986, virou uma marca. No Brasil falta um pouquinho isso, liberdade, as pessoas são muito críticas. Se você quer sair de pijama, sai de pijama. Sou eu!! Você pagou meu pijama? Ta machucando seu olho? Então me deixa andar de pijama. Isso é muito legal em LA” **(Fernanda, Los Angeles)**.

Outros entrevistados relacionam a sua adaptação e integração nas cidades de Lisboa e Los Angeles às suas capacidades e suas habilidades sociocognitivas:

“Para morar em um outro país a gente tem que ter a capacidade de adaptação, um tipo de inteligência social, se podemos falar assim, eu acho que tenho uma inteligência social quando penso nesse sentido. Aprendi a estar aqui, a forma de viver aqui. Eu vejo que não é todo mundo que está disposto a aprender a viver em uma nova cultura, mas eu sempre estive” **(Bela, Lisboa)**.

“Acho que isso de se adaptar a outro lugar depende muito de como você é no seu dia a dia. Se você não tem vontade de conhecer as coisas novas que têm nestes lugares para você, se você não está aberto a isso, você não se adapta em lugar nenhum. Mas quando a gente está aberto, a gente se integra em qualquer lugar, principalmente em lugares como Los Angeles” **(Antônio, Los Angeles)**.

A cordialidade e o carácter acolhedor dos lugares foram dois aspetos ressaltados nos discursos desses entrevistados como facilitadores de adaptação. Alguns entrevistados em Lisboa apontaram a língua em comum como um apaziguador das diferenças. Houve também narrativas que elucidaram pontos de reconhecimento na imensidão da experiência imigrante e que esses se configuram de essencial importância dentro do processo de reconstrução do

lugar de pertença para esses sujeitos. Neste sentido alguns relatos dos nossos interlocutores possibilitaram não apenas uma leitura mais clara das suas representações sobre a afetividade com o lugar e a adaptação no destino, mas também sobre os processos identitários nestes lugares.

“Gosto de viver aqui. Passei a me identificar com a cidade. Sinto-me integrado. Passei a me sentir daqui. Não cidadão português, porque eu acho que isso eu nunca vou ser. Mas acho que de alguma forma essa cidade já me pertence e eu já pertenço a ela um pouco. Me sinto integrado na cultura, na vida daqui, mas vou ser sempre um imigrante que vive em Lisboa” **(Walter, Lisboa)**.

“Eu me identifiquei muito com Los Angeles quando aqui cheguei. Me sinto muito confortável aqui. É uma cidade sem fronteiras. Eu gosto disso. Posso dizer que sou integrado tanto com a cidade como com os hábitos daqui. Não me sinto aqui como um imigrante, acho que essa cidade não nos deixa sentir assim.... porque afinal aqui todos são imigrantes” **(Edson, Los Angeles)**.

“Gosto muito daqui a minha vida é aqui. Mas não me sinto integrada completamente aqui, lá no fundo não sinto que é o meu país. Então às vezes acho que não vou me integrar nunca aqui... porque nunca vou pensar como uma americana. Sou brasileira, minha cultura é brasileira... posso até me abrir para outras culturas e formas de vida... mas não vou deixar nunca de ser brasileira” **(Juliana, Los Angeles)**.

Os trechos acima transcritos permitem visualizar como os discursos sobre a identificação e integração nos lugares para alguns entrevistados se associou às suas percepções identitárias de imigrante. Neste aspeto, entendemos que à medida que o imigrante precisa operar com a realidade social de sua adaptação, é que vai se erguendo o processo de descodificação e da construção de auto representações em torno de ser imigrante (Alaimo, 2000), sendo um “jogo” que não se faz de forma isolada e que está sempre ancorado na relação entre o indivíduo e o outro (Hall, 2014) nos seus espaços de vida.

No mesmo sentido, outras narrativas sobre pertença, adaptação e afetividade sobre os lugares vividos dos entrevistados em Lisboa e Los Angeles evocaram o duplo pertencimento explorado por Sayad: “ (...) homens do entre dois – entre-dois-lugares, entre dois tempos, entre-duas-sociedades, etc. – são também e principalmente, homens entre duas-maneiras-de-ser ou entre-duas-culturas” (Sayad, 2000, p. 19).

“Me identifico com a minha vida aqui. Gosto e não gosto daqui (...) Não sei se estou totalmente integrada com as coisas aqui, mas também não sei se me integro ao modo de vida no Brasil novamente. Sinto falta de algumas coisas de lá... assim como sinto falta de algumas coisas daqui quando estou lá também... é como se eu não fosse nem de lá e nem de cá” (**Ângela, Los Angeles**).

“Gosto daqui, gosto de estar aqui em Los Angeles, mas você fica dividido entre os lugares, todos nós que moramos fora. Você perde a pátria. Agora eu te pergunto: aonde você pertence você sabe? Isso quase cria um problema, porque uma pessoa que tem uma cabeça um pouquinho mais aberta.... Eu era tão feliz no Brasil... mas depois você vai para outro país você fica... há! Peraí! eu gosto disso aqui também ..., mas tem o outro lado... o meio deste dois seria o ideal” (**Lígia, Los Angeles**).

“A gente se adapta aos lugares.... vamos incorporando novas coisas. Cada lugar que a gente vive vai construindo a gente... sabe? As vezes penso sobre isso... e acho que hoje sou um pouquinho portuguesa e um pouquinho brasileira. Já não sou uma coisa só.” (**Adriana, Lisboa**).

Neste sentido, as narrativas anteriores também nos mostram como os próprios imigrantes interpretam as implicações culturais e identitárias fruto da mobilidade geográfica. De acordo com Bourdieu (1989), essa condição faz com que ele - o imigrante - apenas possa estar neste lugar que não é nem cidadão nem estrangeiro, ou seja, ele integra essa fronteira entre o ser e o não-ser social. Neste sentido compartilhamos da ideia de autores como García Canclini (2000) e Bhabha (2004), que consideram o imigrante, neste caso esse grupo de brasileiros, como sendo portador de um biculturalismo, uma identidade fragmentada, um hibridismo³⁶. O hibridismo vem demonstrar, nas palavras de Bhabha (2004, p.126) que “culturas são construções e tradições são invenções e, quando em contacto, criam novas construções desterritorializadas”.

Assim, intentamos para a necessidade de interrogar nossos interlocutores sobre as vivências de situações percebidas de preconceitos ligadas tanto às suas identidades imigrantes ou à sua etnicidade - brasileira. Nenhum dos entrevistados respondeu afirmativamente sobre episódios ou percepções de

³⁶ Para Bhabha (2004), a cultura é híbrida, transnacional e tradutória. Ele argumenta que tal conceito estaria ligado à questão de sobrevivência, quando os deslocamentos põem em choque as diferenças culturais. Assim, entendo que o hibridismo dos sujeitos migrantes se refere a um processo de ressimbolização cultural em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução ou de inscrição em uma outra cultura. Ver também: Bhabha, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

preconceitos diretamente ligados a eles nas suas trajetórias. Todavia, nas suas narrativas reconhecem a existência de preconceito nos lugares de destino, ancoradas em um “senso comum”.

“A gente sabe que tem preconceito contra imigrantes, as minhas amigas mesmo às vezes passam por alguns. Mas comigo assim diretamente, não acho que tem. Talvez porque não pareço assim tão latina” **(Juliana, Los Angeles)**.

“Aqui em Portugal tem essa coisa de que eles não gostam de brasileiro. Eu aqui nunca tive problemas por ser brasileiro. Acho que as vezes é porque as pessoas estão dispostas a ver apenas o lado ruim daqui” **(Adriano, Lisboa)**.

“Às vezes as pessoas te olham meio torto, mas eu acho que isto é mais do mau feitio dos portugueses do que preconceito. Umas pessoas até pensam que é preconceito às vezes.... por sermos brasileiros..., mas eu não enxergo assim” **(Carla, Portugal)**.

Já em relação aos planos futuros, nenhum entrevistado afirmou ter a intenção de voltar ao Brasil, não considerando principalmente o retorno ao lugar de origem, pois fazem referência tanto ao estranhamento referente ao lugar, quanto ao seu próprio estranhamento ao habitar tal espaço. Apenas um dos brasileiros entrevistados narrou sobre os seus planos de futuramente viver em Londres agora que possui a nacionalidade portuguesa. Esse era o seu desejo inicial quando empreendeu o seu projeto de mobilidade. Todavia, como ele não teve sua entrada autorizada na Inglaterra, sua opção foi viver em Lisboa.

Neste sentido, reconhecemos que as análises por nós empreendidas sobre estes sujeitos pesquisados, permitiram compreender como a diversidade é experimentada por eles no que se refere não só à afetividade sobre os lugares e a percepção de integração, mas também em relação aos aspetos das identidades - a vivência de sua condição imigrante. Assim, entendemos que as representações desses imigrantes brasileiros sobre a integração nos lugares vividos e o sentimento de viver em Lisboa ou em Los Angeles se relacionam com a percepção que estes imigrantes concebem sobre as suas trajetórias e histórias de vida, mesclando o sentido do lugar às suas representações de superações de dificuldades, êxitos e os desafios enfrentados nos seus percursos assim como também os motivos que os levaram a emigrar. Ao mesmo tempo, essas análises, lançam luz sobre como os espaços influenciam o processo de construção das identidades migrantes desses sujeitos ao mediar o contacto deles com a cidade

de Lisboa e/ou Los Angeles, permitindo-lhes conhecer e relacionar-se com outros indivíduos.

Assim, por meio dessas análises sobre os espaços de vida desses imigrantes brasileiros em Lisboa e Los Angeles, entendemos que estes sujeitos procuraram adaptar-se ao novo lugar do cotidiano à medida em que foram confrontados, tanto com fatores de ordem interna - o estranhamento ou o deslumbramento; a falta de conhecimento em relação à cidade, a ansiedade diante do novo, a solidão ou a euforia, o próprio temperamento, a identidade, seus valores pessoais etc.; quanto com os de ordem externa - a lógica, os ritmos, o tamanho e os lugares da cidade, o novo bairro, o novo trabalho ou a falta dele, as novas amizades, o outro e etc.. Compreendemos, ainda, que é na ação cotidiana em Lisboa e em Los Angeles que estes imigrantes brasileiros, para além de identificarem os elementos socio espaciais do lugar, também vão reflexivamente selecionando e incorporando estes elementos com os quais se identificaram ou passaram a identificar para aportarem o seu sentido de pertencimento (ou não) aos lugares.

Neste sentido, autores como Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) da psicologia ambiental, negam que o processo de identificação com o lugar represente uma estrutura cognitiva coerente e integrada, contemplando-a como uma mistura de memórias, ideias e sentimentos em relação a cenários físicos específicos que variam de acordo com o sexo, idade, classe social, personalidade e outros aspetos sociais do indivíduo, bem como da sua trajetória de vida. Porém, quando a identidade do lugar implica cognições - ideias, pensamentos, etc. valorizadas positivamente, Proshansky (1978) fala de "pertencer ao lugar". Os fatores que determinam que as cognições referentes ao espaço físico possuem valências positivas ou negativas são: qualidade do cenário, qualidade de cena física e social, adaptabilidade, competências e habilidades ambientais, e imaginação ou fantasia.

Assim, entendemos que a reterritorialização desses brasileiros tanto em Lisboa como em Los Angeles se deu num processo de identificação com o novo território vivido e compartilhado; a partir do estabelecimento de ligações afetivas, sociais e espaciais com a cidade e com outros sujeitos que nela habitam. Todavia, esses brasileiros ao reterritorializam nessas cidades transportam valores qualitativos reunidos, que se materializam no seu cotidiano, criando a

continuidade do mundo vivente em movimentos que criam e recriam o espaço. É nessa perspectiva que Gottdiener (1993, p. 153) afirma: “[...] a ideia de vida cotidiana que é dependente em qualquer tempo dado e, portanto, controlado pela própria cultura, [...] onde os usuários do espaço [...] são usuários da vida cotidiana”. No embalo da vida cotidiana e das territorialidades, o imigrante reúne informações e transporta conteúdos sociais integrados e moldados dentro da sua própria realidade, construídos anteriormente.

No âmbito geral, podemos perceber que a experiência migratória desses sujeitos entrevistados é desestabilizadora e, ao mesmo tempo, transformadora. Como ressalta Ferreira (1996): “(...) o contacto com o diferente poderá servir de fonte de ampliação da experiência subjetiva, desde que haja abertura sociocultural para a expressão da diversidade e para que o sujeito possa romper barreiras narcísicas e se refletir em outros espelhos.” (p. 86). Todavia, essa possibilidade de se refletir em outros espelhos, metáfora que o autor emprega, é aceite como uma potencialidade no movimento migratório e não como uma condição antecipadamente definida. No mesmo raciocínio, Calderón Chelius (2003) afirma que a experiência cotidiana dos sujeitos num novo universo social ressignifica suas visões do mundo. Assim, ao analisarmos as narrativas desses imigrantes entendemos que como um processo dinâmico, a migração deixa a sua marca na vida desses brasileiros. Os seus efeitos são de diferentes graus e estilos e podem ser acompanhados, ao longo do tempo, nas mudanças dos significados da própria experiência migratória e das identidades, bem como nas experiências geográficas e sociais inéditas que somente o processo migratório possibilita a estes sujeitos.

CAPITULO VI - MAPAS MENTAIS: UMA LEITURA ETNOGEOGRÁFICA DOS ESPAÇOS VIVIDOS

*“Os mapas suspendem as narrativas. O espaço habitado é a configuração dos nossos passos”
(Leituras críticas sobre a experiência da cidade, de Professora Maria Filomena Silvano, Sessão IX 05 de julho de 2018)*

A opção pela utilização das representações mentais do grupo de imigrantes brasileiros surgiu enquanto recurso auxiliar que nos possibilitasse fazer uma leitura etnogeográfica dos espaços de vida desses sujeitos. A etnogeografia tem como preocupação as representações que uma sociedade constrói sobre o mundo, a natureza e as espacialidades das relações sociais (Claval, 1992). E, nesse sentido, os Mapas Mentais enquanto instrumentos metodológicos revelaram-se como uma estratégia interessante para melhor capturar e estimar a afetividade desses sujeitos em relação aos lugares onde vivem. Permitiu-nos entender os lugares vividos por estes imigrantes brasileiros a partir das especificidades das suas sensações e sentimentos, ao mesmo tempo que evidenciaram as territorialidades desses sujeitos.

Dessa forma, tornou-se importante para esta investigação privilegiar a abordagem do conceito de “lugar”, tomando como referência o “lugar vivido” enquanto construção social e espacialização das experiências dos sujeitos que o habitam. O “lugar vivido” deve ser entendido como o cenário de localização da vida desses sujeitos, apresentando dois pontos de vista concomitantes que se complementam, pois pode, simultaneamente, ser o palco onde a vida acontece e se desenrola, e o cenário, onde a vida é observada; sendo deste modo, vivida, representada e representante (Gésero, 2012).

Esta perspectiva de análise fica muito explícita na narrativa construída por Walter durante a elaboração do desenho do mapa da cidade de Lisboa:

“Vejo a cidade enquanto um cenário, o cenário das nossas vidas. Às vezes fico pensando na minha vida, nesta cidade, nesse cenário. Às vezes paro aqui e observo, como a minha vida mudou desde que cheguei aqui, como aqui em Lisboa aconteceram tantas coisas diferentes comigo. Me pergunto, será que tudo que vivi aqui... eu viveria em outro lugar? Acho que de certa forma não” (Walter, Lisboa).

Sabemos que o entendimento do espaço foi sempre um objetivo da Geografia, uma vez que o uso de esquemas, desenhos e outras formas de representação dos lugares sempre esteve associado a essa disciplina. No entanto, é necessário destacar que os desenhos, particularmente os mapas mentais e afetivos vêm recebendo inéditas reflexões e abordagens tanto na Geografia, como nas áreas da Psicologia, Psiquiatria e Sociologia no âmbito dos estudos sobre lugares e imigração³⁷.

Na Geografia o termo “mapa mental”, introduzido por Peter Gould (1966, conforme referido em Gould e White, 1974), surgiu no debate entre o imaginário individual e coletivo relacionado à percepção de mundo. Assim, para Kozel (2010), os mapas mentais constituem tentativas de se trazer para o campo das técnicas cartográficas clássicas e atuais as imagens e as representações que os homens apresentavam sobre os lugares, paisagens e regiões do mundo. Perante a necessidade de discutir a relação entre o mapa e a percepção ambiental, tornou-se necessário definir o termo mapa mental para o contexto da abordagem humanista e não cartográfica. Nesse sentido, enquanto os mapas cartográficos buscam fazer uma representação objetiva do espaço, os mapas mentais fazem uma representação subjetiva, a partir da percepção que o sujeito elabora das imagens sobre esse espaço (Lencioni, 2003).

Dessa forma, autores como Lynch (1980), Gould e White, Bailly (1974), entre outros, começaram a recorrer ao uso das representações mentais com a preocupação não só de descrever e pensar o espaço, mas de representá-lo, numa tentativa de conhecer como os lugares estão sendo compreendidos por aqueles que o vivenciam. Logo, os mapas mentais passaram a ser usados enquanto um recurso didático para o estudo do lugar, na busca de compreender o mundo a partir do olhar daqueles que nele vivem.

De acordo com Lynch (1980, p. 17), os mapas mentais revelam “as imagens públicas, as figuras mentais comuns que um grande número de habitantes de uma cidade possui”, ou seja, os lugares incluídos na experiência

³⁷ Ver Vettorassi, A. (2004). Affective maps: methodological resources based in Oral History and reflections about spatial and temporal. *História e Cultura*, 3(3), 155-176.; Bomfim, Z. Á. C. (2003) Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo.; De Alba, Martha. (2004). "Mapas mentales de la Ciudad de México: una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales." *Estudios demográficos y urbanos*. 115-143.

deles. Contudo, vão muito além do que se pode observar através do olhar, constituindo uma “representação mental”, que engloba várias percepções e imagens que ajudam a interpretar a realidade em redor.

É neste aspeto que a subjetividade, a intuição, os sentimentos, as experiências e os simbolismos passam a ser pontos privilegiados dentro do universo da Geografia, pois o uso dos mapas mentais surge dando ênfase às particularidades e singularidades na busca pela compreensão do mundo e do ser humano. Assim, o espaço, que antes era entendido como homogêneo, passa a ser interpretado então sob o olhar das experiências vividas por cada pessoa na sua individualidade. A partir dessa perspetiva, a preocupação com o espaço coloca o lugar vivido no centro da análise porque é ele e não o espaço que se relaciona à existência real e à experiência vivida.

Num sentido muito parecido com o conceito de mapas mentais, os mapas afetivos - representações mentais dos lugares, enquanto instrumento de análise surgem também no âmbito dos estudos da psicologia ambiental na busca por compreender as relações entre a conduta e o ambiente. Esses mapas procuram entender o lugar a partir de uma perspetiva holística, isto é, da forma como as pessoas o experimentam na vida cotidiana. Ou seja, presta-se mais atenção à relação entre os elementos como unidades de análise, do que aos seus componentes separadamente. A investigação dentro desse campo realiza-se, sobretudo, através de trabalhos de campo e com uma metodologia eclética, adaptada à natureza das variáveis, recorrendo, segundo as situações, a desenhos selectivos com enfoque qualitativo ou quantitativo, a desenhos quase experimentais e, em menor medida, aos experimentais (Bandeira, Bomfim e Sales, 2012).

Assim, no seu estudo sobre a afetividade de estudantes de São Paulo e de Barcelona, Bomfim (2003), utilizando a teoria histórico cultural de Vygotski, a ontologia de Espinosa e a teoria dos sentimentos de Agnes Heller, elaborou a metodologia dos mapas afetivos, enquanto um método de investigação dos afetos em relação ao ambiente. Considerando a intangibilidade dos afetos, a autora define os Mapas Afetivos como um instrumento que facilita torná-los tangíveis por meio de imagens, palavras e da “formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, de forma menos elaborada e de forma mais sensível” (Bomfim, 2003, p. 137).

A composição original da metodologia proposta por Bomfim (2003), direcionada a identificar os afetos dos sujeitos em relação ao ambiente abrange o desenho elaborado pelo respondente; o significado do desenho atribuído também pelo participante; os sentimentos; as palavras-síntese; o que pensa da cidade; categorias da escala de tipo Likert³⁸ (no nosso caso, essa metodologia não foi utilizada); comparação da cidade; caminhos percorridos; a participação em associação; participação eventual em movimentos sociais; e as características sociodemográficas. Trata-se de um instrumento que integra tanto procedimentos de natureza qualitativa, na qual o respondente elabora imagens - desenhos e metáforas, e expressa seus sentimentos por meio da escrita; quanto de natureza quantitativa, na qual utiliza a escala de tipo Likert e que, em sua análise, recebe um tratamento estatístico complementar.

No entanto, entendemos que investigar os imaginários sobre os lugares vividos é um desafio dentro das ciências sociais visto que o imaginário não é apenas um conjunto de imagens, um mero álbum de fotografias mentais, nem um museu da memória social ou individual. Tampouco se restringe ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. O imaginário é, ao contrário, uma rede movediça e etérea de valores e sensações concretas ou virtuais. O imaginário opõe-se ao real à medida que representa esse real, formatando-o, distorcendo-o e idealizando-o simbolicamente. O imaginário é simultaneamente, segundo Silva (2012)³⁹, reservatório e motor: um depósito de imagens, sentimentos, lembranças e experiências e, ao mesmo tempo, uma força que impulsiona a concretização da realidade. A realidade é o que nosso imaginário arquiteta e constrói.

O imaginário é um reservatório-motor. Reservatório que agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual-grupal, sedimenta um modo de ver, ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como

³⁸ Na escala Likert, os inquiridos são solicitados a informar o seu grau de concordância ou discordância com uma afirmação. A cada resposta é atribuído um número que reflete a atitude do inquirido em relação à afirmação.

³⁹ Juremir Silva, no seu livro, tecnologias do imaginário, limita o campo semântico dessa palavra partindo das definições de Lacan (de que o imaginário é o território da ilusão), Bachelard (um instrumento de tradução imagética do pensamento humano) e Maffesoli (uma fonte comum de sensações, lembranças e afetos). Ver: Silva, J. M. - As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

marca individual ou grupal. Diferente do imaginado – projeção irreal que poderá tornar-se real – o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (Silva, 2012, p.11).

Nesse processo, Holzer (1999) destaca que é através do viés fenomenológico que a Geografia vai procurar compreender o mundo vivido representado pelos mapas mentais. Os estudos fenomenológicos enfatizam a natureza dialógica das relações entre as pessoas e os lugares vividos, fazendo uma minuciosa descrição dos fenómenos pesquisados e buscando estudar o mundo vivido, valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo. A fenomenologia toma o homem enquanto indivíduo, enquanto sujeito que está no mundo, portanto, tem dele uma experiência própria, uma experiência de vida. Diante deste contexto teórico, a fenomenologia tornou-se útil enquanto opção teórico-metodológica para subsidiar o debate epistemológico desta investigação. Baseando-se na experiência, a fenomenologia considera o facto sob a luz da percepção e permite estabelecer uma conexão com as representações – tanto no âmbito dos mapas mentais (Geografia Humanista), quanto dos mapas afetivos (Psicologia Ambiental⁴⁰), na medida em que estes são produtos do registo perceptivo e afetivo do sujeito em relação aos lugares.

Nas interpretações fenomenológicas não existe um mundo objetivo independentemente da existência humana. Todo o conhecimento resulta do mundo da experiência. Por isso, a fenomenologia propõe basear os nossos estudos no mundo vivido, no mundo da experiência humana. Desse modo, qualquer ambiente é único para cada sujeito, pois cada um, além do interesse coletivo socialmente adquirido, incorpora as suas percepções, os seus pontos de vista pessoais, construídos a partir da sua relação com o lugar - relação essa que é resultado da sua história e experiência individual. Assim, a intersubjetividade dos homens que vivem e experienciam o mundo é o foco de estudo. Logo, sob a influência da fenomenologia, o lugar passa a ser visto pela Geografia como algo que ultrapassa a sua materialidade, por estar repleto de significados, e não sendo meramente como um lugar em si, um lugar objetivo. Assim, como refere Lencioni (2003), o lugar - único, concreto e que possui uma

⁴⁰ Conexão aqui em duplo sentido.

paisagem, não apenas natural, mas fundamentalmente cultural se torna o objeto e o centro do conhecimento geográfico.

Foi, portanto, a partir do uso dos sentidos que capturam sensações e do contacto com a realidade de Lisboa e de Los Angeles que os imigrantes brasileiros construíram as imagens desses lugares, possibilitando para a consciência uma forma ou aparência, que permite o entendimento do lugar vivido. Neste especto, foi importante reconhecer que o lugar está ancorado em imagens e experiências passadas e, ao mesmo tempo, está direcionado para o futuro, a despeito de cada indivíduo poder construí-lo de um modo singular (Kozel, 2010). Logo, as imagens desses imigrantes sobre estas cidades não se fundamentam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas, mas sim em representações arquitetadas, em um imaginário construído a partir das observações e das experiências vividas no lugar. São representações nas quais o vivido é recordado, recortado, ressignificado, eleito e associado.

Todavia, conforme refere Kozel (2007; 2010), a imagem percebida é apenas uma das faces da representação, que é indissociável de tudo o que a abrange, como o sujeito e a linguagem. Ou seja, a linguagem surge como uma modalidade privilegiada de representação, ou uma semantização criada pelos sujeitos sobre o seu espaço vivido. Assim, as representações do mundo cultural não são independentes dos contextos em que são produzidas, refletindo a rede das relações sociais, os sentimentos, valores, atitudes e vivências de cada sujeito.

Dessa forma, o desafio do uso deste instrumento consiste no facto dele trabalhar com sentimentos e emoções, ao considerar a afetividade como componente do subtexto da linguagem. Então, para alcançarmos o pensamento do sujeito, torna-se imprescindível compreendermos a sua base afetivo-volitiva (Bomfim, 2003). Contudo, compreendemos que o uso das representações mentais nas investigações sobre mobilidades é um caminho para alcançar o sentido dos significados dos espaços de vida daqueles que migram, pois permite aprofundar o nosso conhecimento sobre o imaginário dos sujeitos que se deslocam entre fronteiras internacionais.

Face ao exposto, entendemos que a partir da perspectiva antropogeográfica, de compreensão do espaço enquanto lugar de vida, os mapas mentais desenhados pelos imigrantes brasileiros configuram-se como

uma ferramenta útil, que revelou a existência de inúmeras vertentes pelas quais se pode conhecer um lugar. O lugar é vivido a partir das experiências individuais e coletivas dos que partilham os mesmos símbolos, e edificado a partir dos contactos entre o eu e o outro, onde a nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos. É no espaço de vida que o sujeito forma os seus elos afetivos com os outros membros do grupo e onde acontecem as suas relações. Assim, a opção pela utilização dos mapas mentais nesta investigação configurou-se como uma valorização do conhecimento dos sujeitos comuns para quem o lugar significa não apenas o seu lugar de trabalho, mas a moradia, o lugar de lazer, de amizade, enfim, o lugar de vida.

Reconhecemos que é difícil tomar uma palavra como essa - lugar, que é de uso cotidiano e empregada nos mais diversos sentidos e maneiras, e transformá-la num conceito que tem um significado preciso e operacional. Na tentativa de definir esse conceito, Friedmann (2010), refere que o lugar deve ser pequeno, habitado e vir a ser apreciado ou valorizado pelo residente por tudo o que representa ou significa para ele. O autor ainda acrescenta que devemos pensar o lugar como exclusivamente o local, através de uma perspectiva sobre o lugar de dentro para fora, ou seja, como o lugar é vivido e por vezes transformado por quem o habita.

Essa abordagem de lugar, em aspetos transnacionais e translocais tem sido particularmente importante para entender, como as práticas domésticas dos migrantes são realizadas na experiência cotidiana da vida social e como elas são moldadas e afetam as circunstâncias da moradia e o ambiente construído. Assim, dentro do campo epistemológico dos estudos urbanos e migração, algumas investigações vêm demonstrando que os migrantes, por meio da sua presença, visibilidade / invisibilidade, práticas sociais e instituições, está afetando, de maneiras distintas, diferentes lugares onde se instalam num processo contínuo de transformação (Kaplan, 2015).

Por outro lado, outros estudos, vêm confirmando, através da contextualização das experiências dos migrantes, que uma série de fatores subjacentes as trajetórias desses sujeitos como os contextos sociais e espaciais, as subjetividades imbuídas de significados sociais e culturais, a natureza das interações sociais com outros residentes, a aprendizagem espacial, a presença de afetos e entre outros, influenciam a integração, a construção de lugar e o

sentimento de pertença dos imigrantes (Van Riemsdijk 2014; Boccagni e Brighenti 2017, Wessendorf, 2019).

Neste sentido, é importante para este trabalho, considerar tanto as concepções sobre a criação de lugares (place-making), como o "sentimento de pertencer" (sense of belonging) procedentes dos estudos atrás referidos, como lente analítica, para melhor captar os processos dinâmicos e contextualizados das representações mentais dos imigrantes brasileiros em Los Angeles e Lisboa sobre essas cidades. Essa vertente analítica ao investigar como os lugares são construídos e experimentados pelos sujeitos através de diferentes lentes - género, etnia, idade, estatuto legal, localização espacial, etc., permite alcançar uma melhor compreensão sobre a complexidade das identidades baseadas em lugares, compromissos, experiências e aprendizagem, ligações comunitárias e pertença, subjacente aos processos migratórios (Van Riemsdijk, 2014; Boccagini e Brighenti 2017; Buhr, 2018; Wessendorf, 2019).

É ainda relevante destacar que é nesse campo do conhecimento, que visa entender a relação entre lugar e migração, que os métodos visuais têm vindo a ser cada vez mais empregados para investigar tanto a identidade e sentimento de pertença dos migrantes (Mendoza 2012; Gomez e Vannini 2017), como a integração urbana e a aprendizagem espacial da cidade dos sujeitos transnacionais (Buhr, 2018). De acordo com Gomez e Vannini (2017), as histórias de migração descobertas através de métodos visuais, por serem abundantes e variadas, oferecem um caleidoscópio de experiências com texturas ricas para ajudar a entender diferentes temas a partir da perspectiva dos migrantes. Para estes autores, essas metodologias têm ainda a vantagem de serem reconhecidas como uma ferramenta para esses sujeitos contarem a sua história e ter as suas vozes ouvidas, caracterizando um espaço tanto para a autorreflexão, como de recordação de memórias. Desse modo, ao nos concentrarmos no papel das imagens mentais, a nossa intenção foi captar informações geográficas traduzidas em mapas que refletiam perceções sobre o lugar e nos permitisse melhor alcançar como é construído o sentido de lugar e o sentimento de pertencimento desses imigrantes com as cidades onde habitam. Conforme argumenta Sarbin (1983), a compreensão da "identidade de lugar" só pode ser alcançada através da análise de como as pessoas estão

narrativamente posicionadas⁴¹ no tempo e no espaço, incluindo o espaço metafórico.

A esse respeito, Cosgrove (1999) afirma que mapear constitui uma forma de tomar a medida do mundo. Esse mapeamento não se limita às medidas matemáticas, mas envolve também dimensões políticas, morais ou espirituais. Os mapas, para o autor, configuram uma forma de comunicação entre tempos, lugares e pessoas. Todavia, o registo do mapeamento não se restringe apenas ao que é para arquivar, mas envolve também o que é contemplado, imaginado e recordado. O mundo figurado através do mapeamento pode ser em partes ou inteiro, imaterial ou material, experimentado, existente, desejado, projetado ou lembrado de diferentes maneiras. Assim, o conjunto de representações mentais construídas sobre Lisboa e Los Angeles, revela diferentes conteúdos e detalhes sobre os lugares vividos pelos imigrantes brasileiros nessas cidades. O raciocínio qualitativo dos mapas mentais permitiu ainda alcançar descrições sobre as formas como os migrantes brasileiros agem com as limitações e as possibilidades ofertadas pela vida urbana (Buhr 2018) em Lisboa e em Los Angeles. De modo que, empregar a metodologia dos mapas mentais nessa investigação contribui para colmatar aquilo que Knowles e Harper (2009, p.7) investigando vidas imigrantes em Hong Kong, observam: " We don't actually have detailed accounts of migrant's routine settlement practices. We lack up-close portraits of how migrants actually live in landscapes of new belonging."

Dessa forma, os mapas mentais construídos pelos imigrantes que participaram neste estudo destacaram-se como uma fonte poderosa de informações, na medida em que estas representações foram produtos de mapeamentos cognitivos e tiveram diversas formas como desenhos, esboços de mapas e até mesmo listas de lugares de referência. Os mapas tornaram visíveis os pensamentos, as atitudes e os sentimentos, tanto sobre a realidade, quanto sobre o mundo da imaginação desses imigrantes brasileiros que vivem o lugar. São representações espaciais oriundas da mente humana, de tal forma que precisam ser lidos como mapeamentos, como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos sobre os lugares e não apenas como produtos

⁴¹ Diz respeito a localização social do enunciador, e a posição ocupada enquanto o discurso é enunciado.

cartográficos. Essas representações encerram saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar. Portanto, os mapas mentais constituíram um material de extraordinária importância para a apreensão dos lugares vividos desses imigrantes brasileiros, pois os dados que são apresentados, independentemente da realidade, despontam o lugar tal qual ele é para cada sujeito. Logo, as representações mentais possibilitaram compreender o imigrante brasileiro nas suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, suas vivências agradáveis e desagradáveis dele, revelando uma análise subjetiva e individual do lugar vivido.

Para obtenção dessas representações, perguntámos aos participantes no nosso estudo Lisboa, que lugar é esse? Los Angeles, que lugar é esse? A partir de desenhos e narrativas, que auxiliaram na interpretação e apreensão sobre os lugares vividos pelos respondentes, emergiu uma avaliação dialética da percepção dos sujeitos e seus sentimentos sobre o lugar vivido. O nosso intento foi articular as ideias que permitissem, a partir das representações mentais, compreender melhor o lugar vivido. Procurando entender esses lugares – Lisboa e Los Angeles – não apenas como localização, enquanto um mero mundo de factos e negócios, mas sim o lugar enquanto um fenómeno experienciado pelo imigrante brasileiro que nele vive, ou seja, um lugar fruto dos sentimentos e sentidos de cada sujeito

Então, a partir dessas perspectivas teórico-metodológicas tecemos a análise dos desenhos desse grupo de brasileiros. Nessa análise consideramos o “espaço” como tendo formas e dimensões bem definidas e sendo, portanto, geométrico. Já o “lugar” como sendo a percepção pelos sentidos em que estão emaranhados os sentimentos (Rio, 2003, conforme referido em Gésero 2012), sendo, assim, uma percepção ontológica. Desse modo, no primeiro momento, o conteúdo dos mapas mentais foi analisado seguindo as seguintes orientações de Kozel (2007) para interpretação: a) a distribuição dos elementos na imagem; b) a forma (letras, linhas, figuras geométricas, forma de mapa) de representação dos elementos na imagem; c) a especificidade dos ícones (elementos da paisagem natural; elementos da paisagem construída; elementos móveis e imóveis; elementos humanos); e d) outros aspetos e/ou particularidades.

Após esse primeiro nível de análise, procurámos entender essas representações a partir das noções tanto de tempo-espaço-distância,

procedentes do conceito de geograficidade proposto por Éric Dardel (2011), quanto das sensações e as relações afetivas com o lugar, na linha dos estudos desenvolvidos por Tuan (1983), Frémont (1980), Lynch (1980; 1984) e Bomfim (2003). Estes autores foram fundamentais para estabelecer uma ponte entre as representações e a Geografia Humanista-Cultural que nos permitisse um melhor entendimento de todas as questões relacionadas com a dimensão da relação homem-natureza, como a noção da distância (longe, perto, dentro, fora), os sentimentos positivos (topofilia) e os medos (topofagia) e, ainda, as ações e intenções humanas nesse espaço geográfico.

E para a descrição e análise dessas representações, sobretudo nas aproximações e distanciamentos entre os sentidos atribuídos aos espaços vividos nas cidades, apresentamos primeiramente os mapas mentais a partir de quatro eixos temáticos: Mobilidades e Caminhos das Cidades; Lugares Concretos das Cidades; Paisagens das Cidades; e Multiculturalidades das Cidades; e a seguir as nossas avaliações de como esses lugares nos foram revelados.

6.1 Mobilidades e Caminhos das Cidades

Para alguns entrevistados, as cidades de Lisboa e de Los Angeles não têm limites nem formas muito claras. Entretanto, nos seus mapas podemos ver uma cidade onde carros, o metropolitano e vias rápidas fazem parte da paisagem percebida, ou seja, a representação de orientação e deslocamento encontra-se ressaltada. Para Lynch (1980), as vias podem ser entendidas como canais ao longo dos quais o observador se move, usual ou potencialmente. Como parte constituinte das mesmas podem ter ruas, passeios, linhas de trânsito, “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo dessas vias” (Lynch, 1980, p. 52). Nesse sentido, o lugar, como define Tuan (1983), é uma unidade entre outras, unida pela rede de circulação. No entanto, o lugar tem mais substância do que nos indica a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem significado e história. O lugar encarna as aspirações e experiências das pessoas.

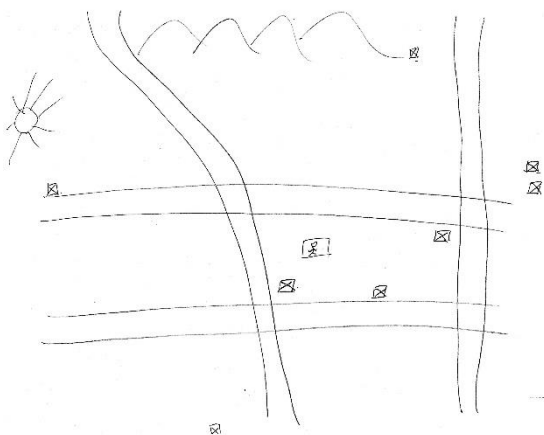
Investigando as experiências dos imigrantes na cidade em que se estabeleceram, Buhr (2018), por meio de dois conceitos fundamentais: 'becoming local' ('tornando-se um local') espacial apprenticeship (aprendizagem espacial) busca conhecer e entender a integração espacial destes sujeitos na cidade. A figura do 'local', é entendido pelo autor como aquele que habita uma cidade e que compreende intimamente seu funcionamento, é empregada como instrumento para pensar o processo pelo qual imigrantes tornam-se 'locais'. Buhr (2018) sustenta que a figura do 'local' é constituída essencialmente por experiência e conhecimentos práticos sobre a cidade - capacidade tanto de navegar como de utilizar os recursos disponíveis da cidade. Assim, entender os espaços praticados dos imigrantes nas cidades de destino nos lançam luzes para compreender como os lugares e o sentimento de pertencer são construídos pelos sujeitos transnacionais.

Neste aspecto, esses mapas revelam um conhecimento espacial do lugar, no qual a distância e a mobilidade são elementos essenciais na estruturação do mundo e nas sensações de perceber o mundo, de tal maneira que a espacialidade original e a mobilidade humana se manifestam nesses desenhos. Logo, as distâncias não são sentidas apenas como quantidade, mas como a qualidade de se estar longe ou perto de algo. Para Frémont (1982, conforme referido em Holzer, 1999, p. 73), "a distância pode ser compreendida simplesmente como a relação entre dois lugares, entre dois homens ou entre um homem e um lugar". Por conseguinte, o mesmo autor diferencia cinco tipos de distâncias: a distância métrica; a distância tempo, correspondente ao tempo necessário da deslocação entre dois lugares; a distância afetiva, correspondente à relação de proximidade ou afastamento sentido por um sujeito relativamente a um lugar; a distância estrutural, medida através das relações sociais entre pessoas de diferentes lugares; e a distância ecológica, avaliada pela semelhança ou diferença das paisagens naturais.

Na sequência, reproduzimos os mapas mentais dos entrevistados em Los Angeles e Lisboa em relação aos seus deslocamentos e às distâncias dos lugares. Nessas representações Los Angeles aparece como um lugar no qual as pessoas estão nos seus carros circulando, indo ou voltando; e Lisboa como uma cidade na qual o transporte público é reconhecido como fator importante para uma mobilidade fácil que, sendo eficaz, é representado como referência.

Foi na perspectiva de identificação das distâncias que Lisa (50 anos), que vive há 32 anos em Los Angeles (LA), no condado de San Gabriel, onde também trabalha como terapeuta ocupacional, representou a cidade. A entrevistada representa-se a si própria e as distâncias em relação aos lugares onde seus amigos se encontram, revelando, assim, uma ligação entre distâncias e afetividades. E esboça claramente uma cidade dividida por vias rápidas e cercada por elementos da paisagem natural, como o sol e as montanhas (Figura 12). Na sua narrativa, revela como é difícil manter a sua afetividade, uma vez que, para se encontrar com os amigos, sejam os brasileiros ou os de outras nacionalidades, necessita percorrer sempre longas distâncias. Afirma que, apesar de estar vivendo há tantos anos nessa cidade, percebe que tem poucos amigos americanos ou de outras nacionalidades.

Figura 12. Representação mental da entrevistada Lisa.



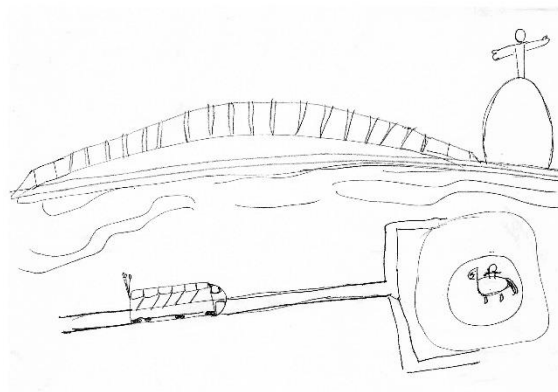
“Eu vou fazer um desenho simples. Eu estou aqui, e aqui é uma freeway imensa, tem mais uma freeway imensa aqui. Tem freeway que vem de lá para cá, tem outra freeway que vai paralela. Meu grande problema é que tenho uma amiga aqui, tenho outra aqui, tenho outros ainda mais lá para cima. Até tenho uma ou outra aqui perto de mim, mas a gente nunca se vê. Esse é Los Angeles, estar aqui e não conseguir chegar nesses lugares. Não tenho tempo. Toda vez que pego o mapa de LA para ver os lugares onde tenho que ir para encontrar tal pessoa, eu penso acho que não vou, não. É longe, é cansativo, fica difícil manter os amigos” (Lisa, Los Angeles).

Lisa nos explica que a opção por viver no condado de San Gabriel, que segundo ela é “um bairro de maioria chinesa”, deve-se ao facto de ser o bairro que sua mãe escolheu para viver quando elas chegaram a Los Angeles. Sua mãe era uma imigrante chinesa que viveu 35 anos no Brasil, onde Lisa nasceu.

Ambas se mudaram para Los Angeles logo após Lisa terminar o ensino médio, com o objetivo de que ela continuasse seus estudos nos Estados Unidos. Na sua narrativa, Lisa nos fala que não consegue lembrar muito bem como tudo ocorreu, desde o término do segundo grau até à chegada a Los Angeles, mas acredita que todo o processo foi muito rápido, devido aos contactos que sua mãe mantinha com a comunidade chinesa daquela cidade. Quando Lisa casou, vinte e seis anos atrás, com um imigrante finlandês, a sua mãe ajudou-a a comprar uma casa próxima da dela, na qual vivia com os seus três filhos e o marido na ocasião da entrevista. Na sua opinião, o que há de melhor na cidade é o nível de segurança e o pior é a baixa qualidade dos transportes públicos. Lisa ressalta, ainda, que sentiu falta das relações mais “calorosas” existentes entre as pessoas no Brasil, mas o facto de “ter família aqui é importante para o bem-estar nessa cidade fria”.

Foi através da noção de deslocamento que, por sua vez, Adriana (39 anos), uma auxiliar administrativa que vive na cidade de Lisboa há 14 anos, também representa a cidade enquanto seu espaço de vida. Todavia, diferente de Lisa, Adriana não representou nenhum elemento humano ao compor o seu espaço de vida. Ela desenha a cidade pelo meio do seu percurso de deslocamento entre o trabalho e a casa. Neste desenho Adriana apenas representa os elementos da paisagem construída da cidade, como a Ponte 25 de Abril, a Praça da Figueira, o Rio Tejo e a estátua do Cristo Rei (Figura 13) que são as imagens principais construídas por ela sobre Lisboa. Ela nos fala como é fácil a locomoção em Lisboa, devido à rede de metro e de autocarros que a cidade dispõe. Adriana vive no Bairro da Ajuda e trabalha na Praça da Figueira, um percurso que, segundo a entrevistada, pode demorar até 30 minutos. Vive nesse bairro desde o seu casamento com um português. Relata, ainda, como principal vantagem de viver em Lisboa o poder de compra que ela possui em Portugal em relação ao Brasil e a sensação de tranquilidade da cidade. Já como desvantagens da vida em Lisboa destaca o elevado preço do aluguer dos imóveis e a grande distância da família. Na sua narrativa, ela também revela que se sente feliz de viver em Lisboa, pois esta é uma cidade que oferece muitas possibilidades, tanto em termos de trabalho, como de cultura e diversão. Acrescenta, ainda, que acredita conhecer muito bem a cidade, seus bairros, seus parques e suas praias.

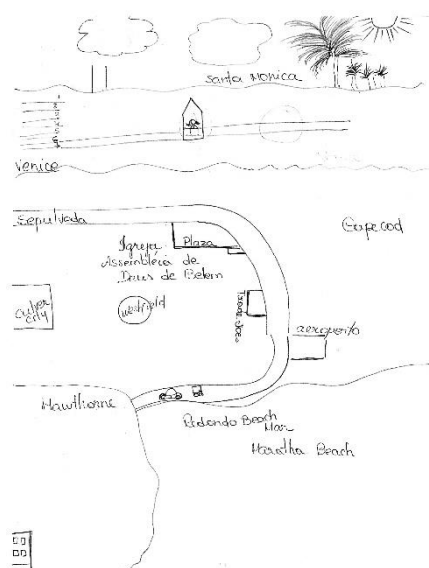
Figura 13. Representação mental da entrevistada Adriana.



“Não sei desenhar, mas vou tentar desenhar aqui o que vejo no meu caminho entre o trabalho e a minha casa. Eu uso o elétrico ou o autocarro na maior parte das vezes. Então, este é o caminho que faço até à praça da Figueira. Nesse caminho vejo o Cristo Rei, a ponte 25 de abril e o rio. É a paisagem mais bonita que acho de Lisboa, talvez porque a vejo todos os dias” (Adriana, Lisboa).

Na mesma perspetiva Juliana (39 anos), uma atendente de *parking*, que vive no condado de Hawthorne, representa a “sua” Los Angeles. No seu desenho, escolhe ilustrar o percurso que é realizado diariamente por ela entre o trabalho e a casa, percurso este contornado por outras representações sobre a cidade (Figura 14). Assim, Juliana mistura na sua representação os elementos da paisagem construída, os elementos naturais da paisagem e os elementos pessoais: a praia, o sol, a igreja, o aeroporto, a casa e o local de trabalho. No seu mapa, identifica algumas linhas e limites entre os bairros da cidade, assim como entre algumas ruas. Juliana informa que mora em Hawthorne desde que chegou a Los Angeles, há um ano e meio atrás. A opção por morar nesse local foi decorrente dos valores do aluguer das casas serem mais baixos. No seu discurso sobre a cidade, destaca o tamanho e a beleza de Los Angeles. Nos fala, ainda, que sente falta de Cape Cod (Massachusetts) a cidade em que vivia anteriormente, assim como das suas amigas que vivem lá. Informa ter poucos amigos em Los Angeles e acredita que isso se deve ao facto dos brasileiros estarem mais espalhados pela cidade do que em Cape Cod. Considera que não conhece muito da cidade de Los Angeles, além dos percursos habituais, e que nos seus dias de folga costuma ir à igreja e ao supermercado.

Figura 14. Representação mental da entrevistada Juliana.

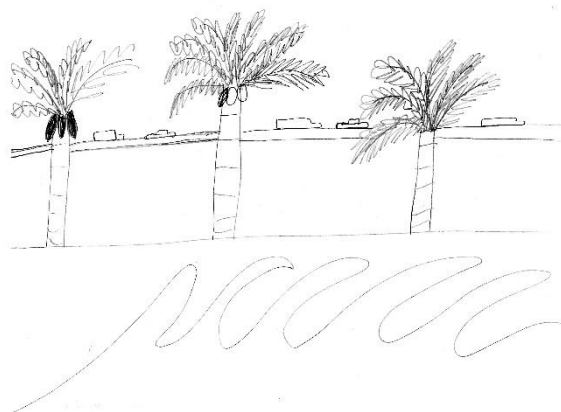


“Vou desenhar a minha vida aqui em LA (risos). Aqui é a minha casa, um prédio de quatro apartamentos que fica em Hawthorne, um bairro que está do lado de Redondo Beach. Daqui saio de segunda a sexta para vir trabalhar aqui em Santa Monica. Faço sempre este caminho, pela Sepulveda boulevard, porque não dirijo nas freeways. Aliás, esse é sempre o meu caminho... para ir para igreja, para ir às compras ou ao aeroporto” (Juliana, Los Angeles).

Já para Ângela (50 anos), que vive há 15 anos em Los Angeles, no condado de Burbank, e trabalha no condado de Canoga Park como rececionista em um centro comercial, a cidade apresenta-se como um espaço neutro (Figura 15). Na sua representação, identificamos a ausência de elementos pessoais. Contudo, a via de trânsito é um elemento destacado como fundamental para representar a cidade; a paisagem natural da praia e os coqueiros misturam-se com o espaço construído das vias de acesso e com os veículos de transporte, os carros e caminhões. Assim, também considera o trânsito como um grande problema da cidade. Todavia, Ângela argumenta que, apesar das distâncias serem grandes em Los Angeles, isso não a impede de visitar, nos seus dias de folga, os diferentes lugares da cidade ou as suas amigas. É nesse sentido que se sente diferente dos outros imigrantes que ela conhece, que não costumam deslocar-se muito para fora dos locais onde vivem e trabalham em Los Angeles. Para ela, Los Angeles é uma cidade multicultural, na qual percebe como vantagens em viver nesse local a presença de diferentes culturas e restaurantes das mais diversas partes do mundo. E como desvantagem,

considera que essa multiculturalidade influencia as relações interpessoais muito mais que a distância da cidade, uma vez que as pessoas acabam por restringir as suas relações pessoais dentro dos próprios grupos étnicos.

Figura 15. Representação mental da entrevistada Ângela



“Aqui vou desenhar a freeway, porque LA sem freeway não existe. O que acho que acontece aqui em LA é o outro lado da diversidade, aqui você encontra tudo de tudo quanto há gente do mundo. Irã, Iraque, Afeganistão, Brasil, tudo. Então é o que eles chamam de “melting pot”. Tem “pot” mas é um “pot” que não se “melt”. Ele se mistura até um certo ponto porque eu acho que as culturas são muito diferentes. Esse é um lado que acho negativo de Los Angeles, realmente você tem restaurante de comidas do mundo inteiro e idiomas falados do mundo inteiro” (Ângela, Los Angeles).

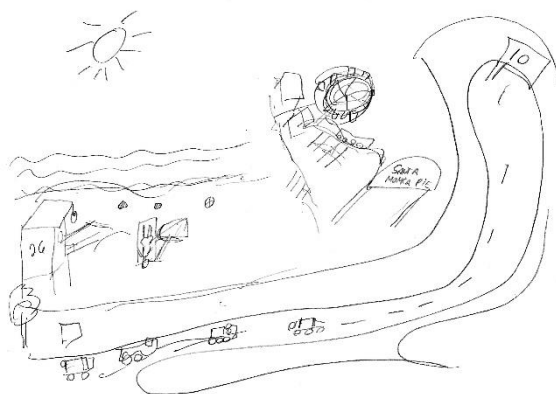
Interrogada sobre seu sentimento de viver nessa cidade, Ângela responde que gosta e que também não gosta de viver em Los Angeles. Gosta, porque está em uma cidade que lhe proporciona fazer muitos programas culturais gratuitos. Todavia, a distância entre os pontos da cidade é um fator que a incomoda. Reconhece que, aos 50 anos, é difícil pensar em um retorno ao Brasil porque acredita que nessa idade não seria fácil encontrar emprego no seu país de origem e que deve ser um choque cultural retornar depois de tantos anos. Para ela, viver num ambiente que não é hostil não tem preço; na sua percepção, a cidade de Los Angeles apresenta um alto nível de segurança.

O quinto mapa foi elaborado por Bia (32 anos), que vive há três anos e meio em Los Angeles, no condado de Santa Monica, e por ocasião da entrevista não estava trabalhando (Figura 16). O seu desenho está organizado em duas partes: o caminho que normalmente percorre a pé e o caminho que percorre de

carro: uma via rápida. Bia também utiliza a numeração como forma de representação da localização da sua casa (26) e da freeway (10). Na primeira parte, representa o local onde costuma caminhar todos os dias: a praia. Trata-se de um percurso que ela realiza caminhando todos os dias, indo desde a sua casa até Venice Beach. Os elementos naturais, como a praia, misturam-se aos elementos construídos, como o “Piar” de Santa Monica, com sua roda gigante e um posto salva-vidas, que compõem características marcantes desse lugar. Já na outra parte da sua representação surge a freeway número 10, uma via sempre repleta de elementos móveis, como a rota de deslocamento necessária para ir da região leste da cidade onde vive, até qualquer outra região mais a oeste de Los Angeles, como por exemplo a Downtown Los Angeles, local que costuma frequentar. Casada com um americano que conheceu no Brasil, Bia resolveu mudar para Los Angeles depois de um ano que estavam morando juntos. Nos seus planos estava a ideia de que ambos pudessem realizar o curso de mestrado em Los Angeles por este ter um custo mais económico que na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, apenas o seu marido cursou o mestrado. Bia afirma que ainda pretende realizar o curso, mas necessita melhorar o seu nível de inglês. Conta que aprendeu a gostar da cidade, principalmente por ser uma cidade organizada e ter um clima muito agradável. Além disso, gosta da diversidade cultural e paisagística que a cidade oferece, permitindo-lhe fazer diferentes escolhas em termos alimentares e frequentar os diversos parques da cidade. Considera os americanos como um povo mais “frio” que os brasileiros, e foi a partir dessa percepção que Bia resolveu criar no Facebook, em conjunto com outra amiga brasileira, um grupo denominado “Brasileiras em LA”. Esse grupo possui o intuito de manter encontros frequentes entre os membros, para juntas organizarem piqueniques nos parques ou nas praias, jantares ou idas ao teatro, entre outras coisas. Também, por meio do grupo, Bia permitia-se ampliar as amizades. Nas suas palavras “esses encontros acabam por nos permitir estar mais próximas da nossa cultura e poder falar de algumas coisas comuns a nós brasileiras, um grupo que talvez nos permita nos conhecer melhor”. Os encontros desse grupo, segundo Bia, são marcados para locais distintos da cidade, visando dar oportunidade para que todas as mulheres integrantes possam participar das reuniões. Todavia, mesmo assim ela reconhece que “às vezes é perto para umas

e longe para outras”, tendo em vista que a cidade é muito grande e alguns pontos muito distantes entre si.

Figura 16. Representação mental da entrevistada Bia



“Vou fazer esse desenho em duas partes, a que caminho e uma parte com o que mais tem nessa cidade “doida”: as freeways e seus inúmeros carros” (Bia, Los Angeles).

6.2 Lugares Concretos das Cidades

De acordo com Moser (2001), a subjetividade está relacionada com os espaços cotidianos, pois estes promovem processos de significação e de identificação das pessoas com estes espaços. Sob essa perspectiva, a residência pode ser considerada um lugar, um espaço de referência básica para a construção de um sentido de proteção e de segurança. É por isso que, diferentemente das representações anteriores, outros entrevistados incorporaram nos seus desenhos sobre os lugares vividos da cidade algum significado emocional.

Assim, o lugar representado não possui escala definida. Com efeito, o “sentido de lugar” pode dar-se a qualquer escala (Mendoza, 2012, p. 35). Um edifício, uma casa ou um jardim podem ser portadores de um sentimento de pertença que, por sua vez, podem proporcionar segurança ou funcionar como refúgio. O lugar, o bairro, a paisagem ou a praça pública podem tornar-se um lugar a partir de um processo de apropriação e interação que comporte uma forma de identificação. É no lugar que o mundo se manifesta; no lugar, os sujeitos habitam, unem-se, vivem e se emocionam; o lugar determina e define a realização da História. Para Tuan (1975 apud Holzer, 1999), o lugar pode referir-

se a uma variedade de escalas, que incluem desde a residência até referências mais relevantes, como os bairros, as cidades, as regiões e os países.

Nessa mesma linha de pensamento, Motta (2003) reconhece o lugar como espaço sem escalas, mas pleno de relações de coexistência, no qual as pessoas criam laços e encontram significados.

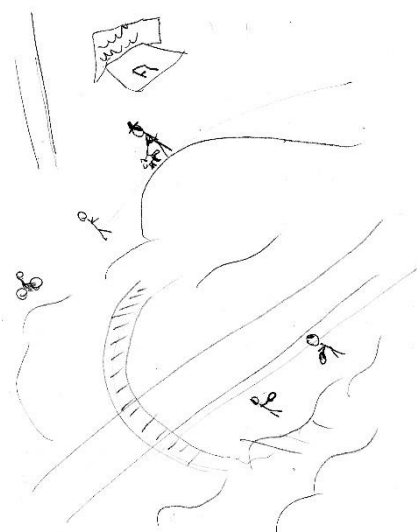
O lugar é o espaço onde acontecem as relações de coexistência. [...] onde as pessoas movem-se, individual e coletivamente, construindo uma realidade compartilhada. [...] no lugar que as pessoas criam laços com outras pessoas e encontram significados para a sua presença no mundo. O lugar não tem escala, como o local ou o nacional. O lugar tem significados (Motta, 2003, p. 95).

Neste aspeto, Phillips e Robinson (2015), examinando as conexões entre migração, comunidade e lugar afirmam que, embora o contexto da cidade seja importante, vidas cotidianas são vividas e relações sociais são negociadas através dos espaços locais e mais íntimos da cidade - a casa, o bairro, o mercado, o parque, uma variedade de espaços institucionais – e as experiências de diferença são incorporadas. Assim, para os autores os estudos sobre espaços locais, em particular os etnográficos, podem fornecer dados ricos, centrados em experiências individuais, comportamentos e trajetórias que fornecem insights sobre as interações complexas entre a agência dos migrantes e as estruturas e relações de poder que moldam o indivíduo nos processos de significações dos lugares.

É assim que Lígia (46 anos), uma instrutora de ginástica que vive e trabalha há 25 anos na cidade de Los Angeles, no condado de Santa Monica, representou a cidade a partir de um dos seus locais específicos: a praia de Santa Monica (Figura 17). Para Lígia esse local tem um significado emocional forte, pois faz parte da sua história de vida. Foi nessa praia que encontrou o seu marido, um imigrante uruguaio com quem vive há mais de vinte anos, e foi a partir desse encontro que tomou a decisão de permanecer vivendo em Los Angeles. No seu desenho é possível identificar a distribuição dos elementos da paisagem construída - como a casa e a ponte, se misturam com outros elementos, como a paisagem natural da praia e as pessoas. Na sua representação ela também se desenha a si própria e ao seu marido praticando desportos no local que mais gostam na cidade. Lígia afirma que não precisa de

sair muito de Santa Monica no seu dia a dia, na medida em que trabalha muito próximo de onde vive e também está muito perto da igreja que costuma frequentar. De forma geral, Lígia afirma gostar da cidade, principalmente do condado de Santa Monica, que tem como vantagens a qualidade de vida que o bairro oferece e a proximidade da praia. Na sua avaliação, o que é considerado mais negativo em viver em Los Angeles é estar longe dos seus familiares no Brasil e o facto de “neste país a gente precisar trabalhar muito”.

Figura 17. Representação mental da entrevistada Lígia



“Esse mapa é o meu lugar preferido de Los Angeles, onde vou todos os fins-de-semana, vou jogar ténis ou vólei, caminhar, enfim encontrar as pessoas, descansar, relaxar. Trabalho muito durante a semana e nos fins-de-semana quero ir à praia. Aqui também foi onde conheci o Edson (marido). (Lígia, Los Angeles).

Já para Kátia (35 anos), uma babá que vive há dois anos na cidade de Los Angeles, no condado de Venice Beach, onde também trabalha, a representação da cidade é o seu próprio local de trabalho (Figura 18). Assim, no seu desenho unem-se elementos humanos - ela e as crianças, a outros elementos - como os cachorros que ela cuida e as árvores de um jardim que costuma frequentar como babá e encontrar as suas “novas” amigas. Katia justifica o seu desenho afirmando que, como trabalha muito, não dispõe de muito tempo para realizar outras atividades na cidade. Dessa forma, ela também desenha a sua cama, para representar os momentos nos quais não estando trabalhando, está descansando. Katia não fala inglês e, para ela, a falta do

domínio da língua oficial do país também limita as suas relações com outros grupos que não sejam de brasileiros ou de hispânicos.

Katia procura, assim, representar o lugar onde concentra significados e sentimentos que lhe conferem conteúdos e possibilitam formar a sua territorialidade na cidade. Ela não tem autorização de residência em Los Angeles, onde vive com um dos seus irmãos que está há mais 10 anos nos Estados Unidos. As suas principais expectativas, antes de emigrar para os Estados Unidos, eram poder desfrutar de uma vida melhor e não mais passar por dificuldades para aquisição de produtos e bens de serviços. Afirma que sempre soube que teria que trabalhar muito nessa cidade, como de facto está ocorrendo. Contudo, essa condição é considerada positiva por Katia, na medida em que lhe permite ter acesso a bens de consumo, como um carro novo, modelo americano, que adquiriu pouco antes da entrevista e fez questão de mostrar. Na sua avaliação, seria impossível comprar exercendo a profissão de babá no Brasil.

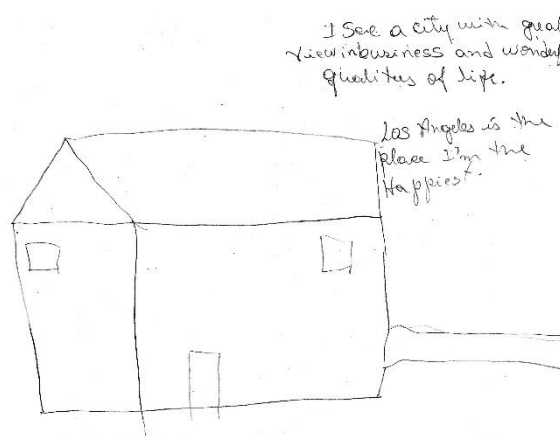
Ainda nesse mesmo sentido, os desenhos realizados por Vítor (Figura 19) e Gislaine (Figura 20), destacam, respetivamente, suas casas enquanto representação dos lugares de vida nas cidades de Lisboa e Los Angeles. Assim, Vítor (34 anos), um cantor de música brasileira que vive na cidade há um ano e meio e mora no condado de Culver City, recorre à escrita para melhor representar o seu sentimento por Los Angeles. Explica que essa cidade é, para ele, a sua casa, apesar de não ter ainda autorização legal de residência. Pretende acumular recursos financeiros para poder pagar por um casamento com alguém que tenha nacionalidade ou o *green card* e, assim, obter essa autorização de residência. Vítor relata que chegar a Los Angeles foi a concretização de um desejo muito antigo. Considera que a cidade oferece muitas oportunidades para o crescimento da sua carreira, assim como para ter uma excelente qualidade de vida. Vítor destaca que utiliza a bicicleta para se locomover na cidade, e avalia isso como uma das vantagens do lugar. Como desvantagem, destaca a distância dos filhos que estão no Brasil.

Figura 18. Representação mental da entrevistada Kátia.



“Vou desenhar esse jardim, é aqui que passo quase todos os meus dias. Trago as crianças aqui sempre. Já fiz amigas aqui também (aponta a outras babás), como elas falam espanhol, com elas eu consigo me entender” (Kátia, Los Angeles).

Figura 19. Representação mental do entrevistado Vítor

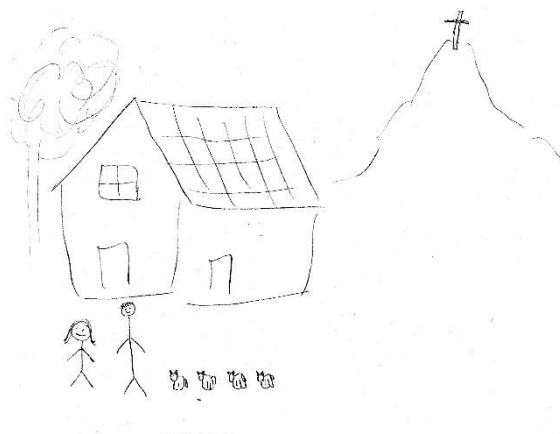


“Los Angeles é a minha casa agora. Chegar aqui em Los Angeles foi para mim a realização de um desejo antigo de sair do Brasil. Amo essa cidade desde que do momento que cheguei, sabe... foi amor à primeira vista, me identifiquei com essa cidade grande e cheia de vida.” (Vítor, Los Angeles).

Já Gislaine (29 anos), uma atendente de café que vive no bairro da Penha de França em Lisboa há cinco anos, utiliza elementos pessoais para representar a sua casa. Assim, desenha-se a si mesma, e ao seu esposo, juntamente com os gatos que possuem. Afirma que gosta muito de viver em Lisboa e avalia que é feliz com a sua vida. Gislaine é casada, seu marido é de nacionalidade portuguesa e estão juntos há cinco anos. Considera a cidade de Lisboa tranquila e agradável de se viver e que a presença de tantos brasileiros na cidade é uma

vantagem, pois permite encontrar cada vez mais oferta de produtos e de serviços brasileiros. Destaca que, nos seus dias de folga, costuma realizar passeios pelo centro da cidade. Como desvantagem de viver nesse local, Gislaine ressaltava o clima frio existente na maior parte do ano.

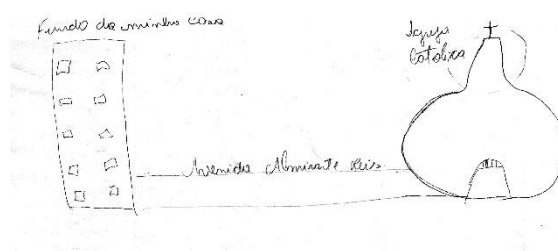
Figura 20. Representação mental da entrevistada Gislaine.



“Posso desenhar a minha casa? Porque acho que Lisboa, para mim, é a minha casa, a minha vida com meu marido e meus gatinhos na Penha de França” (Gislaine, Lisboa).

Ainda na perspectiva de representação da cidade enquanto lugares concretos (Figura 21), Eliana (48 anos), uma comerciante brasileira há 21 anos nesta cidade, que vive na freguesia de Arroios em Lisboa, escolhe representar a vista da sua janela e o fundo da sua casa. Eliana possui uma loja de roupa no mesmo bairro em que vive. Na sua loja vende alguns produtos de marca brasileira. Conta que teve diferentes trabalhos em Lisboa, antes de ter o seu próprio negócio. Vive com o seu marido, que também é brasileiro, e não possui filhos. Para ela, Lisboa é uma cidade tranquila e os portugueses são muito amáveis. Considera que está feliz em viver nesse local, porque hoje têm seu próprio negócio na cidade. Todavia, ressaltava não ter tanto tempo disponível para conhecer melhor a cidade. A saudade dos familiares no Brasil é a desvantagem de viver nesse local, informa a entrevistada. No seu desenho, usa a escrita para descrever a paisagem, representando lugares construídos da paisagem

Figura 21. Representação mental da entrevistada Eliana.



***“Vou desenhar a vista que tenho da janela da minha casa. O que mais vejo aqui”
(Eliaana, Lisboa).***

Na mesma lógica dos desenhos anteriores, Leandro (25 anos), que vive em Odivelas, Lisboa, elegeu como objeto de representação um lugar concreto de seu espaço de vida: um salão de beleza (Figura 22). O entrevistado trabalha como cabeleireiro em um salão de propriedade de outro brasileiro, no bairro Saldanha, centro de Lisboa. Leandro vive há um ano e seis meses em Lisboa e, na sua narrativa, utiliza muitas expressões do português de Portugal. Informa que o seu desenho é uma representação do seu desejo de adquirir o seu próprio salão de beleza, e que espera que esse desejo se concretize em Lisboa.

Já Rui (34 anos), um administrativo que vive em Los Angeles há 8 anos, escolhe como objeto de representação (Figura 23) o seu lugar favorito da cidade: O Self Realization Park, um parque para meditação que está localizado no condado de Pacific Palisades. Todavia, nesse desenho, ele mistura a representação desse seu lugar preferido na cidade, com a do percurso que mais gosta de dirigir. Assim, mistura também elementos da paisagem construída - como a estrada e o parque, aos elementos naturais - como as árvores e a praia. Nessa representação podemos identificar que o local não se apresenta como um lugar neutro, na medida em que Rui utiliza o elemento humano para se representar a si mesmo em dois momentos distintos: esquiando e surfando

Figura 22. Representação mental do entrevistado Leandro.



“Posso desenhar o que eu quiser sobre Lisboa? Então vou desenhar o meu salão. Porque eu vou ter o meu salão de cabeleireiro aqui. Vou ser o melhor cabeleireiro de Lisboa, tenho certeza. Eu sinto que aqui eu vou realizar esse meu desejo, de ter o meu próprio negócio, sabe?” (Leandro, Lisboa).

Figura 23. Representação mental do entrevistado Rui.

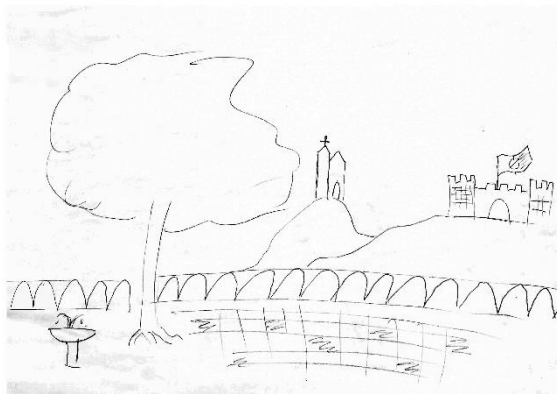


“Esse é o meu lugar preferido em Los Angeles, vou muito lá. Para refletir sobre a vida, meditar ou simplesmente relaxar. Também vou desenhar outra coisa que gosto muito de fazer aqui. É pegar essa estrada que vai do mar a montanha” (Rui, Los Angeles).

Também destacando um local da cidade, Walter (34 anos), um atendente de mesa em um restaurante, que vive na área do Príncipe Real em Lisboa há 15 anos, escolhe o miradouro de São Pedro de Alcântara, em Lisboa, para representar o seu lugar vivido (Figura 24). No seu desenho sobressaem os elementos da paisagem construída da cidade - o castelo, a igreja e o miradouro. Todavia, não existe na representação a presença do elemento humano, assim como a representação do elemento natural é pequena, apenas uma árvore. Walter avalia como pontos positivos de viver em Lisboa a tranquilidade da cidade e a segurança existente. Sua referência de Lisboa é de uma cidade pequena e

confortável para viver, com acesso fácil a tudo. Na sua avaliação, a cidade possui mais pontos positivos que negativos. Entretanto, não conseguiu identificar nenhum aspeto negativo onde vive. Walter justifica a sua opinião argumentando que, como é oriundo de São Paulo, uma cidade grande e violenta, não identifica pontos negativos em Lisboa.

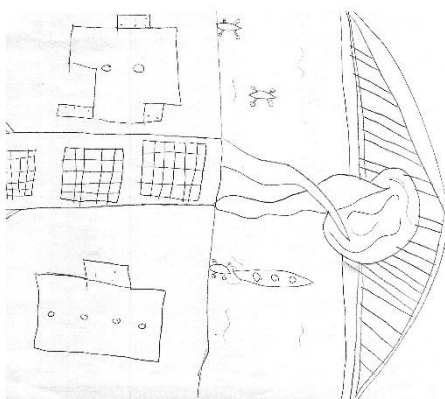
Figura 24. Representação mental do entrevistado Walter.



“Esse lugar é incrível, venho aqui muitas vezes. Paro aqui para olhar a cidade. Já vi dias lindos aqui, aqueles dias que só quem vive aqui consegue ver. Este é o meu lugar preferido da cidade” (Walter, Lisboa).

Compartilhando a mesma lógica, Tássio (52 anos), um funcionário administrativo que vive em Lisboa há vinte e quatro anos, elege as Docas de Alcântara para representar Lisboa (Figura 25). No seu relato, destaca a tranquilidade da vida na cidade. Já no seu desenho, representa a parte construída da cidade e, como elemento natural percebido, o rio Tejo. Tássio também identifica, nesse contexto, os barcos como elementos móveis. Para ele, a segurança constitui um dos pontos positivos da vida nessa cidade, ao lado do clima e da comida portuguesa; como ponto negativo ele destaca apenas a distância do Brasil. Tássio, casado com uma brasileira, tem dois filhos que nasceram em Lisboa, vive no bairro de Campo de Ourique e trabalha na freguesia de Carnaxide.

Figura 25. Representação mental do entrevistado Tássio.

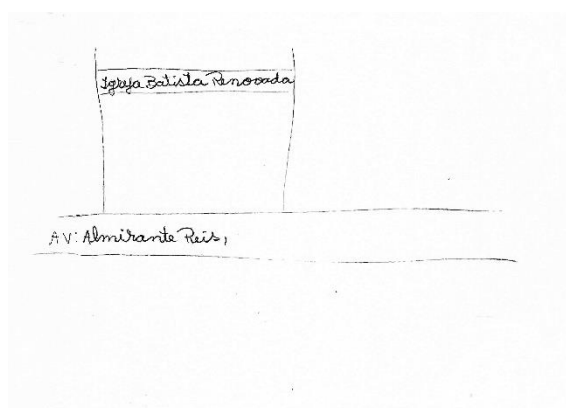


“Eu vou desenhar um lugar que gosto muito de ir lá, sempre que quero pensar na vida escolho esse lugar para ir. Gosto de sentar aqui e ver o rio, os barcos, a ponte. Quando os meus filhos eram pequenos, os trazia sempre aqui para passear” (Tásio, Lisboa).

A escolha de um lugar específico para representar o lugar vivido também foi realizada por Livia (42 anos), uma manicure que vive em Lisboa há 3 anos. Ela vive e trabalha na área dos Anjos em Lisboa. Na sua narrativa, Livia explica que veio morar neste bairro porque os seus amigos moravam aqui no momento da sua chegada a Portugal. Logo depois conseguiu um emprego no mesmo bairro. As referências aos seus espaços de vida em Lisboa limitam-se ao local de trabalho, à casa e à Igreja. Foi através do apoio da rede de amigos da Igreja que Livia construiu seu projeto de mobilidade. De acordo com a sua narrativa, logo após a morte da sua mãe decidiu mudar de vida, o que significou para ela mudar de ambiente. Sempre teve vontade de sair do Brasil. Todavia, como não falava nenhuma outra língua, na sua narrativa, Portugal aparece como a melhor opção para uma mobilidade internacional. Segundo Livia, a qualidade de vida na cidade de Lisboa é elevada se comparada com a vida que tinha no Brasil. Para ela, é uma comodidade viver no bairro dos Anjos, onde pode fazer todos os seus percursos a pé. Ela avalia como ponto negativo de viver em Lisboa não ter muitos amigos; e como vantagens destaca o clima, o poder de compra e a facilidade de ir e vir na cidade. Livia informa que os seus momentos de lazer são, maioritariamente, passados em casa, assistindo TV, utilizando a internet ou, ainda, participando de cultos na Igreja. Segundo ela, nos seus dias de folga, não dispõe de muito ânimo para sair de casa, para visitar lugares mais distantes. Livia não tem planos de voltar a viver no Brasil. No seu desenho (Figura 26), ela

representa a igreja evangélica que frequenta e destaca ser este o seu lugar favorito na cidade. O seu desenho não apresenta nenhum elemento pessoal ou natural do lugar: regista apenas a igreja e a avenida em que se localiza. Livia recorre à escrita e o seu desenho é realizado em formas retas.

Figura 26. Representação mental da entrevistada Livia.



“Vou desenhar a minha igreja. Porque é o lugar que mais gosto em Lisboa, e o lugar onde mais vou quando não estou em casa e no trabalho” (Livia, Lisboa).

6.3 Paisagem da Cidade

De maneira simples e direta, podemos afirmar que o conceito de paisagem se refere às manifestações e fenómenos espaciais que podem ser apreendidos pelo ser humano através dos sentidos. Paisagem, dessa forma, refere-se às configurações externas do espaço; tudo aquilo que nós vemos, isto é, o que nossa visão alcança é a paisagem. Todavia, os geógrafos humanistas interessam-se pelo estudo da paisagem numa perspetiva subjetiva porque entendem que ela é uma construção mental que surge a partir da perceção e da vivência no território. Ou seja, nas palavras de Tuan (1979, p. 89), a paisagem corresponde a “uma imagem integrada construída pela mente e pelos sentidos”, tendo, portanto, um carácter subjetivo suscetível de se basear na experiência, ao mesmo tempo em que apresenta sensibilidade.

Para Boccagni, (2016), o sentimento de pertença dos imigrantes aos lugares pode ser compreendido como uma experiência processual e interativa, que é moldada pelo potencial de apropriação social e afetiva do espaço. Assim, através de uma lente espacial das diferentes localizações geográficas e a variedade de infra-estruturas físicas, o autor pondera como os imigrantes

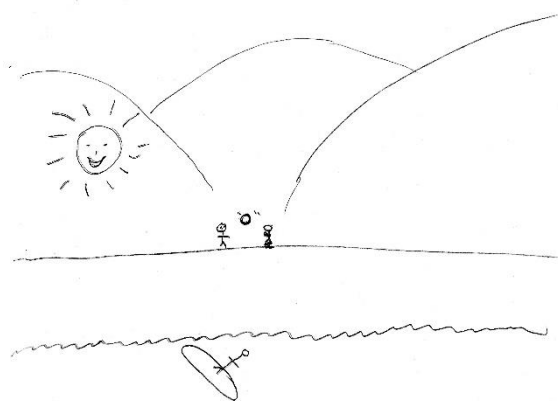
constroem o sentido de casa(s) ou próximo deles. O significado dos lugares depende tanto das relações sociais como dos ambientes vivos significativos, incluindo objetos materiais e paisagens que reproduzem seus gostos e vida. A tentativa extensa de reconectar uma sensação de lar (sense of home) a lugares muito específicos permeia a trajetória migrante. Neste sentido, as paisagens devem ser entendidas como um exemplo de lugares, como pontos nodais particulares dentro de uma teia complexa de interações sociais que se estendem ao redor do mundo. No entanto, não há nada aleatório na distribuição de tais pontos nodais. Sua localização geográfica e as formas de realização materiais são parte integrante do seu significado subjetivo e biográfico do imigrante.

Assim, os elementos que constituem a paisagem podem produzir o nosso “sentido de lugar” ou diferenciar territorialmente as nossas emoções e percepções (Rose, 1995). As paisagens são importantes para a compreensão do mundo e do lugar onde vivemos porque, segundo Milton Santos (2007), contêm o registro da história das pessoas e dos grupos sociais, da cultura e das diferentes formas de produção; ao mesmo tempo que mostram as características do meio natural.

A representação da paisagem foi a escolha da maioria dos entrevistados. A percepção de Los Angeles como paisagem é representada por três entrevistados a seguir. Para Edson (53 anos), gerente de uma cafeteria no condado de Malibu e residente há 33 anos no condado de Palms, um dos pontos positivos da cidade é a diversidade da paisagem que existe em Los Angeles: a cidade mistura praia e montanhas (Figura 27). Edson afirma adorar a cidade porque ela lhe permite viver próximo ao mar. Assim, no seu desenho, representou o mar junto às montanhas da cidade, combinado com alguns elementos humanos. Edson explica que, quando imagina Los Angeles, a primeira imagem que lhe surge é a praia e depois as montanhas. Ele, que não vive muito perto do mar, explica que a opção por viver em Palms vem do facto de acreditar que é o lugar no qual é possível encontrar a maior concentração de brasileiros e, conseqüentemente, ter acesso a uma maior oferta de produtos do Brasil, pontos que considera como importantes. Para acesso ao seu trabalho, Edson dispende entre 1,5 a 2 horas; e nos seus dias livres procura fazer desportos na praia ou estar com os seus amigos, que, segundo ele, constituem um grupo bem eclético quanto às nacionalidades, reflexo do universo étnico da cidade de Los Angeles. Ele declara ser um apaixonado por Los Angeles,

considerado ser um dos poucos lugares do mundo em que é possível ir à praia de manhã e à tarde ir fazer “snowboard” nas montanhas. Para Edson o que há de melhor em Los Angeles é o facto de se sentir muito livre. Considera que a cidade é muito segura e também lhe possibilita uma liberdade de expressão maior, possibilitando a ele vivenciar a sua sexualidade de forma mais livre que no Brasil.

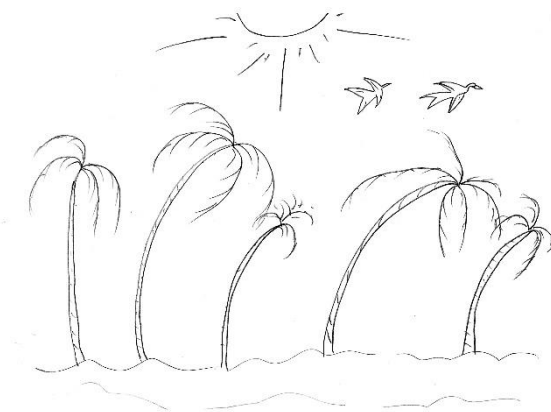
Figura 27. Representação mental do entrevistado Edson.



“O que vejo em Los Angeles, é uma cidade emoldurada por uma paisagem natural, onde as pessoas podem desfrutar dessa diversidade com liberdade” (Edson, Los Angeles).

Também é a praia que Gabriela (28 anos), uma *baby-sitter* que vive há 7 anos em Los Angeles, escolhe como lugar para representar a cidade (Figura 28). Gabriela chegou a Los Angeles depois que a sua mãe morreu. Veio viver com a sua madrinha, que já estava há 15 anos nessa cidade. Para ela, o melhor do local é estar perto da sua família: a madrinha e os filhos da mesma. Gabriela considera que o ponto positivo da cidade é o número de lojas e *shoppings* que oferecem diferentes opções de compra. Não costuma realizar passeios na cidade para além desses lugares. Nos seus dias de folga, não costuma realizar muitos passeios pela cidade, pois prefere descansar em casa. Gabriela mora e trabalha em Pacific Palisades. No seu desenho, elege representar a praia, mas no seu mapa não aparece nenhum elemento construído ou humano, apenas a paisagem natural: o sol, a praia, as árvores e os pássaros.

Figura 28. Representação mental da entrevistada Gabriela.



***“Vou desenhar o cartão postal deste lugar: As palmeiras, o sol e a praia”
(Gabriela, Los Angeles).***

Já Bernardo (25 anos), um trabalhador e estudante que vive em Los Angeles, no bairro de Culver City, apresenta-nos uma cidade onde se mescla a paisagem natural das montanhas e dos coqueiros com a paisagem construída dos prédios e das ruas (Figura 29). Para ele, sempre foi um sonho viver nos EUA. Assim, logo após a primeira vez que esteve em Los Angeles por três meses, para realização de um curso de inglês, ele se encantou com a cidade. Voltou ao Brasil e dois meses depois organizou a sua mudança definitiva para esse local. Bernardo vive na cidade há um ano e meio. Na sua avaliação, a melhor qualidade de vida que ele tem nos Estados Unidos, comparada com a do Brasil, é devido ao melhor poder de compra do salário que tem no país.

Figura 29. Representação mental do entrevistado Bernardo.

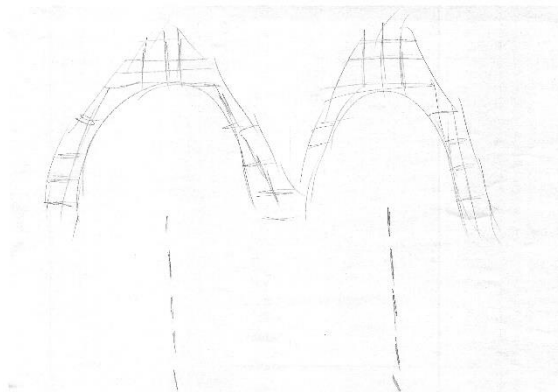


“Vou desenhar como eu vejo a cidade quando vou ao último andar do prédio onde é a minha escola, é incrível.” (Bernardo, Los Angeles).

A percepção de Lisboa como paisagem, por sua vez, é representada por seis entrevistados. Para cinco desses entrevistados, a escolha foi a paisagem construída da cidade, particularmente o Aqueduto, a Rua Augusta e a Praça do Comércio, como principais imagens sobre Lisboa. Nos dois desenhos do Aqueduto, não existe nenhuma representação do elemento humano. O primeiro desenho (Figura 30), realizado por Maria (43 anos), uma enfermeira que vive há 19 anos em Lisboa. Maria nasceu na cidade de Belo Horizonte, no Brasil, e considera a cidade de Lisboa muito parecida com a sua cidade natal. Uma capital calma e tranquila. Maria mora na antiga freguesia do Campo Grande e trabalha na área das Picoas. No seu trajeto de casa para o trabalho, utiliza o metro, e destaca que a facilidade de mobilidade é o que mais aprecia em Lisboa. E o que menos aprecia são as poucas oportunidades profissionais.

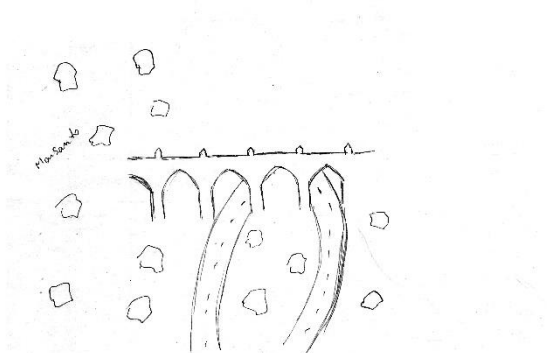
O segundo desenho (Figura 31) do Aqueduto é representado por Márcio (33 anos), um engenheiro elétrico que vive há doze anos em Lisboa, no bairro de Camarate, onde também trabalha. Ao contrário do desenho de Maria, a paisagem natural da cidade é representada no seu desenho pelo parque Monsanto. Como ponto positivo de Lisboa, Márcio destaca a proximidade cultural com o Brasil; e como negativo, a distância física com o seu país de origem. Mas afirma que usa as tecnologias de comunicação, todos os dias para diminuir essa distância. No momento da entrevista, Márcio atendeu três ligações de amigos e parentes que vivem no Brasil. A escolha por representar Lisboa pelo Aqueduto e pelo Parque Monsanto é justificada por Márcio, por ter sido essa a primeira imagem que ele teve da cidade, por ocasião da sua chegada.

Figura 30. Representação mental da entrevistada Maria.



“Gosto dessa paisagem de Lisboa” (Maria, Lisboa).

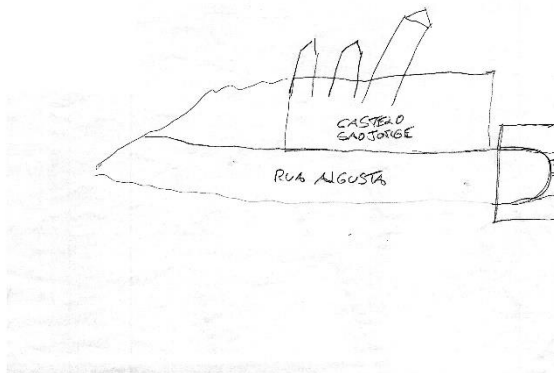
Figura 31. Representação mental do entrevistado Márcio.



“Essa é a imagem que tenho de Lisboa, foi a primeira coisa que vi do avião. Nunca fui lá, mas sempre que passo e vejo essa imagem lembro de como foi quando eu cheguei aqui” (Márcio, Lisboa).

Nessa mesma direção, Adriano (31 anos), um professor de Capoeira que vive em Lisboa há oito anos, constrói sua representação da cidade (Figura 32). Ele vive no bairro de Chelas e trabalha na anterior Freguesia de Santa Catarina e no concelho de Sintra, Adriano elege como objeto de seu desenho uma das principais ruas comerciais da cidade de Lisboa: a rua Augusta. Na sua representação ele também desenha o Castelo São Jorge. Utilizando apenas as linhas e a escrita, nenhum elemento humano ou natural é representado. Todavia, Adriano nunca visitou o castelo. Ele justifica que sua rotina diária de trabalho não lhe permite muito tempo livre para usufruir da cidade.

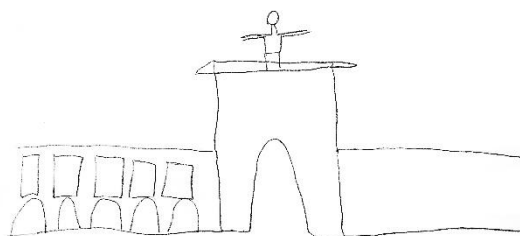
Figura 32. Representação mental do entrevistado Adriano.



“Gosto dessa imagem, é o primeiro lugar que fui conhecer quando cheguei aqui há oito anos atrás” (Adriano, Lisboa).

Outros três entrevistados em Lisboa escolheram a representação da Praça do Comércio para o seu desenho. O desenho de Márcia (51 anos), uma professora de Matemática que vive há 31 anos em Lisboa na ex-freguesia de Santa Catarina, apresenta apenas a parte construída da Praça (Figura 33). Para a entrevistada, a vantagem de viver em Lisboa é a segurança e o poder de compra em relação ao Brasil. E a desvantagem é a saudade da família.

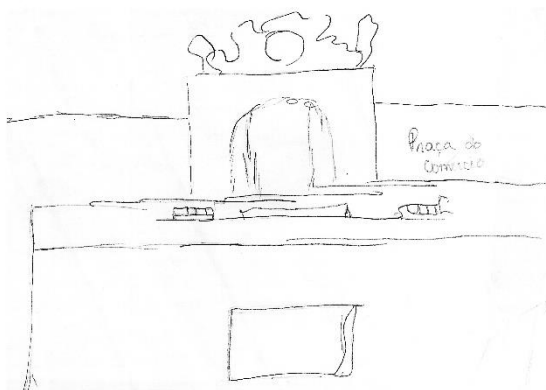
Figura 33. Representação mental da entrevistada Márcia.



“Acredito que essa é a paisagem principal da cidade, quando falamos sobre Lisboa” (Márcia, Lisboa).

A representação (Figura 34) de Daniel (44), um motorista de autocarro que vive há 24 anos em Lisboa, mostra o elemento construído, que é a praça, e o elemento móvel. Para ele, essa é a imagem da cidade. A mobilidade, tanto na cidade, como entre os países europeus, se configura como vantagens da cidade, segundo o entrevistado. Daniel se utiliza da escrita e das retas para traçar o seu desenho. Ele vive em Almada e trabalha em Lisboa.

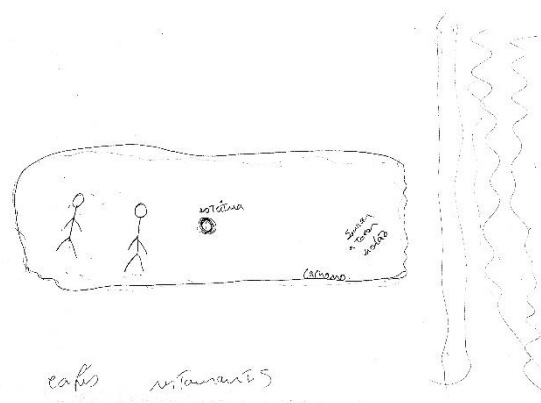
Figura 34. Representação mental do entrevistado Daniel.



“Vou desenhar o lugar que mais vejo em Lisboa. Todo os dias que venho trabalhar, passo por aqui” (Daniel, Lisboa).

Contrariamente aos desenhos anteriores, Carina (34 anos), uma vendedora que vive em Linda-a-Velha, apresenta no seu desenho (Figura 35) o elemento natural e humano da paisagem da praça. No seu esboço, as pessoas estão nessa praça indo e vindo. A entrevistada possui o hábito, junto de seu namorado, de passear nos fins de semanas na cidade e fora dela também. Utiliza a escrita para identificar um músico e um cachorro que, segundo a entrevistada, sempre que passa por lá os vê. Vive há dez anos em Lisboa. Trabalha na zona comercial da cidade – a baixa. A vantagem de Lisboa é, a seu ver, ser uma cidade pequena e de fácil circulação. Não citou nenhum descontentamento com a cidade no seu discurso.

Figura 35. Representação mental da entrevistada Carina.



“A praça do comércio é a cara dessa cidade. Antes de sair do Brasil, procurei na internet imagens da cidade, e foi a primeira que apareceu.” (Carina, Lisboa).

6.4 Diversidade Cultural das Cidades

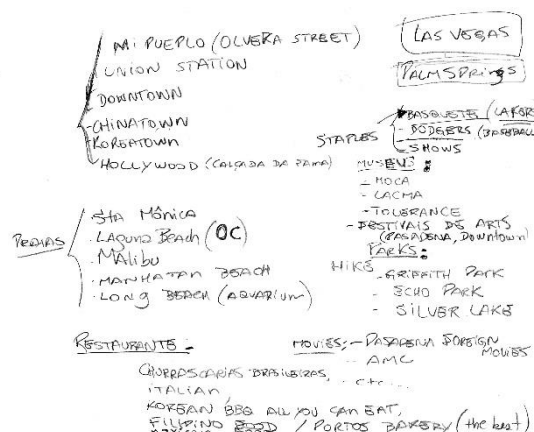
Em relação às representações das cidades de Lisboa e Los Angeles como espaços de diversidade, a tendência entre os entrevistados é destacar a cidade como um lugar privilegiado de interação entre pessoas de diferentes origens geográficas, socioculturais e distintos modos de vida. Nossos entrevistados também identificam o *ethos* do trabalho, a formalidade e a frieza das relações interpessoais, o anonimato da vida quotidiana na metrópole e a dificuldade de deslocação de um lugar para outro. São cidades com suas mazelas e com os arranjos que os moradores inventam para nelas viverem e/ou sobreviverem, combinando o tradicional e a vanguarda, o moderno e o antigo, a periferia e o centro, a novidade e o conhecido. Sem recusar a realidade destes fatores, nem amenizar as suas consequências, são representações que mostram os espaços ofertados pelas metrópoles, nos quais seus habitantes cultivam estilos de entretenimento particulares, mantêm vínculos e sociabilidades, e inventam padrões e modos culturais diferenciados (Magnani, 1996).

Neste sentido, autores como Pemberton, Phillimore (2018) e Wessendorf (2019) em suas investigações sobre migração e lugares, evidenciam como as interações no espaço público moldam o sentimento de pertença (sense of belonging), desses sujeitos. Para os autores, os imigrantes tendem a desenvolver um senso de afinidade com lugares que podem ser descritos como superdiversos. Ao investigarem as experiências de lugares em duas áreas diferentes: uma com uma longa história de diversidade e outra mais recentemente diversificada, Pemberton e Phillimore (2018), concluem que

uma área de diversidade de longa data facilita visivelmente os migrantes a estabelecer e desenvolver sensação de pertencer. Enquanto que Wessendorf (2019), entende que os lugares de diversidades facilitam o processo de “encaixar” do imigrante, porque, de acordo com a autora, esses lugares permitem que os recém-chegados “sintam aceito em sua alteridade”. Assim, pertencer não estaria diretamente relacionado ao tempo de residência, mas sim a uma sensação de encaixe na paisagem social composta por uma gama de pessoas diferentes.

É sob essa perspectiva que Regina (38 anos), uma assistente pessoal que vive no condado de Glendale, em Los Angeles, percebe a cidade. Morando há cinco anos em Los Angeles, sua opção foi utilizar a escrita como forma de representação (Figura 36) da cidade. Regina identifica as várias possibilidades de diversão, lazer, culinária e cultura que Los Angeles lhe proporciona. Na sua narrativa, sublinha que, apesar da dificuldade de deslocamento existente na cidade, ela ama viver nesse lugar. Regina relata que os seus dois primeiros anos de vida na cidade foram muito difíceis; não gostava do lugar e sentia muita falta de Miami, onde viveu nove anos. Destaca, ainda, que achava tudo muito longe, não entendia as freeways e sentia falta de um grupo de amigas brasileiras. Estava vivendo na cidade pelo facto de se ter casado com um americano, residente em Los Angeles. Porém, por ocasião da realização do nosso contacto para a entrevista, reconhece que “consegue enxergar outra cidade cheia de opções e não consegue imaginar-se vivendo em outra cidade”. Também conhece, naquele momento, mais brasileiras. Tendo o hábito de ir frequentemente à Downtown, seu lugar preferido da cidade, Regina considera que conhece muito bem a cidade, talvez até melhor que o seu marido. Isso porque, como não gosta de ficar muito tempo no trânsito, sempre que entra em uma via rápida e se depara com congestionamento, ela procura os caminhos alternativos. Relata que foi o seu primeiro trabalho, como promotora de vendas na cidade, que lhe permitiu conhecer muito bem Los Angeles, uma vez que era necessário percorrer várias partes da cidade. Regina, junto com Bia, criou o grupo “Brasileiras em LA”, que atualmente tem uma página no Facebook. Informa que, inicialmente, o grupo surgiu em uma página denominada Meetup, uma rede social que facilita reuniões de grupo em várias localidades ao redor do mundo.

Figura 36. Representação mental da entrevistada Regina.



**“Não sei desenhar, vou escrever tudo que gosto e faço aqui na cidade, então”
(Regina, Los Angeles).**

Francisco (48 anos), um professor de capoeira que vive há 12 anos em LA, entre idas e vindas ao Brasil, compartilha a casa com um casal de americanos no condado de Mar Vista, entre Santa Monica e Venice Beach. Além da praia de Venice Beach, que mais gosta de frequentar, para Francisco a cidade é representada por vários bairros habitados por pessoas de diferentes nacionalidades (Figura 37). Na sua percepção, essa cidade multicultural possibilita-lhe conhecer diferentes pessoas dos vários lugares do mundo e de distintos estilos de vida. E por ser essa cidade multicultural, Francisco considera que nela “as pessoas têm mais liberdade para ser o que quiserem”. Assim, no seu entendimento, é uma cidade na qual a liberdade de expressão é maior que em São Paulo, a sua cidade natal no Brasil.

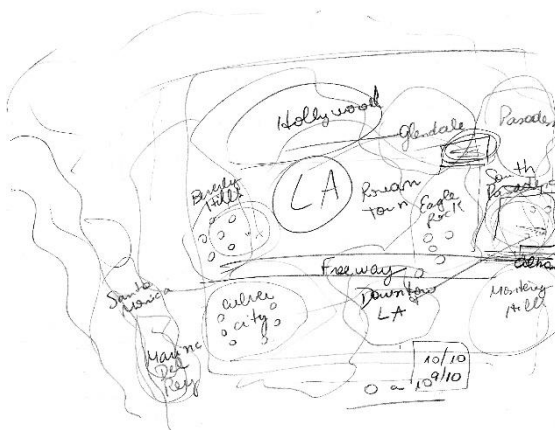
Figura 37. Representação mental do entrevistado Francisco.



“Acho que assim, esse lugar. Muitos bairros diferentes e mar.” (Francisco, Los Angeles).

Utilizando uma lógica muito semelhante, Rogério (36 anos), um técnico de informática que vive em Los Angeles há 13 anos, representa a cidade (Figura 38) como uma mistura interessante de pessoas e bairros diferentes, “uma grande confusão”, atribuindo um sentido positivo a essa característica. No seu desenho também utiliza a escrita, para identificar os diferentes bairros da cidade e suas localizações. Enquanto a paisagem construída é representada pela *freeway*, a paisagem natural é representada pelo mar de Santa Monica e de Marina Del Rey. Vive, atualmente, no condado de Pasadena, mas durante os primeiros anos na cidade viveu no condado de Beverly Hills. Rogério, considera que os Estados Unidos oferecem muitas oportunidades para o crescimento profissional das pessoas, principalmente em cidades como Los Angeles e Nova Iorque. A vantagem para ele em viver em Los Angeles é usufruir de uma cidade multicultural, na qual todos os habitantes se misturam.

Figura 38. Representação mental do entrevistado Rogério.



“Los Angeles é essa bagunça bairros, pessoas e culturas, atravessadas pelas free ways” (Rogério, Los Angeles).

Representando os lugares que mais frequenta na cidade, Antônio (29 anos), um porteiro que vive há quatro anos em Los Angeles, percebe Los Angeles como uma cidade multicultural. Relata que é apreciador de esporte como o skate e o surf, modalidades desportivas muito presentes na cidade e, que pela natureza dessas atividades desportivas, abriga pessoas de diferentes partes do mundo. Antônio também escreve algumas matérias sobre esses desportos na cidade para algumas das revistas brasileiras da área. Informa que a primeira vez que viu uma imagem de Los Angeles tinha oito anos, na casa de uma família americana que vivia no Brasil e na qual sua mãe trabalhava como doméstica. Era uma revista de esporte. Desde então, sempre sonhou em morar na Califórnia. Antônio vive, atualmente, em um carro tipo van. O seu desenho mistura a escrita e as linhas. Desenha os lugares cotidianos da sua vida na cidade: a escola de inglês, a academia, o local de trabalho, os bairros que frequenta, a cafetaria e o restaurante mexicano que oferece arroz e feijão, local em que almoça na maior parte da semana. No seu esboço não representa nenhum elemento natural, (Figura 39), assim como nenhum elemento humano. Todavia, menciona lugares nos quais encontra os seus afetos na cidade: um estúdio de tatuagem dos seus amigos americanos e o bairro onde vive a namorada. Ele percebe Los Angeles como uma cidade calma e segura em relação às cidades do Brasil. Gosta de viver nesta cidade e afirma que o melhor de Los Angeles é a presença de pessoas de diferentes lugares do mundo e as diferentes opções de lazer que ela oferece.

Figura 39. Representação mental do entrevistado Antônio.



“Vou desenhar um pouco dos lugares que frequento aqui” (Antônio, Los Angeles).

Fernanda (57 anos), uma designer de moda que vive em Los Angeles há 25 anos, no condado de Marina del Rey, representa a cidade como um lugar privilegiado de encontros de culturas (Figura 40). Explica que a escolha por comprar a sua casa nesse lugar foi devida à proximidade com o mar, pois como uma brasileira nascida na cidade do Rio de Janeiro, não poderia ficar longe da praia. Todavia, na sua avaliação, Los Angeles é muito melhor para viver que o Rio, por ser uma cidade mais segura. Fernanda costuma frequentar a Downtown por causa do seu trabalho, mas destaca que procura ir nas horas de menor tráfego. Interrogada sobre gostar de Los Angeles, afirma: “eu gosto porque tem uma diversidade étnica enorme que você pode conviver, e eu adoro a diversidade, acho isso muito bom. Você tem muitos restaurantes de todo mundo, o clima é fantástico e tem a praia”. No seu desenho, mistura o elemento natural, o sol presente na cidade, aos elementos móveis e construídos - carros, bairros e via rápida, para representar essa diversidade presente na cidade. Assim, nos desenhos dos prédios e através da escrita, Fernanda destaca os diferentes grupos étnicos que habitam Los Angeles. Sobre o seu grupo de amigos, Fernanda informa que ele é composto por uma diversidade de nacionalidades, lembrando que tem apenas um amigo brasileiro na cidade. Ela relata que, desde que chegou aos Estados Unidos, procurou não manter muita relação com os brasileiros por não sentir falta dessas relações. Para ela, viver essa diversidade é uma “maravilha”, porque essa possibilidade de estar em contacto com as

diferenças a inspira de várias maneiras, inclusive para as suas criações de roupa.

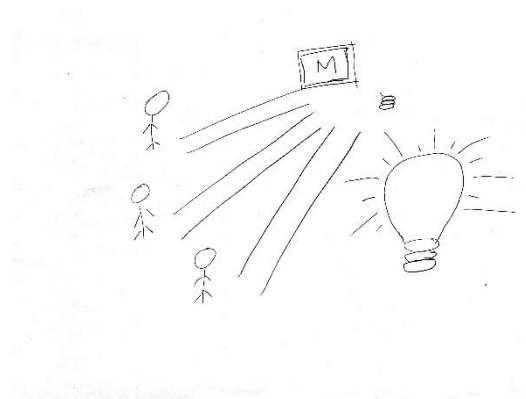
Figura 40. Representação mental da entrevistada Fernanda.



“Acho que esse lugar é assim” (Fernanda, Los Angeles).

Também os imigrantes brasileiros entrevistados em Lisboa, revelam, nos seus esboços e narrativas, a dimensão da cidade metrópole multicultural. Para Carla (41 anos), uma cantora de samba e manicure, Lisboa representa uma cidade onde os diferentes se encontram (Figura 41). No seu desenho, representa os diferentes imigrantes a caminhar na cidade que se cruzam na cidade. Carla morou quatro anos em Zurique, na Suíça, antes de chegar a Lisboa. Veio para Lisboa com o intuito de conseguir os documentos que lhe permitissem viver na Europa, para assim poder retornar a Zurique. Por meio da sua rede de amigos, soube que em Portugal esse procedimento seria mais fácil que na Suíça. Mudou-se para Lisboa há três anos e já possuía a autorização de residência em Portugal no momento da entrevista. Todavia, não pretende mais voltar a morar em Zurique. Carla destaca que adora Lisboa, uma cidade de clima agradável e de fácil mobilidade. Gosta muito das “luzes” da cidade, do sol e das lâmpadas amarelas da noite. Ela utiliza uma metáfora em relação à cidade, afirmando que Lisboa é uma luz no seu caminho. Assim, no seu desenho, representa Lisboa como uma lâmpada. Aparece nessa representação tanto o elemento humano, quanto o elemento construído da paisagem: os imigrantes e o metro. Todavia, não emerge na sua representação nenhum elemento natural da cidade.

Figura 41. Representação mental da entrevistada Carla.



“Acho que é isso, um lugar onde tem gente do mundo inteiro se cruzando todo o tempo” (Carla, Lisboa).

Segundo Ananda (37 anos), uma doméstica que vive em Lisboa há 15 anos, a vantagem de viver nesta cidade é a oportunidade de conviver com diferentes culturas (Figura 42). Amanda trabalha no bairro de Benfica e mora no bairro de Arroios desde que chegou a cidade. Escolheu viver neste local porque os seus amigos viviam lá quando ela chegou a Lisboa. Ela acrescenta que neste bairro há uma maior presença de brasileiros, assim como de supermercados e de restaurantes brasileiros. Ressalta que a mobilidade na cidade de Lisboa é algo muito fácil. Nos seus tempos livres alterna passeios em diferentes partes da cidade com descanso. Destaca a beleza da cidade. Todavia, na sua avaliação, o desagradável em Lisboa é o clima - principalmente na época das chuvas, e o cheiro de esgoto em certas partes da cidade. O seu desenho mistura diferentes partes da cidade e representa elementos construídos da paisagem - a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, a Praça do Comércio e os Muros do Castelo São Jorge; o elemento humano – são os imigrantes na praça; e elemento natural da paisagem - o rio Tejo.

Figura 42. Representação mental da entrevistada Ananda.



“Vou desenhar os lugares que mais gosto nessa cidade. Belém, o Castelo São Jorge. E claro, a Praça do Comércio, onde se encontra gente do mundo inteiro” (Ananda, Lisboa).

Na sua representação Bela (40 anos), uma estudante de Mestrado e atendente de *call center*, que vive em Lisboa há dois anos, desenha uma cidade florida (Figura 43). Mora no bairro da Graça desde que chegou a Portugal, estuda no Campo Pequeno e trabalha no Cais do Sodré. Para ela, estar em Lisboa representa uma superação a cada dia, pois conta que é uma toxicodependente em reabilitação. Afirmar que, diante disso, o viver em Lisboa tem um sentido mais amplo, o de superação. Gosta, especialmente, de viver nessa cidade pois, na sua avaliação, o melhor que ela oferece é a presença de imigrantes de diferentes lugares do mundo. Acredita que tem a capacidade de romantizar um pouco a vida, mas, no geral, não vê nenhuma desvantagem na cidade. A distância e a saudade da família são, para ela, os aspetos negativos de viver em Lisboa. Acredita que o encontro de pessoas de diferentes nacionalidades em Lisboa proporciona distintas opções de lazer na cidade, exemplo da presença de restaurantes chineses, bares africanos, ou espaços diversos com músicas do mundo. O transporte público de Lisboa também é destacado por Bela como sendo um ponto forte da cidade. Se considera satisfeita de viver em Lisboa, pois não se sente solitária e nem infeliz. Ao contrário, considera-se como uma “linda cuidadora de plantas, em uma casinha ao lado de um rio lindo “. Nos dias de folga do trabalho e da faculdade, Bela gosta de passear pela cidade. No seu desenho, ilustra as colinas da cidade de Lisboa como representação do elemento natural da paisagem. Já o Castelo São Jorge e o passeio ao longo do rio Tejo constituem representações da paisagem construída. O elemento humano é

representado tanto na figura de si mesma, como de outras pessoas com quem compartilha a cidade.

Figura 43. Representação mental da entrevistada Bela



“Aqui estou eu, cheia de flores, na cidade das colinas e das igrejas Cercada de um monte de gente diferente: português, brasileiro, africano, francês e todo o resto” (Bela, Lisboa).

Finalizado a apresentação e descrição dos mapas mentais, interessa-nos ressaltar que, no conjunto das representações mentais construídas pelos entrevistados sobre os lugares vividos, as cidades de Lisboa e Los Angeles aparecem enquanto palco de vida desses imigrantes brasileiros, sustentado por pilares simbólicos, culturais e afetivos que, por sua vez, orientam as diferentes subjetividades. São representações que, entre outros aspetos, revelam os espaços de vida conjugando espaços físicos e identidades (Santos, 1999), disputas entre poderes, interesses e forças sociais diversas, nos quais os imigrantes brasileiros constroem suas realidades e produzem formas criativas de vivenciá-las. Analisar o processo de territorialização desses sujeitos, através das suas narrativas e representações mentais, por sua vez, nos possibilitou compreender a relação dialética sujeito-ambiente subjacente aos processos de mobilidade contemporânea.

E nesse aspeto, torna-se importante ressaltar que os mapas mentais construídos por esses imigrantes sobre seus espaços de vida não constituem uma representação fidedigna da realidade. Neles, a realidade e as representações sobre essa realidade muitas vezes não apresentam uma plena convergência. Entretanto, são imagens mentais construídas pelos sujeitos na

busca de apreender e representar a complexidade do mundo que os cerca enquanto imigrantes. E como tal, essas representações ou imagens são seletivas, pois assim como as relações espaciais tendem a ser transformadas, os tamanhos e as formas também tendem a ser deturpados. Assim, se em alguns espaços ilustrados nos mapas é possível identificarmos muitos detalhes; em outros, as imagens e as representações se aproximam de versões mais pobres da realidade (Downs e Stea, 1982 apud Serpa 2005). Não obstante essas diferenças e contradições, os elementos descritos e ilustrados nos mapas nos possibilitaram uma compreensão sobre os diferentes sentidos atribuídos pelos imigrantes brasileiros aos seus espaços de vida, particularmente a polissemia em relação tanto à apropriação quanto aos significados e imaginários atribuídos pelo sujeito ao lugar.

Lugar que, como porção do espaço apropriável da vida através do corpo e dos sentidos, tem no corpo e nos sentidos recursos para que o imigrante se adapte à nova cidade, ao novo bairro, enfim, para se apropriar do novo espaço e, assim, transformá-lo em lugar. O corpo pode ser considerado, portanto, o campo da experiência perceptual de interações afetivas e sensíveis, por meio do qual os sujeitos constroem seus significados (Velázquez, 1987). E é sob essa perspectiva que situamos as particularidades dos percursos de vida e de origem social desses imigrantes brasileiros, explicitados nos diversos conteúdos acessados por eles para “desenhar” o lugar vivido. Assim, Lisboa e Los Angeles, enquanto espaços vividos “guarda[m] em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida desses imigrantes, possível de ser[em] apreendido[s] pela memória, através dos sentidos e do corpo” (Carlos, 2007, p.14).

As análises sobre essas narrativas socioespaciais e representações mentais dos imigrantes brasileiros sobre os lugares, por sua vez, tornaram-se mais consistentes quando articuladas as reflexões sobre as territorialidades construídas por esses sujeitos em Lisboa e Los Angeles. E nesse aspecto, a classificação proposta por Almeida (2008), de diferentes e simultâneas escalas de territorialidades, nos possibilita ampliar a compreensão sobre os lugares de vida dos brasileiros em Lisboa e Los Angeles. Especificamente, Almeida (2008) reconhece a existência de três escalas simultâneas de territorialidades que, organizadas na forma de círculos concêntricos, podem ser assim definidas: um

primeiro círculo, correspondente ao centro, espaço destinado a especialidade do privado; um círculo intermediário, que circunscreve os lugares de encontros, de possibilidades e de trocas; e um círculo externo, de domínio público, correntemente coletivo. São territorialidades associadas aos sentidos e formas de apropriação simbólico- expressiva do espaço, assim como aos sentimento de pertencimento e de identidade territorial dos imigrantes.

Sob essa perspectiva, as narrativas e as representações mentais construídas pelos imigrantes brasileiros sobre os lugares Lisboa e Los Angeles são consideradas não apenas enquanto materialidade visível e mensurável, mas sobretudo como o conjunto de sentimentos, imaginários e relações que os sujeitos mantêm com outros elementos da vida social. Assim, utilizando como referência a classificação de Almeida (2008), podemos compreender os lugares⁴² dos imigrantes brasileiros em Lisboa e Los Angeles, a partir da análise dos mapas mentais e das narrativas, sob três perspectivas distintas:

1. Um lugar ativo: Esse é o caso dos imigrantes que se encontram, de alguma forma, mais integrados nas cidades, tendo-se reterritorializado nela, considerando que as suas redes de sociabilidade e as práticas espaciais são mais complexas e amplas. Inserem-se, nessa modalidade, conforme destacado nos desenhos e nas narrativas, os imigrantes Bia, Francisco, Karina, Regina e Rogério. Ao mesmo tempo que eles já estabeleceram elos cognitivos, afetivos e de identificação com Lisboa ou Los Angeles, que é o caso dos entrevistados Fernanda, Ananda, Bela, Walter e Edson. Esse grupo de imigrantes possuem um intercâmbio virtual moderado com o lugar de origem e suas territorialidades desempenhadas na cidade se processam de forma contundente e espontânea. Logo, há inserção mais efetiva, ao mesmo tempo em que apresentam nos seus discursos a superação da sua condição de estranhamento como imigrante, como exibido nas narrativas de Lígia, Adriana e Ângela.

2. Um lugar parcial: Nesse nível, o processo de reterritorialização do migrante está em andamento, ou seja, ele não se efetivou totalmente. As suas territorialidades ainda estão se estabelecendo e, paulatinamente, se tornando

⁴² Este conjunto de lugares concentram-se recursos de toda ordem (simbólico, material, social, relacional e etc) que são suscetíveis de serem mobilizados em um dado momento. Todavia essa tipificação possibilitou uma compreensão desses espaços com o objetivo de compreender os espaços de vida desses brasileiros e suas trajetórias de mobilidade internacional.

mais complexas. Esse grupo de imigrantes já estabeleceu práticas espaciais cotidianas e a sua rede de sociabilidade começa a ser ampliada para além dos espaços primários de socialização, ou seja, a casa, o local de trabalho, a escola; estendendo-se também para os espaços e os tempos de lazer vivenciados na cidade. Inserem-se, nessa modalidade, conforme destacado nos desenhos e nas narrativas, os imigrantes Antônio, Carla e Gislaine. As relações sociais virtuais deste grupo com o lugar de origem variam de moderadas a intensas. Embora esses sujeitos não estejam inteiramente integrados nos espaços e tempos da cidade, nesses casos é possível inferir que isso ocorre basicamente pelo tempo que vivem na cidade – normalmente inferior a 5 anos, e o baixo domínio do idioma, como é o caso dos imigrantes Kátia e Vitor. Todavia, são imigrantes que estão dispostos a conhecer e a entender a cidade. As suas territorialidades estão, pouco a pouco, se estabelecendo e se tornando mais complexas. Também é possível identificar que as suas narrativas revelam perspectivas positivas sobre viver nestas cidades, como os entrevistados Bernardo e Leandro.

3. Um lugar restrito e limitado: Nesse plano, os elos afetivos e de identificação com a cidade são baixos. A reterritorialização dos migrantes nas cidades é insípida, sendo que eles apresentam pouca disposição a integrarem-se com a dinâmica socioespacial da cidade, mesmo nos “pedaços” que estão ao seu alcance, como os entrevistados Adriano e Gabriela. Esses imigrantes demonstram também, nas suas narrativas e representações, um pequeno sentimento de apatia e estagnação perante as cidades, como o caso dos imigrantes Lisa, Maria Daniel e Eliana. Este grupo possui práticas espaciais de deslocamentos entre espaços primários, por exemplo, entre a casa e o local de trabalho; a escola ou a igreja etc., e as suas territorialidades são simples, assim como as suas redes de sociabilidades nas cidades são restritas a esses espaços, como vimos nas narrativas e representações de Lívia e Juliana. Além disso, a interação virtual desse grupo com o lugar de origem ainda é intensa, como constatamos nas narrativas dos interlocutores Márcio e Márcia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pretender investigar os espaços vividos dos imigrantes brasileiros em Lisboa e Los Angeles, com o intuito de compreender como esses sujeitos sociais entendem os seus lugares de vida, identificamos a riqueza de dados que o material empírico produzido nos ofereceu, tanto pelas entrevistas, quanto pelas imagens, revelando a potencialidade da combinação da utilização de metodologias qualitativas e visuais. Esses dados nos revelaram as particularidades/singularidades da constituição dos lugares de vida desses sujeitos, contribuindo para uma melhor compreensão da complexidade dos processos migratórios e da incorporação dos imigrantes nos lugares de destino. Reconhecer a existência dessa multiplicidade de fatores envolvidos na migração, longe de ser um entrave para as investigações geográficas, pode constituir-se num elemento instigador para desvelar os processos espaciais que orientam as dinâmicas de mobilidade de brasileiros na atualidade.

Ao debruçarmo-nos sobre o tema da nossa pesquisa, em primeiro lugar é importante destacar que foi de fundamental importância reconhecer que os imigrantes brasileiros percebem as suas mobilidades enquanto um “empreendimento”, no qual a desterritorialização foi iniciada por projetos que integravam um ideário da mobilidade, enquanto representação de uma vida melhor e de uma autorealização. Sob essa perspectiva, o desejo de melhoria de vida constituiu uma categoria fundamental para compreender a mobilidade desses brasileiros, no âmbito de uma investigação que buscou refletir sobre a importância da dimensão subjetiva e da expressão individual como determinantes da ação humana de migrar. Esse reconhecimento das razões de ordem subjetiva não significa, entretanto, menosprezar a força preponderante do contexto material e histórico, no qual as razões de ordem económica constituem a base da estruturação da ação. Assim, reconhecendo essa dimensão, na presente pesquisa, procurámos identificar as possibilidades da ação humana imbuídas de consciência simbólica, crítica e imaginária, como entidades criativas e revolucionárias.

Dessa forma, nas interações com os sujeitos da pesquisa, na identificação e na análise dos seus relatos de vida, dos fatores envolvidos na determinação de partir, das suas expectativas e perspectivas de futuro, da vida cotidiana, das

imagens construídas sobre os lugares de destino, dentre outros, procurámos não desconsiderar dimensões importantes como as motivações económicas e financeiras da mobilidade. Todavia, para além desses fatores, os dados da pesquisa revelaram, predominantemente, histórias de protagonismos, nos quais esses sujeitos, na diversidade de vida, sonhos e experiências, tomaram para si seus destinos e construíram os seus percursos de mobilidade, com peculiaridades próprias de cada imigrante.

Em segundo lugar, ao privilegiarmos uma análise, em primeiro plano, das narrativas e imagens construídas por um grupo de imigrantes brasileiros sobre os espaços vividos, foi possível uma melhor compreensão sobre quem são esses sujeitos desterritorializados e os propósitos que os impulsionam nos processos de mobilidade. A análise dessas trajetórias diversas, por sua vez, permitiu compreender que, para além dos contextos nacionais, as desigualdades locais e regionais existentes na sociedade brasileira tendem a orientar a construção dos diferentes sentidos e representações. Assim, os sentidos atribuídos, tanto simbólica quanto narrativamente, às experiências encontram-se relacionados com os lugares nos quais os sujeitos estão inseridos, tanto nas sociedades de destino, quanto de origem, para além dos contextos nacionais - Brasil, Portugal e Estados Unidos.

Nesta conformidade, a opção por uma análise comparativa das narrativas construídas por brasileiros residentes em Lisboa e Los Angeles, como estratégia metodológica, mostrou-se pertinente para identificarmos aproximações e distanciamentos entre os modos de viver relatados pelos nossos entrevistados. Além disso, nos consentiu também compreender a realidade material e imaterial da vida desses sujeitos que não apenas ancoram as suas representações e imaginários, mas também expressam a diversidade de condições de trabalho, moradia, relações sociais e subjetivas dos imigrantes brasileiros nas cidades de Lisboa e Los Angeles. Acrescente-se, ainda, que neste estudo também nos foi possível uma apreensão dos diversos sentidos atribuídos ao lugar vivido pelos imigrantes brasileiros. Sentidos esses que, compartilhados, revelam uma noção mais ampla e complexa do território do migrante, rica em subjetividades que se materializam no espaço, reproduzindo-o, com territorialidades que se completam e se fundem. Nesse aspeto, a mudança da perspectiva de análise da migração modifica não apenas a

compreensão sobre a forma como o sujeito estabelece o seu lugar no mundo, como também a compreensão sobre si mesmo e as suas identidades. Assim, reconhecemos que os processos vividos ao longo das trajetórias de mobilidade desses imigrantes contribuíram para a construção de subjetividades diversas que, aliadas à objetividade territorial e às paisagens construídas no espaço, conferem os significados atribuídos aos seus lugares de vida. Adiciona-se, ainda, que os enredos sobre essas trajetórias transnacionais delinearam histórias de vidas que, marcadas por distintas temporalidades, espaços e relações, imprimiram diferentes significados aos deslocamentos e aos lugares vividos pelo grupo de imigrantes brasileiros.

Cabe ainda destacar, em termos da investigação realizada, os desafios enfrentados na elaboração de um quadro teórico-metodológico suficientemente englobante para apreensão das representações dos lugares e dos sentidos de lugar construídos pelos imigrantes brasileiros. Todavia, a despeito dessa dificuldade, reconhecemos que é possível compreender, nos espaços particulares de vida desses imigrantes brasileiros, a relação entre as implicações territoriais e existenciais presentes no processo de (re)construção dos seus modos de habitar e os significados das suas mobilidades. Em outros termos, queremos afirmar que é possível situar, a partir do ponto de vista de um lugar - o espaço de vida - a relação com o mesmo, para compreender a natureza e os vínculos entre os sujeitos e os lugares e territórios. É neste aspecto que reiteramos a importância da noção de território assumido na perspectiva dos estudos sobre mobilidades, que nos possibilita apreender as relações intersubjetivas que potencializam a ação dos sujeitos, em dimensões e em escalas diversas, para uma compreensão da dimensão existencial da mobilidade. E sob essa perspectiva, a noção de território nos auxiliou tanto na identificação de um sentido “temporal” – de evolução e mudanças; quanto, e particularmente, no sentido da “identidade”- de individualidade, que considera o território como um espaço diferente para cada um que o habita.

Assim, se numa perspectiva macro, esta investigação possibilitou identificar que os Estados-Nação são atualmente, e mais do que nunca, atravessados e subvertidos pelo movimento dos imigrantes; ela também permitiu compreender que é quando reduzimos a escala de observação ao nível das vidas concretas desses imigrantes que compreendemos o significado desses

atravessamentos. No entanto, mesmo quando privilegiamos nas nossas análises o nível das vidas cotidianas desses sujeitos migrantes, torna-se necessário para uma melhor interpretação desse fenómeno, realizar constantes saltos de escala, nos levando novamente a atravessar continentes e nações. Nesse aspeto, importa salientar que a conjugação dos procedimentos metodológicos envolvendo os mapas mentais e entrevistas enquanto ferramentas para a compreensão do lugar de vida dos migrantes, nos possibilitou realizar constantes movimentos de aproximação, distanciamento e articulação entre os lugares vividos desses brasileiros. Particularmente as representações mentais, ao tangenciar a noção de lugar vivido, possibilitaram ultrapassar alguns limites da abordagem espacial para a compreensão dos sentidos atribuídos aos lugares de vida no âmbito dos estudos sobre mobilidade.

Por último, assinalamos a relevância dos estudos sobre mobilidade internacional de brasileiros, particularmente a compreensão da migração como fenómeno marcado pelas idiossincrasias, considerando que é uma experiência subjetiva e, do ponto de vista social um objeto multifacetado e complexo, no qual o deslocamento físico é apenas um dos momentos do movimento, constituído também por temporalidades subjetivas e cronológicas, imateriais e materiais. Assim, reconhecemos a importância de pesquisas e investigações que envolvem outras áreas de conhecimento, de maneira a incorporarmos os diferentes conteúdos simbólicos e expectativas envolvidas nos diferentes deslocamentos dos brasileiros. Enfatizamos essa importância porque algumas vertentes das investigações sobre mobilidades deslocam o enfoque das subjetividades para o “facto social”, considerado-as mais em termos dos elementos “estruturais” do que das “trajetórias pessoais”.

De igual modo, reconhecemos a importância dos estudos da migração que privilegiem a conjugação de metodologias de investigação, como os métodos visuais e as narrativas, visando ampliar a compreensão sobre as mediações que incidem sobre os complexos processos cognitivos, indo da vivência à experiência, do percebido ao vivido, para assim desvendar a subjetividade e o mundo simbólico dos lugares vividos dos sujeitos transnacionais.

Entender os lugares e espaços a partir das percepções, ou seja, de um conjunto composto por sentimentos e valores, é um desafio que se apresenta

dentro da Geografia. Logo, entendemos que é a partir de novos estudos, de novas discussões, metodologias e debates que a Geografia Humanista-Cultural vai avançar, mantendo a sua qualidade e ampliando os seus horizontes de conhecimento.

Portanto, compreendemos que o uso das narrativas aqui se constitui um recurso enriquecedor para desvendar a subjetividade e o mundo simbólico, ao mesmo tempo que possibilitou uma reapropriação reflexiva do imigrante brasileiro sobre a sua vida, conferindo-lhe voz e escuta às suas vivências. Sob essa perspectiva, o sujeito tomou o lugar do objeto, sendo ator e autor reflexivo. Essa é uma via que posiciona o pesquisador como alguém que se conjuga na horizontalidade com o pesquisado, reconhecido como dotado de saber, permitindo assim uma melhor compreensão do fenómeno observado, dando um conhecimento da multidimensionalidade da vida desses imigrantes brasileiros e da singularidade das suas trajetórias.

Neste sentido, reconhecemos que o referencial narrativo que assumimos, sem deixar de situar a diversidade que comporta, tanto em termos teórico-metodológicos quanto de captação das diferenças e das singularidades existenciais, nos possibilitou descobrir a sua potencialidade interventiva ao entendermos o ato de narrar e representar como processos de ressignificação do vivido, capazes de conjugar temporalidades distintas da experiência humana nas suas diferentes dimensões: subjetiva e social. A narrativa e as representações ao reportarem as histórias de vida dos imigrantes brasileiros tiveram a potencialidade de fazer alusão à trajetória biográfica e de recuperar os factos vividos, permitindo a (re)(des)construção de sentidos. Além disso, as narrativas, na qualidade de relatos de vida, apresentam um carácter especulativo, pois não constitui somente um relato de si, mas histórias particulares, de pequenos grupos. Nesse ínterim, recolhemos os grãos que dão profundidade ao social. Afinal, essas narrativas estão abarcadas na história da humanidade, mesmo que de forma ultrajada e desconhecida.

Enfim, a perspectiva comparativa deste estudo etnogeográfico, ofereceu detalhes minuciosos e mundanos, de como os lugares de moradia e o ambiente construído passam a estar imbuídos de significados sociais e culturais na mobilidade. A contribuição desta pesquisa mostra-se relevante, para as teorias da migração internacional, e lugar. Os dados expostos contribuem para lançar

luz de como as vivências cotidianas e os arranjos domésticos dos imigrantes emaranhados com as subjetividades individuais, os processos globais mais amplos e a microgeografia de cidades específicas influenciam o sentido de lugar na migração. Os resultados, conjuntamente, confirmam que o desenho, tomado enquanto “entrelinguagem” nas investigações sobre imigração e lugar, permite melhor alcançar como os lugares construídos como a cidade, o bairro, o parque, a rua ou o lar, acolá de um lugar claramente fixo e objetivo, é, do mesmo modo, um lugar subjetivo - multicamadas, pessoais e imaginários; praticado, criado e recriado pelos sujeitos e por suas interações.

Do mesmo modo, a abordagem adotada demonstrou a importância de inovações metodológicas nos estudos sobre mobilidades. Assim, o uso combinado das narrativas e das representações mentais possibilitou a esta investigação uma melhor compreensão de como a subjetividade intrínseca aos processos de mobilidade humana e as características das cidades específicas moldam a forma de incorporação dos imigrantes nos lugares de destino. Neste aspeto, podemos considerar que este modelo teórico metodológico contribuiu para superação dos limites do nacionalismo metodológico na compreensão dos processos de incorporação dos imigrantes brasileiros nas cidades de destino. Entre outros aspectos, os resultados alcançados explicitam a importância de novos paradigmas nos estudos das migrações, que valorizem e incorporem os contextos subjetivo, temporal e estrutural nas suas análises. Sob esse ponto de vista, a observação minuciosa das representações de espaços vividos dos imigrantes brasileiros entrevistados em Lisboa e Los Angeles, evidenciam que as percepções subjetivas de segurança, distâncias, medo, confiança e pertencimento desses sujeitos estão embutidas em construções multifacetadas de lugar, cujas fronteiras podem ser desenhadas e redesenhadas diariamente de acordo com a experiência pessoal, as redes sociais e os discursos politizados mais amplos que moldam o senso de lugar de um indivíduo em seus lugares de vida cotidianas e / ou nação. Concomitantemente, expõem como as características sócio-espaciais das cidades de destinos como a diversidade da população estrangeira, o padrão de distribuição geográfica dos (i)migrantes, a diversidade sociocultural, as condições de habitação, a extensão territorial, o tecido urbano e as suas características condicionantes como a infra-estrutura de mobilidade e os deslocamentos diários para o atendimento das demandas de

reprodução, se relacionam no processo de integração - adaptação desses sujeitos nos domínios espacial, social e cultural em urbes contemporâneas como Lisboa e Los Angeles.

O estudo identificou, ainda, como as diferenças entre as políticas migratórias e a mobilidade urbana nas cidades condicionam a incorporação dos imigrantes nos lugares de destino. Os resultados revelam, assim, como em Los Angeles o medo decorrente da condição irregular de alguns entrevistados e a dificuldade de locomoção de outros, limitam e condicionam as vivências e experiências destes imigrantes brasileiros nessa cidade. Contrariamente, em Lisboa, a existência de uma mobilidade urbana facilitada e de uma política mais tolerante à imigração brasileira, contribuem para facilitar a incorporação dos imigrantes brasileiros na cidade.

Neste sentido, também podemos ressaltar as contribuições deste trabalho para orientação de políticas urbanas mais inclusivas e compreensivas em contexto de mobilidade internacional e diversidade cada vez mais crescentes das cidades contemporâneas. Isso porque, os resultados alcançados demonstram, dentre outros aspectos, que investigar os diferentes perfis migratórios fornece pistas para apreender a integração urbana dos imigrantes pelo prisma de autonomia funcional e individual dos sujeitos. Ainda sobre os diferentes perfis migratórios, foi possível uma melhor compreensão sobre como as diferentes temporalidades da migração definem o sentido de lugar e as formas de ação e participação dos migrantes nas cidades, através das experiências efetivas dos espaços urbanos. De igual modo, os resultados também evidenciam como a morfologia urbana das cidades moldam o processo da construção dos lugares pelos sujeitos transnacionais. Os argumentos aqui apresentados apoiam pensar o desenvolvimento de abordagens do espaço urbano que sejam inovadoras, não somente de um ponto de vista teórico e metodológico, mas também no âmbito de uma reflexão crítica sobre o papel e o estatuto do migrante, e a sua cidadania ativa nos lugares de destino. Todavia, queremos ressaltar que a presente investigação não pretendeu esgotar as questões e tampouco as respostas ao tema da pesquisa. Mas, contrariamente a isto, as interrogações abriram-se, assim como o nosso horizonte, que, apenas ao ser percorrido é que tornou possível ser visto na sua amplitude. Assim, como Ricoeur (2010), deparamo-nos com a interpretação que não é um saber

absoluto, pois, ao avistarmos o texto e as imagens, descobrimos um mundo a ser continuamente aberto, descoberto e redescoberto. Nesse sentido, este estudo sugere duas vertentes para pesquisas futuras: uma comparação entre perfis específicos de imigrantes (estudantes, artistas, origem comum, jovens, gênero, etc.) de distintas origens que habitam a mesma cidade. Tal comparação vai abordar como as práticas desses grupos são reestruturadas e reinventadas na cidade de destino. O segundo, uma comparação entre as práticas sociais dos sujeitos oriundos de um lugar comum, indagando os locais de contacto e encontro desses imigrantes em cidades distintas. Esse paralelo vai discutir como as conexões sociais delineiam os sentimentos de comunidade e de pertencimento na contextualização de experiências migrantes

E ainda resta, expandirmos o convite para que outras pesquisas que utilizem métodos de investigação que conjuguem diferentes instrumentos narrativos - fotos, desenhos, biografia, entrevistas, mapas entre outros, no âmbito dos estudos sobre a migração, em Geografia, possam continuar a ser construídos e compreendidos nos campos da ciência e do vivido. É imprescindível que continuemos a narrar, seja a pesquisa, seja a vida. Há muitas histórias ainda sobre migração e lugares para serem narradas e reveladas, que poderão desvelar outras versões das realidades e dos lugares vividos nas trajetórias imigrantes.

Bibliografia

- Alaimo, A. (2000). Le projet migratoire entre nomadisme et sédentarité. Dans P. Centlivres et I. Girod (dir.), Les défis migratoires. Actes du colloque CLUSE « Les défis migratoires à l'aube du troisième millénaire », Neuchâtel 1998 (p.211-216). Zurich, Suisse: Éditions Seismo.
- Alba, Martha. (2004). "Mapas mentales de la Ciudad de México: una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales." Estudios demográficos y urbanos. 115-143.
- Albuquerque, R. (2008). Associativismo, capital social e mobilidade, contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de emigrantes Africanos Lusófonos em Portugal. Tese doutoral. Universidade Aberta.
- Almeida, C. (2002). Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baianos em Minas Gerais. Sociedade e cultura, 5(1), 53-64
- Almeida, M. G. (2008). Novas territorialidades ou múltiplas territorialidades? Trabalhador migrante brasileiro em Barcelona. Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales, 1999-2008 Acta X Coloquio Internacional de Geocrítica, 1-5. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 12, (270). Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-270/sn-270-131.htm>
- Amado, J. C. A. P., & Crusoé, N. (2000). A técnica de análise de conteúdo. Revista Referência, 5, 53-63.
- Araújo, A. V. D. C. (2014). A motivação numa turma com elevado número de alunos do 12º ano de escolaridade do curso de ciências socioeconómicas. Tese doutoral. Universidade de Lisboa.
- Assis, G. D. O. (2003). De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. Campos-Revista de Antropologia, 3, 31-49.
- Assis, G. D. O. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. Estudos Feministas, 15(3), 745-772.
- Assis Paula, F. M. (2013). Territorializações e territorialidades juvenis na metrópole: das práticas espaciais às redes de sociabilidade. Anais do Simpósio Nacional Espaço, Economia e Políticas Públicas (SINEEP), 3(1), 87.

- Bailly, A. (1974). La perception des paysages urbains: Essai méthodologique. *L'Espace Géographique*, 3(3), 211-217. Disponível em : <http://www.jstor.org/stable/44379665>
- Baily, S. (1985). La cadena migratoria de los italianos a la Argentina. In Boucault, C. E. de A. & Malatian, T. (2003). Políticas migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI. Rio de Janeiro/São Paulo, Renovar.
- Bandeira, B. S., Bomfim, Z., & Sales, J. A. (2012). Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE. *Caderno do PROARQ*, Rio de Janeiro, FAU, UFRj, (19), 213-232.
- Bardin, L. (1997). História e teoria. Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70.
- Bauman, Z.; Penchel, M. (1999). Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro. Zahar.
- Berezin, M. (2003). Territory, emotion, and identity: spatial recalibration in a New Europe. In: M. Berezin and M. Schain, (eds). *Europe without borders: remapping territory, citizenship, and identity in a transnational age* (p.p 1-30). Baltimore. Johns Hopkins University Press.
- Berry, J. W. (2003). Conceptual approaches to acculturation. In K. M. Chun, P. Balls Organista, & G. Marín (Eds.), *Acculturation: Advances in theory, measurement, and applied research* (pp. 17-37). Washington, DC, US. American Psychological Association.
- Beserra, B. (2007). Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles. *Cadernos pagu*, 28(1), 313-344.
- Bhabha, H. (2004) Hibridismo e Tradução cultural. In: Abdala Junior, B (org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas* (p. p.113-133) . São Paulo.Boitempo.
- Binnie, J. (2003). Locating transnationalism: agency and method. *Sociology*, 37(3), 599-604.
- Boccagni, P. (2016). *Migration and the search for home: Mapping domestic space in migrants' everyday lives*. Springer.
- Boccagni, P., & Brighenti, A. M. (2017). Immigrants and home in the making: thresholds of domesticity, commonality and publicness.
- Bógus, L., & Baeninger, R. (2018). *Nova face da emigração internacional no Brasil*, São Paulo. Educ.

- Boyd, M. (1989). Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. *International migration review*, 23(3), 638-670.
- Boyer, F. (2005). Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de Bankilaré: la pauvreté désavouée. *Stichproben. Vienna Journal of African Studies*, 8(2), 47-67.
- Bomfim, Z. Á. C. (2003). Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Tese doutoral. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Bonacich, E. (1973). A theory of middleman minorities. *American sociological review*, 38(5), 583-594. Disponível em : <http://www.jstor.org/stable/2094409>
- Borjas, G. J. & Bratsberg, B. (1994). Who leaves? The outmigration of the foreign-born (No. w4913). National Bureau of Economic Research.
- Boswell, C. (2003). *European Migration Policies in Flux: Changing Patterns of Inclusion and Exclusion*. Chatham House Papers. Oxford. Blackwell.
- Braga, F. G. (2011). Conexões territoriais e redes migratórias: uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil. Tese doutoral. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Bourdieu, P. (1996) A ilusão biográfica. In: Amado, J.; Ferreira, M. M (Eds.). *Usos e abusos da historia oral* (p. p. 183-191). Rio de Janeiro. FGV..
- Bourdieu, P. (1998). Um analista do inconsciente" in Sayad, A.. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São paulo. Edusp.
- Bourdieu (2004). *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa. Edições 70.
- Brasil, C. (2004). A 2.ª Vaga de Imigração Brasileira para Portugal (1998-2003): Estudo de Opinião a Imigrantes Residentes nos Distritos de Lisboa e Setúbal. Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME, estudo disponível em http://www.casadoBrasildeLisboa.rcts.pt/arqartigos/pesquisa_brasileiros.doc.
- Brunet, R. (2017). *Le déchiffrement du monde. Théorie et pratique de la géographie*. Belin. Humensis
- Buhr, F. G. (2018). *Migrant spatial integration: pathways through Lisbon*. Tese doutoral. Universidade de Lisboa.
- Cachado, R. D. Á. (2009). *Trajectos interurbanos na diáspora: o elo esquecido da mobilidade social*. Lisboa. CIES e Working Paper. n. 83.
- Calderón Chelius, L. (2003). Migración internacional e identidades cambiantes. *Migraciones internacionales*, 2(2), 191-196.

- Calisto, C. D. S. (2006) O ambiente como mundo vivido: uma abordagem do espaço segundo a geografia humanística. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- Cardoso, R. (2004). Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In In: Cardoso, Ruth Correa Leite. A aventura antropológica : teoria e pesquisa (p.p 95-105). São Paulo. Paz e Terra,
- Carlos, A. F. A. (1996). O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec.
- Carlos, A. F. A. (2007). Diferenciação socioespacial. Revista Cidades, 4(6), 45-60
- Castells, M. (2000). A sociedade em Rede. São Paulo. Editora Paz e Terra.
- Castles, S., De Haas, H., & Miller, M. J. (2013). The age of migration: International population movements in the modern world. Macmillan International Higher Education.
- Certeau, M. D. (1994). A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis. Editora vozes.
- Chambers, T. (2018). Continuity in Mind: Imagination and migration in India and the Gulf. *Modern Asian Studies*, 52(4), 1420-1456.
- Chen, S. X. & Benet-Martínez, V.; Harris Bond, M. (2008). Bicultural Identity, bilingualism, and psychological adjustment in multicultural societies: immigration-based and globalization-based acculturation. *Journal of personality*, 76(4), 803-838.
- Chi, J. Y. (2016). O Bom Retiro dos Coreanos. Descrição de um enclave étnico. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.
- Christofletti, A. (1982). As perspectivas dos estudos geográficos. São Paulo. Difel.
- Claval, P. (1992). Champ et perspectives de la géographie culturelle. *Géographie et cultures*, (1), 7-38.
- Claval, P. (1999). O território na transição pós-modernidade. *GEOgraphia*, 1(2) 7-26.
- Constable, N. (1999). At home but not at home: Filipina narratives of ambivalent returns. *Cultural Anthropology*, 14(2), 203-228.
- Cordeiro, G. Í. (2017). Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 13, 185-199

- Correia, C., & Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal—uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In Pedro & João (Edi). Migração: múltiplos olhares. (p.p157-185). São Carlos. UNIR-EDUFRO.
- Cosgrove, D. (1999). Mappings. Londres: Reaktion Books, 1999.
- Cresswell, T. (2006). The right to mobility: the production of mobility in the courtroom. *Antipode*, 38(4), 735-754.
- Dadalto, M. C. (2013). Imigração e permanência do sonho. *Matrizes*, 7(2), 249-263.
- Dal Gallo, P. M. (2011). Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. *Geograficidade*, 1(1), 44-58.
- Dardel, E. (2011). O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo. Perspectiva.
- Didier, D., Guimarães, N. A., & de Brito Maria, M. A. (2009). Desemprego, uma construção social, Belo Horizonte, Argumentum.
- Diminescu, D. (2008). The connected migrant: an epistemological manifesto. *Social Science Information*, 47(4), 565-579.
- Dion, K. K.; Dion, K. L. (2001). Gender and cultural adaptation in immigrant families. *Journal of Social Issues*, 57(3), 511-521.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225.
- Durham, E. R. (1984) A Caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo. Perspectiva.
- Egreja, C., & Peixoto, J. (2011). Caminhos limitados ou mobilidade bloqueada? A mobilidade socioprofissional dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (67), 43-64.
- Elias, N. (2005). Introdução à sociologia. Lisboa. Edições 70.
- Erdal, M. B. (2013). Migrant transnationalism and multi-layered integration: Norwegian-Pakistani migrants' own reflections. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(6), 983-999.
- Entzinger, H., & Biezeveld, R. L. (2003). Benchmarking in immigrant integration. Rotterdam: European Research Centre on Migration and Ethnic Relations. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/SOC-2003-011%20(3).pdf
- Erickson, F. (1986). Qualitative Methods in Research on Teaching, (p. 119-161) in Merlin C. Wittrock, ed., *Handbook of Research on Teaching*, New York. Macmillan.

- Eriksen, T. H. (2002). *Ethnicity and nationalism: Anthropological perspectives*. Pluto Press.
- Erlandson, D. A., Harris, E. L., Skipper, B. L., & Allen, S. D. (1993). *Doing naturalistic inquiry: A guide to methods*. Sage.
- Faist, T. (2000). *The Volume and Dynamics of International Migration*. New York. Oxford University Press.
- Fernandes, D. M. & Knup, S. P. (2012). Should I stay or should I go? A dúvida da permanência ou retorno: imigrantes brasileiros no estado de Massachusetts. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Belo Horizonte.
- Ferreira, A. P. (1996). *A Migração e suas Vicissitudes: análise de uma certa diversidade*. Tese Doutoral. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Ferreira, S. P. & Callou, M. R. A. (2016). O processo de construção de Lisboa no imaginário dos imigrantes brasileiros: fatores explicativos. *Revista Rural & Urbano, Recife*, 01(01), 11-18.
- Phillips, D., & Robinson, D. (2015). Reflections on migration, community, and place. *Population, Space and Place*, 21(5), 409-420.
- Fleischer, S. (2001). Pensando a identidade brasileira no contexto do housecleaning em Boston, Massachusetts. Apresentado em Latin American Studies Association, Washington DC, September 6-8.
- Fonseca, M. L. (2005). *Migrações e Território*. CEG, Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, 64.
- Fonseca, M. L., McGarrigle, J., Esteves, A., Sampaio, D., Carvalho, R., Malheiros, J., & Moreno, L. (2010). *Geitonies city survey report: Lisbon executive summary*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa (Polic.). Retrieved October, 27, 2013.
- Fontana, A. & Frey, J. (1994). *The Art of Science*. In N. a. Y. L. Denzin, *The Handbook of Qualitative Research* (pp. 361-76). Thousand Oaks. Sage Publications.
- Foucault, M. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. Petrópolis. Vozes.
- Fouquet, T. (2007). Imaginaires migratoires et expériences multiples de l'altérité: une dialectique actuelle du proche et du lointain. *Autrepart*, 41, 83-98.
- Frangella, S. (2013). "Fomos conhecer um tal de Arroios": construção de um lugar na imigração brasileira em Lisboa. In Domingos, N., & Peralta, E.. *Cidade e império: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais* (p.p. 463-502.). Edições 70.

- Freire, P. (1980). *Conscientização: Teoria e prática da libertação*. São Paulo, SP: Moraes
- Frémont, A. (1980). *A região, espaço vivido*. Coimbra. Almedina.
- Friedmann, J. (2010). Place and place-making in cities: A global perspective. *Planning Theory & Practice*, 11(2), 149-165.
- Fusco, W. (2007). Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. *Textos Nepo*, 52, 9-83.
- García Canclini, N. (2000). Escenas sin territorio: cultura de los migrantes e identidades em transición. In: Arce, J.M.V. *Decadência y auge de las identidades. Cultura Nacional, identidade cultural y modernización* (p p.191-208). Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte. .
- Garip, F. (2008). Social capital and migration: How do similar resources lead to divergent outcomes?. *Demography*, 45(3), 591-617.
- Garlet, I.; & Assis, V. (2009). Desterritorialização e reterritorialização: a compreensão do território e da mobilidade Mbyá-Guarani através das fontes históricas. *Fronteiras: Revista de História*, 11(9), 15-46.
- Gésero, P. (2012). O Espaço é o Lugar: O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (1), 163-184.
- Glick Schiller, N., & Salazar, N. B. (2013). Regimes of mobility across the globe. *Journal of ethnic and migration studies*, 39(2), 183-200
- Góis, P., Marques, J. C., Padilla, B., & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações*, 5, 111-133.
- Gomez, R., & Vannini, S. (2017). Notions of home and sense of belonging in the context of migration in a journey through participatory photography. *The Electronic Journal of Information Systems in Developing Countries*, 78(1), 1-46.
- Gottdiener, M. (1993). O debate sobre a teoria do espaço. A produção social do espaço urbano. São Paulo, EDUSP, 120-158.
- Goudard, B., de Moraes, A. F., & de Oliveira, R. (2008). Reflexões sobre Cidade, seus Equipamentos Urbanos ea Influência destes na Qualidade de Vida da População. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, 5(2), 93-103.
- Gould, P. & White, R. (1974). *Mental Maps*. Baltimore. Penguin Books.

- Graw, K., & Schielke, J. S. (Eds.). (2012). The global horizon: expectations of migration in Africa and the Middle East. Leuven University Press.
- Guarnizo, L. E. (1998). The rise of transnational social formations: Mexican and Dominican state responses to transnational migration. *Political power and social theory*, 12, 45-94.
- Guattari, F., & Rolnik, S (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis. Vozes.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril. Lucerna.
- Guitart, A. O., & Mendoza, C. (2008). Vivir (en) la Ciudad de México: Espacio vivido e imaginarios espaciales de un grupo de migrantes de alta calificación. *Latin American Research Review*, 43(1),113-138.
- Gurak, D., & Caces, F. (1998). Redes migratorias y la formación de sistemas de migración. In G. Malgesini (edi.). *Cruzando fronteras. Migraciones en el sistema mundial*, Barcelona, Icaria, 75-111.
- Haesbaert, R. (2002). Territórios alternativos. *GEOgraphia*, 4(7), 97-98.
- Haesbaert, R. (2004). O mito da desterritorialização: do " fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. (2011) Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da desterritorialização contemporânea. In: Jesus, Eduardo de. (Org.). *Arte e Novas Espacialidades: relações contemporâneas* (p.p.54-65). Rio de Janeiro. F10 e Oi Futuro.
- Haesbaert, R., & Bruce, G. (2009). A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *GEOgraphia*, 4(7), 7-22.
- Hall, S. (2004). Quem precisa da identidade? In Silva T. T. (Ed.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (3.ed., p.p 103-133). Petrópolis. Vozes.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A Editora.
- Hall, S. (2009). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hall, S. (2014). Cultural identity and diaspora. In *Diaspora and visual culture* (pp. 35-47). Routledge.
- Harris, J. R., & Todaro, M. P. (1970). Migration, unemployment and development: a two-sector analysis. *The American economic review*, 60(1), 126-142.
- Hermans, H. J.,

- & Kempen, H. J. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American psychologist*, 53(10), 1111-1120.
- Hermans, H. J., & Kempen, H. J. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American psychologist*, 53(10), 1111.
- Hiller, H. H. & Franz, T. M. (2004). New ties, old ties and lost ties: the use of the internet in diaspora. *New media & society*, 6(6), 731-752.
- Hong, Y. Y. & Morris, M. W., Chiu, C. Y.; & Benet-Martinez, V. (2000). Multicultural minds: A dynamic constructivist approach to culture and cognition. *American psychologist*, 55(7), 709-720.
- Holzer, W. (1999). O lugar na geografia humanista. *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano IV, (7), 67-78.
- Iorio, J. C. de Albuquerque Ferreira, S. (2013). Fluxos migratórios de brasileiros em Portugal: o retorno e a “nova vaga dos em vias de qualificação”. *Leopoldianum*, 39, 31-48.
- Iorio, J.; & Fonseca, M.L. (2018) “Estudantes Brasileiros no Ensino Superior Português: construção do Projeto Migratório e Intenções de Mobilidade Futura”, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, 53(109), 3-20.
- Jackson, John A. (1991), *Migrações*, Lisboa, Escher.
- Jannuzzi, P. D. M. (2000). *Migração e Mobilidade Social: Migrantes no Mercado de Trabalho Paulista*. Campinas, SP, Autores Associados.
- Jardim, A. D. P. (2011). Reflexões sobre a mobilidade pendular. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. *IBGE*, 58-70.
- Jouët-Pastré, C.; Braga, L. J. (2005). Community-based learning: A window into the Portuguese-speaking communities of New England. *Hispania*, 8(4), 863-872.
- Kaplan, D. H. (2015). Immigration and the making of place in Paris. *Journal of Cultural Geography*, 32(1), 23-39.
- Kesler, C., & Hout, M. (2010). Entrepreneurship and immigrant wages in US labor markets: A multi-level approach. *Social Science Research*, 39(2), 187-201.
- King, R. (2012). Theories and typologies of migration: an overview and a primer. – Willy Brandt Series of Working Papers in International Migration and Ethnic Relations 3/12. Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare.
- Knowles, C., & Harper, D. (2009). *Hong Kong: migrant lives, landscapes, and journeys*. University of Chicago Press.

- Koltai, C. (2013). Traumas decorrentes dos deslocamentos forçados. *Revista Diversitas*, (1), 131-137.
- Komito, L. (2011). Social media and migration: Virtual community 2.0. *Journal of the American society for information science and technology*. 62(6), 1075-1086.
- Korostelina, K. (2007). *Social identity and conflict: Structures, dynamics, and implications*. Nova York. Palgrave Macmillian
- Kosminsky, E. V. (2004). Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos pagu*, 23, 279-328.
- Kozel, S. (2007) Mapas mentais, uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: Kozel S. et. al. (org.), *Da percepção e cognição a representação: reconstrução teóricas da Geografia Cultural e Humanista* (114-138). São Paulo: Terceira Margem.
- Kozel, S. (2010) Representação do espaço sob a ótica do conceito: mundo vivido e dialogismo” *Anais. XVI Encontro Nacional de Geógrafos – crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperança – espaço de socialização de coletivos*. Porto Alegre
- La Barre, J. (2010). Música, cidade, etnicidade: explorando cenas musicais em Lisboa. *Revista Migrações*, 7, 147-166.
- Lacoste, Y. (2017). A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. *Boletim Paulista de Geografia*, 84,77-92.
- LaFromboise, T., Coleman, H. L., & Gerton, J. (1993). Psychological impact of biculturalism: Evidence and theory. *Psychological bulletin*,114,(3), 395-412.
- Lane, S. T. M. (1994) A Mediação Emocional na Constituição do Psiquismo Humano. In S. T. Lane, M & B. B. Sawaia (Orgs). *Novas veredas da psicologia social* (pp. 55-63). São Paulo. Brasiliense.
- Lee, E. S. (1966). A theory of migration. *Demography*, 3(1), 47-57.
- Lencioni, S. (2003). *Região e Geografia*. São Paulo. EDUSP.
- Leroi-Gourhan, A. (1965) *Préhistoire de l'Art Occidental*. Mazenod.
- Levitt, P. & Jaworsky, B. N. (2007). Transnational migration studies: Past developments and future trends. *Annu. Rev. Sociol*,33, 129-156.
- Lévy, J. (2009). Os novos espaços da mobilidade. *Geographia*, 3(6), 7-17.
- Ley, D (2000). Mental maps. In: Johnston, R. J., Gregory, D, Pratt, G. (eds) *The Dictionary of Human Geography* (fourth edition, p, 498–499). Oxford. Blackwell.

- Lewis, W. A. (1954). Economic development with unlimited supplies of labour. *The manchester school*, 22(2), 139-191.
- Lima, M. C. S. M. (2012). Território, sociabilidades e territorialidades: um estudo em um bairro belo-horizontino. In: Martins, P.; Sánchez, H. A.; Welter, T. (Orgs). *Território & sociabilidade: relatos latino-americanos* (p.p.193-210). Florianópolis. Editora da UDESC.
- Light, I., Sabagh, G., Bozorgmehr, M., & Der-Martirosian, C. (1994). Beyond the ethnic enclave economy. *Social Problems*, 41(1), 65-80.
- Light, I., Sabagh, G., Bozorgmehr, M., & Der-Martirosian, C. (1995). Ethnic economy or ethnic enclave economy. In Halter. M. (Eds). *New migrants in the marketplace: Boston's ethnic entrepreneurs* (p.p. 23 – 42). Massachusetts. Univ of Massachusetts Press.
- Lüdke, M.; André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo. EPU.
- Lynch, K. (1984) *Reconsidering The Image of the City*. In: Rodwin L., Hollister R.M. (eds) *Cities of the Mind. Environment, Development, and Public Policy*. Boston. (p.p 151-161). Springer.
- Lynch, K. (1980). *imagem da cidade*. Lisboa. Edições 70.
- McGarrigle, J. & Fonseca, M. L. (2018). Urban diversity and inequality: the role of immigration in the socio-spatial organization of Lisbon Metropolitan Area. In Caponio, T., Scholten, P., & Zapata-Barrero, R. (Eds.). *The Routledge handbook of the governance of migration and diversity in cities*. Routledge.
- Machado, I. J. D. R. (2006). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. São Carlos. EdUFSCar.
- Machado, I. J. D. R. (2007). Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal. *Nuevo mundo, mundos nuevos*, (7), 10. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/5889>.
- Machado, I. J. D. R (2008). Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. *Revista de antropologia*, 699-733.
- Machado, I. J. D. R. (2009). Imigração brasileira na viragem do século XX: processos de exotização no Porto (Portugal). *Ler Historia*, 56, 167-182.
- Machado, L. M. (1996). Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e lugar. In: Del Rio, V.; Oliveira, L. *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*, (p.p 97-119). São Paulo. Nobel. Ufscar.

- Maciel, L. M. (2012). O sentido de melhorar de vida= arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP. Dissertação de Mestrado. Unicamp.
- Magnani, J. G. C. (1996). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. Na metrópole: textos de antropologia urbana, 2, 12-53.
- Mahler, S. J., & Pessar, P. R. (2001). Gendered geographies of power: Analyzing gender across transnational spaces, 7, 4, 441-459.
- Malheiros, J. (ed.). (2007) A Imigração Brasileira em Portugal. Lisboa. ACIDI.
- Mapril, J. (2008). Os sonhos da 'modernidade': migrações globais e consumos entre Lisboa e Dhaka. A globalização no divã. Lisboa. Tinta da China.
- Marandola Jr, E., Gallo, D, & Marchiori, P. (2010). Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos de População. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 27(2), 407-424.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo. Atlas.
- Marcus, A. P. (2009). (Re) creating places and spaces in two countries: Brazilian transnational migration processes. Journal of Cultural Geography, 26(2), p. 173-198..
- Marques, J. C., Baganha, I., & Góis, P. (2005). Imigrantes de leste em Portugal. Revista de Estudos Demográficos, 38, 31-45.
- Margolis, M. L. (2001). Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. Revista de Administração de Empresas, 41(1), 88-91.
- Margolis, M. (2003). Na Virada do Milênio: A Emigração Brasileira para os Estados Unidos. In Martes A. C. B. e Fleischer S., Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero, e Redes Sociais (Pp. 51–72). São Paulo. Paz e Terra.
- Margolis, M. L. (2008). Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro". Revista de Antropologia, 283-302.
- Martes, A. C. B. (2001). Emigração brasileira: formação de mercados de consumo de produtos brasileiros no exterior. RAE-Revista de Administração de Empresas. 8(1), 8-12.
- Martes, A. C. B., & Rodriguez, C. L. (2004). Afiliação religiosa e empreendedorismo étnico: o caso dos brasileiros nos Estados Unidos. Revista de Administração Contemporânea, 8(3), 117-140.

- Martins Junior, A., & Dias, G. (2013). Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. *Análise Social*, 209, 810-832.
- Massey, D. (2000). Um sentido global do lugar. In Arantes, A. (org.) *O espaço da diferença*, (p.p. 176-185). Campinas. Papirus Editora.
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Theories of international migration: A review and appraisal. *Population and development review*, 431-466..
- Mason, M. (2010). Sample size and saturation in PhD studies using qualitative interviews. In *Forum: qualitative social research*, 11(3). Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1428>
- Matos, C. (1993). Migrações: decisões individuais e estruturas sociais. *SOCIUS Working Papers*. ISEG, 5(93).
- Mazzucato, V. (2004). Transcending the nation. In: Kalb D., Pansters W., Siebers H. (eds) *Globalization and Development*, (p.p. 131-162). Springer, Dordrecht.
- Melo, L. M. C. (2012). Mobilidade sócio-ocupacional e mobilidade espacial: diferenciações entre hierarquias urbanas para o mercado de trabalho formal, Brasil, 2000-2009. Tese Doutoral. Universidade Federal de Minas.
- Mendoza, C. (2012) Mapas mentales, sentido de lugar y procesos migratorios: la comunidad mexicana en Albuquerque (Nuevo México). *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 21(2), 29-43.
- Merton, R. K. (1938). Social structure and anomie. *American sociological review*, 3(5), 672-682.
- Mesquita, Z., & Brandão, C. R. (1995). Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora da Universidade.
- Miguel, F. V. C. (2012). A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. *Revista odisseia*, (5). Miranda, J. (2009). Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projectos de vida. Lisboa. ACIDI.
- Miranda, S. R., & Siman, L. M.C. (2013). Cidade, Memória e Educação. Juiz de Fora. Editora UFJF.
- Minayo, M. Cecília de S. (2003) O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo. Hucitec.

- Moita Lopes, L. P. D. (1994). Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Delta*, 1(2), 329-338.
- Morse, J. M. (2000). Determining sample size. In Morse, J. M. (2000) *Qualitative health research*. (Vol. 10 No. 1, 3-5). Sage Publications, Inc.
- Mondardo, M. L. (2009). Meandros na produção do espaço urbano: mobilidade, acessibilidade e exclusão social. *Boletim Goiano de Geografia*, 29(1), 57-72.
- Moreira, C. D. (2007). Teorias e práticas de investigação. Lisboa. ISCSP.
- Moreira, J. B. (2014). Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 22(43), 85-98.
- Moser, G. (2001). Psicologia Ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In: Tassara E. (Org.). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano* (p.p.189 -210). São Paulo. EDUC; FAPESP.
- Motta, M. F. (2003) *Espaço vivido/Espaço pensado: o lugar e o caminho*. PortoAlegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Neto, F. P., & da Fonseca, A. C. (2017). Pensar a cidade no Brasil: limitações, potencialidades e perspectivas A cidade a partir das margens: modos de habitar e a constituição dos territórios periféricos de Pelotas/RS, Brasil. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, 1(1), p. 53-64.
- Neto, T. (2008). *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. Tese doutoral. Universidade Estadual de São Paulo.
- Neves, A. S. A.; Nogueira, M. D. C. O. C., Topa, J. B., & Silva, E. G. (2016). Mulheres imigrantes em Portugal: uma análise de gênero. *Estudos de Psicologia*, 33(04), 723-733.
- Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2007). Biculturalism unpacked: Components, measurement, individual differences, and outcomes. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 101-114.
- Norton, B. (2013). *Identity and language learning: Extending the conversation*. 2ª edição. Toronto. Multilingual matters.
- Nunan, C., & Peixoto, J. (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38), 233-250.
- Oliveira, I., & Peixoto, J. (2012). Envelhecimento da população imigrante: o caso português. *Migrações: Revista do Observatório da Imigração*, (10), 45-81.

- Oliveira, R. C. (1976). *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo. Livraria Pioneira Editora.
- Oliveira, R. C. (2000). Os (des) caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15(42), 7-21.
- Oliveira, S. P. (2006). Sem lenço, sem documento: brasileiros não documentados em Portugal. In: Machado, Igor José de Renó. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. São Carlos. EdUFSCar.
- OReilly, K., & Benson, M. (2009). Lifestyle migration: escaping to goof life? *Lifestyle Migrations. Expectations, Aspirations and Experiences*, 1-13.
- Ortiz, O. O., & Guadalajara, J. C. R. (2015). *Migración y creencias. Pensar las religiones en tiempo de movilidad*. El Colegio de la Frontera Norte.
- Ortner, S. (1994) "Theory in anthropology since the sixties". In Dirks, Eley and Ortner (eds), *Culture/Power/History: a reader in contemporary social theory* (p.p.372-411). Princeton. Princeton Univ. Press.
- Padilla, A. M. (1994). Bicultural development: A theoretical and empirical examination. In R. G. Malgady & O. Rodriguez (Eds.), *Theoretical and conceptual issues in Hispanic mental health* (pp. 20-51). Melbourne, FL, US: Robert E Krieger Publishing Co.
- Padilla, B. (2006). Integração dos imigrantes brasileiros recém chegados na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In I.J. Machado (Org.). *Um mar de identidades: Imigração brasileira em Portugal*. São Carlos. Edefscar.
- Padilla, B. (2007). Estado del Arte de las investigaciones sobre los brasileños y brasileñas en Portugal. *Nuevas migraciones latinoamericanas para Europa. Balances y desafíos*. Quito. FLACSO, 69-94.
- Padilla, B., e Ortiz, A. (2012). Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. *Balanços e desafios. REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39), 159-184.
- Pais, J. M. (2002). *Sociologia da Vida Quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais.
- Pastore, J. (1979). *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.
- Patarra, N. (Org) (1995). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. 2ª edição. São Paulo. FNUAP.

- Peixoto, J. (1998). As migrações dos quadros altamente qualificados em Portugal. Fluxos migratórios inter-regionais e internacionais e mobilidade intra-organizacional. Tese doutoral. Instituto Superior de Economia e Gestão.
- Peixoto, J., & Figueiredo, A. (2006). Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: MACHADO, Igor José de Renó. (Org.). Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal. São Carlos. EdUFSCar.
- Peixoto, J., Padilla, B., Marques, J. C., & Góis, P. (Eds.). (2015). Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI. Mundos Sociais.
- Pemberton, S., & Phillimore, J. (2018). Migrant place-making in super-diverse neighbourhoods: Moving beyond ethno-national approaches. *Urban Studies*, 55(4), 733–750.
- Penninx, R., & Martinello, M. (2010). Processos e Políticas (Locais) de Integração: estado do conhecimento e ilações. In Marques, M. M. (coord.) Estado-Nação e Migrações Internacionais, (pp. 127-159). Lisboa. Coleção Estudos Políticos, Livros Horizonte.
- Pereira, S.; Siqueira, S. (2013). Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Brasília, 13(41), 117-138.
- Phillips, D., & Robinson, D. (2015). Reflections on migration, community, and place. *Population, Space and Place*, 21(5), 409-420.
- Phinney, J. S. (2000). Ethnic and racial identity: Ethnic identity. In A. E. Kazdin (Ed.), *Encyclopedia of Psychology* (Vol. 3, pp. 254-259). Washington, DC: American Psychological Association.
- Phinney, J. S., & Devich-Navarro, M. (1997). Variations in bicultural identification among African American and Mexican American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 7(1), 3-32.
- Piper, N., & Yamanaka, K. (2005). Feminized migration in East and Southeast Asia: Policies, actions and empowerment (No. 11). UNRISD Occasional Paper. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/148824/1/863105041.pdf>
- Pinho, F. (2007). A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira. In: Jorge Malheiros (org.), *Imigração brasileira em Portugal* (p.p.59-86). Lisboa. ACIDI.
- Piore, M. J. (1979). *Birds of passage: migrant labor and industrial societies*. Cambridge.

Cambridge University Press.

- Piore, M. J., & Safford, S. (2007). Preliminary thoughts on identity and segmentation in primary sector labor markets. *Economies et sociétés*, 41(6), 925-940.
- Portes, A. (Ed.). (1995). *The economic sociology of immigration: Essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship*. Russell Sage Foundation.
- Portes, A. (1999). Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação. Oeiras. Celta Editora.
- Portes, A. (2000). Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas*, (33), 133-158.
- Portes, A. (1997). Globalization from below: the rise of transnational communities. Work.Pap. 98-08. Princeton. Cent. Migr. Dev.
- Portes, A., & Bach, R. L. (1985). *Latin journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*. Univ of California Press.
- Portes, A., Haller, W., & Fernández-Kelly, P. (2008). Filhos de imigrantes nos Estados Unidos. *Tempo Social*, 20(1), 13-50.
- Proshansky, H. M. (1978). The city and self-identity. *Environment and behavior*, 10(2), 147-169.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of environmental psychology*, 3(1), 57-83.
- Pulita, E. J. (2016). Desafios epistemológicos para a construção de conhecimentos na pesquisa em educação. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, 14, 06-19.
- Putnam, R. D. (2000). Bowling alone: America's declining social capital. In Crothers L., Lockhart C. (eds). *Culture and politics* (pp. 223-234). Palgrave Macmillan, New York.
- Queiroz, M. I. P. D. (1988). Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In Von Simson, Om (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)* (v.5. p.p 68-80). São Paulo. Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*— Tradução de João Minhoto Marques e Maria Amália Mendes. Lisboa. Gradiva.
- Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*; tradução: Maria Cecília França. São Paulo. Ática.
- Ramos, N. (2006). Migração, aculturação, stresse e saúde: perspectivas de investigação e de intervenção. *Psychologica*, 41, 329-350.

- Raposo, P., & Togni, P. (2009). Fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portugueses: gênero e imigração. Lisboa: Estudos do Observatório da imigração, 38.
- Ratzel, F. (1990). Geografia do homem (Antropogeografia). São Paulo. Ática.
- Rebelo, E. M. M., & Paiva, L. T. (2006). *Planeamento urbano para a integração de imigrantes* (Vol. 18). Observatório da Imigração, ACIME.
- Ribeiro, G. L. (1998). Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. Série Antropologia. Brasília, 235,1-22. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie235empdf.pdf>>.
- Ribeiro, G. L. (1999). O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em San Francisco.
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa: A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo. WMF Martins Fontes.
- Rodrigues, A. L. (2016). Fronteira e Território: considerações conceituais para a compreensão da dinâmica do espaço geográfico. Produção Acadêmica, 1(2).
- Rose, G. (1995) Geography and Gender, Cartographies and Corporealities. Progress in Human Geography, 19 (4), 544-548.
- Sá, P. R. C., & Silva, F. R. (2016) Desafios à inclusão dos imigrantes haitianos na sociedade brasileira. Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anaais/arquivos/27_PRCs.pdf
- Sarbin, T.R., 1983. Place identity as a component of self: an addendum. Journal of Environmental Psychology, 3 (4), 337–342.
- Sack, R. D. (1986). *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Salazar, N. B. (2016). Introduction. Keywords of Mobility. What’s in a Name. Salazar, N. B., & Jayaram, K. (Eds.). Keywords of mobility: critical engagements, (1-12). Berghahn Books.
- Sales, T. (1999). Brasileiros longe de casa. Cortez Editora.
- Sales, T. (2001) Segunda Geração de Emigrantes Brasileiros nos EUA. In Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas (p.p. 361–74). Brasília. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd).

- Sales, T. (2009). Brasileiros nos Estados Unidos¹. In Brasil/MRE. I Conferência “Brasileiros no Mundo”. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (Vol. 2009, pp. 383-398).
- Santaella, L. (2014). Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. Pia Sociedade de São Paulo. Editora Paulus.
- Santana, V. (2003). Qualificação e inserção económica e social dos imigrantes do Leste: Relatório final. Lisboa: ACIME.
- Santos, E. T., & Burgeile, O. (2017). O deslocamento espacial de imigrantes haitianos: da desterritorialização à reterritorialização. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, (32). Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/12176>; DOI : 10.4000/confins.12176
- Santos, M. (1996) A Natureza do Espaço. São Paulo. Editora Hucitec.
- Santos, M. (1999). O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos Ippur*, 2, 15-25.
- Santos, M. (2002). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo. Edusp.
- Santos, M. (2007). Espaço do Cidadão. São Paulo: Edusp.
- Santos, M. G. C. (2009). Um contributo para pensar a geografia das migrações: a comunidade brasileira na Região Centro de Portugal. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra.
- Saquet, M. A. (2007). Abordagens e concepções de território. São Paulo. Expressão Popular.
- Sassen, S. (1998). The de facto transnationalizing of immigration policy. Challenge to the nation-state: Immigration in Western Europe and the United States, 49-85.
- Sassen, S. (1990). The mobility of labor and capital: A study in international investment and labor flow. Cambridge University Press.
- Sassen, S. (2000). New frontiers facing urban sociology at the Millennium. *The British journal of sociology*, 51(1), 143-159.
- Sayad, A. (1998). Imigração ou os Paradoxos da Alteridade, A. Edusp.
- Sayad, A. (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. Travessia, São Paulo. Revista do Centro de Estudos da Migração, São Paulo, número especial.

- Schalk-Soekar, S. R., Breugelmans, S. M., & Van De Vijver, F. J. (2008). Support for multiculturalism in The Netherlands. *International Social Science Journal*, 59. (192), 269-281.
- Schiller, N. G., Basch, L., & Blanc-Szanton, C. (1992). Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration. *Annals of the New York academy of sciences*, 645(1), 1-24.
- Scudeler, V. C. (1999). A inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho dos EUA. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- Schörner, A. (2010). Do Faxinal à cidade: migração e desterritorialização-Irati/PR: 1970-1980. *Revista de História Regional*, 15(1), 229-257.
- Schrooten, M. (2010). Virtual migrant communities: 'Orkut' and the Brazilian case. (COMCAD Working Papers No. 80). Bielefeld. Centre on Migration, Citizenship and Development, 8-18.
- Schrooten, M., Salazar, N. B., & Dias, G. (2016). Living in mobility: trajectories of Brazilians in Belgium and the UK. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 42(7), 1199-1215.
- Schuler, F. D. M. G., & Dias, C. M. D. S. B. (2014). Between dreams and reality: Migration of Brazilian women to Switzerland. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(SPE2), 24-30.
- Scott, A. J., & Soja, E. W. (Eds.). (1998). *The city: Los Angeles and urban theory at the end of the twentieth century*. Univ of California Press.
- Seixas J. (2011). Em todas as ruas. *Revista APAA. Arquitetura paisagista* /07 Junho a Dezembro 2011.
- Serpa, A. (2005). Por uma geografia das representações sociais. *OLAM-Ciência & Tecnologia Rio Claro/SP, Brasil*, 5(1), 220.
- Silva, A. V., & Fonseca, M. L. (2018). Mapas Mentais e Espaços Vividos: imigrantes brasileiros na cidade de Los Angeles. In Siqueira, S. (Org). In *Ligações migratórias: Brasil, Estados Unidos e Portugal* (p.p 101-133). Governador Valadares. UNIVALE
- Silva, B. T. F. (2015). Imigração de jovens mulheres brasileiras na Guiana Francesa: entre categorizações étnonacionais e estratégias de integração nos “espaços de integrabilidade” da sociedade de recepção. *Textos e Debates*, 27(2), 369-394.
- Silva, J. M. (2012) *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.

- Silva, K. S. N e Malheiros J. (2018). De fora para dentro”: redes sociais e os processos de (re) e (multi) territorialização a partir da mobilização política dos brasileiros na Europa. In Siqueira, S. (Org). Ligações migratórias: Brasil, Estados Unidos e Portugal (p.p 226-252). Governador Valadares. UNIVALE.
- Silva, M. A. S. (2017). Por uma Geografia das emoções. GEOgraphia, 18(38), 99-119.
- Silva, R. D. (1998). A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: Paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In Romanelli, G., & Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998) Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa (p.p 159-174). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP USP / CAPES. R. Preto. Editora Legis-Summa.
- Silveira, M. L. (2006). O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), (19), 81-91
- Siqueira, S. (2009). O retorno motivado pela crise na economia norte americana return motivated by economic crisis in north america. Tempo e Argumento. v. 1. n2.p. 64-79.
- Siqueira, S., Assis, G. O., & Campos, E. C. (2010). As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro: análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In Abreu J.L.N, & Espindola, H. S., Território, sociedade e modernidade (p.p. 197-239) .Governador Valadares. Ed. Univale.
- Siqueira, S., Fonseca, M. L., Santos, M. A., & Genovez, P. F. (2017) Brasileiros em Portugal e nos Estados Unidos. In Beneduzi, L. F., & Dadalto, M. L., Mobilidade humana e circularidade de ideia, Diálogos entre a América Latina e a Europa (p.p.87-98). Veneza. Diaspore. Quaderni di ricerca 7.
- Sodré, M. (2002). Antropológica do espelho. Petrópolis. Vozes.
- Sorensen, B. R. (2005). The experience of displacement: reconstructing places and identities in Sri Lanka. In Hastrup K., & Olwig K. F., Siting Culture (p.p. 149-172). Routledge.
- Stoessel, S. (2002). Investigating the role of social networks in language maintenance and shift. International journal of the sociology of language, 153, p. 93-132.
- Téchio, K. (2009). Fronteiras religiosas na metrópole portuguesa: o caso dos brasileiros pentecostais. (V. 4). ACIDI.
- Thiollent, M. (1986). Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo. Cortez.

- Togni, P. C. (2015). A Europa é o Cacém: mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal. Tese de Doutorado. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.
- Torresan, A. (1994). Quem parte, quem fica: Uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Trindade, L. S., & Laplantine, F. (1997). O que é imaginário. São Paulo. Brasiliense.
- Truzzi, O. (2008). Redes em processos migratórios. *Tempo social*, 20(1), 199-218.
- Tuan, Y. F. (1979). Thought and Landscape: The Eye and the Mind's Eye. In: Meinig, D. W., (Ed.), *Ordinary Landscapes* (p. p.89-102). New York. Oxford University Press,
- Tuan, Y. F. (1983). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo. Difel.
- Tuan, Y. F. (2013). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. Scielo-EDUEL.
- Van Riemsdijk, M. (2014). International migration and local emplacement: everyday place-making practices of skilled migrants in Oslo, Norway. *Environment and Planning a*, 46(4), 963-979.
- Van Tubergen, F., Maas, I., & Flap, H. (2004). The economic incorporation of immigrants in 18 Western societies: Origin, destination, and community effects. *American Sociological Review*, 69(5), 704-727.
- Velázquez, J. R. (1987). El cuerpo productivo. una vision histórica. *Estudios de antropología biológica: (III Coloquio de Antropología Física Juan Comas, 1984)*, 81, 499-505.
- Velho, G. (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3a ed.). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Vettorassi, A. (2014). Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na História Oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. *História e Cultura*, 3(3), 155-176.
- Vidal, P. (2009). *Algum lugar*. 7 Letras.
- Vilaça, H. (2008). Imigração, etnicidade e religião: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste (Vol. 30). *Observatório da Imigração*, ACIDI, IP.

- Vilela, E. M. (2011). Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. *Dados*, 54(1), 89-128
- Ward, S. (2003). On shifting ground: changing formulations of place in anthropology. *The Australian journal of anthropology*, 14(1), 80-96.
- Wessendorf, S. (2019). Migrant belonging, social location and the neighbourhood: Recent migrants in East London and Birmingham. *Urban Studies*, 56(1), 131–146.
- Zamberlam, J. (2004). O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização. Pallotti.
- Zubaran, C. (2008). The quest for recognition: Brazilian immigrants in the United States. *Transcultural Psychiatry*, 45, 590-610
- Zéroulou, Z. (1988). La réussite scolaire des enfants d'immigrés: l'apport d'une approche en termes de mobilisation. *Revue française de sociologie*, 29 (3), 447-470.
- WHA (1994). World Health Association. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva: WHA, Division of Mental Health, 1994. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- Wimmer, A.; Glick Schiller, N. (2002). Methodological nationalism and beyond: nation–state building, migration and the social sciences. *Global networks*, 2(4), 301-334.

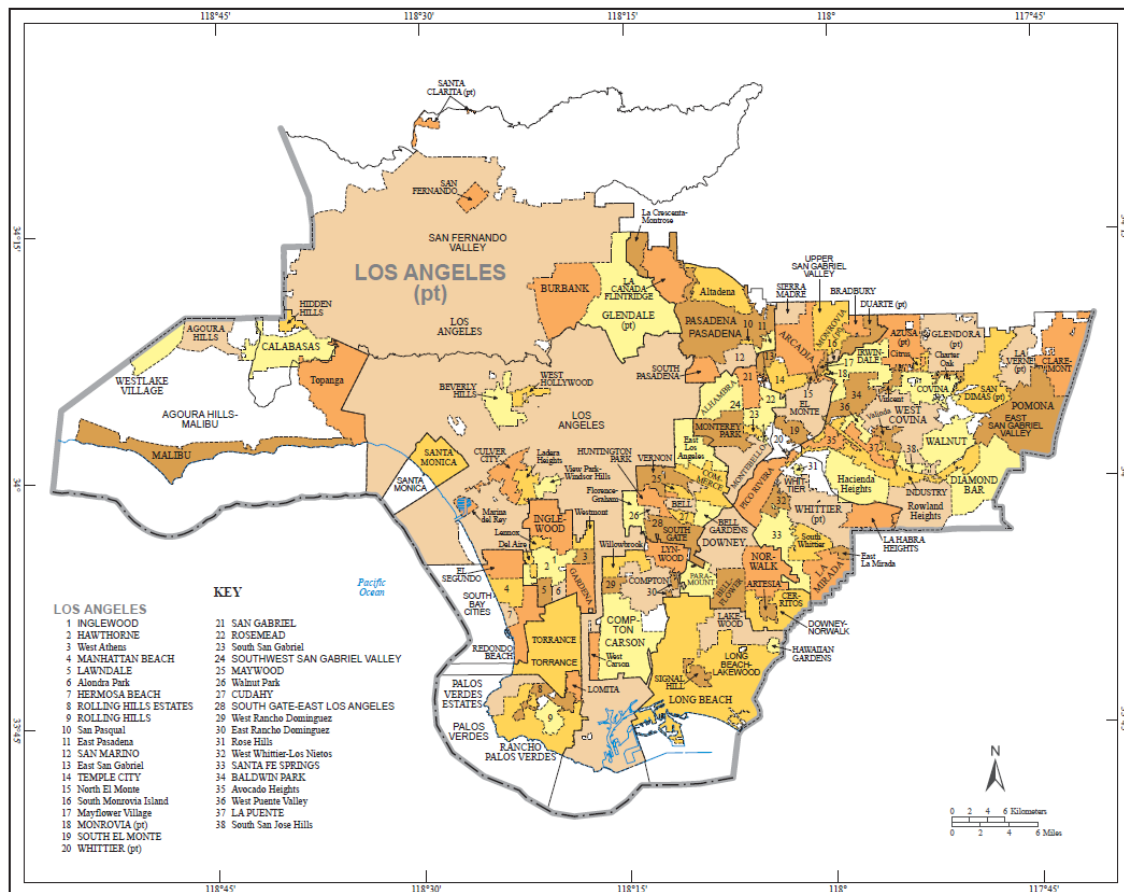
ANEXOS

ANEXO A - Condados (counties) do Estado da Califórnia – mapa de Referência



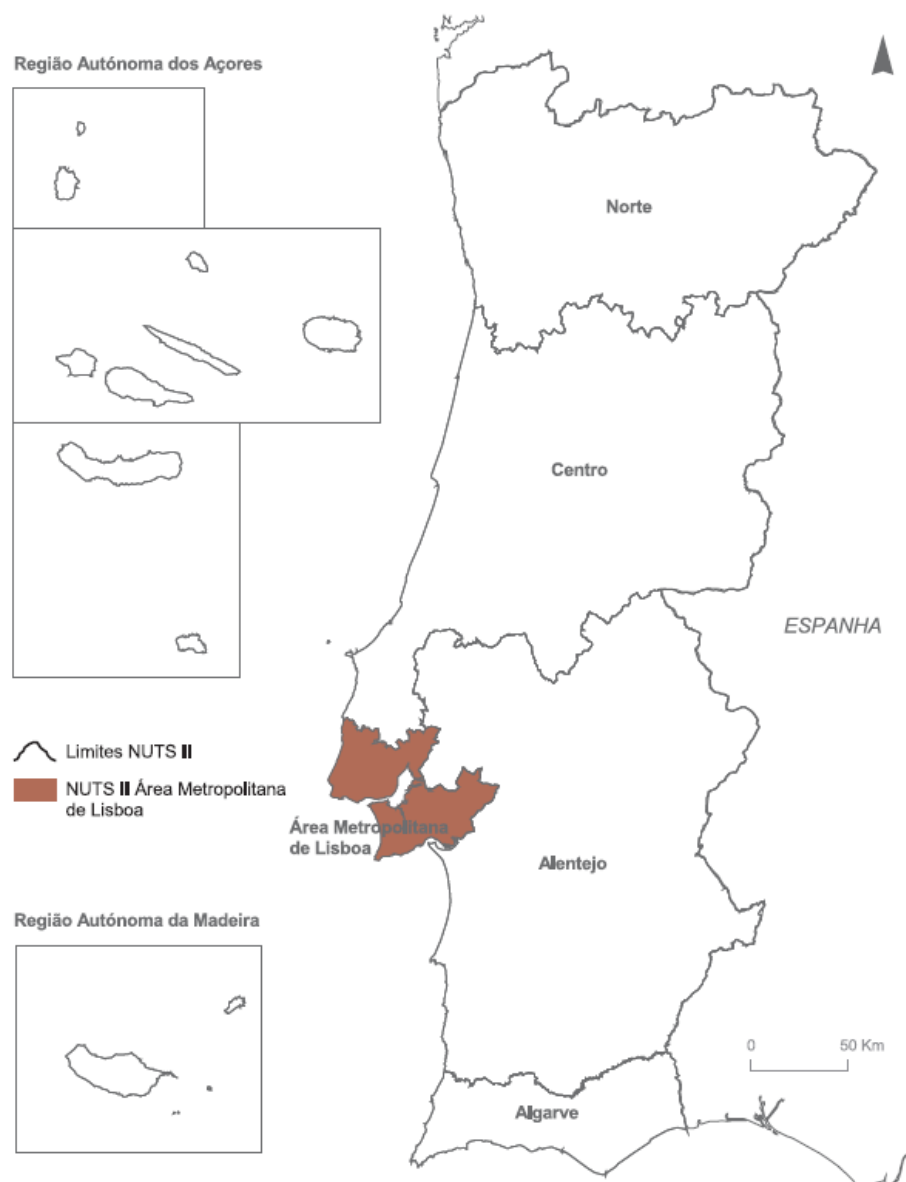
Fonte: US Census Bureau, 2010 Census.

ANEXO B - Condado de Los Angeles (Census County Division)



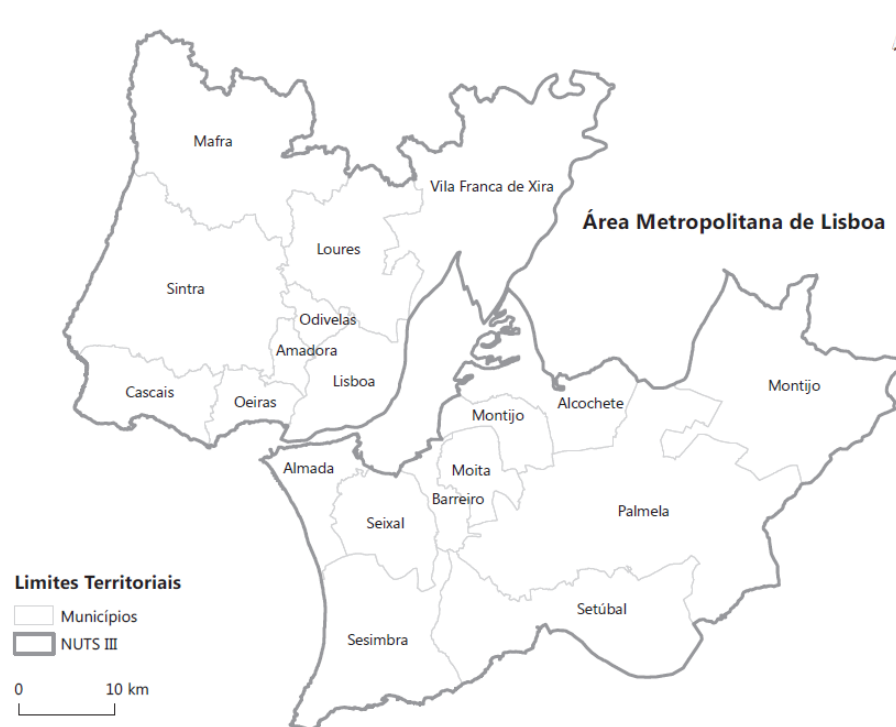
Fonte: US Census Bureau, 2010 Census.

ANEXO C – Limites territoriais da Área Metropolitana de Lisboa



Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística (2017) A Área Metropolitana de Lisboa em Números 2015. Lisboa, INE: 3.

ANEXO D – Municípios da Área Metropolitana de Lisboa



Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística (2017) A Área Metropolitana de Lisboa em Números 2015. Lisboa, INE: 3.

ANEXO E - Guião de entrevista

1. Nome

2. Quando você nasceu:_____ Onde você nasceu:_____

4.Qual o seu nível de escolaridade_____ Qual a sua
ocupação_____

5. Fase pré –migração

- Local onde morava antes de emigrar
- Como você descreve a cidade que você morava? (3 adjetivos)
- Família
- Grau de escolaridade
- Percurso profissional
- Vida social

6. Fase da migração

- Como e quando se deu a decisão de migrar?
- Principais expectativas?
- Qual referência e imagens que tinha do país? (quais as imagens, o que sabia, como sabia? como imaginava a cidade?)

7. No país de Destino (Portugal \ Los Angeles)

- Desde _____reside em Lisboa\Los Angeles (ano).
- Como foi chegar na cidade de Lisboa\Los Angeles
- Voce está em situação legal no país de residência _____sim _____não
- Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, qual o tipo de documento que possui? _____
- Moradia:
Onde você reside na cidade? Porque você mora nesse lugar? Você mora neste lugar desde que chegou? (caso a resposta seja negativa - quais os outros lugares que você morou, como eram esses lugares?) Como é o bairro onde você mora? Com quem você mora?
- Trabalho\ Estudo:
Onde você trabalhava na cidade? Qual o seu trabalho? Quem são seus companheiros de trabalho? Quantas horas você trabalha por dia ou semana?

Me descreva o seu dia normal quando vai ao Trabalho\ Estudo (como chega ao local, quanto tempo gasta, onde você almoça.

- Vida social:

Que são seus amigos? Quantos amigos brasileiros têm aqui na cidade? E quantos amigos você tem de outras etnias? Onde se encontram? Como vai a esses lugares? Quanto tempo gasta para chegar a esses locais? O que você gosta nesses lugares

Me descreva o seu dia de lazer. Onde normalmente vai as compras? Costuma ir a eventos culturais aqui? Você participa de alguma associação cívica aqui? Educação?

- Você utiliza Skype, facebook, internet? Qual a frequência? Com quem você se comunica?
- Você assiste televisão aqui? Qual a frequência? Qual o canal?
- Pontos Positivos e Pontos Negativos de viver nesse lugar.
- Você gosta de viver em Lisboa\Los Angeles? Você se identifica com a cidade?

Me dê 3 adjetivos sobre a cidade

- Quais são seus planos para o futuro?